

4º LIVRO DA SÉRIE

BRUXOS E BRUXAS

O BEIJO

AUTOR BEST-SELLER #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

JAMES PATTERSON
e Jill Dembowski





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[VERDADES](#)

[PRÓLOGO](#)

[Wisty](#)

[Whit](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[EPÍLOGO](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

4º LIVRO DA SÉRIE
BRUXOS E BRUXAS

O BEIJO

JAMES PATTERSON

e Jill Dembowski

Tradução:
Ana Paula Corradini



Esta edição foi publicada sob acordo com Little, Brown and Company,
New York, New York, USA.

Título original: *The kiss*

Copyright © 2013 by James Patterson

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patterson, James

O beijo / James Patterson e Jill Dembowski ; traduzido por Ana Paula Corradini. --
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: *The kiss*

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Ficção norte-americana I. Dembowski, Jill. II. Título.

14-03532 | CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Adlai, com amor e faíscas.
— J.D.

A PRIMEIRA VERDADE

Conheça a si mesmo.

***Ilusões podem enganar os olhos,
Mas não a visão interior.***

A SEGUNDA VERDADE

Conheça a sua família.

***Confiança não é verdade;
não passa de uma chama oscilante.***

A TERCEIRA VERDADE

Saiba discernir a luz da escuridão.

Magia não é sinônimo de integridade.

Um bruxo pode destruir ou salvar.

***Uma cidade permanece suspensa no
equilíbrio.***

PRÓLOGO

ENIGMA DO DESTINO

Wisty.

Não acredito no que estou testemunhando.

Se você nos visse na TV, pensaria que era um motim.

Gritos cortam o ar gelado. Corpos empurram e balançam para lá e para cá. Mãos rasgam bandeiras e faixas, e pés chutam câmeras de segurança. Uma grande fogueira engole o que sobrou da sessão-destruição.

No entanto, ninguém ergue o punho; não é um protesto. Estou abrindo meus pulmões, mas é para me juntar às vozes alucinadas nessa *comemoração*: O Único Que É O Único, o ditador mais violento da Superfície, está morto, e o regime da Nova Ordem caiu.

Estamos livres.

Livres para escutar música — e a música está bombando nos alto-falantes.

Livres para ler livros. Cada um traz o seu junto ao peito.

Livres para acreditar no que quisermos e dizer aquilo que sentimos. Livres até mesmo para andar pela rua sem sermos presos.

Uma onda de empolgação se alastra pelo meu corpo. Sinto cada nervo à flor da pele enquanto a multidão se move como uma única entidade em direção a um palco imenso no meio da praça da capital, para a cerimônia que marca o fim do regime totalitário da Nova Ordem e o retorno a uma democracia pacífica. Estou sorrindo no meio desse mar de gente. Tiro meu cabelo embaraçado do rosto enquanto uso os cotovelos para abrir caminho e tentar enxergar.

Um cara num terno cinza chique sobe ao palco e dá uma batidinha no microfone. Ele é meio gordinho, tem uma expressão séria e o cabelo branco repartido de lado, e então reconheço o

General Mathias Bloom, um dos últimos membros da resistência contra a Nova Ordem nos subúrbios mais afastados.

O silêncio cai enquanto milhares de olhos ansiosos se voltam para ele.

— Meus queridos, queridíssimos amigos, o dia de hoje é um novo começo, um belo começo para todos nós. E para marcar esse nascimento — ele levanta a voz — apresento a vocês... o seu novo Conselho!

Fico arrepiada, quase tão elétrica quanto me sinto quando minha magia está forte ou quando aquela onda animal de adrenalina invade meu corpo no palco. Parece que o ar está zumbindo de tanta esperança.

General Bloom começa a ler os nomes de dezessete homens e mulheres e de dezessete jovens da nossa idade: o grupo escolhido para transformar esse lugar naquilo que já foi um dia, na Cidade que amávamos antes de O Único Que É O Único impor brutalmente a loucura da Nova Ordem.

— Wisteria Rose Allgood — ele lê, e não consigo me controlar: lágrimas escorrem por minhas bochechas enquanto subo os degraus de pedra e meu nome ecoa nos alto-falantes.

Meu irmão, Whit, está ao meu lado. Lágrimas enchem os olhos dele também e o cara não está nem aí — é por isso que eu o amo tanto. Se pensarmos em como nossa Cidade estava dividida antes, com vizinho matando vizinho e tendo apenas a suspeita para nos alimentar quando não havia comida para todo mundo, é incrível poder participar da liderança que nos unirá de novo em busca de algo diferente — de algo *bom*.

Ao ficar de pé naquele palco, representando todas aquelas vozes unidas, a rebelde em mim não consegue resistir. Tiro um pedaço de uma faixa da Nova Ordem de dentro da minha bolsa, levanto os braços, estico o tecido vermelho acima da minha cabeça e a multidão vai à loucura enquanto a faixa ondula ao vento.

O vermelho simboliza a Nova Ordem. O vermelho simboliza a Peste do Sangue. O vermelho simboliza a morte.

Meu irmão me dá um cutucão com o cotovelo — a cerimônia inteirinha foi planejada minuto por minuto e estou mesmo fugindo do roteiro —, mas essa minha loucura faz sentido e ele sabe disso.

Eu me concentro para produzir calor no meu peito. Chamas começam a sair das pontas dos meus dedos e chegam até a faixa, envolvendo o tecido em questão de segundos.

A multidão não para de gritar e eu abro o maior sorriso do mundo. Ao vermos o vermelho se transformando em cinzas, sabemos que mesmo sendo impossível ter de volta aquilo que perdemos, superamos tantas, mas tantas coisas. E de mãos dadas e coração aos pulos, respirando fundo, sei que ainda seremos capazes de fazer isso — ainda podemos transformar essa sociedade em algo incrível.

Eu faço parte disso e você também!

E esse é só o começo.

Whit

A noite cai, estamos cantando. Meu coração parece ter se alojado na minha garganta para nunca mais sair.

Depois de fazermos o juramento, nós, os 34 membros do Conselho, ficamos lado a lado num círculo no palco. Cada um está usando um distintivo diferente — de honra, guerra ou idade —, mas estamos todos juntos, somos todos iguais.

Hoje cantamos as músicas antigas, as músicas que aprendemos com os nossos pais. As músicas que cantei com os Neederman no feriado do ano passado, quando não sabia se minha irmã sobreviveria à peste. Assim que nossas vozes vacilam ao som da última nota, General Bloom assume o palco novamente.

— Hoje cantamos em homenagem aos novos começos. — Aplausos ecoam pela praça. — Mas também cantamos para relembrar nossa história e uma antiga ordem! — Ele ergue um livro grosso, pesado e amarelado acima da cabeça, e a multidão congela.

Fico boquiaberto como todo mundo. *O Livro das Verdades*. O texto mais sagrado da Superfície. O enigma do destino. O livro que tem definido as nossas vidas. Todos nós crescemos reverenciando suas palavras, mas poucos de nós já o tinham visto. Tocar naquelas páginas poeirentas sempre pareceu impensável, impossível.

Porque Mathias Bloom salvara o livro das fogueiras, enquanto tantos outros textos desapareceram em meio às chamas, ele é seu novo Guardião.

Na sua deixa, Janine vai até o microfone. Eu estaria suando em bicas se tivesse que falar alguma coisa hoje, mas ela parece estar tranquila e confiante, e lança um olhar longo para a multidão. Está usando os coturnos de sempre. Seu cabelo está mais bagunçado

que nunca e ela não se maquiou. Mas, para variar, ela está linda e luminosa.

— *O Livro das Verdades* profetizou que apenas uma irmã e um irmão, uma bruxa e um bruxo, poderiam derrotar O Único Que É O Único — Janine fala ao microfone com uma voz clara e forte. — E falou de seus poderes, de um céu repleto de chamas. — Ao ouvir a menção ao Dom do fogo da minha irmã, a multidão começa a berrar de novo. — Entre muitas coisas que comemoramos hoje, estamos fazendo nossa homenagem à força e à coragem desses irmãos, que levaram à queda derradeira do Único.

A multidão grita mais alto, mas Janine ainda não terminou.

— Nunca se esqueçam: somos todos irmãos e irmãs. Eu conheço a chama da vida, do amor, e a liderança está pegando fogo não apenas em Wisty Allgood, mas em cada um de nós.

Ninguém comemora mais essa frase que minha irmã. Wisty faz a maior bagunça, naquele estilo meio rebelde dela, e eu abro um sorriso. Janine tinha que apresentar Wisty e eu também para a galera, mas dê um microfone para ela e gente disposta a ouvi-la para ver o que acontece. Ela fala muito bem em público: articulada, querida, inteligente demais, e a multidão bebe cada uma de suas palavras como se fosse água no deserto.

Eu também.

— Todos nós temos o mesmo poder e a mesma responsabilidade de tornar essa Cidade incrível — Janine continua. — Porque o fogo dentro de nós é mais quente que qualquer magia, mais forte que qualquer feitiço. É a faísca da mudança e a chama de uma nova esperança! — Ela olha para nossos rostos meio abobalhados e fica satisfeita. — E agora, meus amigos, sem mais enrolação. Aqui estão os seus heróis... Whit e Wisty Allgood!

Damos um passo à frente e a multidão pula e berra os nossos nomes, mas eu sei que é o fogo da Wisty que eles vieram ver.

E ela não decepçiona. Primeiro, faíscas saem de suas mãos de novo; depois, assim que o fogo cresce, minha irmã se torna uma tocha humana e as chamas na sua cabeça ficam mais vermelhas que o cabelo dela. Os pés de Wisty deixam uma marca preta no palco e até seu olhar queima.

Um monte de gente já tinha visto minha irmã pegando fogo, então, dessa vez, ela capricha. Ela agita as mãos no ar dramaticamente e uma explosão de cores segue essa trajetória, num milhão de pontinhos de cor. As mãos dela dançam dentro das chamas e esse jato de fogos de artifício fica mais brilhante à medida que a coreografia fica mais complicada. É o show mais bonito que qualquer um de nós já viu na vida, mas tem um lance bem sério rolando por ali também.

A magia da Wisty, pintada no céu, deixa bem claro algo que Bloom não disse: agora temos a liberdade de escrever a nossa própria história.

Observo a praça cheia, brilhando em cores vívidas sob os fogos de artifício. Vejo todos aqueles rostos, jovens e velhos, cheios de magia ou não, próximos e distantes. A cor dança nos olhos deles e seus rostos brilham com uma alegria que já tínhamos esquecido que poderia existir.

A não ser por...

Vejo um grupinho no canto da multidão, separado do resto. Aperto os olhos para tentar enxergar melhor as roupas escuras — trapos ou uniformes rasgados da Juventude da Nova Ordem —, e o cara mais alto do grupo passa o dedo pelo pescoço, como quem diz: “Você já era”. Minha garganta fica seca.

Ele está olhando diretamente para mim.

Olho para a minha irmã para ver se ela já notou o grupo dos esfarrapados do canto. Wisty ainda está se divertindo com toda a atenção, fazendo tchauzinho para o pessoal e sorrindo para os nossos pais, que estão levitando acima da multidão para mostrar

que estão dando o maior apoio. Quando olho de novo para o lugar em que estava aquela figura ameaçadora, não há mais ninguém lá.

Ainda não acabou...

Será?

LIVRO UM

**A PRIMEIRA
VERDADE:
NÃO SE PODE
ENGANAR A VISÃO
INTERIOR**

Capítulo 1

Wisty

A cerimônia de inauguração foi muito emocionante e importante, mas era por *isso* que eu estava esperando: música bombando em minhas veias. Banho de luz dos holofotes. Meu cabelo voando enquanto arraso no violão.

Não é como quando eu toquei, ano passado, para milhares de pessoas no Stockwood, um festival proibido — tá, eu tenho que admitir que foi bem legal desobedecer à lei —, mas detonar de microfone aberto na festa “A Arte Está Viva” também é demais.

Para começar, a festa envolve todas as coisas que amamos e que ficaram proibidas por um tempão. Tem um monte de esculturas, textos e filmes novos em exposição, e é incrível ver, daqui do palco, as pinturas que O Único tinha confiscado todas restauradas e decorando as paredes. Ninguém acreditaria que esse lugar já foi o arsenal da Nova Ordem.

Enxugo o suor da testa e grito no microfone:

— Não podemos esquecer: a arte está viva... porque O Único está morto! — A multidão comemora.

Arrebento no último acorde e saio do palquinho para me juntar aos meus amigos — a maioria deles da antiga Resistência. Enquanto as luzes se apagam, esperando o próximo show, Sasha me passa um copo de ponche com um cheiro bem forte.

— Um brinde à estrela do rock — ele diz.

Dou um gole... e cuspo tudo, minhas narinas começam a queimar.

— Desculpe aí. Talvez seja minha aversão à cor vermelha, mas isso aqui não é para mim, não.

Whit faz que sim com a cabeça.

— Bote fé no que estou dizendo: essa aí já é bem sem noção sem um pinga de álcool.

Dou uma risadinha cínica e Whit abre um sorriso.

— Tá bom, tá bom, “sem noção” até que é uma boa qualidade para uma artista. Você estava demais lá no palco, viu?

Abro um sorriso de orelha a orelha para o meu irmão.

— Aquele DJ também — falo para Whit, quando o próximo show começa.

— É. Aquele cara é um amigo meu, Ross Lilienfield — Sasha explica. — Nós mixávamos uns discos juntos no porão da casa dele quando éramos crianças. Ele está mandando muito bem.

Faço que sim com a cabeça e começo a dançar. A energia da música encontra seu caminho até os meus quadris e pés.

Janine me dá um cutucão.

— Pelo jeito você tem um fã.

Sinto o olhar dele sobre mim. Mesmo nessa escuridão, dá para ver um menino. Nossos olhares se cruzam e algo dentro de mim fica tão explosivo quanto os fogos de artifício que criei há pouco.

Janine aperta meu braço e dá uma risadinha, mas não consigo nem dar um chega para lá nela.

O menino vem andando em minha direção. A cada passo, sinto meu coração pulsar.

E então Byron aparece ao meu lado, exigindo atenção. Como sempre, ele está no modo puxa-saco:

— Você é um gênio da música, Wisty — ele diz, seus olhos brilhando de sinceridade.

É lógico que ele está vestido com uma roupa chique demais para essa festa, mas mesmo assim está elegante, quase bonito, com

uma camisa branca bem passada e gravata preta. Tenho certeza que qualquer outra menina acharia um charme aquela ruguinha de ansiedade na testa dele. Infelizmente, ele não está a fim de qualquer outra menina.

— Valeu, Byron — respondo meio resmungando enquanto meus olhos rastreiam a multidão em busca daquele gatinho das sombras. “Mas para onde é que ele foi?”

— Na verdade, você estava *pegando fogo* no palco! — Byron insiste, vendo que minha cabeça está longe. Pelo menos isso eu tenho que reconhecer: esse cara nunca desiste.

— Pegando fogo? Jura? — Olho para ele com uma cara irônica e Byron me responde com uma risadinha.

— Não foi à toa que seu amigo disse isso — diz uma voz suspirando em meu ouvido.

Quando me viro, meu estômago dá um salto carpado triplo. É o gatinho. De perto, ele é bem mais alto que eu e as feições dele são fortes, como se seu rosto tivesse sido esculpido. Fico tão sem graça que derramo meu ponche.

Ele sorri e se aproxima ainda mais.

— Aquela voz rouca... — Consigo sentir o cheiro de couro da jaqueta dele e o perfume da colônia pós-barba, e fico meio tonta. — Seu cabelo cor de fogo... Tudo em você é *quente* demais.

Mas os olhos *dele* parecem estar pegando fogo, mesmo àquela luz tão fraca. São intensos e assustadores, tudo ao mesmo tempo, e não consigo desviar meu olhar.

E também não consigo falar nada.

Ninguém nunca tinha falado comigo tão na lata assim. Geralmente, eu mandaria um cara passear por ser folgado desse jeito, mas esse menino é diferente. É como se ele soubesse que eu aceitaria qualquer coisa que saísse de sua boca perfeita.

— Você veio aqui só para passar esse xaveco furado nela? — Whit se intromete antes que eu consiga pensar numa resposta.

— Whit! — Janine dá uma cutucada nele e tira meu irmão de perto, mas fico com a cara no chão.

— Foi mal, ele é meu irmão e... — resmungo, parecendo uma idiota.

— Tudo bem. — O garoto ri e passa a mão pelo cabelo muito preto e espetado que cobre sua testa. — Na verdade, vim aqui para dizer que adorei seu show. Meio punk, um pouco de blues, e a técnica do vibrato e as variações de tom nos acordes mais fortes estavam animais. — Ele sorri para mim confiante. — Gostei até de quando você copiou um pouco o estilo do Smash na hora de destruir as cordas.

— Todo mundo que toca guitarra copia pelo menos um pouco do estilo do Smash! — protesto, mas relaxo de novo enquanto ele dá de ombros todo contente. — Pelo jeito você sabe muito de música — observo, impressionada.

— Eu sei muito de um monte de coisas.

— Ah, é? — Abro um sorrisinho afetado. — E o que mais você sabe? — Geralmente, sou bem cética e não fico de paquerinha, mas com esse cara é diferente. Não sei de onde essas brincadeirinhas estão vindo.

Ele se inclina um pouco, seu rosto fica bem perto do meu e o queixo dele encosta no meu cabelo.

— Eu sei... o que você quer. — ele sussurra em meu ouvido e pronuncia cada palavra como se estivesse apreciando, sentindo o gosto de cada uma delas. Sentir um arrepio gelado no corpo não é muito comum para uma menina que pega fogo.

— E o que eu quero, então? — pergunto quando encontro minha voz de novo.

— Dançar. Comigo.

Ele é muito lindo, o tipo de cara que poderia conquistar o mundo, mas é seu olhar inabalável que me deixa com as pernas bambas.

Vejo o pessoal conversando em rodinhas.

— Mas ninguém está dançando.

— Você estava dançando. Eu vi você lá do outro lado. E me pareceu que você queria *remexer*. E que estava a fim de quebrar todas as regras.

— Mas eu só estava balançando um pouquinho — respondo rápido, morrendo de vergonha porque ele consegue enxergar quem eu sou de verdade. — Eu quis dizer que não tem *mais ninguém* dançando.

Ao ouvir isso, Janine pega Whit pela mão e o arrasta até a pista. Ela me lança um olhar por cima do ombro, do tipo “vá logo”, e eu faço uma careta para ela.

O menino ergue uma sobrancelha e as sombras brincam sobre o rosto dele.

— E então? Quer dançar?

Parece tão fácil me render ao ritmo, deixar nossos corpos se embalarem com a batida da música e ficar mais perto dele... Mas não sei se estou pronta para isso. Ele é um pouco lindo demais, um pouco alto demais, um pouco maduro demais... e um pouco confiante demais. Um pouco *homem* demais para mim no momento.

Espero mais um segundo e o menino se vira, suspirando.

— Meu nome é Heath. Quando cansar de ficar parada aí, me chama e nós dançamos.

Ele se vira e começa a se afastar.

— Acho que você não ia conseguir me acompanhar — grito para ele.

— Mas você gosta de provocar mesmo, né? — Heath abre um sorriso e o olhar elétrico dele volta a brilhar para mim. — Espero ter

a chance de provar que você está errada.

Ele vai embora e eu, finalmente, solto a respiração. De todas as vezes que peguei fogo, nunca tinha sentido faíscas desse jeito.

— Quem aquele cara pensa que é? — Byron resmunga ao meu lado.

— O quê? — Olho para ele, chocada ao ver que o resto do mundo ainda está ali.

— Ele interrompe a nossa conversa, chega aqui como se fosse o dono do lugar e fica incomodando você mesmo depois de você deixar bem claro que, obviamente, não está interessada nele. — Ele franze a testa. — Ele é velho demais para você, de qualquer jeito.

— Cale a boca, Byron! — não me aguento. Estalo os dedos para ver se a magia me salva, mas de repente Byron não está mais à minha frente. No lugar dele, vejo uma fuinha dando gritinhos. — Eu deveria ter deixado você desse jeito mesmo... o seu verdadeiro “eu”.

Mas nunca consigo ficar brava com Byron por muito tempo. Bato uma mão na outra e ele está de volta.

— Está se sentindo melhor agora? Já descarregou tudo em mim?

Ele não ficou muito feliz. Faço que sim com a cabeça, sorrindo.

— Com certeza.

E me bate aquela vontade de dançar de novo. Começo a rebolar bem de leve ao ritmo da música.

Na pista de dança, Whit e Janine vão para lá e para cá sob as luzes. Quando está perto do Whit, os olhos tão sérios de Janine brilham e sua risada invade o salão. Mesmo com um monte de meninas derretidas por ele, é estranho pensar em meu irmão como esse bonitão que todo mundo quer pegar. Mas Janine parece ver que Whit é muito mais que isso. Ela entende o Whit poeta... e também o Whit bocó.

Ele também parece estar caidinho por ela e, tenho que admitir, Janine é muito legal. Estou tão feliz por ele ter encontrado alguém

especial de novo, depois de perder a Célia.

Suspiro. Talvez eu não devesse ter deixado Heath sair andando tão rápido assim... Mas ainda tenho tempo. Parece que esta noite tenho todo o tempo do mundo. Estou cercada de amigos, família, obras de arte incríveis e não tem nenhuma bomba por aí.

Só beleza.

Capítulo 2

Pearl

Se existia alguém que estava precisando de um novo começo, seu nome era Pearl Marie Neederman.

Até agora, em sua curta vida, ela só ouviu o trovão do fogo cruzado, sentiu o fedor da morte nas ruas e o sabor amargo da pobreza. Como sua família não precisava mais roubar nem mendigar, Mama May queria que Pearl ficasse perto de casa e da família, mas Pearl simplesmente caiu na risada. Ela poderia ter apenas 7 anos, mas conhecia o labirinto de becos da cidade melhor que qualquer outra pessoa.

Além disso, o perigo já tinha passado.

Ela tirou o cabelo preto e grosso dos olhos enquanto examinava uma pilha de lixo em busca do brilho perfeito e do formato ideal. Ela queria impressionar todo mundo aquela noite na festa chique de artistas, mas primeiro precisava encontrar uma maneira de contribuir.

— Mas a festa não é só para quem faz as leis? — ela perguntou quando Whit a convidou para a comemoração.

— O *Conselho*. Agora é diferente — ele respondera, sorrindo com a inocência dela. Se qualquer outra pessoa tivesse dito isso, provavelmente teria ganhado um belo talho na perna, mas esse bruxo tinha um lugar especial no coração de Pearl. — “A Arte está Viva” é para todo mundo. E a festa é para todos os nossos amigos.

Pearl tinha virado o rosto, com um pouco de vergonha, mas sorrindo de orgulho: ela era considerada uma amiga do grande Whit Allgood.

Enquanto revirava o lixo, Pearl achou uns pedaços de vidro que brilhavam à luz e restos de metal entortados de um jeito meio maluco. Era o material perfeito para criar sua própria obra de arte para a galeria. Whit tinha dito a ela que, com o novo Conselho, não ia mais ter lixo nas ruas, mas ela sabia que sob um acabamento novo e brilhante sempre sobra uma camada de sujeira.

Ela estava até os cotovelos no lixo quando, de repente, um barulho de alguma coisa estourando a fez dar um pulo.

Pearl se ajoelhou na hora. Silenciosa como uma sombra, foi para trás da caçamba, no meio dos ratos, e ficou só escutando. Ela tinha sido chamada de “rata de bueiro” desde criancinha, mas nunca tinha entendido o xingamento. Pelo menos os ratos sobreviviam, não é verdade?

O silêncio era completo, mas ela viu um fiapo fraquinho de luz vindo da esquina. Pearl se levantou e finalmente soltou a respiração, sorrindo.

Tinha que ser Razz e Eddie, que moram no mesmo quarteirão e tinham ensinado Pearl a bater carteiras há um tempão. Eles viram os fogos de artifício naquela manhã e passaram o dia inteiro tentando fazer seus próprios fogos com carvão e fertilizante. Isso explicava o barulho. Provavelmente eles tinham explodido a própria mão ou algo do tipo.

— Seus idiotas! — Pearl berrou e foi andando até eles.

Mas antes que ela dobrasse a esquina, seus olhos cinza se arregalaram e, chocada, ela colocou a mão sobre a boca.

Os homens que a cercaram eram enormes e usavam barba e roupas escuras. Traziam armas pesadas e nada sofisticadas — um deles tinha um machado na mão. Ela viu que eles estavam segurando Razz pela gola da camiseta, mas não havia nem sinal de Eddie.

Um dos brutamontes começou a acender o pavio dos fogos de artifício que os meninos tinham feito, e Razz ficou doido.

— São meus! — ele berrou, pronto para briga.

Com o aviso, o cara que o segurava passou a ponta de um caco de vidro pelo pescoço dele, desenhando uma linha fina de sangue. Razz cerrou os dentes, se recusando a gritar.

O homem que agarrou Pearl a fez virar para olhar para ele, erguendo-a pelo pescoço, aquelas mãos gigantes em torno de sua garganta. Ela ficou chocada com o olhar do cara, tão frio e vazio. Um dos olhos dele era tão opaco e branco quanto a neve.

Quando ela começou a ver tudo preto, o homem a jogou dentro do caminhão como um saco de lixo. Razz veio berrando atrás dela, pulou lá dentro e bateu na porta. De repente, a porta já estava trancada e o motor rugia.

Pearl se debateu contra a lateral do caminhão, tossindo e tentando recuperar o fôlego.

— Não ouvimos nem um pio — Eddie disse baixinho no canto, fazendo que não com a cabeça. — Quem é que consegue pegar *nós dois* de surpresa? Ninguém. Aqueles caras pareciam fantasmas.

Havia outras crianças no caminhão, uma mistura de ratos de bueiro e uma garotada mais riquinha; alguns quietos por causa do susto, outros berrando.

— Cale a boca! Pode parar de agir como uma criancinha! — Pearl disse para uma das crianças e depois se sentiu mal. — Temos que dar um jeito nisso.

“Pensa, Pearl. Pensa.”

Ela enfiou os dedos nos bolsos, procurando alguma coisa. Ela encontrou algo feito de metal e, finalmente, soltou o ar. Era a sua faca.

Pearl tinha habilidade com a faca e sabia usar a lâmina para abrir fechaduras. Mas não havia parafusos nem linhas divisórias no metal — ou seja, aquele não deveria ser um caminhão comum. E mesmo

mexendo a faca de tudo quanto é jeito, a tranca da porta não respondeu.

Pela primeira vez na vida, Pearl sentiu um pânico de verdade crescendo dentro de si. Aqueles brutamontes meio molambentos com certeza não faziam parte da Nova Ordem — então, para quem estavam trabalhando?

E para onde a estavam levando?

Não era possível que tivesse aparecido outra ameaça tão rápido. Nem pensar. Whit tinha dito que eles estavam em segurança agora. Ele tinha prometido.

Pearl apertou os olhos para conseguir enxergar por entre as barras e as luzes da capital foram ficando cada vez mais borradas. Logo eles chegariam à fronteira e ela não tinha a menor ideia do que havia além.

Capítulo 3

Whit

É a minha vez.

Não sou uma pessoa estranha. Mas esse é um dos momentos mais estranhos da minha vida. Wisty adora os holofotes, mas eu? Eu prefiro escrever o roteiro.

Vou até o palquinho onde Ross, o DJ, estava tocando. Para piorar, Wisty berra um “U-hu!” superalto, e Byron entra na onda dela de um jeito megaoriginal:

— Arrebenta, Whit!

A magia dos Allgood sempre foi meio sagrada para mim, algo que não deveria ser usado à toa. Já usei minha magia para escapar da prisão, curar doentes e acabar com o ditador mais maldito que nosso mundo já conheceu. Mas agora que ele já era, agora que vencemos a batalha, todo mundo merece um pouco de alegria. Então, resolvi usar minha magia de outra maneira. Começo com um poema.

— *Tire as cinzas dos seus ossos.*

Eu me concentro no poder que se acumula dentro de mim para deixar o poema mais visual.

— *Enxugue suas lágrimas vermelhas.*

A multidão fica de boca aberta ao ver uma cena tridimensional surgir como um turbilhão atrás de mim, dançando e se transformando com as minhas palavras. O holograma não é tão complicado, só cores e energia. Mas é tão lindo quanto os fogos de artifício da minha irmã ou as pinturas nas paredes. É um pouco de

arte performática que envolve completamente cada alma nesse espaço por pelo menos cinco minutos. Até que...

Minha cabeça começa a latejar. Quase caio no chão de dor quando uma luz brilhante cruza a minha visão.

É como se estivessem fatiando o meu cérebro.

Janine pega no meu braço com um olhar preocupado no rosto.

— Tudo bem? — ela pergunta em voz baixa.

Faço que sim com a cabeça e fico de pé de novo. O holograma pisca atrás de mim como se estivesse me esperando. Começo a ler o poema de novo e tento voltar ao normal. Tento recuperar minha energia.

— *Chore por quem se foi, levante-se contra quem nas sombras se esquelha...*

Dessa vez consigo continuar e a expressão do público se transforma de preocupação em confusão e, então, em choque.

Tem alguma coisa errada. Tem alguma coisa *muito* errada.

Eu me viro. As imagens tridimensionais atrás de mim são terríveis. Um mar de ratos pretos, correndo uns por cima dos outros, atacando suas próprias caudas. Vermes saem do buraco do olho de um crânio, deixando uma trilha leitosa para trás. Eles se contorcem em direção à multidão, tão reais em sua existência holográfica que muita gente sai correndo, berrando.

É como se tivessem trocado o rolo do filme, mas está tudo na minha cabeça.

Como é que essas coisas estão... saindo *de mim*?

“Continue, Whit. Tente fazer tudo voltar ao normal.”

Eu me concentro bastante e meu corpo inteiro começa a tremer por causa do esforço, mas as imagens terríveis continuam se projetando atrás de mim. O holograma pisca: agora uma criança bate a cabeça na parede, sem parar, e sangue corre de seus olhos.

Alguém tira a máscara de um rosto e, atrás dela, há o arrepio da morte. Uma avalanche de neve cai com tudo e uma galera sai correndo, aterrorizada.

— Whit! — Wisty grita e vejo o horror no rosto dela. — Pare com isso!

Mas não consigo fazer nada, a escuridão parece se alimentar dela mesma. Balanço a cabeça e pulo para fora do palco, deixando minha irmã, meus amigos e uma multidão inteira boquiabertos.

Saio correndo, não paro por nada. Quero sair dessa sala. Abro a porta dupla com tudo, fazendo com que as metades batam na parede atrás delas, e chego à rua. Quero mais é respirar todo o ar da noite enquanto tento não vomitar.

Vozes me chamam a distância, gritam meu nome, mas não consigo encarar ninguém agora, pelo menos não até me livrar dessa sensação horrorosa. Não vou parar de correr até meus pulmões gritarem e minhas pernas não tiverem mais forças.

Tenho que fugir dessa coisa que está na minha cabeça.

Capítulo 4

Wisty

— Sério, o que está acontecendo?

— Deixe para lá, Wisty! — Whit me avisa enquanto tento alcançá-lo.

Tá. Como sou uma boa irmã, simplesmente ignorarei o fato de que meu irmão teve um troço numa festa para os nossos amigos, a qual tinha como tema *comemoração e felicidade*. Vou ter que esquecer que ele saiu correndo da galeria sem dar explicação alguma e depois se recusou a responder às minhas perguntas quando saí correndo atrás dele na rua.

Tá. Falou, então.

— Se pelo menos me contar o que aconteceu, talvez eu possa ajudar você. — Tento, virando a chave para podermos entrar no meu novo apartamento. (A melhor parte de usar poderes mágicos para basicamente salvar o mundo inteiro de um vilão psicótico é que seus pais ficam um pouco menos preocupados quando você diz que está na hora de ter a sua própria casa.)

— Não tenho nada para contar — meu irmão insiste. Ele pisa sobre uma das pilhas de coisas no chão e se empoleira num banquinho. — Nossa, Wisty, mas você deu mesmo um trato nesse lugar, hein? — Whit faz que não com a cabeça. — Os ratos já se mudaram para cá?

— É um caos organizado — respondo, ignorando a indireta. Um pouco de bagunça me ajuda a ficar menos maluca, e eu posso fazer o que quiser aqui. — E você que está morando com o fuinha do Byron Swain? *Aquilo* sim é que é um paraíso de roedores!

— Rá-rá-rá! — Whit responde seco.

De repente, alguém toca a campainha. Nós dois olhamos surpresos para a porta. Whit ergue uma sobrancelha.

— Visita a essa hora?

Dou de ombros.

— Deve ser Janine, querendo saber por que você agiu como um louco total e ainda a largou lá na galeria.

— Wisteria. — Whit me olha com uma cara séria. Ele nunca me chama pelo meu nome inteiro.

— Whitford — respondo, tirando um sarrinho, e jogo uma almofada na cabeça dele enquanto vou atender à porta.

— Eu já falei. *Deixa. Para. Lá.*

— Tá, tá. — Dou uma risadinha e olho pelo olho mágico. Noto a altura, o cabelo preto...

Ai. Meu. Deus.

É Heath. O cara que queria dançar comigo no festival de arte. Aqui. No meu apartamento. Entro em pânico e colo meu corpo na porta.

— O que foi? Quem é? — Whit pergunta, se levantando.

Ignoro meu irmão problemático, respiro fundo e me recomponho para abrir a porta.

— Oi — cumprimento Heath, tímida.

— E aí? — Heath responde com uma voz de veludo.

Ficamos mudos e nem nos mexemos; apenas piscamos um para o outro, sem saber muito bem quais são os limites dessa situação. Sob a luz da varanda, os olhos pálidos de Heath brilham num tom de azul que eu nunca vi antes.

— Hum, acho que gostei da sua ideia — ele fala baixinho, quebrando o silêncio. — Talvez devamos apenas ficar assim. Olhando um para o outro. Desse jeitinho mesmo.

Não tem como negar: essa conexão instantânea fica ainda mais forte que antes e quase me deixa cega.

Rio e faço que não com a cabeça.

— E eu estava pensando que era melhor nos *mexermos*.

— Se você quiser, estou dentro.

— O que está acontecendo aqui? — Whit abre mais a porta atrás de mim.

— Hum... — Até que enfim consigo parar de olhar para o Heath.

— Meu amigo só passou aqui para...

— Não consegui parar de pensar naquele show incrível de fogos de artifício que a sua irmã fez hoje — Heath responde, com toda a educação, e depois olha para mim. — E achei que *eu* fosse explodir também se não a visse de novo.

Tá, agora ele já está ficando brega, para a sorte do Whit, mas mesmo assim senti um frio na barriga.

— Beleza, ô pegador — Whit diz, saindo para a varanda de cara feia. — Já está tarde. Vamos acabar logo com isso.

— Eu não queria tomar o tempo de ninguém. Só queria mostrar para Wisty...

— Minha irmã não está interessada. — Vixe, agora já era! Whit está no *mode* irmão-mais-velho-e-perigoso. — Wisty, vamos entrar.

— Whit! — Tenho certeza de que a humilhação e a raiva que estou sentindo estão estampadas na minha cara, mas os olhos de Heath brilham como se ele estivesse se divertindo.

— Você vai trancar a Wisty no apartamento dela? Talvez ela queira um pouco de liberdade. Não foi em nome disso que vocês lutaram tanto?

— Talvez você não saiba o que ela quer.

Heath inclina a cabeça um pouquinho para o lado.

— Olhe, tudo bem — ele diz. — Não tem necessidade de se sentir ameaçado, ô grande.

Putz. Isso não vai prestar.

Whit só pisca para Heath.

— Ameaçado? — ele pergunta, sem conseguir acreditar na petulância do carinha, cruzando os braços. — Por quem? Por você?

— Tá bom, tá bom — resmungo. *Meninos*. — Relaxem, os dois. — Empurro Whit em direção à porta e me viro para o meu visitante, suspirando. — É melhor eu voltar lá para dentro...

Heath ergue os braços.

— Claro. Eu não queria me intrometer. Boa noite, Faísca. — Ele sorri e coloca uma flor no chão, aos meus pés, faz que sim com a cabeça para Whit e sai andando, sem mais nem menos.

Fico na varanda depois que ele vai embora, admirando a noite. Ele me chamou de *Faísca*. Ele nem me conhece! Eu deveria ter mandado esse cara direto para a Terra das Sombras, né? Mas tem alguma coisa no jeito que ele disse isso, algo familiar, mas ao mesmo tempo novo... e empolgante. Não consigo explicar o que é, mas me sinto incrivelmente atraída por esse menino de língua afiada e olhos estranhos. A parte mais alta do céu está naqueles olhos, frios e enormes, que parecem ver tudo dentro de mim.

Talvez eu esteja com medo daquilo que eles veem. *Liberdade*... para fazer o quê?

Pego a flor que ele deixou. É linda. De um prateado pálido, com uma pincelada brilhante de laranja bem no meio. Eu nunca tinha visto uma flor assim.

— O que será que ele quer? — pergunto baixinho.

— Aposto que consigo adivinhar — Whit responde, me dando um susto. Pensei que ele já tivesse ido lá para dentro.

Reviro os olhos, entro em casa e passo por ele sem pedir licença.

— Ah, fala sério! Acho que ele é um cara legal. E ele tem razão: esse apartamento é *meu*.

— Cara legal? Todo cara quer alguma coisa. E geralmente é a mesma coisa. Acredite em mim, Wisty. Você nunca esteve num vestiário masculino. Dá para aprender muita coisa lá.

Reviro os olhos de novo. Meu irmão, o superprotetor.

O Único Que É O Único me queria por causa do meu poder. Desde a vitória, os políticos me querem por causa da minha fama. Heath só disse que queria me ver de novo. Não queria a minha magia nem o meu fogo.

Queria me ver.

Sinto um tipo estranho de vulnerabilidade. Não é bem medo. Sei que meu poder, quente e sincero, vai me proteger e que, se falhar, meu irmão cão de guarda vai dar conta do recado. Mas com toda a eletricidade dessa interação, Heath ainda está fazendo meu corpo inteiro vibrar, não tenho tanta certeza de que quero ser protegida.

Acho que Heath não quer ser meu *namorado*, né? Será?

Capítulo 5

Wisty

Estou aqui fora. Está chovendo. O menino está aqui.

Heath.

A chuva cai sobre os meus olhos, mas sinto a presença dele.

— Eu só queria ver você — ele diz com aquela voz de veludo.

— Mas eu não consigo ver você — respondo. — Não consigo ver nada.

Estreito os olhos, mas a chuva está caindo com tanta força que não consigo ver nem um palmo à minha frente.

— Posso mostrar para você. Tudo — ele promete. — Só não olhe para baixo.

Ele pega a minha mão e eu tremo ao seu toque frio. Estou quente por dentro, cheia de fogo, como se meu coração estivesse se enchendo de ar e eu levitasse.

E então começamos a *subir*... sobrevoamos a Cidade e vamos em direção às nuvens. Fico sem fôlego quando as atravessamos e voamos à luz do sol, estou ansiosa para ver o que é esse “tudo”. Porém, antes que eu consiga me virar, Heath se inclina em minha direção e eu suspiro, deixando que ele me envolva em seus braços...

Acordo sem saber onde estou, agarrando um travesseiro. Então, faço algo que não deveria: olho para baixo.

E quase tenho um ataque do coração.

Estou flutuando sobre a minha cama. Estou tipo a *um metro e meio* acima da minha cama, quase tocando o teto. Pisco e caio no

colchão, quase perco o fôlego, e fico ali, passando mal.

Nossa, minha magia às vezes é estão estranha!

“E me faz passar vergonha”, penso, jogando o travesseiro longe. Não quero nem imaginar as caras que deveria estar fazendo enquanto dormia.

Ainda bem que esse lugar é *meu*, é o meu apartamento. Pela primeira vez não preciso lidar com irmãos mais velhos querendo se intrometer o tempo todo no que eu faço ou desfaço. Fecho os olhos de novo, estou curiosa para saber qual é o final do sonho. Nesse momento, Whit deve estar enchendo a paciência de outra pessoa para lavar a louça ou alugando a TV de alguém para assistir a mais um jogo de futebol americano...

“Não”, meus olhos se abrem de repente. “Não é isso que Whit está fazendo agora, não.”

Olho para o relógio e sinto uma dor no estômago. Pisei na bola. Whit está onde *eu também* deveria estar, agorinha mesmo, no dia mais importante das nossas vidas.

E estou atrasada!

Pulo da cama e solto um berro ao bater meu dedão num violão que larguei no meio do caminho. Tem roupa espalhada por tudo quanto é canto. Tropeço nelas, pego uma calça e um suéter qualquer. Acho que não tenho nada muito apropriado para a ocasião, mas nunca se sabe quem vamos encontrar por aí porque *ele só queria ver você...*

Escolho um vestido preto simples, entro no chuveiro e grito com o jato de água fria. É bom porque não dá tempo de ficar viajando em sonhos quando seu cérebro está congelando.

Hora da maquiagem. Faço uma careta para o meu reflexo no espelho. É um dia especial, mas é a minha cara de sempre com um bônus: olheiras profundas e cabelo molhado e embaraçado. E sem tempo!

Pego uma revista de fofoca — um prazer que eu não deveria ter, mas que voltou agora que os atores e outros ídolos pop (que não são O Único) não estão mais sendo exterminados —, mas agora não posso perder tempo com os ataques de estrelismo dessas celebridades. Quase rasgo a revista ao virar as páginas, e então encontro o que estava procurando: a foto de uma atriz que tem aquele look profissional-mas-bonito-mesmo-assim. Faz tempo que estou doida para experimentar um feitiço...

Toco o rosto da foto e depois passo os dedos pelo espelho. Meus olhos vão se transformando num olhão esfumaçado de deusa, um toque de rosa desabrocha em minhas bochechas e meus lábios ficam... bom, como se você quisesse saber.

É claro que não tenho as maçãs do rosto altas como as dela nem aqueles lábios carnudos. Não estou morfando geral, é só uma maquiagem movida a feitiço, mas vai servir. Ainda é a Wisty Allgood aqui, com sardas e tudo, mas com um toque de celebridade chique. Nada mal.

Eu me atrapalho toda para colocar meus tênis de cano alto enquanto abro a porta e, então, a vejo ali.

A flor.

O sonho volta para a minha cabeça de uma vez e “tudo” ecoa em minha mente. O que oferecer uma flor quer dizer sobre um menino na vida real? Ele é meigo ou é um doidão perseguidor? Ao descer os degraus da varanda, giro o cabinho da flor nas mãos, pensando, e me dou conta — quase esqueci o mais importante!

Largo a flor e volto correndo para o apartamento, juntando de qualquer jeito todo o planejamento que Whit e eu passamos horas fazendo. Agora estou atrasada *de verdade*. Saio como uma louca pela rua com a papelada junto ao peito, meu cabelo ainda molhado voando atrás de mim.

As pessoas me olham com uma cara estranha, mas isso é normal. Somente dois quarteirões depois é que percebo que estou

com frio no pé direito. Quando olho para baixo, vejo que estou calçando só um tênis.

Agora *não tenho tempo* para essas coisas. Mesmo.

Eu me viro para ir buscar o outro tênis, mas paro. Fecho os olhos e imagino o tênis vermelho de cano alto meio encardido lá dentro do apartamento, ao lado da porta.

Então, assobio e, como um bichinho fiel de estimação, o tênis sai voando pela janela e vem quicando na rua em minha direção. Sorrindo, eu me viro e continuo correndo enquanto o tênis vem galopando atrás de mim.

Capítulo 6

Whit

“Cadê a Whisty?”

Fico de olho no relógio gigante na parede e em seu ponteiro dos segundos que ecoa pela sala. Acompanho seu ritmo com o lápis — *tá-tá-tá-tá* — sobre a mesa comprida.

Matthias Bloom, que se elegeu o Orador dessas reuniões, manda um “rã-rã” pela centésima vez. Olho envergonhado para o mar de rostos ao meu redor e vejo que ele não está sozinho no quesito “impaciência”.

“Ela sabe como o dia de hoje é importante.”

A lembrança da noite passada me vem à tona de novo, aquelas dores de cabeça terríveis e imagens perturbadoras. Chego a ficar preocupado: será que aconteceu alguma coisa com a minha irmã? Será que a visão é algum tipo de aviso?

“Ah, Wisty, chega logo! Chega logo”, imploro em silêncio, pensando que se eu encarar mais um pouco aquela porta, é capaz de ela se abrir sozinha.

Como por milagre, depois de uma eternidade, a porta se abre com tudo. Minha irmã chega esbaforida, um trem-bala com cabelo ruivo cobrindo seu rosto.

— Me desculpem! — ela grita enquanto pula pela sala, tentando calçar um sapato.

Faço que não com a cabeça, mas sorrio porque ela está aqui. Não era aviso nenhum e ainda bem que Wisty trouxe a papelada toda — as ideias que levamos semanas para desenvolver.

Com nossos planos e esse Conselho, o futuro da nossa Cidade começa *hoje*.

— Agora que nossa estimada e última participante chegou... — Bloom suspira forte e arruma a gravata.

Sempre bancando a espertinha, Wisty faz uma mesura e se senta à cadeira ao meu lado.

— Podemos começar? — Bloom pergunta, meio seco.

— Ótimo! — Fico de pé, animado para falar com o grupo. — Como estamos reinventando nossa Cidade e não apenas consertando o que está quebrado, é importante fazer tudo direito dessa vez. — Pego os planos da mesa e dou uma olhada em minhas anotações. — Estávamos pensando em começar com a maior esperança para a Cidade: as crianças. A escola deveria ser um lugar para se divertir e exercitar a criatividade, assim, todo mundo vai querer ir à aula.

Ao olhar para os rostos dos meus colegas membros do Conselho — heróis de guerra, jornalistas independentes, um ex-astro do cinema que sobreviveu comendo baratas por dois anos no subterrâneo —, fico mais empolgado. Não tenho *aquela* habilidade para falar em público, como Janine, mas estou mais animado com esse projeto do que com qualquer outra coisa no mundo, e essas são as pessoas que podem fazer tudo isso acontecer.

— Também precisamos construir um centro comunitário enorme ao ar livre, para que os cidadãos tenham a oportunidade de expressar suas preocupações e ideias — continuo. — Poderíamos usar o antigo complexo do Único. Lá também seria um lugar bem legal para fazer shows. — Wisty dá uma piscadinha encorajadora para mim. — É claro que para começar vamos ter que redesenhar as ruas e dar mais espaço aos parques e...

Bloom manda outro sonoro “rã-rã” e é como se um trovão tivesse invadido a sala.

— Essas ideias são todas muito interessantes, Senhor Allgood — ele diz, a voz retumbando no ar. — No entanto, isso aqui é um Conselho e todos os membros deverão votar nos procedimentos.

Fico vermelho.

— Eu sei, Senhor Bloom. É que pensamos que...

— Nós pensamos que como *membros* do Conselho, mais especificamente os *membros* do Conselho que libertaram a Superfície, vocês gostariam de pelo menos ouvir as nossas ideias — Wisty fala de uma vez.

Algumas pessoas gritam palavras de apoio, principalmente os mais novos dos dezessete jovens na reunião, que idolatram Wisty.

— *General* — Bloom me corrige. Ele arruma o cabelo branco e grosso sobre a testa brilhante. — E quem vai financiar esses projetos? Nossas reservas públicas falidas?

Quando Wisty e eu ficamos quietos, ele começa a falar para o Conselho todo, levantando o tom da voz.

— É triste dizer isso, mas não podemos simplesmente queimar os problemas deixados pela Nova Ordem, como fizemos com aquelas bandeiras. E com essa falta de dinheiro — ele discursa pausadamente — também estamos enfrentando escassez de combustível. E de matérias-primas. E de água.

— E de senso de humor. — Wisty tinha que fazer uma gracinha!

As outras pessoas da sala ficam em silêncio, e eu também não rio. Por que achamos que as coisas seriam tão fáceis?

— Tá — respondo baixinho. — Por onde podemos começar, então?

Há uma migalha de compaixão no rosto de Bloom, mas sua voz autoritária nem hesita quando ele responde:

— O melhor seria seguirmos as ordens.

— Ordens? — Olho ao meu redor e todo mundo tem uma folha de papel impressa à sua frente. Todo mundo menos nós. Volto a me sentar com minhas anotações já meio amassadas.

— Primeiro item. — Bloom lê. — Necessidades de habitação para cidadãos desabrigados.

— Temos visto violência na Sarjeta ultimamente — diz o carinha daquele bairro. Os pais dele foram mártires da Resistência. — As famílias estão tentando reconstruir suas casas bombardeadas, mas tem gente querendo pegar o material de construção delas.

Fico pensando na pequena Pearl Neederman e na casa de sua família, que fica num porão na Sarjeta. Eles não tinham muita coisa, mas pelo menos eram solidários.

— Talvez possamos discutir maneiras de encorajar as comunidades a trabalharem juntas para reconstruir seus bairros, uma casa por vez — sugiro.

Todos os olhos da sala piscam para o homem que parece saber tudo sobre essas coisas, mas ele só faz que não com a cabeça cheia de cabelos brancos.

— O Conselho precisa decidir quantas pedras cada cidadão pode retirar das montanhas de entulho para começar a reconstrução.

— Precisamos saber quantas pedras cada pilha de entulho contém em média — ressalta outro membro do Conselho todo animadinho, ao lado de Bloom.

— E a porcentagem de pedras perdidas durante os bombardeios — um cara de olhos meio caídos completa, do outro lado da sala.

Uma mulher à direita dele se manifesta:

— Mas primeiro não deveríamos votar se as pedras devem ser determinadas por tamanho, peso ou por concentração de minerais?

Duas horas depois, minha cabeça está latejando mais que na noite passada.

— Seus ouvidos já estão sangrando? — cochicho para minha irmã.

Wisty vira para mim com os olhos vidrados e o queixo descansando sobre a mesa.

— Eu nunca achei que fosse possível, mas governar deve ser a única coisa pior que ir para a escola.

— Antes de terminarmos a sessão, não quero gerar pânico, mas temo que somos obrigados a debater uma última questão importante... — Bloom anuncia num tom de voz que faz nós dois arrumarmos nossa postura na cadeira de novo.

Capítulo 7

Whit

Bloom vira para todo mundo com aquele olhar duro que eu já conheço: parece um técnico de futebol americano que está prestes a pedir para você fazer alguma coisa ridícula, tipo provocar o “demônio” do outro time, sacrificar a vida e seu corpo na esperança de uma vitória para o time.

Tensiono minha mandíbula e Wisty masca, nervosa, uma mecha de cabelo.

— Como Guardião do *Livro das Verdades* — Bloom fala de si mesmo com muito respeito —, interpretei essas mensagens da maneira mais fiel possível.

Todos os olhos da sala se viram para ele, famintos por conhecimento. Essa atenção faz Bloom ficar ainda mais alto.

— Temo que estejamos vivendo um ponto grave em nossa história, com uma nova Cidade vulnerável a forças externas e ao crime que não para de aumentar.

As pessoas cochicham, confusas. Ficamos alarmados pelas mesmas duas palavras.

— Como assim, “forças externas”? — Wisty sussurra.

Não sei o que é isso. É lógico que existe um território além da Cidade. A leste há um rio largo, já estive naquelas margens várias vezes. Sua correnteza é tão forte e mortal que ninguém nunca o cruzou, e dizem que além dele só existe uma floresta sem-fim. Ao norte fica um deserto e, a oeste, uma cadeia de montanhas.

Mas a Cidade está isolada disso tudo há quase três gerações!

Ficamos prestando atenção em Bloom, ansiosos para compreender o que ele está querendo dizer.

— *O Livro* alerta que há muito a se temer do Rei do Povo das Montanhas a oeste — o Guardião continua. — Estamos encarando essa escassez de água porque cada gota que descia pela montanha foi interrompida. Acredito que o Rei da Montanha esteja agindo com intenções hostis, como foi profetizado.

O volume de sua voz aumenta com a nova revelação e nós começamos a ficar com medo de verdade.

— Mas o que isso quer dizer? — pergunta um membro do Conselho que mora nos subúrbios mais afastados.

— Muitas coisas — Bloom diz, com um ar pesado. Agora que tem a nossa atenção total, ele está falando mais devagar e num tom mais suave, saboreando essa dependência. — Para início de conversa, vai significar sede. E, mais tarde, que nossa trégua com o Povo do Deserto acabará, já que compartilhamos o suprimento de água. Um dia — ele está falando tão devagar que quero dar um chacoalhão nesse cara —, significará guerra.

A gritaria é geral. O pessoal se empurra e berra. O medo deixa o ar tão pesado que quase sinto seu cheiro. Está invadindo nossos poros e contaminando tudo o que toca, mas não vou me render, ainda não. Coloco meu braço ao redor dos ombros de Wisty para protegê-la.

“Nós matamos O Único”, fico me lembrando. “Aquela foi a profecia.”

— Pensei que ele não quisesse gerar pânico — Wisty diz, arrasada.

O pessoal começa a especular loucamente sobre ataques dos Homens de Areia, que comem tarântulas e montam em lagartos para ir à guerra, ou sobre os Comedores de Gelo, que adoram carne humana.

— Não temos um corpo policial! — várias vozes se desesperam.

— Membros do Conselho! — Bloom sobe num banquinho e seu corpo meio flácido fica acima de todos nós. — Compreendo o medo de vocês. Eu *conheço* esse medo. — Ele ainda está falando naquela voz lerda e serena, tenho que me esforçar para escutá-lo. Cada vez ele fica mais alto e juro que está encolhendo a barriga! — Felizmente, sou um estrategista de guerra com muita experiência.

— Mas ele nem participou da guerra! — Wisty comenta. — Ouvi dizer que só se escondeu da Nova Ordem e enterrou *O Livro das Verdades*.

Os membros do Conselho se juntam aos pés de Bloom mesmo assim, famintos por seus conselhos.

— Em primeiro lugar, concordei em dar anistia aos que trabalharam para a Nova Ordem, mas que renunciaram a suas lealdades anteriores — Bloom afirma e todos concordam. Para minha surpresa, foi uma das votações mais fáceis do dia: optar por unir nosso povo depois de perdermos tanta gente. — Proponho que esses soldados experientes sejam restituídos à polícia temporariamente — Bloom diz rapidamente.

— *O quê?* — Wisty e eu ficamos de queixo caído e nos lembramos do barulho dos coturnos dos soldados que nos seguiam pelas ruas cheias de mortos da peste.

Ninguém mais se entende. Alguns são sobreviventes das prisões da Nova Ordem; outros se tornaram órfãos graças aos bombardeios. Uma coisa é dar uma chance de recomeçar para um cara que sofreu lavagem cerebral da Nova Ordem. Outra muito diferente é dar uma arma para cada ex-leão de chácara da máquina de matar do Único e confiar nele para nos proteger.

Alguém bate no banquinho em que Bloom está empoleirado e ele leva a mão à cabeça, como se estivesse segurando a peruca branca.

— Compreendo suas preocupações! — ele grita para a multidão. — Infelizmente, as questões que mencionei não são as piores que nossa Cidade está enfrentando...

Sequestros, ele nos diz. Mais sequestros.

Não há muita informação. Alguns viram uns veículos pretos blindados. Outros ouviram gritos. Ao final da noite, mais de vinte e cinco mães registraram seus filhos como desaparecidos no escritório do Conselho.

Um silêncio cai sobre a sala. Ninguém quer acreditar nessa notícia, que, no entanto, parece incrivelmente familiar. Eu me lembro muito bem do dia em que Wisty e eu fomos sequestrados, arrancados da nossa casa e jogados na prisão. Tinha um monte de jovens lá também. E crianças bem mais novas que nós.

— Parece que a Nova Ordem está ressuscitando — Wisty sussurra, como se estivesse lendo meus pensamentos. — E se...

— O Único morreu — respondo antes que ela pergunte.

Minha irmã é tão forte. Ela é uma das bruxas mais poderosas do nosso mundo e acabou com O Único no auge do poder dele. Poucas pessoas conseguem fazer mal a ela. Mesmo assim, sei que ela ainda ouve aquela voz cheia de escárnio e vê os olhos *Technicolor* dele quando tem pesadelos.

O Único morreu. Absoluta e totalmente. Mas se ainda há células bem ativas da Nova Ordem na Superfície...

— Nenhum simpatizante da Nova Ordem vai participar da Vigilância. — Solto de repente mas com firmeza, e minha voz fica mais alta que a de qualquer outra pessoa na sala, até mesmo que a voz de Bloom.

O Guardião do *Livro* ergue uma sobrancelha, que parece feita de algodão.

— Não há ninguém forte o bastante para participar da polícia. Pensei que já tivesse deixado bem claro que estamos vivendo em condições assustadoras e...

— Vamos tomar conta disso — respondo, sem rodeios.

— Com todo o respeito...

— Eu já disse que *nós vamos tomar conta disso*.

Capítulo 8

Pearl

— Vocês serão purificados! — ecoa a voz no alto-falante repetidas vezes.

Pearl não sabia quem era o dono da voz, nem o que aquilo queria dizer, nem há quanto tempo estava naquela sala escura e lotada de corpos sufocados. A essa altura, ela só sabia que existia barulho. Barulho e fome. Ela ainda não tinha dormido desde a hora do sequestro.

— VOCÊS SERÃO PURIFICADOS! — a voz berra sem parar até Pearl começar a delirar com a cabeça latejando, a dor nos ouvidos, o calor e o ronco de seu estômago.

— Estou limpa — ela choraminga. — Juro que estou limpa.

Quando a porta se abriu, Pearl achou que estivesse tendo uma alucinação. Estaria morta?

Mas a brisa fresca e deliciosa em sua pele era real, assim como o chão sob seus pés assim que Pearl saiu para o ar livre, cambaleando e piscando à luz repentina do sol. O ar estava tão fresco que queimou suas narinas, e ela sentia o cheiro de comida por toda a parte.

— VOCÊS FORAM SALVOS! — outra voz ecoou de algum canto. Ela acreditou e pensou que tivesse ido para o céu.

Então, foram levadas como gado para um cercado tosco.

Ela não estava usando casaco nem sapatos. Quando o frio começou a se alastrar por seu corpo e seus dentes começaram a bater, ela quase sentiu saudade do calor suarento da cela. Quase.

— Vocês estão com fome? — um homem gigante, com uma barba que mais parecia um ninho, gritou para eles.

Pearl sentiu seus olhos saltarem das órbitas e a língua inchar. Ela só conseguiu fazer que sim com a cabeça.

— Então, *corram!* — ele berrou.

Todas começaram a correr em círculos no cercado. Enquanto várias crianças paravam para recuperar o fôlego ou estremeciam de dor quando as pedras afiadas se enfiavam em seus pés descalços, Pearl agradeceu por ter aquelas solas dos pés de criança da Sarjeta, grossas e cheias de calos. Porque se correr significava conseguir comida, ela poderia correr o dia todo.

E então ela correu. E correu. E correu. Pelo menos ela não estava mais sentindo tanto frio.

Finalmente, bem na hora em que Pearl achou que cairia de joelhos, exausta, uma buzina tocou e todo mundo parou de correr para escutar as próximas instruções.

— Você foi bem para o primeiro dia. — Um carinha mais velho, com as pernas finas e os braços com as veias saltando, sussurrou para ela. — Nem diminuiu o ritmo.

— Que bom que alguém notou — Pearl respondeu.

— Aqui eles me chamam de Águia. É bom ficar de olho, viu?

— No lugar de onde eu venho, também é bom ficar de olho — Pearl respondeu, pensando em mostrar o cabo da sua faca escondida como quem avisa que não deseja ser incomodada. Mas ela viu que não era uma boa ideia mostrar para o Águia que estava armada. Pearl apontou o queixo para a torre.

— Quem é esse velho?

Águia estreitou os olhos à luz do sol para olhar para o homem de pé na sacada do castelo.

— O Rei. Eles chamam esse cara de Leopardo da Neve.

O velho estava enrolado em peles meio rasgadas e tinha uma barba amarelada que ia até a cintura e ficava presa a um cinto incrustado de rubis. Acima dele, agitava-se uma bandeira com a imagem de um leopardo branco enorme com os dentes arreganhados. O rosto dele parecia ter sido esculpido em pedra.

— Então foi ele quem nos roubou. — Pearl estreitou os olhos e memorizou o rosto do homem para o qual ela deveria guardar sua faca.

— Ele salvou você — Águia disse, na defensiva. — Ele salvou todos nós. Em nome de algo muito mais importante.

— Eu não me sinto salva — ela rebateu. — Estou é com fome.

Águia deu de ombros.

— Tem comida de sobra aqui. Me siga.

— Como foi a sua corrida? — o gigante barbudo interrompeu a conversa. — Diga ao seu rei tudo o que viu. Algum Fracassado?

Águia ergueu a mão imediatamente.

— Aquele ali, ó. O magrelinho. Ele parou de correr. Não acho que ele quer que ganhemos.

O Rei assistia a tudo com a maior atenção lá da torre. Um menino loiro foi arrastado até o meio da roda, para que pudesse ser visto por todo mundo. Todos os dedos dos pés dele estavam cortados e sangrando. Pearl prestava atenção. O Rei fez que sim com a cabeça, rapidamente, e o menino estremeceu e levou a mão à cabeça. O menino foi andando até o muro... e começou a bater a cabeça nele, sem parar.

— Purifique-se! — as outras crianças começaram a berrar no ritmo das cabeçadas, *tum-tum-tum* na pedra.

Foi uma cena horrível. Um riozinho de sangue começou a verter do corte na cabeça do menino, mas ele continuou mesmo assim, sem parar, até que finalmente o Rei se virou para o outro lado.

Então, o menino voltou cambaleando para o grupo, se arrastando pelo chão.

Mais duas crianças foram chamadas e o ritual se repetiu. Finalmente, quando não havia mais Fracassados, o capataz trouxe um monte de comida para quem havia ficado por ali.

— Você é nova por aqui, né? Ainda está fedendo a lixo. — Uma menina mais velha e desengonçada se sentou ao lado de Pearl e de outros meninos no banco que dividiam com o Águia.

— Mas seremos purificados. — Razz repetiu, satirizando-a.

— É melhor estar aqui do que lá embaixo. Os outros ratos de bueiro vão ficar morrendo de sede agora que o Rei cortou o fornecimento de água da Cidade.

Pearl piscou com força ao pensar em seus pais, Mama May e Hewitt, em todas as tias e em seus priminhos — todos os Neederman. Viver sob a Nova Ordem já tinha sido bem difícil, e agora eles não teriam mais *água*?

— Não. A bruxa e o bruxo não vão deixar isso acontecer — ela protestou. — Eles vão exigir água, eles vão vir aqui para a montanha, eles vão...

— O Rei está contando com isso — Águia respondeu.

Uma armadilha.

— Eles destruíram O Único Que É O Único! É claro que Whit pode acabar com qualquer Rei imbecil.

— Tem certeza, menininha?

— É claro que tenho certeza!

Mas até então, ela também havia tido a certeza de que O Único era a única ameaça à Superfície. E que Whit não deixaria nada acontecer a ela. Ela havia tido a certeza de que sua família estava a salvo. Pearl olhou para as crianças magras correndo ao redor e depois para a bandeira com o leopardo branco tremulando todo orgulhoso lá em cima.

A verdade é que Pearl não sabia se poderia ter certeza de mais nada nessa vida.

Capítulo 9

Whit

— Você tem certeza de que é aqui? — aperto os olhos sem confiar muito nas janelas empretecidas de uma velha locadora de vídeo perto da Avenida das Indústrias, o novo esconderijo da Resistência.

— Está escrito que é *A Fita* — Wisty lê algo escrito na palma de sua mão e se afasta para ler as letras amarelas pintadas na lateral do prédio. — Foi o que Ross, amigo do Sasha, me disse.

Tento abrir a porta.

— Então por que está trancada?

— Sei lá. Acho que Ross se esqueceu de me dar os detalhes, tipo uma batida na porta ou uma entrada secreta, sei lá. Vamos ter que encontrar outro jeito de entrar. E se...

Os olhos dela brilham e ela mexe os dedos sem pensar muito no que está fazendo. Conheço esse olhar. Está na cara que é M.

— Vai com fé, irmãzinha.

Bom, me transformar numa barata não teria sido *minha* primeira opção, mas estava com saudade de morfar. Não existe nada como a primeira cócega de poder passando pelo corpo e a sensação de ter seis pernas enquanto corro atrás da minha irmã, a bruxa baratinha, com certeza é inédita.

Entramos no prédio num segundo. O espaço, todo pintado, parece gigante aos meus olhinhos de barata, o que torna tudo ainda mais bonito. O grafite de sereias nadando em direção a dinossauros e os soldados marchando e esmagando flores gigantes parece pular

da parede. Esses são os vestígios da visão inspirada, mas meio perturbada, dos artistas reprimidos pela Nova Ordem.

Ross está lá em cima com uma lata de tinta spray na mão, e Sasha quase pisa em mim quando dá um passo para trás para admirar o mural. Os outros estão reunidos ao redor de uma mesa, jogando cartas. Emmett parece estar relaxado, Byron, de mau humor, e parece que Janine está dando um banho neles e deixando os dois bem pobres.

— Oi, gente — digo, morfando de volta à forma humana. Ao meu lado, Wisty faz a mesma coisa, chacoalhando os braços e as pernas. Ross fica de queixo caído olhando para nós.

— Não se preocupe, você vai se acostumar. — Sasha promete a ele.

— Bom, *você*, eu não sei, não — diz Janine, rindo. — Acho que *eu* nunca vou me acostumar com a visão de Whit Allgood se materializando do nada.

— Do nada, não. De uma barata — Wisty deixa bem claro.

— Que charme! — Janine responde, mas está olhando para mim e a doçura de sua voz faz meu coração bater um pouco mais rápido.

— A porta estava trancada — Wisty explica. — Da próxima vez, nos digam qual é a batida secreta ou sei lá o que vocês combinaram.

— Não. — Emmett aponta com a cabeça para os tijolos quebrados ao lado da parede mais afastada. — Você tem que abrir outra porta.

Sorrio e me viro para Ross.

— Esse lugar é bem legal, viu?

— Valeu, cara. Como a arte não é mais banida, meus amigos artistas não vêm mais para cá, mas *A Fita* tem história, sabe? Quando você me disse que precisava de um lugar meio fora do mapa, aqui me pareceu perfeito.

— Falando nisso, qual é a notícia urgente? Você está bem, Wisty?
— Byron pousa a mão sobre o braço dela, e sai de perto rapidinho depois da olhada que minha irmã dá para ele.

— Nós estamos bem — respondo. — Mas a Cidade, não. Pelo menos, não mais.

Wisty suspira.

— Está acontecendo de novo. Tem criança desaparecendo.

Quase consigo ver o coração dos meus amigos murchar com a notícia. É exatamente isso que estou sentindo: *mas de novo? Já?*

E então Sasha fica de pé, pronto para entrar em ação.

— Sabemos quem está fazendo isso? Onde eles foram vistos pela última vez? E nomes? Ainda tem tempo.

Faço que não com a cabeça.

— Bloom não contou muita coisa para nós. Só o básico.

— E disse que deveríamos morrer de medo de um ataque a qualquer momento. — Wisty faz uma careta.

— Pelo jeito ele tem lábia de político — diz Janine, e sua mandíbula fica tensa. — Que pena que não sabemos nada sobre essas crianças. Igualzinho ao que aconteceu antes.

A culpa que senti antes me atinge de novo. “Eu deveria ter feito alguma coisa.”

— Mas dessa vez é diferente, né? — Ross entra na conversa. — Não tem Nova Ordem para nos ameaçar. Agora temos um Conselho eleito por nós e as pessoas que fazem parte dele vão saber lidar com a situação e vão descobrir quem está fazendo isso. — Ele olha para todo mundo, querendo acreditar em suas próprias palavras. — Certo?

Olho diretamente para ele.

— O Conselho não é bem... não é exatamente o que esperávamos. Não há um procedimento para lidar com algo como

esses sequestros. É só conversa e nada de ação.

— Já ouvi essa história antes — Janine diz. — A ação sempre vem de baixo. Foi por isso que criamos a Resistência, em primeiro lugar.

— Então, está decidido — Sasha diz, animado para seguir em frente. — A Resistência vai voltar e crescer de novo. Vamos patrulhar as ruas.

— Sério? — Fico de queixo caído. — Sei que é pedir muito...

— Mas vamos em frente mesmo assim! — Janine repete, olhando para mim. — Todo mundo concorda?

Todo mundo levanta a mão, um depois do outro, e fico tão cheio de gratidão.

— A galera virando policial! — Emmett faz que sim com a cabeça. — Pode ser bem legal.

— Justiça de verdade, sem corrupção — Byron completa e Wisty ergue uma sobancelha para ele. — O que foi? — ele pergunta, incrédulo. — Que que é?!

— Ela só está enchendo você, By. — Caio na risada. — Não dê o gostinho da vitória a ela.

— Estou dentro, também — Ross diz. — Mas se somos a polícia, ainda estamos resistindo?

Janine faz que sim com a cabeça.

— Estamos resistindo à ditadura do medo dos políticos e ao sequestro de nossos jovens. Estamos resistindo à revogação da nossa liberdade.

— Resista ou se submeta! — Sasha berra.

— Vamos resistir! — Janine promete, os olhos verdes e límpidos mais determinados que já vi. — Ainda não estamos prontos para entregar o jogo.

Capítulo 10

Wisty

— Ainda bem que eles estão usando uniformes vermelhos! — a Sra. Highsmith berra no meu ouvido toda animada no dia seguinte, quando o colega de time do Whit é levado para fora do campo de futebol americano numa maca. — Que sangueira, hein?

Faço que sim com a cabeça. Acho que o termo “nariz quebrado” é fraco demais para a situação. O cara ficou com a cara amassada, um oferecimento do Demônio do outro time. Nunca entendi o fascínio por um esporte em que os moleques se matam. Acho que é por isso que eles chamam esse negócio de *bobobol*. Quem, em plena consciência, participaria de uma partida em que um jogador batizado em homenagem ao cramunhão tem permissão para fazer o que quiser quando consegue pegar você, ou seja, quebrar seu pescoço, arrancar seu braço, tirar um talho da sua cara?

Mas não é *todo mundo* que o Demônio consegue alcançar. Meu irmão nunca foi pego.

Quando o jogo recomeça, Whit vai pianinho para seu lugar no centro. Ouço o apito e Whit sai correndo com a bola. A multidão vai à loucura.

— *Use o Demônio!* — berram os fãs vestidos de azul enquanto Whit sai correndo em zigue-zague por entre os corpos azuis, driblando para escapar do Demônio. Whit folga, quase esfrega a bola na cara do Demônio, e a multidão adora.

Então ele finge hesitar, deixando o Demônio azul chegar pertinho até o último segundo, e sai correndo tão rápido que o cara nem percebe que Whit já passou a bola para outro jogador há muito tempo perto da linha do *touchdown*.

Mais uma outra coisa que é a cara do Whit: ele nunca marcou um só ponto. Uma vez ele me disse que não está nem aí para esse tipo de glória, o que pelo jeito é um negócio sério para os outros jogadores — então, por que não passar a bola? Bem legal da parte dele, mas esse é o meu irmão, pura e simplesmente.

— A maior qualidade do seu irmão sempre foi se safar dos outros. Pergunte para aquelas meninas babando na lateral do campo! — meu pai filosofa com a mesma piadinha de todos os jogos. E, como sempre, minha mãe discorda com a cabeça por causa do comentário besta dele.

É tão bom ter algo familiar em meio a todo o caos e às más notícias! Whit ficou bem abalado com os sequestros — bom, todos nós ficamos, né? —, e quase não veio jogar hoje. Só mesmo Janine para convencê-lo de que Sasha estava com a Vigilância sob controle, e que o jogo era importante para levantar a moral da comunidade.

Até agora tem sido o maior sucesso, tem metade da Cidade torcendo nas arquibancadas. Pelo jeito esse é um dos melhores jogos da vida do Whit, apesar da sangueira de sempre e dos tufo de cabelo sujando o campo. Tem gente que diz que Whit mostra um pouco do sobrenatural que existe dentro dele ao jogar, e esta noite testemunho isso de perto. Ele é rápido, é cheio de graça e não tem medo de nada.

Acho que não deveria ficar tão surpresa quando, no último quarto do jogo, o time azul decide colocar o Demônio reserva para jogar.

— Whit, atrás de você! — berro, dando um pulo, mas é tarde demais. O Demônio já está mergulhando, prendendo meu irmão num tipo de chave de perna e o derrubando. Whit cai com tudo e me arrepio quando seu capacete bate no chão fazendo um “TUM”. A multidão fica de queixo caído e vaia o Demônio para defender seu ídolo, mas Whit consegue se levantar.

“Isso nunca aconteceu comigo.”

— É que ele está com a cabeça cheia — digo para acalmar meus pais e a mim mesma. — Governar não é fácil e com aquelas dores de cabeça estranhas que ele teve outra noite...

Mas quando o Demônio azul passa uma rasteira em Whit na próxima jogada, e então pela terceira vez, as pessoas começam a perceber a real. É como se o cara estivesse decidido a tirar meu irmão de circulação e com certeza ele vai conseguir isso.

Ele é suave nas manobras, passa por entre os jogadores sem que percebam. Ele adivinha os próximos passos do meu irmão como se ele próprio os tivesse coreografado.

Mas quer saber o pior? Ele é *rápido*. Mais rápido que Whit. E mais uma vez, e assim por diante, o Demônio faz manobras ágeis e precisas que acabam tirando Whit da jogada.

“Quem é esse cara?”

A essa altura, parece que Whit não se lembra mais como é que se joga. Ele está esgotado, como se estivesse apenas esperando o cara terminar com ele de uma vez, e ninguém consegue desgrudar os olhos do campo agora que o placar do time azul cresce enquanto os números diminuem no relógio.

Um pouco mais tarde, todo mundo fica esperando para ver quem é o Demônio reserva do time azul, totalmente desconhecido até o momento — o jogador que finalmente conseguiu derrubar o legendário Whit Allgood. Todos o estão esperando e o assistindo cumprimentar os outros meninos do time e plantar umas bananeiras. Quando ele finalmente tira o capacete, o plástico reflete a luz no rosto dele e sinto um arrepio pelo corpo.

Heath.

Ele olha para a arquibancada, dou um tchauzinho para ele. Heath joga o capacete no ar algumas vezes e então faz uma concha com as mãos sobre a boca para gritar alguma coisa.

Congelo. Ele está gritando o meu nome. Berrando como se fosse um tipo de homenagem.

O cabelo preto dele cai ao redor de seu rosto em ondas desniveladas, brilhante de suor, e suas bochechas ainda estão cor-de-rosa por causa do jogo. Ele está sorrindo para mim de um jeito cheio de marra, e eu sinto aquela faísca estranha de novo. Vejo as outras meninas babando ao olhar para ele e não acredito que sou eu quem ele quer.

Sinto o sorriso de lábios apertados da Sra. Highsmith para mim e a confusão dos meus pais, e fico com vergonha. Vejo Byron e Whit do outro lado do campo, olhando para nós, e me sinto...

Bom, me sinto uma traidora.

Capítulo 11

Whit

Bom, isso é o que chamo de experiência nova. Eu me sento num dos bancos na lateral do campo como se estivesse no meio de uma neblina, ainda sem saber me situar. De onde veio aquele cara?

Byron se senta ao meu lado.

— Oi, Whit. Jogo difícil hoje, hein?

Faço que não com a cabeça.

— Nem sei o que aconteceu ali.

— Você vai gostar mais disso aqui, ó. Prometo — ele diz e coloca uma pasta de papel pardo no meu colo.

— É, falou, Byron. — Jogo a pasta para o lado para tirar a proteção do meu uniforme. Acabei de perder o maior jogo da minha vida e é assim que o cara quer que eu me sinta melhor?

— Tenho certeza de que você vai achar isso muito interessante.
— Byron olha de relance para as arquibancadas. — É o arquivo da investigação sobre aquele cara que a Wisty está...

Ele se senta de repente.

— Não. Ah, não!

Sigo o olhar de Byron em direção à minha família, que está descendo as arquibancadas para vir falar comigo, e quando vejo todos juntos, meu coração se parte um pouco também.

É claro que tinha que ser o Heath debaixo daquele capacete.

— Ele é da Nova Ordem, Whit — Byron diz, desolado.

— O quê? Tipo, *hoje em dia*?

— Está tudo no arquivo — ele diz, andando em direção às arquibancadas. — Eu preciso contar para ela.

Mas Wisty faz uma curva para a esquerda, para longe de mim.

— Wisty! — grito para ela, mas minha irmã não para. Toda vez que esse cara aparece com esse teatrinho canastrão, ela fica estranha e nervosa por horas e horas. E ele ainda faz parte da N.O. Abro o arquivo. Ou é um ex-N.O.?

Vou pôr um fim nisso agora mesmo.

— Ô, Demônio! — berro para o outro lado do campo, em direção ao cara que ainda está saboreando a vitória com seus companheiros de time.

Heath se vira e sorri. Pelo jeito ele gostou de ser chamado assim. Faço um sinal para ele vir até mim.

— Fala aí, cara. Você jogou muito bem — ele diz num tom amigável, e oferece um aperto de mão. Fico olhando para a cara dele.

Não vai rolar.

Em vez de apertar a mão dele, pego meus protetores — protetores de ombro, joelheiras e cotoveleiras — e começo a enfiar tudo na minha mochila.

— Você não vai apertar a minha mão, é sério? — Ele faz uma cara de coitado, adorando os olhares das outras pessoas à nossa volta. — Você não é capaz de respeitar um cara que jogou bem?

— Eu respeito o seu jogo. — Com certeza respeito e sinto uma estranha sensação de alívio agora que não preciso mais manter meu recorde de jogos perfeitos. — Nós dois sabemos que você jogou muito melhor que eu. Levamos literalmente uma surra de vocês.

Heath sorri.

— Somos humildes, né?

Dou de ombros.

— Tem sempre alguém melhor que nós por aí.

— Quer apostar? — e agora ele sorri *de verdade* por baixo daquele tufo de cabelo bem preto que cai sobre a sua testa, mas com intenções tão boas quanto as de um sorriso de tubarão.

— Somos humildes, né? — contra-ataco e me sento no banco para amarrar meus tênis.

— Eu poderia ter matado você no campo hoje. Humildade para quê?

— Ainda bem que não matou. — Olho para ele sem saber muito bem se me ameaçou. — O problema aqui não é o jogo.

Ele sorri, todo contente, e eu o meço de cima a baixo.

— Por que você ainda está falando com a Wisty?

Ele ri, se achando. Certo de que a vida é uma piada.

— Ah, não! Mais um papinho de irmão mais velho? Talvez você deva perguntar para Wisty por que *ela* ainda está falando *comigo*.

Cerro os dentes.

— Eu sei quem você é. — Encaro o garoto e consigo detectar uma mudança quase imperceptível no olhar dele, como se uma sombra tivesse cruzado seu rosto.

Mas quando ele se aproxima de mim, sua autoconfiança já está inabalável de novo.

— Eu também sei quem você é — Heath sussurra e seus olhos brilham, tirando uma da minha cara. — Mas não sei onde você quer chegar com isso...

— Sei que você está mentindo. Você era um líder da Juventude da Nova Ordem, sob um nome diferente. Byron Swain me mostrou sua ficha.

— Byron — Heath resmunga. — Ele ainda está seguindo Wisty como um cachorrinho, esperando minhas migalhas? O Único dizia que aquele cachorro precisa de uma arma paralisante na virilha.

Arregalo os olhos e me lembro do rosto triste de Byron.

— É brincadeira, não tem por que você ficar mudo — ele diz, pegando o arquivo e folheando o conteúdo como quem não está nem aí. — Diga ao Senhor Swain que, caso ele não saiba, o Conselho deu anistia à toda Juventude da Nova Ordem ontem.

Ele abre o arquivo e dá de ombros enquanto as páginas saem voando e se espalham por tudo quanto é canto.

— Mas você já sabia disso, né? Você e Wisty participam do Conselho.

— O Conselho vota pelo bem da Cidade. Nós estamos falando do que é bom para a minha irmã.

— Bom, governante tão justo, você está sendo um pouco hipócrita, se quer saber.

Olho nos olhos dele.

— Não quero.

— Tudo bem. — Ele dá de ombros. — Acho que Wisty não perguntou para você o que achou de mim.

Heath sai andando, ainda com aquele sorrisinho no rosto, mas se vira de repente. Fico surpreso ao ver a expressão intensa dele, seus olhos quase queimando de tão brilhantes.

— Você não sabe nada sobre mim, porque não quer saber — ele diz e, pela primeira vez, me parece sincero, quase emotivo. — Nunca menti sobre a Brigada da Juventude. O Único — ele cospe, quase se engasgando com o nome — matou o meu pai. E, como praticamente todo o resto da Cidade, não tive escolha a não ser ficar a serviço dele.

Heath pega seu capacete azul brilhante do banco e tenta tirar uma mancha com a manga do uniforme.

— Talvez eu só queira recomeçar. — Ele suspira. — Espero que isso contribua para a sua investigação.

Ele dá uns cinco passos até que a culpa finalmente me atinge.

“Mandou bem, Whit!”

E aqui estou eu, pronto para decidir que esse cara é um mentiroso sem alma e que, no final das contas, ele não passa de outro jovem atingido pelo sistema que está tentando sobreviver.

— Ei! — eu chamo Heath.

Ele se vira com uma cara de acusação.

— Sabe, sinto muito pelo seu pai. Vou pensar no que você me disse, tá?

Heath dá de ombros e a máscara de cara folgado volta para o seu rosto.

— Essa conversinha de coração aberto significa que agora somos amigos e podemos até jogar bola juntos algum dia? Ah, eu mal posso esperar!

Capítulo 12

Whit

O céu está escurecendo com ameaça de chuva, mas a tempestade já começou dentro da minha cabeça.

As arquibancadas se esvaziaram há muito tempo, então o toque de uma mão no meu ombro me pega de surpresa.

— Tudo bem? — Janine pergunta, suas sobrancelhas juntas de preocupação.

— Tudo, claro. — Forço um sorriso. Sempre consegui me livrar da minha ansiedade no campo, mas com a derrota de hoje, o estresse do Conselho, as crianças desaparecidas, Heath, Wisty... tudo está se acumulando em minha mente. — Não precisava ter me esperado.

Janine dá de ombros como quem diz “É claro que eu ia esperar você”. Ela está com os braços descobertos cruzados sobre o peito e o cabelo molhado. Eu nem tinha percebido que estava chovendo.

— Você deve estar morrendo de frio. Tome, para você. — Estendo minha jaqueta para ela.

Janine inclina a cabeça para o lado.

— Você não precisa cuidar de mim, viu?

— Ah. Hum. — Fico meio sem jeito. — É que você estava tremendo e...

Janine sorri e coloca minha jaqueta sobre os ombros mesmo assim.

— Eu só quis dizer que todo mundo espera que você seja o herói o tempo todo, mas comigo você não precisa ser perfeito, tá? — Ela

me olha nos olhos. — Você pode ser você mesmo.

— Beleza! Então você não se importa em carregar isso aqui, ó...
— Levanto minha mochila.

Janine cai na risada e eu consigo relaxar um pouco.

— Quer comer alguma coisa comigo? — pergunto enquanto saímos juntos do campo. — Poderíamos ir àquele lugar novo e chique no centro, que tem aquela vista animal das montanhas.

— Whit Allgood, você está me chamando para sair? — Ela ergue uma sobrancelha.

Abro um sorriso tímido. Pode parecer ridículo, mas nunca chamei uma menina para sair. Célia era líder de torcida e eu era o capitão do time, então, começamos a ficar juntos porque todo mundo meio que esperava isso. Mas com Janine tenho que fazer por merecer.

— E se estiver?

— Bom, então não sei se quero — ela responde.

— Desde quando uma “filha da Revolução” não sabe se quer alguma coisa?

Janine abre um sorriso.

— Não sei se quero comida chique que parece vômito batido e tem gosto de ar. E se fôssemos comer um hambúrguer?

— Fechado.

Acabamos indo comer numa lanchonete bem simples, que antigamente tinha os melhores hambúrgueres e asinhas de frango com molho picante da Cidade.

— Parece que isso aqui não mudou nada! — Janine quase não acredita. É o único prédio ainda de pé depois dos bombardeios nesse quarteirão, mas aqui dentro é bem aconchegante, com os mesmos móveis vermelhos e gastos, e a mesma decoração berrante nas paredes.

— Na última vez que vim aqui, eu nem sabia que era bruxo — digo, relembro. — Eu nem sabia que a Resistência existia nem que você era a *responsável* por ela.

Nós nos entupimos de gostosuras fritas, nos lembrando dos velhos tempos na Resistência: das fugas das prisões, dos protestos, das mancadas do tipo você-tem-que-rir-agora-porque-saímos-vivos-daquela; se é que podemos chamar aquilo de “mancada”.

— Odeio dizer isso, mas esse molho de churrasco me faz lembrar daquela vez que os Perdidos nos lambuzaram de molho antes de nos colocar no espeto — Janine diz.

É, não foi fácil, não. Estávamos presos em outra dimensão, no labirinto da Terra das Sombras, e estávamos sendo perseguidos por almas atormentadas que sobrevivem às custas da carne dos vivos. Não foi um dos momentos mais legais, para falar a verdade.

— Ainda não sei por que eles queriam comer você. — Pego a mão dela. — Não tem muita carne aí! — Brinco, mas ao sentir o calor do toque dela, não posso deixar de pensar em quando quase a perdi. — Foi um dos piores dias da minha vida. — Confesso em voz baixa.

Janine me olha nos olhos.

— Foi naquele dia que eu soube...

— Soube o quê? — pergunto, apesar de me lembrar que foi naquele dia que ela me disse que me amava. Mas não consegui dizer o mesmo. Ainda não.

— Eu soube que nunca mais iria comer churrasco de novo — Janine responde com a voz solene e dá uma mordida gigante em seu hambúrguer encharcado de molho. Caio na risada, mas Janine faz que não com a cabeça e pega a minha mão.

— O que foi? — pergunto. Ela olha de relance para os nossos dedos entrelaçados.

— Nunca pensei que um dia estaria de mãos dadas com o astro do time. Só isso.

— É, quando estávamos na escola, meninas como você nem olhavam para os caras mais esportistas.

— Rá! — Janine ri. — Meninas como eu?

— Criativas, confiantes, independentes, inteligentes até não poder mais...

— Tudo verdade — ela diz de um jeito sarcástico. — Fui inteligente o bastante para ver que Whit Allgood era muito mais que uma montanha de músculos mesmo antes de ele ler poesia para mim.

Sorrio, me lembrando daquele primeiro momento intenso entre nós dois e como fiquei sem graça depois, quando Wisty contou para ela que eu não tinha escrito aquele poema.

Janine olha para baixo e suspira.

— Mas você estava sempre com a Célia. É como se você nem enxergasse outras meninas, especialmente eu.

— Mas agora eu enxergo você — digo, apertando a mão dela.

Janine olha para mim, estou muito feliz em me perder naquela imensidão de seus olhos verdes.

— Eu enxergo você também.

Capítulo 13

Whit

Caminho em meio à escuridão, onde árvores são feitas de ossos e sombras se arrastam sob meus pés. Quando ouço um gemido a distância, um terror familiar toma conta de mim e saio correndo. Mas o céu se enche de luz, o barulho para e o rosto dela está por toda parte. Seus olhos amendoados, sua boca tão doce, seus cachinhos — ela é a única coisa que vejo.

— Célia? — pergunto, piscando ao ver sua imagem etérea. Assim que ela morreu, pensar na Célia fazia meus olhos se encherem de lágrimas e sentia uma facada no coração. Agora, só sinto paz.

— Que bom ver você, Whit! — ela diz serena. — E Janine, como está? Sinto que vocês estão ficando mais próximos.

A acusação me faz tremer.

— Sinto muito, Cé — digo de uma vez. — Ainda sinto saudade de você todos os dias. Você *sabe* que eu queria que tudo tivesse sido diferente, queria ficar com você para sempre, mas...

— Mas você tem que viver — ela sussurra, e seu olhar fica distante. — Você tinha que ficar com alguém que é real e que estivesse *viva*.

Concordo com a cabeça. Agora Célia faz parte do *além*, e encaro o céu que não posso tocar. Quando tento me lembrar da risada musical dela e de seu perfume tão doce, encontro um vazio perturbador. É um lugar que as minhas lembranças não conseguem mais alcançar.

— E como você está, Whit? — ela pergunta com aquela voz distante, suas feições ficam meio borradas ao vento. — Diga que está feliz. Diga que tudo valeu a pena.

“Será que a morte dela valeu a pena pela destruição d’O Único?”

— Acho que valeu a pena... — respondo, hesitante. Mas eu nunca consegui enganar Célia, nem quando era melhor para nós dois.

— O que foi? — ela pergunta, e as nuvens trocam de lugar enquanto ela pressiona os lábios, preocupada.

— É que participar do governo é mais difícil do que imaginei — suspiro. — Lidar com leis e sequestros e a ameaça do Rei da Montanha. E Wisty parece estar se afastando de mim e...

— *O Rei da Montanha?* — Célia me interrompe. A luz que enche o céu treme como uma vela.

— Da Montanha na fronteira oeste...

— O Rei da Montanha está *vivo*? — o tom distante dela é substituído por surpresa.

— O Conselho acha que ele só quer negociar as antigas leis para o uso da água — digo, tentando permanecer calmo.

— Me escute, Whit! — Célia levanta a voz, e as árvores de ossos balançam ao meu redor. — Há almas aqui no além, almas de *crianças*, que se tornaram Perdidos porque não podiam descansar depois do que aconteceu com elas nas mãos do Rei da Montanha.

— Não estou entendendo — sussurro, sentindo um terror gelado invadir meu peito.

— O Rei da Montanha matou essas crianças, Whit. Ele dizimou cidades inteiras! — Célia grita, e sua voz troveja ao meu redor. A força do som me derruba no chão.

— Mas do que você está falando? — grito para o céu, mas o rosto dela agora vira só estática.

— Me prometa que vai ficar longe da Montanha. — Célia implora enquanto se transforma aos poucos em nuvens vermelhas, até que desaparece. As sombras começam a voltar enquanto a luz enfraquece, e fico cada vez mais em pânico. — Me prometa que vai tomar cuidado.

Acordo do sonho encharcado de suor, a voz dela ainda ecoa em minha mente. Mas é de madrugada e Célia já morreu. Não sei para quem contar isso, nem a quem temer, nem para onde ir. Eu nem sei se o encontro com ela foi real.

Estou sozinho no escuro de novo.

Capítulo 14

Whit

— Então... — olho para os rostos cansados ao redor da mesa da Vigilância, tentando mascarar a ansiedade na minha voz. — Quais são as últimas notícias? Alguém ouviu mais alguma coisa sobre o Povo das Montanhas?

Wisty olha para mim com uma cara esquisita, mas continuo.

— Algum contato perto da fronteira ou mudança nas negociações sobre o uso da água? E o Rei? Alguém sabe de alguma coisa?

— Opa, opa, opa, irmãozinho! — Wisty protesta. — Você está parecendo o nosso querido General Bloom e ainda não estamos na reunião do Conselho. Primeiro, café. Depois, negócios.

— Quem quer café? — Emmett oferece.

Enquanto ele distribui as canecas, ergo uma sobrancelha para minha irmã.

— Pensei que você odiasse café.

— E odeio. — Wisty toma todo o café num gole só. — E também odeio regras. E reuniões. E acordar cedo. Governar a Cidade é muito divertido. Mais uma dose, Emmett — ela diz, batendo na mesa.

— Opa, calma aí! — Byron resmunga, levantando a cabeça que estava repousada sobre a mesa, esfregando os olhos.

Tudo bem, não posso culpá-los. É obscenamente cedo — o sol nem nasceu ainda —, mas depois daquele sonho, fiquei acordado e a preocupação foi se transformando lentamente num medo congelante. De manhãzinha, mandei um alerta para a Resistência

se encontrar n'A Fita, para conversarmos antes da reunião do Conselho, que começa às oito da manhã.

Estou tão no limite que até o grafite na parede está aparentando perigo hoje; só consigo enxergar aqueles soldados pintados marchando na parede. Flagro Janine bem no meio de um bocejo e ela sorri, linda e pronta para qualquer coisa, como sempre. Por um momento, o calor que senti com ela ontem invade meus sentidos. Talvez o sonho só tenha sido um sonho idiota. Vai ficar tudo bem.

— Houve mais sequestros ontem à noite — Sasha informa na lata, do jeito dele mesmo, e no mesmo instante acaba com a linda ideia de que vai ficar tudo bem. Ficamos todos encarando o menino e ele faz que não com a cabeça, desanimado. — Não conseguimos chegar lá a tempo. É o que temos para hoje.

— Pensei que tivéssemos olhos e ouvidos pela Cidade inteira — digo, confuso.

Byron faz que sim com a cabeça.

— Usei todas as minhas conexões.

— E ninguém viu nada? — pergunto desesperado, a frustração começa a me dominar. — Não salvamos ninguém?

— Ei, estamos fazendo o possível, trabalhando sem parar — Sasha responde, na defensiva. — Fiquei acordado a noite inteira na patrulha.

— Nós precisamos de mais gente, Whit — Janine diz. — É difícil recrutar mais gente porque o pessoal que sobreviveu à Nova Ordem ainda está com medo. Não esqueça, não faz muito tempo que perdemos a maior parte da Resistência para o regime.

A voz de Célia invade os meus pensamentos. “Almas de crianças”, ela disse. “O Rei da Montanha matou as crianças.”

— E você tem certeza de que *nenhum* dos seus vigilantes nas ruas ouviu dizer algo sobre o Rei da Montanha? — repito, encarando Byron até ele ficar desesperado.

— Whit, pare com isso! — Wisty estala os dedos em frente ao meu rosto. — A situação já é ruim sem ver você agindo como um imbecil. E o que esse é lance com o Rei da Montanha? Você teve outras visões?

Janine ergue as sobrancelhas e eu hesito.

“Só minha namorada morta, que me fez prometer que eu iria tomar cuidado.”

Suspiro, me sinto um idiota ao ver os olhares chateados ao redor da mesa.

— Me desculpe, gente. Sei que todo mundo está dando o seu melhor. Por favor, me ignore.

— Eu sempre ignoro você. — Wisty resmunga.

— Não foram visões. Só alguns pesadelos.

Capítulo 15

Wisty

— Estou tão aliviado que você trouxe à tona a questão da segurança, Senhor Allgood — Matthias Bloom fala com sua voz de trovão ao microfone enquanto Whit volta para seu lugar no Conselho. Meu irmão acabou de apresentar suas preocupações sobre a ameaça do Rei da Montanha, mas não sei bem se entendo a obsessão dele por esse cara.

— Na real, o que está *rolando*? — sussurro para Whit, mas ele faz que não com a cabeça com cara feia e me faz sinal para ficar quieta enquanto Bloom continua.

— Proteger nossos cidadãos é nossa maior prioridade, como vocês verão no primeiro item da agenda de hoje — Bloom diz, e faz que sim com a cabeça para um homem queixudo no canto.

O homem lê a agenda:

— Sanções para praticantes de magia.

Whit vira com tudo para Bloom.

— *O quê?*

Antes mesmo de saber o que estou fazendo, já estou de pé.

— Que tipo de sanção? A Cidade é livre!

— Exatamente. — Bloom nos encara lá de cima da plataforma que ele acabou de instalar na sala. Ele está chamando esse negócio de Assento do Orador. — E ao requerermos que praticantes de magia registrem seus poderes junto ao Conselho, vamos garantir que a Cidade permaneça livre e segura para todos.

— Então... é só um registro? — Whit pergunta, com cautela.

Olho para ele como se meu irmão fosse maluco. Só um registro? É o primeiro sinal de um estado de polícia, está na cara.

Bloom se mexe em seu trono.

— Sim. E, além disso, como cortesia, teremos que pedir que nenhum ato de magia seja praticado no momento ou pelo menos até que nossa Cidade consiga se defender. O comportamento mágico é imprevisível demais. Perigoso demais.

Cerro os dentes. *Comportamento?* Parecia que ele estava falando com um monte de bebês que ainda está aprendendo a usar o penico! Com minha M ninguém mexe.

— E se nos recusarmos?

— E por que os praticantes de magia se recusariam a obedecer a essas sanções, a não ser que estejam planejando fazer algum mal? Caso isso aconteça, teremos que tomar algumas medidas para controlar a situação.

— Controlar? — Sinto uma careta tomar conta do meu rosto e nem preciso olhar para Whit para ver que ele está com aquela cara de “não apronta nada muito radical, por favor”. — Que tal *controlar* isso?

A raiva formiga pelo meu corpo e, enquanto uso minha M para lançar um feitiço, vejo a expressão de choque se espalhando pelos rostos dos membros do Conselho.

Olhe só o que eles viram: minha boca e depois o restante de mim se dissolvendo no ar enquanto eu desaparecia da minha poltrona. Para mim, parecia que milhões de agulhinhas picavam o meu corpo.

— E como exatamente você vai nos controlar? — minha voz ecoa pela sala. — À força? Como O Único fazia?

Eu reapareço nos assentos ao redor da sala por um breve momento, mas quando os olhos de Bloom se concentram em mim, sumo mais uma vez. Dá trabalho, mas faz valer a pena cada olhar desconfortável lançado pelos membros do Conselho.

Infelizmente, Bloom está ligadíssimo em tudo.

— O Único era realmente mau — Bloom concorda. —

Naturalmente, reconhecemos que nem *todos* os magos representam uma ameaça à sociedade, mas sem regulamentar esse poder, como saber que não acabaremos com outra pessoa utilizando seus poderes para dominar a sociedade, como O Único fez?

Um zum-zum toma conta da sala. Estou pronta para fazer as palavras de Bloom desaparecerem também.

Num instante, atingida pela minha mão invisível, a peruca de Bloom sai voando de sua cabeça para o chão e todo mundo cai na risada.

Isso não tem preço. Não acredito que esperei até agora para fazer isso.

Bloom finalmente perde a paciência e seu queixo treme com a sua voz de trovão.

— Senhorita Allgood! Estamos numa reunião oficial do Conselho, num local sagrado em nossa Cidade! *Poderia fazer o favor de voltar para o seu lugar?*

Não resisto a uma última retaliação. Em vez de voltar para o meu lugar, eu me materializo bem ao lado dele e abro um sorrisinho. Dessa vez, ele treme.

Com as últimas migalhas de magia que consigo produzir nesse momento, me sento ao lado do meu irmão. Dá para ver que Whit não está nem um pouco impressionado com o meu showzinho, mas ainda está na luta.

— Esses são os nossos direitos e o senhor não tem o direito de mudá-los, Senhor Bloom — ele diz. — O senhor não fala em nome de todos.

— Eu sou o Orador. É claro que falo em nome de nossos cidadãos — Bloom responde irritado enquanto alisa os fios de cabelo que sobraram na cabeça. — Cada um de nós é um membro

eleito do Conselho, e cada um de nós tem o mesmo direito de falar. — Ele parece uma cobra gorda prestes a dar o bote. — Bom, vamos votar? Alguém se opõe que os praticantes de magia revelem seus poderes para prejudicar o público em geral?

Com as palavras que Bloom usou, vejo confusão escrita em quase todos os rostos na sala. Mesmo assim, o pessoal começa a levantar a mão, um por um. A maioria dos jovens foi eleita para o Conselho por causa de sua coragem, mas eles ainda aparentam estar aterrorizados.

— Vamos lá! — Whit diz baixinho. — Vamos lá, por favor.

O revolucionário da Sarjeta levanta a mão e a jornalista dos subúrbios dá o seu voto. Seguro a respiração enquanto espero, torcendo, torcendo...

Mas ao olhar ao nosso redor, vejo que o restante das mãos não se manifesta. A votação acaba e nossos votos não são suficientes. Só oito votos de um total de trinta e quatro.

— Todos em favor das sanções propostas para assegurar a segurança dos cidadãos da Cidade? — Bloom pergunta num tom animado.

A velocidade na qual o restante das mãos se levanta quase me deixa sem ar. Aperto o braço de Whit com força e fico com tontura e enjoada.

Estamos cercados por um muro de mãos e cada uma delas está pronta para se fechar ao redor dos nossos pescoços.

Capítulo 16

Whit

— E o que diz *O Livro das Verdades*? — minha voz ecoa pela sala. — Acredito que *O Livro* não permita essas sanções.

Bloom desvia o olhar de sua agenda, surpreso.

— E o que o leva a pensar uma coisa dessas, Senhor Allgood?

Caminho até o meio da sala, o som de meus passos ecoa sobre o chão de mármore. Olho ao redor para atrair os olhares dos membros do Conselho, conquistar sua confiança e lembrá-los da razão de estarmos todos aqui. *Para servir ao bem da comunidade. Para lutar pelo livre-arbítrio.*

— Como cidadãos livres, todos temos o direito de ver o que Bloom, também um membro do Conselho, vê no *Livro das Verdades*. Proponho que imprimamos cópias do livro e as distribuamos para todos os cidadãos imediatamente.

Algumas pessoas ficam de queixo caído, outras cochicham pela sala perante a sugestão. Os olhos de Bloom parecem frios como pedra lá de seu “trono”.

— E eu proponho que revisemos essa proposta com mais cuidado. Próximo item da agenda?

Ouçó Wisty respirar fundo. *O Livro* deveria ser de propriedade de todo o Conselho.

— Precisamos revisar o quê? — ela grita, prestes a perder a paciência.

Bloom faz um gesto com a mão como quem considera a resposta óbvia.

— Seria irresponsável reimprimir o livro sem pensar a fundo sobre a questão. *O Livro das Verdades* poderia ser perigoso nas mãos erradas.

Bingo! Wisty e eu nos entreolhamos. As mãos de Bloom estão começando a parecer bem menos limpas.

— Estamos quase entrando em guerra e a comunidade precisa mais do que nunca dessas informações — esclareço.

— Concordo — Bloom responde. — A comunidade precisa ser protegida e também precisa de alguém para interpretar as mensagens que *O Livro das Verdades* oferece.

O bate-boca não para, como se uma partida de esgrima estivesse rolando ali. Os outros trinta e um membros do Conselho ficam só assistindo e suas cabeças vão para lá e para cá, como num jogo de tênis, enquanto cada um de nós tenta ganhar terreno na discussão.

Minha cabeça começa a latejar com todo esse esforço, e sei que Bloom consegue discutir, argumentar e tentar convencer Wisty e eu o dia todo. Tudo depende desse debate, mas é só uma questão de tempo até não conseguirmos argumentar mais nada.

Há uma única arma letal em nosso arsenal. Wisty suspira e finalmente diz o que todo mundo estava pensando.

— Olhe só. Eu matei O Único Que É O Único. Meu irmão e eu salvamos esta Cidade quando ninguém mais foi capaz, e merecemos um pouco de respeito. Exigimos ver *O Livro das Verdades*, pois ele previu os nossos poderes!

Ela usou a nossa última carta.

Os outros membros do Conselho fazem que sim com a cabeça, concordando. Mas ainda estão olhando para Bloom: O Orador; Bloom: O Intérprete; Bloom: o Guardião d'*O Livro das Verdades*, para ver o que ele vai dizer.

O general manda um “rã-rã” quase gutural.

— Temo que isso não será possível. — Bloom faz que não com a cabeça grisalha, com uma expressão triste. — Apesar de suas conquistas, como praticantes de magia vocês estão sujeitos às sanções que acabaram de ser aprovadas. Nenhum bruxo pode ver as escrituras sagradas ou as transformará em feitiços para aumentar seu poder.

— E com qual autoridade você nos nega nosso direito mais básico? — grito.

— Com a autoridade deste Conselho, eleito pelo povo — Bloom responde com toda a calma do mundo. — A não ser que *O Livro* decrete algo, o poder do Conselho prevalecerá.

Bloom toca um sino gigante e seu som ecoa pela sala de pé direito alto, como um gemido de frustração. E então ele se permite um sorriso raro e autocomplacente ao dizer:

— Esta reunião está suspensa.

Capítulo 17

Wisty

— Wisty? — Whit olha para mim preocupado.

Começo a esquentar. Minha cor está mudando de tanta raiva, minhas orelhas e bochechas já estão vermelhas. Depois de tudo pelo que lutamos, nossos direitos de cidadãos livres serão revogados em dez minutos por um cara que sabe discursar numa sala cheia de covardes.

E eles estão nos *ignorando*. Reunindo a papelada e abrindo as portas. Estão indo embora. Sinto um vapor fervendo na minha cabeça e lava fluindo pelas minhas veias. Coloco um dos meus tênis cheios de lama em cima de uma cadeira e subo nela.

— Wisty — Whit diz. — Acho que não é uma boa ideia...

— Esperem aí! — grito para os membros do Conselho que já estão se dispersando, bem na hora em que meu cabelo começa a pegar fogo.

Todos os membros do Conselho congelam no momento em que avistam a menina em chamas bem no meio da sala. Alguns caras de terno, que estão mais perto de mim, começam a se afastar enquanto gotas de suor se acumulam em suas testas. Consigo até chamuscar as sobrancelhas de Bloom. Dou uma risadinha de satisfação... até ele apontar um dedo comprido e ossudo em minha direção.

— Caros membros do Conselho, a Senhorita Allgood deseja que consideremos a situação dos praticantes de magia — ele diz num tom irônico. — Mas essa é a face da magia... perigosa e fora de controle. É uma ameaça verdadeira para o cidadão comum.

— Estou perfeitamente sob controle. — Faço uma careta para ele e deixo minha chama se apagar.

Whit está fazendo que não com a cabeça para mim, seu maxilar está tenso, e me dou conta de que é tarde demais.

Os olhos insensíveis de Bloom percorrem a sala, encaram todos, um por um.

— Lembrem-se d'O Único, meus amigos. Lembrem-se de como praticantes de magia sem restrições permanecem no poder: por meio de truques, da intimidação e do medo!

Não acredito que ele está me comparando com O Único assim, na lata.

— Sério mesmo! Vocês estão escutando esse maluco? — pergunto para todos.

Vejo poucos simpatizantes meus e uma quantidade até menor de amigos presentes. Ninguém se mexe, ninguém fala nada e nem os jovens do Conselho me olham nos olhos.

— Beleza... — resmungo, e sinto as lágrimas encherem meus olhos. Pulo da cadeira e pego as minhas coisas rápido e de qualquer jeito, meus dedos tremem de mágoa e de raiva. A boca de Bloom se transforma numa linha tensa, fina e arrogante.

Whit tenta colocar a mão sobre o meu ombro, mas a afasto, furiosa por ele não ter me apoiado.

— Preconceito é preconceito! — grito enquanto saio da sala batendo a porta. — Você pode maquiar a situação do jeito que quiser, mas continua sendo preconceito.

Como fui acreditar no Bloom e nos outros membros do Conselho?

Quero mais é que vá todo mundo para a Terra das Sombras!

Capítulo 18

Wisty

Abro as portas da Prefeitura com tudo, cega de ódio. Os papéis que carrego saem voando enquanto tento enfiar tudo na minha bolsa. Desço os degraus de dois em dois para sair logo desse lugar corrupto, cheio de mentirosos e vermes bons de lábia.

Mas acho que não consigo sair de lá rápido o bastante porque adivinha quem vejo esperando por mim, encostado num pilar, com uma aparente tranquilidade, como sempre?

É isso aí: o Demônio, em carne e osso.

Ah, mas que maravilha! Eu devo estar muito atraente com o rosto vermelho de raiva e os olhos inchados de tanto chorar. Meu cabelo ainda deve estar fumegando.

Passo desviando de Heath, rezando para ele não me ver, mas pelo jeito a sorte não está ao meu lado esta semana.

— Wisty! Espere!

— Agora, não! — grito, mas o ouço correndo atrás de mim.

Está perigando ele ficar pior que Byron. Pelo menos eu posso transformar Byron em roedor para ele calar a boca, já Heath... bom, eu não conseguiria fazer *isso* com ele.

— Você deixou isso cair. — Ele estende um dos papéis que larguei no caminho, com um desenho do Bloom sendo esmagado por um livro. — Legal! — Ele dá uma risadinha.

Arranco o papel da mão dele.

— Olhe aqui! — perco a paciência. — Já vou avisando que não estou a fim de joguinho agora, tá? Já queimei uma pessoa hoje e

estou *prestes* a tacar fogo em tudo que passar pela minha frente. Então, me deixe em paz, tá?

— Será que temperamentos *inflamados* provocaram *faíscas* no debate com o nosso querido Orador?

Também não estou a fim de joguinhos com palavras. Saio da praça pisando duro e Heath continua atrás de mim, pelo jeito não está nem aí com a minha ameaça. Na verdade, ele não parou de sorrir e não sei se estou a fim de acabar com ele — ou de beijá-lo. Porque eu sei que ele está tentando fazer eu rir.

— Não precisa ficar tão *esquentadinha*, Wisty — ele diz, brincalhão. — Não precisa ficar de *cabeça quente*.

Arregalo os olhos para ele. Acho que a *primeira* opção está ganhando: acabar com ele!

— Você fica tão *caliente* quando está brava. Estou falando sério: você está *ardente*. *Fogosa*.

Faço que não com a cabeça, e sinto uma risada se formar em minha garganta apesar de todo a raiva.

— Suas piadinhas são péssimas.

— Mas são certeiras! — ele responde. — Você não pode argumentar nada do que eu acabei de dizer, não é verdade? — Ele ergue uma sobrancelha e eu reviro os olhos, mas não consigo resistir a abrir um sorriso.

— Viu só? Você está sorrindo. — Ele fica muito satisfeito consigo mesmo.

— *Eu* já estou enjoando disso aqui. E você, hein? — Ando mais rápido ainda, não quero dar espaço para ele. Ainda não.

— Acho que não temos a mesma opinião — Heath responde, na lata. — Mas isso é bom, né?

Eu me viro para olhar para ele, abrindo os braços.

— O que você quer de mim? — Agora estamos no meio da praça, que em minha opinião é um lugar tão bom quanto qualquer outro para acabar com essa charada. — Falando sério, o que você *quer*? — grito.

Heath inclina a cabeça para o lado, estudando o meu rosto.

— Por que você acha que eu quero alguma coisa? — ele pergunta.

Aperto os lábios, pensando em Bloom e no *Livro*, n'O Único e em seu poder, e naquele cara da banda por quem eu tive uma paixão e que me entregou para a Nova Ordem. Quase caio no choro, mas já chorei o bastante hoje. Assim, prefiro sorrir e dou de ombros, sem esperanças.

— Porque todo mundo quer alguma coisa de mim.

— Eu só gosto de ficar perto de você — Heath diz com simplicidade, e os olhos dele brilham tanto naquele momento que quase acredito nele. — Tem algum mal nisso?

Tem? Fico estudando o menino, esse cara que adora ficar perto de mim. Ele sabe o que dizer e como me olhar. Aquela covinha ao lado da boca dele me deixa louca, e da pior maneira possível... mas da melhor maneira possível também. Ele não vai desistir.

Talvez eu esteja *mesmo* ficando enjoada dessa situação, mas será que é porque eu não vejo a hora de seguir em frente com essa história? Para o próximo nível dessa... *coisa* que está rolando entre nós dois?

— Tá bom... A Resistência vai dar uma festa hoje à noite. Seria legal se você fosse — digo como se não estivesse interessada, mas fico vermelha. Mudo a mochila de ombro, meio desajeitada.

— Perfeito. — Heath abre aquele sorriso tão branco que cega, cheio de dentes perfeitos, mais confiante do que nunca. Ele se inclina para a frente, eu seguro a respiração. — Você está preparada para dançar? — ele sussurra.

Mordo o lábio, sentindo a faísca. “Controle-se Wisty. Ele é só um menino.”

— Pode ser que eu dance. — Não consigo resistir e dou uma risadinha recatada enquanto passo por ele e digo por sobre o ombro: — E quem sabe se vai ser com você?

Capítulo 19

Wisty

Meu irmão está andando de lá para cá na sala, gesticulando como um maluco para os meus pais. Nunca vi Whit agitado desse jeito, mas ultimamente ele está assim.

— Vocês tinham que ter visto o sangue nos olhos deles enquanto nos crucificavam lá no Conselho, dispostos a fazer qualquer coisa que Bloom mandasse.

Minha mãe e meu pai concordam com a cabeça para Whit lá do sofá, ouvindo com atenção enquanto tomam seu chá, mas sem dar um pio.

— O Conselho estabeleceu que a *magia está proibida* — explico.
— Vocês não acham que isso é sério? Não deveríamos fazer alguma coisa?

Meus pais se entreolham por um tempo, mas não parecem lá muito *alarmados*.

— Vocês dois sabiam disso? — Whit pergunta e cruza os braços. Ele parece aquele menininho sensível de antigamente, e não o atleta fortão com altos poderes mágicos que se tornou.

— Nós *suspeitávamos*... — minha mãe começa.

Meu pai fica de pé e coloca a mão no ombro de Whit.

— Mas não podíamos confirmar os boatos, ou teríamos contado para vocês.

— Mas como? — meu irmão pergunta, desorientado. — Temos espiões da Resistência pela Cidade inteira e ninguém ouviu um “a” sobre isso. Como vocês sabiam?

— Bom... — Minha mãe parece meio desconfortável. — Desde que a Nova Ordem começou a se desenvolver, nós nos encontramos com uma rede secreta de magos para compartilhar informações.

— Desde *antes* de O Único aparecer? — pergunto, chocada. — Ah, mas essa informação teria sido muito útil todas as vezes em que *quase morremos*.

— O grupo se dispersou quando O Único chegou ao poder — ela responde. — A Senhora Highsmith era a única bruxa que podia operar em segurança.

— Você não acha que meus serviços tiveram utilidade, Wisteria? — ouço a Sra. Highsmith cantarolar quando ela aparece de repente na lareira, numa nuvem de cinzas.

— Sempre. — Sorrio para ela. Adoro essa bruxinha descolada e meio maluca por seu poder incrível, pelo fato de ela ter salvado nossas vidas um monte de vezes e nossa compartilhada piromania! A Sra. Highsmith limpa as cinzas da roupa — excêntrica como sempre, incluindo um chapéu decorado com penas e metros de feltro fúcsia — e se senta com tudo na poltrona ao meu lado.

— Começamos a nos reunir de novo recentemente, por causa das suspeitas na comunidade mágica a respeito de Bloom — meu pai continua. — O histórico desse homem é meio reacionário...

— Ah! — A Sra. Highsmith acena seu lenço cheio de cinzas para o meu pai. — Para que mascarar a situação? Vamos botar os pingos nos “is”, Benjamin. Ele é um político, adora dinheiro, é um oficial Reto e Estreito, e não tem a menor apreciação pelas artes. O Único chegou ao poder por causa de pessoas como Matthias Bloom.

Whit passa a mão nos cabelos, frustrado.

— E ele tem *O Livro das Verdades*, por isso todo mundo escuta o que ele diz. Mas o que podemos fazer para mudar a situação?

— A solução é simples — a Sra. Highsmith resmunga. — Fazer o que O Único fez.

— O quê? — pergunto. — Assustar as pessoas até ficarem submissas? É exatamente isso que Bloom está fazendo.

— Não quis dizer que vocês tenham que assustar alguém, querida. Mas *enfeitiçá-las*.

Desvio o olhar da Sra. H. para meus pais e então para Whit, concordando com a cabeça. Ela tem razão. O Único era um ditador, mas as pessoas o levaram ao poder.

— Mas não queremos poder. Governar é um saco. A pior coisa do mundo.

— Pior que ir à escola? — meu pai pergunta e ri quando concordo. Não faz muito tempo que eu era só uma menina que fazia o possível para matar aula. Acho que certas coisas não mudam nunca.

— Então não busquem o poder — minha mãe diz. — Mas se vocês querem ajudar a Cidade, encontrem uma maneira de fazer as pessoas escutarem o que têm a dizer. Achem uma maneira de conquistá-las de novo.

— Vocês já podem contar conosco — meu pai continua, abraçando Whit e eu.

— E nós contamos *por muitos* — diz a Sra. Highsmith com uma piscadinha.

— Amamos vocês — respondo, agradecida pela milionésima vez por termos conseguido trazer meus pais de volta da Terra das Sombras. — Mas precisamos ir. Preciso me arrumar para sair.

Whit fica de queixo caído.

— Não acredito que você vai à festa quando tudo ao nosso redor está desmoronando.

— Tipo quando você foi jogar bobobol um dia depois dos sequestros? — contra-ataco. — Precisamos extravasar e não

vamos resolver todos esses problemas hoje à noite.

— Concordo em número e grau com Wisteria — A Sra. Highsmith entra na conversa. — E como está aquele menino, Heath, querida? — ela pergunta na lata, como se soubesse exatamente como meu coração quase sai pela boca quando alguém menciona o nome dele. — Você ainda não falou nada sobre ele. Por quê?

— Eu... — Fico vermelha como um tomate e começo a morder meus lábios como se fossem dois bifés; não consigo dar uma resposta direta. Acho que essa resposta nem eu mesma sei.

Capítulo 20

Wisty

Não deveria ser tão estranha, né? É só uma festa. Com amigos. E amigos de amigos. Todo mundo se conhece aqui...

Mas ninguém conhece Heath e está todo mundo encarando o menino.

— Vamos, hum, lá para o canto para conversarmos melhor.

Mas não conversamos. Agora que finalmente admiti que de repente gosto *mesmo* dele, não sei de onde tirar assunto.

— Sapato bonito — ele diz, apontando com o queixo para meus sapatos de salto prateados e brilhantes.

— Valeu! — sorrio. Mas eles esfolaram tanto os meus calcanhares no caminho para a festa que tenho que ficar descalça. Enquanto tiro os sapatos, Heath me olha com uma cara de quem está se divertindo, mas se segura para não fazer um comentário engraçadinho.

— Balada legal, né? — digo, e ele concorda com a cabeça.

Olhamos para a cabine do DJ e para a bola espelhada vermelha presa ao teto. Ficamos encarando um tempão as lajotas do piso e o chiclete grudado nas paredes... olhamos para tudo quanto é lugar, menos um para o outro.

Que. Vergonha.

Estou prestes a desistir e ir para casa, quando Heath olha para mim com aquele fogo nos olhos tão familiar e aquela eletricidade que eu estava esperando a noite inteira.

— Olhe — ele diz. — Estamos tornando tudo muito difícil. Vamos dançar.

Horas antes, eu até pensei em dar uma de difícil, mas eu sei que dançar é exatamente do que eu preciso.

Começo a me balançar para frente e para trás, no ritmo da música, relaxando com uma reboladinha ocasional. Os mesmos movimentos, sem parar, igualzinho a todo mundo na pista.

Mas Heath está fazendo muito mais que o restante da galera. Como aquele Demônio detonando no campo, parece que tudo que ele faz tem que ser mil vezes mais... elétrico. Poderoso. Talvez até... perfeito.

Enquanto as outras pessoas vão para lá e para cá como ondas do mar, os movimentos dele são fluidos, quase líquidos. Seu corpo inteiro parece se contorcer, mas ele não fica parecendo um idiota. Ele mistura estilos, às vezes é mais calmo e outras vezes acelera ao som das picapes. É como se ele conseguisse saber que música vai tocar antes de ela começar, e seu corpo responde na hora.

Até fico inspirada ao vê-lo dançando e então me permito levantar os braços e girá-los. E então minha cabeça e meus quadris entram nesse giro também. Estamos dançando sozinhos, do nosso jeito, e nossos olhos não param de se encontrar, alimentando a faísca entre nós.

Balanço a cabeça como um metaleiro e uma mecha dá uma chicotada no rosto de Heath. Ele cai na risada. Eu também. Os braços dele envolvem minha cintura e Heath me puxa para perto dele.

Mas bem na hora em que a música acaba, nos separamos bruscamente.

As bochechas de Heath estão rosadas de tanto dançar e, por algum motivo, até o suor dele faz meu coração bater mais forte.

— Você dança muito — digo, sem ar, enquanto alguém se atrapalha para tocar a próxima música.

— Você também.

Faço que não com a cabeça.

— Não, não como você. E no bobobol também. Ninguém tem um reflexo tão bom quanto o meu irmão. Mas parece até que você tem algum poder mágico.

— Talvez eu também seja um bruxo — Heath sussurra, e sinto a respiração dele quente no meu pescoço.

Eu me afasto, surpresa. Vejo pela expressão dele que não tem “talvez” coisa nenhuma. Ele está falando sério.

— Você não é registrado — respondo, confusa. Pensei que conhecesse todos os bruxos da Cidade.

— Se você pudesse voltar no tempo e manter seus poderes em segredo, não voltaria?

Faço que não com a cabeça instintivamente, e então me lembro das sanções que Bloom está impondo para os bruxos. Entendo o ponto de vista de Heath. Esse tipo de informação é perigoso hoje em dia. E ele está contando tudo para mim.

Estou mais intrigada com esse menino misterioso do que nunca.

— Olhe só, você quer dançar *de verdade*? — ele pergunta, a sobancelha erguida com jeito de menino levado, e eu sei o que ele quer dizer.

Whit e eu já juntamos os nossos poderes com os de outras pessoas algumas vezes, quando foi preciso. Whit me salvou da morte com a ajuda de uma menininha chamada Pearl, e até Byron e eu tivemos nosso momentinho especial.

Mas Whit e eu nunca juntamos nossos poderes com outros magos.

Olho para a mão estendida de Heath, e depois para aqueles olhos azuis tão límpidos e sem um pinga de medo. Mesmo sendo uma das bruxas mais poderosas do nosso mundo, estou bem intimidada.

— Não siga os meus passos, só siga a música — ele diz. — Sinta a música *dentro* de você.

Chega de me segurar. Chegou a hora de sentir tudo isso. Lá no fundo.

Pego a mão dele e deixo a música tomar conta de mim. Eu me rendo à batida, ao ritmo, à pulsação.

Deixo que ela chegue chacoalhando meus ossos, depois meus músculos. Porém, mais que isso, também permito que o *poder* de Heath tome conta do meu corpo.

O poder dele faz eu me sentir livre e leve. E faz eu sentir que sou capaz de qualquer coisa, de tudo. Esse poder é mais quente que o fogo, leva para alturas maiores que asas morfadas e é mais forte que o controle da mente. Ele me *eletrifica*.

Mais uma vez os braços de Heath estão ao redor da minha cintura e nos atraímos como se estivesse rolando uma força magnética entre nós. Em pouco tempo, é como se nossos movimentos separados comessem a morfar e se transformar num único animal, balançando e pulsando.

A multidão nos dá espaço e abre uma rodinha para nos ver dançar, mas, para nós, todo mundo parece desaparecer: agora somos apenas *ele e eu*. Começamos a girar: meus ombros tremem, meus quadris não param, e então paramos como que por mágica, no mesmo instante. E, nesse instante, não importa quem somos nem o que queremos.

A única coisa que importa é a música.

Depois de anos vivendo sob a Nova Ordem, tocando acordes abafados no violão e tentando manter meus movimentos medidos e insuspeitos, é exatamente disso que eu precisava. O tempo passa e nem sei há quanto tempo estamos dançando porque a vibração da nossa energia faz eu ter a impressão de que sempre dançamos ou de que começamos um minuto atrás, tudo ao mesmo tempo.

Só sei que não quero que isso acabe nunca.

Capítulo 21

Wisty

— Você não é bem-vindo aqui.

É o Byron. Não dá nem para acreditar. Eu deveria ter deixado ele transformado em fuinha.

Heath continua dançando. Ele não fala nada e nem dá sinal de que ouviu o que Byron disse. E por que daria? Que coisa ridícula!

— Byron... — começo, mas ainda bem que ele já saiu fora.

Ou não. Ele arranca o fio do amplificador da tomada e a música morre. O pessoal começa a reclamar, mas Byron ignora todo mundo e fica em frente a Heath, com os braços cruzados sobre o peito.

— Você está nervoso. Eu entendo — Heath diz como quem está se divertindo. — Mas eu não sou o problema aqui. Wisty sabe o que quer... — Estou vendo no que isso vai dar. Começo a abrir a boca para protestar, mas ele é rápido demais. —... e ela não escolheu você, amigão.

Byron dá um empurrão em Heath.

— Não sou seu amigo — ele diz, cuspiendo.

— Opa! — Fico de queixo caído. — Byron!

Heath dá um passo para trás, ainda sorrindo, mas pela inclinação da cabeça dele, acho que não vai dar mais uma chance para Byron. E depois do que eu vi no jogo de bobobol, Byron teria que ser suicida para tentar enfrentar Heath.

Mas é claro que ele tenta empurrá-lo de novo.

— Eu já disse que chega! — berro e fico entre os dois. Lanço uma faísca de aviso e as luzes piscam. Todo mundo na balada fica nos

encarando. — Nos deixem em paz, tá? — digo, baixando o tom de voz.

— Como você pode ficar com ele, Wisty? — Byron tenta argumentar com uma voz de súplica, e fico me sentindo a pior pessoa do planeta. — Depois de tudo pelo que passamos, fizemos até magia juntos.

“Mas não teve nada sequer parecido com o que acontece entre Heath e eu.”

— Byron — digo com todo o cuidado, tocando no braço dele. O calor já saiu dos meus dedos. — Nós nunca... eu...

— Como é que você pode *tocar* num cara da Juventude da Nova Ordem como Heath? — Ele se livra da minha mão, com cara de nojo.

Olho para ele, chocada. Ele está falando sério? Metade dos moradores da nossa Cidade é ex-N.O. *Incluindo Byron.*

Heath ergue uma sobrancelha.

— Acho melhor você sair de campo enquanto ainda está perdendo, *amigão*. — A voz dele é macia como seda, mas noto um pingo de nervosismo.

O cabelo de Byron está caindo sobre os olhos. Seu rosto está vermelho de fúria e sua boca, apertada para não deixar sair mais nenhum xingamento. Ele sabe que perdeu.

Byron olha para mim uma última vez, desanimado, e sai se arrastando.

— O que você fez com Byron? — Whit me acusa, ele está atrás de mim.

Eu me viro e a raiva retorna. Isso aqui está ficando cada vez melhor. Será que *todo mundo* está contra mim hoje?

A galerinha ao redor começa a cochichar, o que me deixa ainda mais furiosa. Sim, vamos ter a famosa lavagem de roupa suja de bruxa e bruxo na festa que *deveria ser* a melhor balada da nova era.

Arrasto o meu irmão para um canto escuro, para ter mais privacidade.

— Eu não fiz *nada* para o Byron! — digo, irritada. — Nem o Heath.

Whit enrugando a testa.

— Que estranho! Nunca vi Byron partir para a briga antes. Por que ele faria uma coisa dessas? O que você acha? — Ele cruza os braços e olha para Heath, que está ao meu lado.

— Ele está agindo como uma criança ciumenta — digo. — Obviamente.

Whit se senta num banquinho de bar e fica me encarando.

— Ou talvez ele esteja realmente preocupado com as decisões que você anda tomando e em como elas vão afetar o seu futuro?

Estreito os olhos. Whit está falando comigo como se fosse Bloom, todo racional e paternalista. Não gosto nada disso.

— Por que você não pergunta para o Byron? — Heath olha de um jeito frio para Whit.

Ignorando o menino, Whit continua com seu discursinho controlador de irmão mais velho.

— Wisty, você confia mesmo nesse cara?

“Isso aqui é pura rivalidade entre times. *Só porque Whit perdeu uma porcária de jogo...*”

— Porque eu não confio nele, viu? — Whit continua, sem me dar tempo para responder. — E se você saísse dessa sua bolha por um segundo e escutasse as pessoas que se importam com você...

— Posso tomar conta da minha vida! — explodo com ele.

— Espero que sim. — Whit faz que sim com a cabeça, mas está todo desconfiado ao mesmo tempo. A única coisa que posso fazer é tentar controlar minha fúria e meu fogo. Ele sai andando em direção à porta. — Espero mesmo, de verdade.

Capítulo 22

Wisty

Whit vai embora da balada e bate a porta com tudo por trás dele. É como se a magia tivesse sido sugada dessa noite como num vácuo.

A música toca de novo e a festa continua, mas o pessoal da Resistência está me olhando cheio de curiosidade do outro lado do salão. Embora eu saiba o que estão pensando, não posso fazer nada a respeito de como Byron está se sentindo. Também não posso controlar como *eu* estou me sentindo.

Vejo Heath dançando e suspiro. Estou sentindo *um monte de coisas*.

Quero continuar dançando com ele, sentir aquela descarga de eletricidade na ligação que temos mais uma vez, mas não consigo entrar no ritmo de novo e a música acaba não passando de estática ensurdecedora.

— Acho que vou embora! — grito em meio ao som.

— Pelo menos posso levar você em casa?

Pegamos um atalho para ir para o meu apartamento. Passamos pelos becos em zigue-zague, que antigamente eram a Sarjeta. É muita emoção estar ali sozinha com ele, ouvir apenas os nossos passos sobre os paralelepípedos e sentir a atração entre nós ficar cada vez mais forte desde que usamos nossos poderes juntos.

Mas não consigo me entregar nem tirar da cabeça aquela cena horrível com Whit e Byron.

— Acho que você precisa se animar um pouquinho. — Heath abre a palma da mão e uma flor aparece ali, do nada. — Um presente da

minha terra natal.

Parece a flor que ele tinha me dado antes, com o miolo laranja bem brilhante e pétalas prateadas, como se fosse feita de papel. Engulo em seco, me lembrando da onda de emoções que senti quando ele me deu aquela flor.

— É bonita, né? Parece delicada e inofensiva, mas se você se aproximar demais... — Ele toca o miolo da flor e, como num flash, as pétalas se fecham de repente, ramos de urtiga saem com tudo do cabinho e entram na pele dele. Heath dá uma tremida e solta a flor.

— Você não precisava ter me mostrado tudo — digo, sorrindo. — Está doendo?

Ele dá de ombros, sugando o dedo.

— Acho que eu gosto quando queima assim.

— Eu também — sussurro.

Nossos olhos se encontram com uma intensidade incrível sob a luz da rua, e ele me puxa para perto dele e me envolve num beijo forte que me pega totalmente de surpresa.

É o beijo mais quente que já dei. Parece que meu rosto e meu peito vão explodir com o meu fogo, mas não estou nem aí. Quando ele de repente dá um passo para trás, estou sem ar.

Mas dessa vez não peguei fogo de verdade. Foi tudo paixão. *Paixão* pura, simples e verdadeira.

— Me desculpe — Heath diz rapidamente e se afasta um pouco. — Eu, hum... não queria... é... — A confiança dele parece estar meio abalada pela primeira vez desde que o conheci. Não consigo entender.

— Você não queria me beijar?

Heath se apoia contra a parede do beco e enfia as mãos nos bolsos.

— Prometi a mim mesmo que jamais faria isso a não ser que você me pedisse. — Ele suspira.

Ele esperou até eu escolher o momento. Ele esperou nos degraus da minha casa e perto das arquibancadas e do lado de fora do Conselho. Ele esperou até eu me sentir pronta.

Byron e Whit estão muito errados a respeito dele. Estão errados sobre tudo.

— Bom, não precisa pedir desculpa. Eu gostei. — Minha voz sai rouca, cheia de esperança e de desejo e de tudo que culminou nesse momento. E eu me jogo. — Por favor, me beije de novo.

Capítulo 23

Whit

— Acho que vou vomitar. — Byron resmunga quando Wisty fecha a porta.

Conheço bem essa sensação. Ficar escondido na varanda e ver minha irmã mais nova se pegando com um cara estranho num beco escuro não é exatamente minha melhor opção de passatempo também. Heath assobia e vai embora a passos largos, se achando, e cerro os dentes.

Por que deixei Byron me convencer a seguir os dois?

Olho para ele com arrependimento e noto que Byron está arrancando uma tábuia podre dos degraus da varanda.

— O que você está fazendo, Swain?

Byron bate a tábuia na palma da mão algumas vezes, como se estivesse testando seu peso.

— Vamos pegar esse cara — ele diz, indo cheio de confiança pela rua atrás de Heath.

Agarro Byron pela parte de trás da gola da camisa.

— Você ficou *maluco*? — pergunto com a voz mais baixa possível. — Primeiro, você empurra Heath na balada; agora, quer pular em cima dele no beco? Wisty tem razão: você perdeu a noção. O que aconteceu com Byron Swain, o covarde que eu conhecia?

— Eu nunca fui covarde — ele diz, irritado, tentando se soltar. — Só sensível.

— E cadê o seu bom-senso? Heath vai acabar com você. Você viu o cara em campo, por acaso?

— E você viu o cara *agora há pouco*? — Byron me desafia, mas não consegue tirar aquele tom de menino reclamão da voz.

— Foi só um beijo, Byron. Olhe, eu também não gosto do cara, mas a escolha é da Wisty.

— Ele precisa saber que se magoá-la... — Byron faz que não com a cabeça e vai para a rua de novo. Sob a luz do poste, vejo a determinação no rosto dele. Se eu não for com Byron, é capaz de ele sair dessa morto.

— Solte essa tábua — suspiro, sabendo que é uma má ideia. — Nós só vamos *conversar* com ele, e pode deixar que eu falo.

Quando conseguimos alcançar Heath, vemos que alguém chegou primeiro.

Vemos o cara ao dobrar a esquina. Ele está apoiado num carro, e uma figura misteriosa e enorme está bem perto dele. Congelo e puxo Byron de volta para trás do prédio antes que eles nos vejam. Ficamos grudados na parede, nos esforçando para conseguir entender os cochichos.

Ouçó primeiro a voz de Heath. Seu tom de cara folgado demonstra um toque de desespero.

— Está tudo certo. Se eu conseguir convencer a bruxa...

— Meu mestre está ficando impaciente — a silhueta responde ríspidamente, com um sotaque que não consigo reconhecer. — Chegou a hora. Ele quer a menina fora do caminho.

Byron se vira para mim com os olhos arregalados.

— Você acha que eles estão falando da Wisty? — ele sussurra, e faço um gesto para ele ficar quieto.

— Diga a ele para ficar fora disso. — É a voz agitada de Heath mais uma vez. — Eu mereço tomar conta dessa situação.

— Então pegue o que lhe é de direito. Traga-os para casa. Seu pai falhou em sua missão. Não vá falhar também.

Estico o pescoço para poder ver o cara melhor. Ele está enrolado numa capa esfiapada e um capuz esconde metade de seu rosto.

— Meu pai era um fraco — Heath responde nervoso, e sua voz invade a rua escura. Mas pressionado contra aquele carro, ele não lembra em nada aquele galãzinho folgado; ele mais parece um moleque insolente e louco para provar alguma coisa a si mesmo.

Venho praticando esportes tempo o suficiente para saber que essa versão dele é bem mais perigosa.

— Quem é o pai dele? — Byron quer saber e me esquivo, imaginando se eles nos ouviram. Esse moleque não consegue falar baixo nem quando é questão de vida ou morte! — Trazer *quem* para casa? Que missão é essa? O que você acha que eles estão planejando? Eu *bem que falei* que não dava para confiar em Heath.

— Shhh! — Perco a paciência e lanço um feitiço na direção dele para grudar um lábio no outro temporariamente. É como fechar uma ferida. Não tenho tanta prática quanto minha irmã em transformar Byron em fuinha, mas meus poderes de cura vêm bem a calhar.

No entanto, a essas alturas, já perdi o final da conversa.

Xingo-o baixinho enquanto assisto ao gigante de capa saindo fora, e um milhão de pensamentos invadem minha cabeça, a maioria deles bem similares aos de Byron.

O que eles estão planejando?

Heath fica sozinho, ainda apoiado no carro, e daqui consigo ver o peito dele subindo e descendo, à meia-luz. Algo que aquele homem disse o deixou assustado, assustado de verdade. Mas o que poderia meter medo num cara tão arrogante como Heath?

— E lembre-se — o mensageiro encapuzado diz para ele como um último aviso —, não fique muito próximo daquela bruxa bonitinha. Uma bruxa e um bruxo nunca poderão ficar juntos... você sabe qual é o perigo.

Meu peito congela quando ele menciona minha irmã e, apesar de os lábios de Byron estarem literalmente selados, posso ver pela expressão dele que estamos pensando exatamente na mesma coisa: *Heath é um bruxo!*

Meu coração quase sai pela boca assim que ouço os passos nos paralelepípedos vindo em nossa direção. Seguramos a respiração enquanto Heath dobra a esquina, e ele não nos vê.

— Eu amo o perigo — Heath murmura enquanto vai embora.

Capítulo 24

Heath

No escuro de seu apartamento vazio, ele tira as botas e tenta acalmar seu coração. Aquela mistura de poderes tinha sido bem forte — *estonteante* —, e a lembrança do poder de Wisty ainda formigava nas pontas de seus dedos horas depois.

Ela fez ele sentir vontade de *criar*.

Não outra flor, mas algo que não murcharia. Ela tinha contado para ele que adorava cachorros. Ele riu sozinho, fazendo que não com a cabeça. Ele não acreditava que estava ali, sentado, pensando no que ela gostaria de ganhar. Era tão... *normal*. Simples. Apenas um namorado tentando fazer sua namorada sorrir. Ele se sentiu quase... bobo.

Com a cabeça a mil, Heath se afundou no sofá — o único móvel em seu apartamento. Abriu a palma da mão e sentiu o resquício da faísca dela queimando dentro dele, derretendo toda a frieza à qual ele estava acostumado e à qual tinha sido forçado a usar desde criança.

Agora ele só conseguia pensar no calor e sorriu enquanto assistia a um filhotinho de cachorro nascer em sua mão, de um grãozinho de nada até encher a sua mão e, depois, até cobrir as duas mãos e, finalmente, colocá-lo no chão. Um segundo depois, o cachorro pulou nele, agora um labrador gigante com língua de fora e brilho nos olhos.

O cachorro lambeu seu rosto e, por estranho que pareça, ele *gostou*. Ele também gostou de coçar as orelhas do cãozinho e da maneira como ele tentava abocanhar seus dedos de brincadeira. Depois que o filhote veio correndo atrás dele pela sala e saiu

escorregando pelo chão com as patonas desajeitadas, era quase como se ele pudesse sentir a presença de Wisty com ele ali e ainda ouvir a risada dela.

Ele fez mais um filhotinho, e outro e mais outro, ficou viciado no calor do poder dela, da *vida* dela. Os cachorrinhos vieram rolando em direção a ele, balançando os rabinhos, e agora era ele quem estava rindo enquanto os filhotes pulavam à sua volta, felizes. Ele nem se lembrava da última vez que tinha rido de verdade. *E provavelmente jamais riria de novo depois desta noite.*

O sorriso abandonou seus lábios enquanto seus pensamentos retornaram ao mensageiro sombrio que o visitou naquele beco escuro. As ordens dele foram claras: “Traga-os para casa acorrentados”.

Para casa. Depois de tudo pelo que ele tinha passado, de tudo pelo que ele tinha lutado, estava *finalmente* acontecendo.

É claro que se ele seguisse em frente com o plano, jamais veria Wisty de novo. Ele pousou a cabeça entre as mãos, o conflito o devorava por dentro.

Ele ainda se lembrava da primeira vez que viu Wisty, quando ela havia se infiltrado no acampamento da Nova Ordem onde ele trabalhava. Apesar de ela estar vestida como todo mundo na Brigada da Juventude, o vermelho brilhava em seu cabelo e o fogo dançava nos olhos dela. Foi bem antes de ela desafiar O Único na frente de todos. Mesmo sob aquelas circunstâncias, ele já se sentiu atraído por ela.

Ela fazia o que queria e era isso que ele adorava em Wisty.

De repente, enquanto fazia carinho nas cabeças enormes dos filhotinhos, Heath ficou com nojo da lealdade cega dos cães. Iguaizinhos a ele. Sempre ouvindo ordens — de sua mãe, de seu pai, d’O Único. Todos mandando que ele se controlasse.

Que ficasse longe das bruxas.

Nunca mais.

A profecia disse que o poder de uma bruxa e de um bruxo não tem limites. Mas ele não esperava se apaixonar por ela.

“Um amor assim poderia destruir o mundo”, sua mãe o tinha avisado.

Tocando o próprio rosto, ele ficou surpreso ao sentir a pele molhada. Ele não chorava há anos, desde que tinha morado com seu avô. À luz da lua, seus dedos brilharam com as lágrimas e ele não ficou surpreso ao ver que elas eram tão vermelhas quanto antes. Certas coisas não mudam nunca.

Ele deu uma risada irônica quando os filhotes começaram a lambe-lo, suas línguas cheias de baba lavando as lágrimas de sangue.

— É claro que vocês gostam de sangue — ele disse aos cães. — Vocês são parte de mim.

Capítulo 25

Wisty

Estou segurando minha escova de dentes como um microfone, cantando junto com a música alta, toda felizona da vida, me sentindo como se tivesse nuvens nos pés. Olho no espelho e vejo que, na verdade, estou *levitando* um pouquinho mesmo — olhe só como ainda estou animada!

De repente, a porta do meu apartamento se abre com tudo e meus pés aterrissam no chão. Será que é *ele*? Meu cabelo está despenteado e meu pijama molambento não me favorece, mas mesmo assim sinto uma pontinha de esperança quando olho para trás e...

Mas é só o meu irmão.

— Você sabe mesmo como fazer uma entrada dramática — digo com a boca cheia de pasta de dente. Cuspo na pia e volto a dançar de pijama, tentando lembrar exatamente como me senti com Heath na pista de dança.

Whit ainda está nervoso por causa do que aconteceu hoje à noite.

— Wisty, me escute, eu não confio mesmo nesse cara — ele diz na lata. — Byron e eu demos uma investigada e preciso que você me escute dessa vez.

Reviro os olhos.

— Vocês não conhecem o Heath — digo e passo por ele para fechar a porta da frente, já que ele não se deu ao trabalho. — Na verdade, Heath é um cavalheiro. Essa foi a melhor noite da minha vida, apesar de você e do Byron tentarem jogar areia em tudo. Essa noite foi mágica: a dança, a flor, a volta para casa...

Suspiro e me jogo no sofá, me lembrando da surpresa do beijo, do *desejo* queimando em todas as partes do meu corpo.

— Wisty, esqueça esse beijo idiota. Estou tentando avisar você...

“Espere aí, eu falei isso em voz alta?” Não, eu nem mencionei o beijo. “Será que agora Whit também tem poderes telepáticos ou...” Eu me levanto e finalmente saio de meu estado de paixonite aguda.

— Espere aí! — Estreito os olhos para o meu irmão. — Você estava me *espionando*?

— Eu estava tentando proteger você! — Whit arregala os olhos, na defensiva. Ele vem até mim e desliga a música alta e alegre, e o silêncio repentino parece me atacar de todos os cantos. — Quando Byron e eu vimos Heath saindo do seu apartamento, fomos atrás dele. Ainda bem que fizemos isso porque...

— *Byron* estava com você? — Fico de queixo caído.

— Ele estava preocupado com você também! — Whit responde com raiva, mas agora com uma cara meio de culpa. — Na verdade, Byron queria voltar aqui comigo. Você deveria me agradecer por ter mandando o cara para casa. — Os olhos dele ficam mais amigáveis, mas ainda estou fula da vida.

— Agra... *agradecer*? — gaguejo e arregalo os olhos, sem querer acreditar. — Você me *seguiu* até a balada com o cara, *ficou vendo* nós nos beijarmos e depois *invadiu* meu apartamento, berrando acusações... — Fico cada vez mais vermelha ao levantar a voz. — E você quer que eu *agradeça* você?

— Ele é um bruxo, Wisty. O mensageiro disse... *o que é isso*? — Whit arregala os olhos para o travesseiro que acerto na cabeça dele.

— Eu sei que ele é um bruxo! — interrompo meu irmão, desesperada. — Ele *me contou*, porque esse é o tipo de relacionamento que temos: honesto.

— Não sabemos com quem Heath pode estar envolvido... com Bloom ou com o Rei da Montanha... até mesmo com Pearce.

Quando ele menciona o protegido nojentinho d'O Único, perco a paciência de vez.

— Pearce *morreu*! — explodo. — Igualzinho ao O Único Que É O Único. Você não pode me deixar ser feliz para variar? Eu falei para você... posso tomar conta de mim mesma!

Whit me olha com indiferença.

— Tá. E é por isso que você deu aquele showzinho no Conselho sem combinar nada comigo antes?

— Ah, como se o senhor tivesse explicado sua paranoia com o Rei da Montanha para mim? — contra-ataco. — E desde quando eu preciso da sua permissão para usar minha magia?

— Quando você está falando no Conselho em nome de todos os bruxos e fazendo truquezinhos ridículos! Você já pensou como esse seu pavio curto afeta todo mundo? Não! Você só pensa em você. É, pelo jeito você sabe mesmo tomar conta da sua vida, Wisty. Parabéns!

Pisco para ele e tento segurar as lágrimas. Essa deve ser a coisa mais mesquinha que Whit me disse na vida.

— Bom, talvez se você tivesse me defendido em vez de ficar fazendo cara feia para mim como Bloom e o resto daqueles covardes, eu teria *confiado* em você o bastante para falar sobre Heath.

Whit olha para mim de queixo caído, está na cara que ficou magoado. A única coisa que sempre tivemos foi uma confiança inabalável um no outro, mas não é culpa minha se ele pisou na bola.

— Quer saber de uma coisa? Não estou nem aí para os seus problemas pessoais. Namore quem você quiser. Mas depois não venha chorar no meu ombro quando tudo der errado.

— Beleza! — berro, e jogo outro travesseiro nele. — Saia do meu apartamento!

Whit já tinha batido a porta.

Capítulo 26

Whit

Acordei cedo hoje, querendo fazer as pazes com Wisty. Mas pelo jeito ela acordou querendo outras coisas. Quando a vejo passeando pela praça, ignorando minha tentativa de alcançá-la, fico com vontade de ter outra porta ali só para bater na cara dela.

— Estamos atrasados de novo — falo sem rodeios quando finalmente a alcanço. — Graças a você, como sempre.

— Não é culpa minha que você esteja atrasado — ela diz de um jeito bem frio, fazendo barulho com seus sapatos de salto alto no concreto. “Desde quando minha irmã usa salto alto?”

— Esperei você por meia hora!

Desde o primeiro dia, estávamos nos encontrando com a Resistência n’A Fita toda manhã antes da reunião do Conselho, e íamos caminhando juntos ao Capitólio. Hoje cedo, Sasha e eu discutimos as últimas notícias da Vigilância, mas Wisty nem apareceu.

Ela dá de ombros.

— Fui tomar café da manhã com Heath — ela diz, toda docinha.

Mas ela tinha que jogar isso na minha cara, né? “Isso explica o salto alto.”

— Faça um favor para mim, Wisty? Nem me fale nesse nome.

— Ah, mas como você é maduro, irmão! — Wisty revira os olhos e começa a subir os degraus de mármore. — Sem problemas. Nem precisamos conversar.

— Ah, e *isso* é um comportamento maduro?

Paro ao pé da escada e vejo minha irmã se afastar de mim — uma imagem que está ficando bem comum. Nem dá para acreditar que hoje cedo achei que poderíamos nos entender. A rachadura entre nós não é mais uma simples fenda: é um abismo.

Mas tem outra coisa rolando no Capitólio.

Fiquei tão entretido na briguinha com minha irmã que nem vi a multidão reunida lá no topo da escadaria, perto da porta. Há câmeras e microfones também. Os repórteres disputam espaço perto da porta. E no centro disso tudo está Bloom, com o flash das câmeras fotográficas iluminando seu rosto inchado e sério.

Acho que está dando uma entrevista coletiva.

Faz sentido. Os reservatórios de água estão com níveis muito baixos e sem o suprimento da Montanha, Sasha disse que a Vigilância não consegue mais combater o crime nas ruas. O Conselho precisa fazer uma declaração para acalmar o povo antes que o medo se transforme em pânico geral.

Eu só queria que Bloom não fosse a única pessoa com a palavra aqui.

Capítulo 27

Whit

Perdi minha irmã na multidão e mal consigo enxergar o púlpito, muito menos vou conseguir chegar até lá para tomar a palavra.

Procuro uma brecha em meio a essa aglomeração, tentando entender o que ele está dizendo, mas Bloom está fazendo sinal para alguém se aproximar do microfone.

— Vamos continuar com as perguntas num minuto, mas, primeiro, Doutor Wells, por favor.

O cara parece uma minhoca: careca, com um rosto comprido e cor-de-rosa, e uma boca que se confunde com o resto. Ele parece estar nervoso atrás dos óculos, ao se dirigir à imprensa.

— A magia é uma condição instável e manipula nossa percepção da realidade. — Dr. Wells, o Minhoca, começa a falar com seus lábios rosados perto demais do microfone. — Toda a magia se infiltrou no nosso mundo através de buracos de minhoca no universo. Como alguns de vocês devem se lembrar, eles também são chamados de portais. O nome não importa: são como feridas abertas que permitem a entrada de organismos estranhos no ecossistema com funcionamento saudável, como o corpo humano, e provocam destruição em massa.

Ele mostra uma série de gráficos e diagramas, e se atrapalha ao tentar segurar a papelada e explicar a física das forças sobrenaturais para uma multidão impaciente. Nem *eu* consigo entender os termos que ele está usando, e olhe que *sou* uma força sobrenatural.

— Em poucas palavras — ele diz, e com certeza notou a cara de paisagem da galera —, a magia é o que acontece quando as leis da

natureza do nosso mundo são perturbadas pelas leis da natureza de outro mundo. E os dois não devem interagir. O resultado é o caos... como pudemos ver com clareza nessa parte sombria e recente de nossa história.

Quando Bloom faz sinal para parar de falar, o Minhoca ajusta os óculos, olha nervoso para as câmeras com olhos marejados e enormes, e diz:

— Em suma, esses buracos que os magos chamam de *portais* devem ser permanentemente fechados.

— *O quê?! —* Quase engasgo. Penso em todas as vezes que precisamos dos portais no passado para chegar a um lugar mais rápido ou para escapar das garras d'O Único. Para ver Célia na Terra das Sombras e tirar nossos pais de lá em segurança. Os portais sempre foram fundamentais para a nossa sobrevivência.

Tento atravessar o mar de gente e fazer com que minha voz seja ouvida, mas uma centena de pessoas está gritando perguntas.

— E o que isso tem a ver com a falta de água? — um repórter pergunta.

— Ou com as crianças desaparecidas? — outro grita.

Bloom está de volta ao púlpito.

— Todos nós sabemos dos perigos da magia correndo solta pela Cidade — ele fala com sua voz de trovão encobrindo as vozes da galera. — Vocês já se esqueceram d'O Único Que É O Único?

A simples menção daquele nome lança medo no coração de cada cidadão e até os jornalistas mais corajosos ficam em silêncio.

Vejo movimento perto do palquinho e, pelo menos dessa vez, agradeço pela mania da minha irmã adorar aparecer enquanto se espreme debaixo do braço do Minhoca, chegando ao microfone.

— O Único também tentou fechar os portais! — a voz dela ecoa.

O Conselho pode ter se virado contra ela, mas esses cidadãos não se esqueceram de que Wisty certa vez os salvou. Todos os

olhos e câmeras vão da antiga heroína para o cara que diz ser seu protetor.

— O erro dele não foi fechar todos os portais, de acordo com nossa nova descoberta — Bloom diz enquanto *O Livro das Verdades* é trazido ao palco. Esse truque é bem velho, mas as câmeras adoram e todo mundo dá um close no *Livro*, agora cercado de correntes e protegido por uma caixa de vidro.

— *Ah, fala sério!* — grito. — Vocês não veem o que ele está fazendo? — minha voz não chega a todo mundo e Bloom se prepara para falar ao microfone de novo.

— *O Livro das Verdades* se refere ao nosso hostil Rei da Montanha como *Rei Mago* — ele revela. — Ele governa com *magia negra*.

“Como O Único.”

Minha boca fica seca e as palavras morrem em meus lábios. No final das contas, percebo que já sabia disso. Apesar de Célia não ter dito com todas as palavras naquele sonho, apesar de minha visão ser uma confusão de imagens, e apesar de não conseguirmos rastrear os sequestros, *eu sabia*. É por isso que meu pânico era tão irracional e eu não podia contar nada para Wisty — eu não queria admitir isso para mim mesmo.

“Estamos lidando com um poder sombrio e não sabemos nada sobre ele.”

— Fechar os portais vai nos proteger da magia enquanto nos preparamos para os dias difíceis que nos aguardam — Bloom continua, olhando de maneira autoritária para as câmeras e diretamente para os corações cheios de medo das pessoas que assistem a tudo de casa. — Esse Rei Mago nos tirou a água e o Conselho declarou guerra!

Arregalo os olhos para Bloom, chocado, e engulo em seco. Está na hora de eu encontrar a minha voz.

Capítulo 28

Wisty

— Alguém da Cidade lembra como lutamos duro pela paz? — meu irmão pergunta, a voz trêmula de emoção. Whit odeia falar em público, ainda mais na televisão, mas ele tem esse dom e agora está flutuando no ar enquanto se dirige a uma multidão gigantesca, desesperado para ser ouvido.

— Vocês lembram como os membros do Conselho *conquistaram* seus lugares, defendendo os direitos de vocês? E tornaram nossas ruas seguras novamente? — Whit pega minha mão.

— Juntos! — grito, levitando para me juntar a ele. — E com *magia*! — Vejo milhões de flashes enquanto as câmeras tentam captar a imagem de nós dois flutuando juntos. Estamos apenas a alguns metros de altura, não queremos assustar ninguém, mas com certeza conseguimos a atenção da maioria. E a de Bloom também.

— Sei que precisamos desesperadamente de água, e sei que muitos de vocês estão assustados — Whit diz. — Mas uma guerra não é a solução. Guerra é sinônimo de fome, mais vidas inocentes perdidas e mais céus cobertos de cinzas.

— Mas nossas ruas não estão seguras, nem com a Vigilância! — uma repórter de terninho rosa choque protesta e outros cochicham, concordando com ela. — Como vocês planejam nos proteger? — Ela aponta o microfone para cima e para nós.

— Vamos pelo menos *tentar* negociar a paz e, se for preciso, vou... — Whit engole em seco, olhando para a multidão —... vou liderar uma missão para a Montanha, para me encontrar com esse tal de Rei.

Nossos os olhares estão sobre Bloom agora. Bruxa e bruxo, uma frente unida.

Bloom manda um “rã-rã”, provocando um ruído ensurdecedor no microfone.

— Bruxos sempre tentam proteger seus colegas praticantes de magia. — Bloom se inclina para frente e sua peruca grisalha mexe um pouco. — Talvez os Allgood tenham firmado uma aliança com o Rei Mago. Esse Conselho já viu esses dois desafiando a lei e usando magia como meio de força.

Quero acabar com ele naquele momento, exatamente como destruí O Único, mas tenho que lembrar que as câmeras estão gravando tudo.

Bloom sabe muito bem o que está rolando. Ele não olha para nós, olha direto para a câmera, e diz com a voz cheia de pesar:

— Suspeitamos que, na verdade, os praticantes de magia estejam sequestrando as crianças da Cidade e as levando às escondidas para a Montanha.

— Mentira! — protesto, mas minha voz é engolida pela gritaria da multidão. As pessoas precisam de uma causa para se unir, de um inimigo comum para combater.

E, dessa vez, *nós somos* o inimigo.

Sinto mãos tentando agarrar minhas canelas. “Deveríamos ter flutuado mais alto”, penso, mas é tarde demais. As pessoas estão vindo de todos os lados, nos agarrando. Começo a entrar em pânico.

Essa emoção tão forte desencadeia minha M com tudo, e meu corpo começa a esquentar como forma de defesa. “Não”, penso. “Agora, não.” Mas as pessoas que seguravam minhas pernas já estão gritando, cheias de bolhas nas mãos.

Tento segurar minha magia e caio no chão. “Tenho que dar um jeito nisso”, penso. “Tenho que explicar.”

O pânico é generalizado na multidão e a entrevista coletiva está se transformando num protesto cheio de ódio para ofender os praticantes da magia.

— Demônio das trevas! — Uma mulher cospe em mim. — Assassina de crianças!

Ninguém parece se importar em ter como verdade as palavras de um único homem. Todo mundo está com medo. E o medo torna as pessoas muito perigosas.

Olho ao meu redor, procurando o covarde mais perigoso de todos eles, mas ele já saiu dali de fininho.

— General Bloom! — grito. Isso não vai acabar assim. — Orador Bloom!

Um dos puxa-sacos do Bloom vai até o microfone.

— Chega de perguntas — ele diz, e fico de boca aberta ao ver o caos que Bloom deixou para trás.

Ele acabou de nos crucificar na TV — e com mentiras!

Capítulo 29

Wisty

Tentamos atravessar o mar de repórteres. Eles berram perguntas raivosas. Eu bem que queria poder ficar e responder a todas elas, para apagar o veneno das mentiras de Bloom com a verdade.

“Mas, no momento, temos que sumir daqui.”

Na correria para escapar da multidão enlouquecida, tropeço na porcaria dos meus sapatos de salto, saio voando até os últimos degraus da escadaria do Capitólio e quase caio de cara nas pedras da praça.

— Vim assim que soube. — Heath me ajuda a levantar e me abraça com força. Enterro meu rosto no pescoço dele, tentando não soluçar. Nunca fiquei tão feliz ao ver alguém na minha vida! Fico aliviada por Janine estar aqui também.

— Isso é loucura — ela diz com os olhos arregalados, enquanto nos leva a uma ruazinha lateral, para longe das câmeras. Vejo o pessoal da Resistência na mesma rua: Sasha, Emmett e...

— Mama May? — pergunto, mal reconhecendo a mulher desgrenhada que chama meu nome.

Mas é a Senhora Neederman, sim, a mulher que certa vez deu abrigo para mim e para Whit, quando estávamos sendo procurados como criminosos. Mesmo nos dias mais sombrios da Nova Ordem, a voz luminosa dela levantava a moral de todo mundo. Eu me lembro de seu corpo inteiro chacoalhando enquanto ela dava risada e me abraçava, aqueles braços enormes me esmagando.

Agora, o rosto dela está mais magro e cansado, e seus olhos já desistiram.

— Vimos vocês na televisão — ela diz enquanto andamos. — O que o Orador disse sobre vocês estarem envolvidos com os sequestradores...

— Ele está mentindo! — Agarro as mãos dela, desesperada. Preciso que ela acredite em mim, mesmo que ninguém mais consiga enxergar a verdade. — Tudo o que Bloom disse é mentira!

— Jamais faríamos uma coisa dessas! — Whit reafirma a nossa inocência.

— Eu sei que não, querido — Mama May diz. Ela olha para mim e então para Whit, seu queixo está tremendo. — Eu sei disso porque minha Pearl Marie é uma dessas crianças.

Mais um soco no estômago.

— Pearl? — Meu irmão fica angustiado. — Mas nem sabíamos que ela estava desaparecida...

— A Vigilância investigou o desaparecimento de todas as crianças — Sasha diz, nervoso. Ele tira um caderno do bolso e começa a folheá-lo. — Juro que ela não estava na lista!

Mama May enrosca o avental nas mãos, parece envergonhada.

— Ficamos com medo de reportar o desaparecimento dela. O Único tinha listas... — Ela dá de ombros, sem ter mais o que fazer. — E Pearl era tão esperta. Ela conhecia as ruas tão bem. Achamos que ela voltaria, mas...

Seus olhos se enchem de lágrimas e dessa vez eu é que conforto Mama May, abraçando-a como se ela fosse uma criança.

Posso imaginar as feições pequenas e pontudas de Pearl, seus olhos honestos e cinzentos encarando todos como se fôssemos responsáveis. Ela parecia tão durona com aquele canivetinho na mão, mas sorriu ao ver as luzes do Feriado como qualquer outra criança de 7 anos.

Entre todas as coisas terríveis que aconteceram hoje, nada fez eu me sentir tão mal quanto essa.

— Vou encontrar Pearl. — Whit promete. Ele coloca a mão sobre o ombro de Mama May e o aperta com força. — Vou subir a Montanha.

Meu coração para. “O que foi que ele acabou de dizer?”

Capítulo 30

Wisty

— Como é que você foi prometer uma coisa dessas para ela? — exijo saber, e minha voz assusta uma revoada de pombas da rua.

Whit diz que sou impulsiva, mas pelo menos tive o bom-senso de esperar Mama May ir embora para falar com ele.

— E como você sabe que o Rei da Montanha é o culpado pelos sequestros? Você vai acreditar em *Bloom*, agora?

— Não — responde Whit, meio seco. — Vou confiar nos meus instintos. — Então ele olha para mim, com a expressão menos carregada, e por um segundo nossa proximidade está de volta. — Lembra aquela noite quando eu tive as visões, Wisty?

Eu me lembro das imagens horríveis e da maneira como ele se contorcia de dor. Ele ficou tão esquisitão depois também, tão diferente do meu irmão de sempre — agitado e *assustado*.

— Eu estava sentindo tudo o que Pearl sentia naquele momento, mesmo sem entender o que estava acontecendo.

Concordo com a cabeça. Eu sabia que Whit e Pearl tinham uma ligação especial, e não o culpo por querer arriscar tudo para ir atrás dela. Eu deveria ir também. Eu deveria *confiar nele*, mas...

— Você não pode deixar a Cidade agora! — Heath diz, como se estivesse lendo os meus pensamentos. Whit se vira e joga o cara contra a parede de pedra.

— Isso interfere nos seus *planos*? — Whit pergunta, cheio de raiva nos olhos.

— Só achei que você não gostaria de ver seus pais atrás das grades de novo — Heath responde de um jeito frio, e arruma a gola

de sua jaqueta de couro.

— Parem! — Olho para Heath e depois para Whit, irritada, mas sei que Heath tem razão. Aquela coletiva foi um show de horror. Se formos embora, cada cidadão que assistiu às notícias vai acreditar no que Bloom disse: que todos os bruxos estão do lado do Rei da Montanha. Quem vai defender nossos direitos? Mesmo se fizermos as pazes com o Rei da Montanha, vamos voltar para outra prisão.

— Mas e aquilo que nossos pais disseram, sobre convencer as pessoas? — Lembro o meu irmão, apelando para outro ângulo. Eu sei que mesmo sendo voluntarioso, ele confia em nossos pais. — Se conseguirmos lidar com Bloom primeiro...

A mandíbula de Whit fica tensa. Por um longo momento, acho que ele fica dividido, mas depois balança a cabeça e sei que não vai mudar de ideia.

— Bloom não é a maior ameaça agora. Célia disse que o Rei da Montanha é um psicopata. E se ele está com Pearl...

“Célia? Como foi que Célia apareceu nessa história? Ela *morreu!* Partiu dessa para melhor!”

— O que você está dizendo? Quando é que ia me contar isso?

— Não sei... Quando você estava babando ao contar do seu encontrinho romântico? Quando você estava me expulsando do seu apartamento? — Whit dá um suspiro profundo e coça a cabeça, frustrado. — Estou contando para você *agora*. Alguém precisa tentar negociar com o Rei da Montanha, não importa o que o Conselho diga. Eu estou indo.

— Então, eu vou com você — diz Janine, se posicionando ao lado do meu irmão.

— Eu também. — É a vez de Sasha. Ele olha para mim como quem quer se desculpar. — Ainda não pegamos nenhum dos sequestradores. Chegou a hora de ir até a fonte.

Emmett levanta as mãos, sem querer escolher, mas Whit não está olhando para ele.

— Wisty? — ele está implorando com o olhar.

— Eu... — Sinto um nó no peito e meus olhos se alternam entre Whit e Heath. “Mas será que tenho mesmo que escolher?” — Eu... — não consigo falar nada. Minha garganta está tão seca.

Heath coloca a mão na minha cintura. Não sei se é porque unimos nossa magia, mas parece que eu consigo sentir o poder do toque dele e seu apoio também. “Precisamos de você aqui”, aquele toque parece dizer. “Fica. Fica.”

— Pense em seus pais, Wisty — Heath diz de maneira gentil. — Você me contou que já perdeu os dois uma vez. Não pode perdê-los de novo.

Heath tem razão. Whit está confiando nos instintos dele e eu tenho que confiar nos meus.

Abaixo os olhos.

— Não vou, Whit — respondo, finalmente, com um suspiro.

— Então é assim? Você escolhe esse cara em vez da sua própria família? — As palavras do meu irmão queimam como ácido numa ferida.

— Não é justo! — protesto. — Preciso ficar aqui por causa de nossos pais. E por causa das pessoas que agora são nossa família também.

Mas o rosto de Whit fica sombrio.

— Você sabe que isso não é verdade. Você vai ficar aqui pajeando um político e aos beijinhos com esse moleque.

Fico furiosa com ele, mas meu coração dói e já estou repensando minha decisão. Whit nem faz o favor de olhar para minha cara.

Ele sai andando, seguido de Janine e Sasha.

— Não faça isso! — peço, me desvencilhando do braço de Heath e indo em direção ao meu irmão. — Whit...

— Vamos tentar impedir uma guerra — ele diz. Whit olha para mim mais uma vez, a expressão impassível. — Com ou sem você.

LIVRO DOIS

**A SEGUNDA
VERDADE:**

**A CONFIANÇA É UMA
CHAMA OSCILANTE**

Capítulo 31

Whit

É muito pior do que esperávamos.

Esperava encontrar árvores imensas, balançando e rangendo como gigantes bêbados ao nosso redor. Também esperava esse vento frio que atravessa até os ossos. Mas não esperávamos o seguinte:

Um homem atrás das grades.

Uma mulher morta a flechadas.

A cara de uma criatura parecida com um lobo esculpida, com uma boca aberta cheia de dentes afiados como lanças.

Essas são as placas presas às árvores a cada dez ou vinte passos, desenhadas num estilo bem tosco, sobre um pergaminho que deve ser feito de casca de árvore, e pintadas com o que deve ser sangue.

— O que querem dizer? — Ross pergunta, olhando para as inscrições que não reconhecemos nas placas.

— Parada para descanso à frente — Sasha responde na hora, tentando recuperar o fôlego entre as palavras. — Combustível, comida, hotel e banheiros limpos a um quilômetro.

Ross dá um soco de brincadeira em Sasha.

— Era isso mesmo que eu estava pensando. Mas, por um segundo, achei que fosse um aviso de nossa morte iminente.

— Bobinho! — Janine brinca também, um segundo antes de as pedras racharem sob seus pés e de se esforçar para conseguir andar de novo enquanto passamos pela encosta do morro. Ainda

bem que meu reflexo de proteção funciona, porque eu a ajudo a se equilibrar.

— Dá para, por favor, não falar as palavras “morte iminente”? — peço ao Ross. — Nos dão azar, cara!

— Então quer dizer que se eu falar “banheiro limpo” vai aparecer um banheiro aqui de repente? — ele pergunta, e todo mundo cai na risada.

Ainda bem que tenho amigos que ajudam a manter o clima positivo enquanto nos arrastamos pelo ambiente mais inóspito em que já estivemos. Janine e eu estamos à frente, seguidos por Sasha e Ross. Peguei Feffer, a cadela que salvou a nossa pele várias vezes, da casa dos meus pais, e ela investiga a mata ao nosso redor. Suas orelhas ficam atentas ao menor barulhinho.

Quando a conversa se aquieta por um momento, o som de nossos dentes batendo se torna quase ensurdecedor. Continuo falando para nos distrair.

— Então, Sasha, você falou que Emmett está comandando a Vigilância?

Sasha faz que sim com a cabeça.

— Ele queria vir, mas alguém tinha que ficar lá para tomar conta de tudo. — Ele faz uma careta para a barreira de pedra que se ergue à nossa frente. — E pelo jeito Byron também não curtiu a ideia de participar de nossa aventura, né?

— Eu pedi para ele não vir. Preciso que ele fique de olho em Wisty. — Balanço a cabeça, pensando no coração partido de Byron Swain. Para falar a verdade, acho que não poderia ter arrancado o cara de perto da minha irmã nem à força.

— Aposto que Wisty vai adorar — Janine diz, me lançando um olhar torto de debaixo de seu cachecol, que já está incrustado de gelo.

Solto um suspiro de frustração. Tento cortar os galhos à nossa frente e meu braço fica cada vez mais dolorido com essa nova tarefa.

— Wisty vai fazer o que quiser, como sempre. Mas eu não podia ter deixado minha irmã sozinha com aquele cara estranho.

“Por que você não veio conosco, Wisty?”, penso pela milionésima vez. Depois do programinha de TV do Bloom, a Cidade vai se tornar um lugar perigoso para os praticantes de magia — talvez até mais perigoso que aqui.

— Mais uma — Sasha diz ao arrancar a placa castigada pelo tempo de uma árvore centenária. “Tá, talvez não tão perigoso quanto aqui...”

A placa mostra uma figura sem cabeça nem braços, sangrando um líquido escuro. O nó no meu estômago fica mais apertado.

— Talvez seja melhor vocês voltarem — digo, nervoso. — Eu vou sozinho.

— E perder a festa do comitê de boas-vindas? — Janine abre um sorriso com os lábios rachados e aperta a minha mão. — Cale a boca, machão. Vou ficar com você.

— Só volto quando todo mundo voltar. — Sasha concorda.

— Além disso, a Feff aqui avisa quando precisarmos nos preocupar. — Ross completa, fazendo carinho na cachorra.

Faço que sim com a cabeça, ainda não convencido, e noto que Feffer está meio ressabiada. Não sei se existe uma ameaça por perto ou se é ela que está com medo mesmo. Afinal, ela passou por tanta coisa esse ano.

Todos nós passamos por tanta coisa.

Olho para os rostos dos meus amigos, avermelhados com a caminhada mas resignados à tarefa, eu bem que queria que não tivesse que os colocar nessa situação. Uma pessoa normal não

pediria esse favor a quem ama. Uma pessoa esperta voltaria para casa. Uma pessoa mentalmente sã ficaria paralisada de medo.

E eu fico paralisado.

Começo a tremer quando olho para a imagem terrível na placa e para o penhasco de rocha branca à nossa frente. Tento não pensar nos milhões de cantos escuros da floresta atrás de nós, nos milhões de esconderijos de onde olhos podem estar nos observando, nos estudando e se preparando para nos atacar. “Ah, estou morrendo de medo mesmo.”

Mas o Rei da Montanha ameaçou a Cidade.

Ele roubou nosso suprimento de água.

E sequestrou Pearl.

Parto a maldita placa em dois e jogo os pedaços no chão. Sigo em frente até dar a volta na próxima pedra.

“Que escolha eu tenho?”

Capítulo 32

Wisty

Levo minha mão ao batedor da porta e seguro a respiração.

A porta de madeira se abre com tudo, e um rosto familiar e envelhecido pelo tempo aparece ali. Sua trança grisalha e comprida fica pendurada sobre o ombro.

— Oi, Hewitt. — Cumprimento-o sem muita convicção, esperando ainda ser bem-vinda à casa dos Neederman.

— Wisty! — Os olhos dele se acendem. — Mama May nos contou que tinha visto você. Alguma notícia do Whit?

A culpa dá mais um nó em meu estômago. Faço que não com a cabeça, odeio matar a esperança no rosto dele.

— Nenhuma novidade. Só quis passar aqui para dizer que eu sinto muito e vim deixar esses... — Estendo uma lata de biscoitos comprados, não caseiros, pois é bem capaz de eu explodir o forno se tentar cozinhar alguma coisa.

— Todos nós sentimos muito, menina Wisty — Hewitt diz, entrelaçando seu braço no meu. — Mas nem pense que vai escapar de uma visita completa.

Sorrio e meus olhos se enchem de lágrimas enquanto vou atrás dele, descendo as escadas até o porão.

Depois que Whit foi embora, passei dias andando de um lado para o outro no meu apartamento. “Será que meu irmão está bem? Será que fiz a escolha errada?” Ver Heath fazia meu coração doer ainda mais, pois me lembrava de que tinha escolhido alguém em detrimento do Whit pela primeira vez na vida. Eu estava paralisada de tanta dúvida e culpa.

De alguma forma, meus pés conseguiram encontrar o caminho naquelas ruas sinuosas antes de meu coração saber o que eu estava fazendo. Aquele era o único lugar onde eu precisava estar.

— Agora a casa é nossa, lá em cima também — Hewitt diz, orgulhoso. — Eu até consertei a escada queimada.

— Que ótimo — digo, vendo um monte de parentes de Pearl se apertando naquele espaço diminuto e uma multidão de crianças de rosto encardido correndo ao redor dos móveis. E lá está Mama May, correndo atrás de algumas delas e rindo.

Hewitt balança a cabeça grisalha e sorri.

— Não conseguimos usar todos esses cômodos, todo esse espaço vazio, sabe?

— É melhor quando estamos todos juntos — Mama May concorda ao chegar ao nosso lado. — Certas coisas não mudam nunca.

Faço que sim com a cabeça. O porão dos Neederman está diferente do que me lembrava, com certeza. Os vazamentos foram consertados e as paredes, pintadas. Sofás novos substituem os trapos de roupas pelo chão. Mas a *sensação* é a mesma.

— Pearl Marie quis ajudar a redecorar. — Mama May explica ao notar que estou admirando o novo lustre.

Ao olhar de perto, dá para saber que é trabalho da Pearl. O lustre foi montado com um monte de peças que não tinham nada a ver, com pedaços de vidro presos a cabides de roupa e outras coisas desenterradas do lixo.

— Ela sempre teve ideias diferentes para essas coisas. — Mama May abre um sorriso triste. — Vou pegar um prato para os biscoitos que você trouxe — ela diz, escondendo o rosto, e se afasta rapidamente.

Então, vejo as velas na parede, exatamente onde eu lembrava que ficavam. Mas dessa vez não tem nenhuma acesa...

“Pelo menos posso fazer isso por eles”, penso. “Posso fazer isso por Pearl.”

Estalo os dedos e rola uma corrente no ar enquanto centenas de velas voltam à vida novamente.

Tiro uma delas da parede e a seguro perto de mim, vendo a chama dançar. Os outros Neederman repetem o meu gesto, sorrindo para mim com olhos brilhantes enquanto passam as velas acesas entre eles, cada uma delas queimando por Pearl Marie.

— Não! — Mama May grita ao nos ver. Ela deixa o prato de biscoitos cair no chão e sai correndo pela sala. Todos ficam preocupados ao assistir a seus passos cheios de raiva e eu fico tão chocada que quase deixo minha vela cair, mas protejo a chama com minha mão em forma de concha para que ela não se apague.

Porém, meu cuidado não faz a menor diferença: Mama May lambe os dedos e apaga a minha vela.

— *Não*. Nada de vela — ela diz com firmeza. Seu rosto está vermelho de raiva e ela apaga todas as velas, uma por uma.

— Eu... eu sinto muito... — gaguejo, não entendendo o que fiz de errado.

Mas Mama May vira o rosto para mim e me olha cheia de gentileza.

— As velas são para os mortos e para quem se foi. Pearl Marie vai voltar para nós — Mama May diz com a voz cheia de lágrimas ainda não choradas. — Mas ainda podemos rezar.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo sempre embaraçado e pega a minha mão e a de Hewitt.

— Lewis! — ela chama o menino que está do outro lado da sala. — Cante as músicas antigas para trazer nossa Pearl Marie de volta para nós.

Um menininho começa a cantar, sua voz é como um sino agudo e claro. Uma por uma, as outras vozes se juntam à dele e os

Neederman se dão as mãos.

Olho ao redor desse círculo de rostos e minhas lembranças nebulosas da última vez em que estive nesta casa voltam à tona. Eu estava no chão, enrolada em trapos. Ouvi esse canto num sonho, cheia de febre, a música inebriante e distorcida, e vi a faísca de luz entre as alucinações provocadas pela peste. Enquanto eu estava entre a vida e a morte, foi para *mim* que eles rezaram daquela vez.

E agora não posso deixá-los desamparados.

Não conheço a religião deles nem sei as músicas antigas, mas a essa altura acho que sou especialista em esperança. Dividi a esperança em porções econômicas, guardei tudo, vivi dela por anos e às vezes acredito que se você tiver esperança o suficiente, alguém escutará o seu pedido.

Esta é minha oração solene de esperança, enviada ao universo por meio dessas vozes tão claras, puras e unidas na canção:

“Por favor, permita que Whit a encontre e traga todas as almas a salvo daquela Montanha.”

Capítulo 33

Whit

— Não se mexa, Janine. Nem um centímetro. É melhor nem piscar.

O lobo a encurralou num canto da pedra. Os olhos dele são vermelhos e terríveis; sangue pinga de seus dentes arreganhados. Ele perdeu alguns tufo de pelo cinzento do corpo, o que deixou à mostra osso e cartilagem e carne podre. Parece um bicho morto, talvez esteja morto mesmo.

— Ficou doido? É claro que não vou me mexer — Janine diz, sua voz está quase histérica.

Vi um lobo desses antes. É tipo um cachorro zumbi vindo diretamente da Terra das Sombras e ele sobrevive de morte e de restos. A Nova Ordem usava essas coisas para caçar *peessoas*, mas até eles os deixavam acorrentados. E esse bicho está correndo livre por aí! É horrível, mas se conseguir afastar essa coisa da Janine, acho que posso enfrentá-lo com a minha magia.

Outro rosnado faz eu olhar para trás. Lá está um segundo lobo, com a boca espumando.

“Nunca vou conseguir dar um jeito nos dois de uma vez só.”

Ao ver o segundo lobo se aproximando, dou um passo em direção à Janine. As duas criaturas olham para mim, ofegantes.

Congelo, meu corpo está tomado pela adrenalina.

O lobo que tem Janine na mira arreganha os dentes e um rosnado de aviso se forma em sua garganta. Os dois lobos ameaçadores saltam um para cima do outro, dando mordidas no ar.

Janine grita, aterrorizada.

Eles estão brigando por nós, e me dou conta disso com uma clareza que me deixa enjoado. Somos carne fresca e eles estão lutando para ver quem consegue acabar conosco.

É isso: tenho que morfar enquanto eles estão distraídos por sua ganância.

“O que consegue vencer um lobo?”, penso, mas minha mente está uma confusão em meio a tanto pânico.

— Gente... — Sasha diz com a voz trêmula.

Desvio o olhar dos lobos por um milésimo de segundo e quase fico maluco quando vejo mais três deles atrás de nós. E, além deles, vejo *homens*.

Eles são enormes — gigantes mesmo —, têm cabelo comprido, barbas que impõem respeito e vestem coletes de couro, que cobrem seus peitos largos. Há pelo menos oito deles e, por alguma razão, não os ouvimos se aproximando.

Estamos completamente cercados.

Os soldados da Montanha estão fortemente armados. Todos trazem ferramentas estranhas de metal — machados, clavas e facas — presas aos braços, e elas se curvam para formar pontas mortais.

O pessoal da Resistência é veterano de guerra, mas ninguém foi treinado para o um combate mano a mano. Acho que minha experiência no campo, tentando derrubar demônios, não conta também. Agora os lobos são fichinha: não vamos sobreviver a uma batalha contra esses caras.

— Whit... — Janine me chama, nervosa, enquanto os lobos se aproximam dela, a saliva avermelhada pingando de suas mandíbulas.

“Preciso morfar”, penso de novo. “É a única maneira.”

O que é capaz de acabar com cinco lobos e oito homens? Penso de novo e bem na hora um dos homens solta um grito de guerra.

“Agora!”

Sinto meus ombros se levantarem, meu crânio se expandir e minhas mãos se transformarem em patas gigantes. Berro para os homens e para os lobos, e o ruído que sai de minha garganta faz os troncos das árvores sacudirem. Vejo até umas pinhas caindo dos galhos enquanto o rugido penetra o ar gelado.

“Um urso-pardo.”

Primeiro, vou para cima dos dois lobos que encurralaram Janine. Os lobos rosnam e cospem, arreganhando os dentes cheios de sangue. Abocanho a perna de um e o outro desiste, choramingando enquanto se afasta.

Os homens vêm em minha direção aos pares, berrando palavras grosseiras que não consigo decifrar. Uso minhas garras contra uma clava pesada que um soldado está tentando brandir e parto-a ao meio como se fosse feita de gravetos.

Quando dois homens vêm para cima de mim com facas, arranho a perna de um e o outro berra enquanto um lobo o ataca no meio dessa confusão.

— Solte! — ouço Janine gritar. Continuo lutando enquanto vejo os homens se dispersarem.

Três lobos pulam em mim de uma vez e enfiam seus dentes afiados como lâminas de barbear na minha pele. Rujo de dor, mas consigo mandar dois para longe com as minhas patas gigantes e enfio os dentes no pescoço do terceiro.

Olho ao redor, rugindo outro desafio e sentindo o gosto metálico do sangue na boca. Os lobos foram embora mancando e os homens estão se afastando para se reagruparem para a próxima investida.

Avanço por entre as árvores em busca de meus amigos. O vento arrepia meu pelo e estou correndo mais rápido do que imaginava. A morfação está quase acabando, sinto meu corpo voltando à minha forma real. Sasha, Janine e Ross estão me esperando perto de um rio.

— Gente, acho que os caras da Montanha estão vindo nos atacar de novo — digo, nervoso, sentindo o cheiro dos soldados antes que meus sentidos de urso me abandonem. Mas parece não haver uma maneira de cruzar esse rio cheio de corredeiras e nenhum de nós quer voltar por onde veio. — Temos que pular no rio e nadar.

— Mas a água está congelante! — Ross atenta para o óbvio.

Faço que sim com a cabeça e tento achar uma maneira de explicar a minha ideia.

— Acho que consigo monitorar os sinais vitais de vocês e usar meu poder de cura para dar um jeito quando seus órgãos começarem a falhar.

Os três ficam de queixo caído olhando para mim, nem acreditam no que falei.

— Nunca diga “órgãos começarem a falhar” para mim de novo. — Sasha faz que não com a cabeça.

— Essas corredeiras são bem rápidas, Whit — Janine diz, nervosa. — Se não der certo, não podemos simplesmente morfar e nos transformar em peixes como você.

Olho nos olhos de Janine.

— Quanto você confia em mim?

Ela suspira.

— Provavelmente mais do que deveria.

Janine pega a minha mão com força à beira do rio, mas os meninos ainda estão com cara de dúvida e olhando para as corredeiras.

Infelizmente, essa incerteza dura um milésimo de segundo a mais do que deveria.

Nossos inimigos estão de volta.

Não os ouvimos se aproximando lá nas pedras, mas dessa vez os gigantes vêm detonando pela floresta, parece um estouro de boiada.

— É agora ou nunca, gente! — berro e os soldados da Montanha se aproximam, com fome de sangue. — É a única saída!

Um dos maiores soldados joga seu machado, que aterrissa numa árvore a um palmo da cabeça de Ross. O menino arregala os olhos para o talho que ficou na árvore.

— O que fazemos? — ele pergunta rapidamente.

— Deem as mãos, batam as pernas na água e não se soltem, aconteça o que acontecer.

Damos o primeiro passo dentro da água congelante e a correnteza nos puxa com uma força descomunal.

“Espero saber o que estou fazendo.”

Capítulo 34

Wisty

— Whit, *cuidado!* — meu grito me desperta com tudo, e tento recuperar o fôlego enquanto o sonho morre.

Não me lembro muito bem dele. Correntes e jaulas? O Único ou o Rei Mago? O terror do pesadelo parece ecoar ao meu redor mesmo depois que as imagens já desapareceram e tornaram meu próprio apartamento um ambiente hostil.

“Acabou”, penso. “Você está acordada e a salvo.” Deito a cabeça no travesseiro de novo e fecho os olhos.

Ouçõ um barulho, um “clique” na janela do outro quarto. É o trinco.

Pulo da cama com os nervos à flor da pele e meu coração latejando nos ouvidos. Fico de pé, seguro na cabeceira da cama e me esforço para escutar algum ruído estranho.

Ouçõ um rangido no chão de tábuas.

“Tem alguém na minha casa.”

Por um momento, o terror toma conta de mim. Mas enquanto fico ali, esperando para cair na emboscada, a raiva substitui o medo.

“Tem alguém na minha casa!”

Sinto a M esquentando dentro de mim. Minha confiança volta e sinto uma coceira nas pontas dos dedos. “Não sou presa de ninguém. Sou uma bruxa. E alguém está prestes a ser queimado.”

Ando nas pontas dos pés até a porta, e olho para o canto. Uma luz fraca da rua deixa o chão listrado de sombra. Enquanto passo

devagarzinho pelo quarto para inspecionar a outra janela, vejo uma das sombras se mexer.

— Ei, es...! — um homem grita, mas só consegue pronunciar metade de uma sílaba antes de eu me lançar para cima dele, jogando faíscas. O intruso meio que adivinha o que vou fazer e sai correndo. Vou atrás dele, mas ele passa zunindo por mim e some do meu foco. Decido me concentrar em meu poder, em todo o meu calor, mas antes que consiga pegar fogo de vez, ele me ataca na escuridão.

Saímos rolando sobre a mesinha de centro, espatifamos o tampo de vidro e uma dor crua e penetrante se alastra pelo meu quadril. Até vejo estrelinhas.

E, de repente, ele está em cima de mim!

Com as costas dele viradas para a luz, vejo apenas uma silhueta apavorante. Rolamos para o lado e tento dar um chega para lá nele, mas os reflexos do cara são rápidos como um relâmpago e suas articulações são bem flexíveis. Cada murro parece ter sido planejado para provocar o máximo de dor possível.

— Aiiii! — gemo enquanto ele prende meus braços no chão.

“Concentre-se na M, Wisty. Foco.”

Mas só consigo me debater para tentar me livrar dele.

Passo minha mão livre pelo carpete em busca de alguma coisa que me ajude...

Meus dedos encontram o vidro quebrado da mesa, e seguro um caco com força enquanto tento cortar o cara. O caco de vidro está a um centímetro do pescoço dele, talvez menos, quando ele agarra meu pulso.

— Você está tentando me matar? — o intruso pergunta, e ele tem a voz de Heath.

Solto minha adaga improvisada, sem palavras. Respiramos fundo por alguns segundos enquanto tento entender o que acabou de

acontecer. Estou doida de raiva por ele ter me jogado no chão como um assassino, e agora está agindo como se tivesse sido uma *brincadeira*. Por outro lado, sinto uma empolgação estranha por ter rolado no chão com ele.

É aquele poder selvagem e maluco que toma conta de mim quando estamos juntos.

Heath começa a rir, mas não sei o que é tão engraçado. Ele solta os meus braços e se senta nos calcanhares, com uma faixa de luz da rua finalmente expondo seu sorriso torto e seu rosto lindo.

— Você deveria ter dito alguma coisa antes! — digo, irritada, e me afasto dele. — O que exatamente você estava tentando fazer?

— Surpreender você, eu acho. — Ele dá de ombros. — Você me atacou antes que eu conseguisse fazer isso do jeito certo.

— Ah, como se você fosse a vítima aqui! — protesto, esfregando a parte do meu quadril que bateu com tudo na mesinha de centro.

— Tá, admito, eu meio que gostei de ver a mulher guerreira que existe em você. É tão...

Se não me engano, acho que Heath está *quase* ficando vermelho de vergonha.

— Sexy, né? — Viro os olhos. — Tá, falando sério: por que você veio aqui no meio da noite?

— Achei que você quisesse sair e fazer alguma coisa — ele diz, pega a palma da minha mão machucada e examina o corte. Ele começa a enrolar a minha mão num pé de meia perdido e seus olhos brilham ao se encontrar com os meus, como se ele enxergasse dentro de mim.

Toda a minha raiva evapora quando ele diz:

— Achei que pudesse ajudar você a encontrar aquela menininha.

Capítulo 35

Whit

Emergimos da corredeira do rio tremendo, sem ar e tossindo água. O truque de monitorar os sinais vitais funcionou de maneira *menos* tranquila do que eu esperava, e Ross chegou a um estado crítico algumas vezes. Estamos todos meio em choque e com muito frio. O que importa é que estamos todos vivos.

Ross está deitado à margem do rio, ainda sem ar. Eu me sento ao lado de Janine sobre um tronco molhado enquanto ela tosse sem parar. Sasha é o único que não está se sentindo tão mal.

— Aqui em cima! — ele aponta, e vamos até lá atrás dele, tropeçando pela margem íngreme.

Ele encontrou uma trilha promissora, plana, lisa e até bonita, e tem neve caindo ao nosso redor. Por um momento, temos a impressão de que o pior já passou, especialmente se conseguirmos nos secar.

E é bem nesse momento que começa a chover flecha para cima de nós.

Somos o alvo perfeito para os arqueiros e os ataques vêm de todos os lados. Flechas voam de rachaduras na parede de pedra acima de nós e partem zunindo das árvores do outro lado do rio. Às vezes, parece que estão vindo do céu também.

— Vamos voltar para a margem! — Sasha berra e descemos o barranco com tudo, correndo o mais rápido que conseguimos com nossas roupas molhadas. Mas a margem é pedregosa demais e não conseguimos firmar nossos passos. Escorregamos e caímos, tentamos desviar das flechas. Eu me pego gritando quando uma flecha me atinge do lado do corpo e atravessa meu casaco grosso.

Se continuar assim, vamos ficar iguaizinhos àquela placa de “Não entre: almofadinhas de alfinetes humanas”.

“Tenho que fazer alguma coisa.”

Tento me lembrar do que sinto no campo de bobobol — da dança dos corpos em movimento e de tentar antecipar as intenções do outro — e canalizo tudo o que sinto ao reunir cada migalha de poder que ainda tenho.

Sinto a M deixar meus sentidos mais despertos e meus reflexos começam a funcionar em modo “turbo”. Fico assustadoramente consciente de tudo o que está acontecendo ao mesmo tempo — cada movimento, cada som —, e vejo cada arco posicionado. Consigo ver a movimentação nas pedras quando os homens na Montanha mexem um fio de cabelo sequer, e ouço sua respiração em meio às folhas das árvores.

Posso sentir o cheiro do medo deles.

E deveriam *mesmo* estar com medo. Porque no instante em que cada flecha é lançada, me concentro em fazê-la dar meia-volta e retornar direto para os arqueiros.

Não dá para vê-los, pois estão escondidos nas rachaduras das pedras e nas cavernas. Mas os gritos vêm de todos os lados enquanto os homens da Montanha tentam fugir das próprias flechas. Elas passam rápido acima de nossas cabeças, como um borrão, e minhas mãos conduzem o movimento como um maestro com sua orquestra.

O terror acaba de repente e a floresta parece engolir todos os homens e todos os movimentos. Fico olhando para as árvores. Ainda respiro com dificuldade, mas me sinto *incrível*.

— Whit! — o grito de Janine corta o silêncio. O terror na voz dela faz meu sangue gelar.

É Sasha. Janine se ajoelha no chão ao lado dele. Pisco, sem entender o que aconteceu. Ou como.

Eu não vi. Devo ter perdido uma flecha. Não entendo como, mas uma delas conseguiu passar.

E está fincada no peito de Sasha.

Capítulo 36

Whit

“Sasha morreu. Não é possível.”

Pensar nisso me deixa sem ar e fico ali com cara de bobo, olhando para a flecha, para o corpo retorcido, para o sangue. Tem tanto sangue escorrendo dele.

“Como fui deixar isso acontecer?”

Observo a cabeça dele recostada em Janine e o vapor quase invisível de sua respiração no ar congelante. Ele está vivo, mas não por muito tempo. Ele está mexendo nas roupas, tentando tirar tudo porque o calor da dor está se espalhando dentro dele.

Janine e Ross estão me encarando. Nesse momento eu deveria estar ajudando Sasha, deveria curá-lo com a minha magia.

Mas eis a terrível verdade: minha magia acabou, pelo menos por enquanto. Isso está me matando. E matará Sasha também.

O urso, o rio, os soldados..... eles levaram cada grama de M que eu tinha e vai demorar pelo menos um dia para que eu consiga curar um arranhãozinho de nada, imagine um ferimento de flecha.

Janine deve ter visto a verdade estampada em meu rosto porque entra em “modo resolver crises”.

— Me ajude a levantar Sasha. — Ela comanda quando me ajoelho ao lado deles. — Temos que tirar a flecha do peito dele.

Quando o levanto, ela quebra a ponta da flecha e Sasha grita. Aquelas lágrimas de angústia também me atingem como uma flecha.

Ross está tendo um troço, andando de um lado para o outro sem parar, e berra alguma coisa que parece metade oração e metade xingamento, enquanto puxamos o resto da flecha. A seta está escura e brilhante.

Os dedos de Janine são rápidos e hábeis, e seguram a bandana, que é a marca registrada de Sasha, contra a ferida. Ela amarra seu cachecol ao redor dele, mas não é o bastante — o tecido fica ensopado de sangue em questão de segundos.

— Ajude Sasha — Ross implora. Ele olha para mim, as lágrimas congelam em suas bochechas. — Whit, ajude-o, por favor.

Ele tem razão. Tenho que ajudar Sasha. Tenho que *tentar*.

Eu me sento de pernas cruzadas no chão e coloco a cabeça de Sasha no meu colo. O suor já está se acumulando na testa dele e sua respiração está rasa. Coloco as mãos sobre seu peito e respiro profundamente. Penso em todos os poemas de cura que já evoquei, em cada feitiço, e tento sentir a magia e trazer o poder de volta.

“Por favor”, imploro em silêncio. “Por favor, funcione.”

Meus dedos tremem e me concentro naquela onda de vida que faz com que eles comecem a coçar. Fico esperando a magia tomar conta de mim, aquela onda de energia que se forma e é transferida entre nós.

Mas... simplesmente... não rola.

Não sobrou nada.

— Me desculpe, Sasha. — Engulo um soluço. — Me desculpe, de verdade.

— Tudo bem, Whit — Sasha responde baixinho. Os olhos dele estão começando a perder o foco.

“Isso não é possível.”

— Eu sei que chegou a hora. — Ele tosse e o sangue se espalha pela neve fresca. — Estou pronto.

“Mas eu não estou.”

Tento desesperadamente fazer vir à tona qualquer migalha de M que consiga encontrar em mim. Por um momento, acho que sinto uma faísca. Uma faísca é só o que precisamos para acender uma fogueira...

— Foi pela Resistência. — Ele agarra a bandana ensopada com seu sangue e tenta abrir um sorriso. — Vocês vão dizer isso para eles, né?

Faço que sim com a cabeça e as lágrimas borram a minha visão. “Não quero dizer para ninguém que perdemos você”, penso. “Não podemos perder você.”

— Você é um verdadeiro herói, Sasha — Janine diz, e ela abre um sorriso comedido de despedida para ele, um olhar de paz para Sasha levar consigo.

— Não! — berro. Ela está desistindo. *Ele* está desistindo. *Não posso... deixar... que isso... aconteça!*

E então Sasha respira pela última vez, e a trilha enfumaçada de seu último suspiro fica quase invisível em meio à neve que cai.

Ross cai no chão e abraça o corpo de Sasha, embalando o amigo enquanto chora.

Janine limpa a neve dos joelhos e se vira para o outro lado em silêncio, encarando a floresta. Depois, ela coloca os braços ao meu redor e de repente percebo como estou tremendo. Sinto que ela está tremendo também, mesmo sob as camadas de casacos que estamos usando. O choro de Ross reflete nas pedras e nas árvores, e ecoa ao nosso redor. Por causa disso, parece que todas as coisas do mundo estão de luto pelo nosso amigo.

— E pensar que com o tempo isso ficaria mais fácil, perder nossos amigos — Janine finalmente diz, e as lágrimas deixam sua voz embargada. — Mas a morte só fica cada vez pior.

Concordo com a cabeça. Já perdemos tanta gente na época da Nova Ordem, mas agora é diferente. Há uma sensação mais crua, não sei o motivo. Tudo parece tão, tão errado.

“Eu poderia ter salvado Sasha.”

Segurando um grito, dou um murro numa das árvores centenárias e sinto a pele se rasgar nos nós de meus dedos.

Não era para ter acontecido isso.

“Deveria ser uma missão de paz.”

Capítulo 37

Pearl

Pearl apertou o papel na mão enquanto seus pés descalços se esfolavam nas pedras e nas folhas pontudas dos pinheiros. Ela corria, subia e descia os rochedos, e seus pulmões se esforçavam para respirar o ar rarefeito enquanto escalava mais alto que as copas das árvores. Ela estava bem longe do campo de treinamento. Tinha sido escolhida como mensageira porque era a melhor corredora do grupo.

Então ela pensou na mãe, lembrando-se de repente de como Mama May a mandava fazer tarefas nos arredores da Sarjeta, “Porque você é a melhor corredora que eu tenho, querida”.

A lembrança deixou Pearl meio triste, mas ela não sabia por qual razão. Estava começando a se esquecer do rosto de Mama May e já não se lembrava de seus irmãos e irmãs.

Agora a vida dela era apenas o campo, e os dias eram definidos pelo toque dos sinos e pelas regras dos jogos. “Não pare de correr” era a regra mais importante dos treinamentos, mas Pearl tinha uma lista com suas próprias regras também, para garantir sua vitória — como “Não faça aquilo que os Fracassados fazem”.

Alguns deles não paravam de tremer; outros começavam a ficar meio vesgos. Eddie acabou se revelando um Fracassado e ficou corcunda como uma gárgula da Cidade, sem se mexer a tarde inteira, até que seus lábios ficaram azuis.

“Não deixe seus lábios ficarem azuis”, Pearl adicionou à sua lista de regras.

Muito embora alguns dedos dos pés dela tenham começado a ficar pretos. Se ela entregasse a mensagem rapidinho, poderia

ganhar um par de sapatos de couro grosso, como os usados pelo Águia. “Mais rápido”, Pearl pensou. “Vencedores vão mais rápidos do que isso.”

Finalmente ela chegou ao castelo sombrio, sem fôlego, e entregou o papel grosseiro ao destinatário. O olho de vidro do homem chamou a sua atenção, aquela esfera congelada. Ela ficou paralisada, mas quando ele se virou para o outro lado e começou a ler a carta, conseguiu respirar de novo.

Pearl sabia que deveria ir embora. Mas aquela sala estava tão quente com a lareira acesa, e se ela ficasse só por alguns minutos e se escondesse num canto, poderia tentar mexer os dedos dos pés só um pouquinho...

— É o bruxo. — Ela ouviu o homem do olho de vidro dizer. — Ele já matou alguns arqueiros.

— Eu disse que eles viriam, Larsht — o Rei respondeu. — Mate os dois.

Sentado a uma grande mesa quadrada, se entupindo com um pedaço de carne, o velho parecia qualquer coisa menos um membro da família real. Um pouco de gordura escorria de sua barba. O estômago de Pearl reclamou, e ela se afastou para o canto.

— A bruxa não está com ele — Larsht disse com cuidado.

— Como é que é? — o Rei perguntou, pousando sua faca e encarando calmamente Larsht, que até tremeu de medo.

— Di-disseram que os dois viriam — Larsht disse tudo de uma vez, nervoso. — Podemos prender o bruxo e talvez usá-lo para atrair a bruxa. Ou juntar a magia dele à nossa. Ele poderia ser útil... — Larsht era tão maior que o velho à mesa, mas, por alguma razão, mesmo sentado, o Rei o fazia se sentir um anão.

— Como os Allgood foram úteis para aquele idiota careca que perdeu a Cidade? — o Rei perguntou, frio como a neve. — O poder é algo perigoso, Larsht. É tão fácil abusar dele.

Pearl deu um pulo quando Larsht caiu na risada — ela nem tinha percebido que o Rei tinha feito uma piada.

O velho voltou à comida.

— Pegamos a menina depois. É melhor matar Whitford Allgood agora, antes mesmo de ele chegar ao reino. Mande algo melhor que arqueiros para ele dessa vez — ele disse, pensativo. — Algo mágico.

“Matar Whit?”

Pearl sentiu uma descarga elétrica passar pelos dedos, como a cãibra de um membro fantasma. Ela se esqueceu das regras e também de voltar para o campo. Ela se esqueceu até de continuar tendo medo de Larsht.

Ela só sentiu o peso de sua lâmina, ainda escondida nas dobras de suas roupas esfarrapadas. Sob a lapela de pele e couro, o pescoço velho do Rei era fino como papel, magrinho e vulnerável. “Ele vai sangrar como outro homem qualquer”, ela pensou enquanto se aproximava de mansinho.

Então, Pearl se lançou sobre ele, enfiando a faca.

Mas ele não sangrou como um homem qualquer. Uma força a mandou voando para trás e Pearl caiu no chão *com tudo*.

O velho olhou para ela com um ar de curiosidade, enquanto a menina tentava se levantar.

Larsht veio atrás dela, uma sombra cada vez mais alta que bloqueava o restante da sala, e ela se lembrou de ficar com medo de novo.

— Primeiro, vou matar essa ratinha curiosa da Cidade! — ele grunhiu, e Pearl começou a tremer de tanto de pânico e não conseguiu se controlar, fez xixi na calça.

— Você não está entendendo nada, Larsht — o Rei disse, palitando os dentes podres com um osso. — Essa daí é só uma criança. Sabemos como as crenças das crianças podem ser

volúveis. E *moldáveis*. Provavelmente ela acredita que os truquezinhos da bruxa e do bruxo são *especiais*. Ela não sabe o que é o verdadeiro poder em sua forma mais pura.

O Rei olhou para ela e sorriu. Ele não se mexeu nem um milímetro, mas Pearl não conseguia desviar de seu olhar intenso e tão poderoso que parecia empurrá-la fisicamente em direção à lareira.

De repente, Pearl entendeu o que precisava fazer. Por que ela não tinha feito isso antes? Ela se virou para sorrir para o verdadeiro Rei, majestoso e sábio, e ele fez que sim com a cabeça, encorajando-a.

Então, ela enfiou as mãos nas chamas.

Pearl sentiu o medo derretendo e indo embora dela, tornando-a mais limpa. “Wisty nem é tão especial assim”, ela pensou sem perceber que a pele de suas mãos tinha começado a ficar coberta de bolhas e a se retorcer.

Isso aqui nem machuca.

“Viram só, Bruxa e Bruxo? Eu também tenho magia.”

Capítulo 38

Wisty

Senti muita falta de Heath nesses últimos dias em que me isolei no meu apartamento, deprimida e preocupada com Whit.

Mas acho que fiquei com muito mais saudade de outras coisas: lutar contra a injustiça, trabalhar pela mudança... *fazer* alguma coisa para acabar com essa feiura toda.

Partimos para as vizinhanças mais próximas do centro, achando que a Vigilância pode ser um bom ponto de partida. Infelizmente, os dois jovens que encontramos não conseguem nem nos ver, e olha que estamos bem na frente deles.

— Vocês são amigos de Sasha? — pergunto, dando um cutucão no dedão do pé do cara mais alto.

Ele dá um pulo e acorda.

— Sim. Hum. É. — Ele pisca várias vezes, tentando lutar contra o sono. — Nós somos a Vigilância.

— E o que vocês estão vigiando? — Heath pergunta de um jeito irônico, mas eles não entendem a piada.

Dou uma cutucada no mais novinho, que está apoiando os ombros contra um poste de luz da rua.

— Alguma informação nova sobre as crianças desaparecidas? Alguma pista?

— O quê? — Ele estreita os olhos ao se virar para mim, cego como uma toupeira sob a luz.

Reviro os olhos. Não é à toa que os cidadãos acham que a Vigilância é uma piada.

Suspiro e seguro a mão de Heath. Passamos horas nas ruas em busca de uma pista que poderia nos ajudar a entender o que aconteceu naquela primeira noite, quando Pearl foi sequestrada.

Mas não há um trapo de roupa nem sinal de impressões digitais e, a cada vez que chegamos a um desses becos sem saída, minha esperança diminui um pouquinho.

— Isso é uma perda de tempo! — grito. — Whit tinha razão. Eu deveria ter ido para a Montanha com ele. Enquanto ele está lá *fazendo* alguma coisa de verdade, eu estou aqui passeando...

— Não. Não se arrependa de ter ficado aqui comigo. — Heath pede. — Escute, acho que tenho uma ideia.

— O quê? — Eu me aproximo dele, estudando seu rosto, mas ele está encarando a vitrine de uma loja de um jeito esquisito, observando os nossos reflexos: um menino com feições bem marcadas e uma menina com o cabelo ruivo que mais parece um ninho de rato.

— E se conseguíssemos *ver* o que aconteceu? — Heath pergunta. — E se conseguíssemos *recriar* a cena do sequestro daquela noite?

Fico olhando para ele, confusa, tentando descobrir se ele está falando sério.

— Daí não estaríamos nessa situação, né?

— Não, mas... — franzo a testa. — Eu nunca consegui fazer isso. E você?

Heath se vira para mim com uma expressão séria.

— Não. Mas... o que aconteceu naquela noite... conosco... eu nunca tinha experimentado aquilo.

— Nem eu — respondo com honestidade.

Ele levanta a palma da mão.

— E se formos capazes de fazer *mais coisas* juntos? Você não quer descobrir? — Ele abre um sorrisinho safado e, como sempre, não consigo resistir.

— Quero. — Coloco a palma da minha mão contra a dele, alinhando os nossos dedos. — Quero fazer tudo com você. — Minha mão está tremendo um pouquinho de tanta ansiedade. — E, para começar, quero encontrar Pearl.

— Então — ele diz, ainda me olhando —, vamos pensar nela.

As pálpebras dele descem e eu fecho os olhos também. No começo, ainda fico meio distraída, fico prestando atenção em como as nossas mãos estão suadas; o simples toque gera tanto calor. Mas quando *finalmente* consigo me esquecer de Heath e pensar apenas na Pearl... *pronto!*

Surge uma onda tão forte entre nós que a energia quase me derruba.

Eu grito e quase solto a mão dele, mas Heath aperta a minha mão e, enquanto cerro os dentes por causa da intensidade e do calor da corrente, as cores ao nosso redor ficam borradas e da vitrine da loja sai um túnel comprido que parecemos percorrer.

Aperto os olhos ao olhar para o túnel e vejo silhuetas borradas de homens grandalhões usando roupas e capuzes escuros. Caminhões em frente às caçambas. E então crianças, e mais crianças. É quase como se eu estivesse assistindo à cena debaixo d'água. E então...

Um cara gigante agarra Pearl Neederman pelo pescoço.

Parto para cima dele, mas um redemoinho de ar, que mais parece água, me empurra para trás. Não consigo me mexer. Não posso impedir nada.

Então Pearl vira a cabeça e parece enxergar através do túnel e de mim.

Vejo lágrimas nos olhos dela.

Capítulo 39

Wisty

— Heath! Acho que conheço aquele lugar!

Minha lembrança não é muito clara, mas consigo me lembrar do cheiro de doença da Sarjeta naquele dia, Whit correndo comigo nas costas e a multidão vindo atrás de nós. E o gosto de sangue...

Saio correndo em direção àquele lugar horroroso.

— Wisty, espere! — Heath grita, mas não paro.

— Não fica longe! — prometo. Vamos correndo para o outro lado da Cidade. Apesar de eu não estar consciente na última vez que visitei esse lugar, de alguma maneira meus pés conhecem o caminho além dos trailers de comida abandonados e viro à direita num beco. Os ratos olham para nós com ar desafiador e diminuimos o passo até pararmos em frente às caçambas de lixo gigantes.

— Bem que eu falei para você — digo, sem fôlego. O “cenário” é igualzinho ao da visão.

“Incluindo os caras de capuz enfiando crianças nos caminhões.”

— Ai, meu Deus! — Meu queixo cai. — Heath!

Pode não ser o mesmo grupo que sequestrou Pearl, mas estão aqui — as vans, os homens, as crianças. “Está acontecendo de verdade. Em tempo real. Agorinha mesmo.”

Heath tenta me proteger e me puxa para ficarmos agachados ao lado de uma das caçambas, mas um dos homens vira a cabeça em nossa direção ao ouvir nossas vozes. Fomos descobertos.

Os bandidos resolvem vir com tudo.

— Eles estão fugindo!

Tudo acontece rápido demais para conseguirmos juntar nossos poderes, mas enquanto Heath e eu partimos para o ataque, nossa força, mesmos separados, é incontestável.

Vejo fios de eletricidade acima de nós e cerro os punhos, puxando a energia para o meu corpo enquanto os fios entram em curto-circuito. Então, quando estou quase transbordando de M, lanço tudo através dos meus dedos. Uma chuva de faíscas cai sobre os leões de chácara.

“Exatamente como os fogos de artifício na noite em que a levaram embora.”

Os sequestradores gritam, cobrem suas cabeças e, enquanto se espalham, Heath entra no “modo Demônio”. Ele se lança para a frente, uma força feroz cheia de velocidade e dor ao atingir um encapuzado por vez.

Enquanto tento chegar até as crianças, que estão na parte de trás de uma van, ouço um cantar de pneus e me viro bem na hora em que a van arranca.

— Wisty, segure-os aí! — Heath berra enquanto a van sai com tudo pelo beco, as portas traseiras ainda abertas. Antes que eu tenha tempo de conseguir bolar um plano, a van muda de direção com tudo para evitar os fios que deixei faiscando na rua.

— *Não!* — grito quando a van bate de frente e com tudo na lateral de um prédio, e o barulho... bom, aquela explosão vai ecoar nos meus sonhos para sempre.

Saio correndo em direção às chamas, berrando. “Se tiver alguma criança lá dentro...”

— Wisty! Volte! — Heath grita por cima do barulhão. — Saia daí! Essa van não estava carregando nenhuma criança!

Eu mergulho na calçada e quase desmaio de tanto alívio.

— Saia daí! — Heath continua gritando. Olho para cima e saio dali pouco antes de outra explosão latejar em meus ouvidos. Tremendo,

corro de volta para a primeira van.

Agora só sobrou um cara e sem encostar um dedo nele Heath faz o homem se ajoelhar no chão imundo à nossa frente.

— Para onde vocês estão levando os reféns? — exijo saber, quase sem ar, arrancando o capuz do sequestrador.

Sob o capuz, há um homem que está ficando careca, que tem o rosto castigado pelo vento e ódio nos olhos. Ele não diz uma palavra.

— O que vocês querem com essas crianças? *Quem é o seu líder?!* — tento de novo, mas ele só faz cara feia para nós e cospe nos meus pés.

Quando ele faz isso, Heath estreita os olhos. Uma camada de gelo começa a crescer devagar do chão sob os joelhos do homem. O gelo segue seu caminho para cima, sobre os dedos e os joelhos, e vai cobrindo o corpo dele devagar. Quando chega ao pescoço, o homem reclama.

— Heath... — eu me intrometo. Estou ficando desconfortável com o rumo que essa situação está tomando. — Chega, já deu.

— Se soltarmos esse cara, ele vai contar para o líder dele — Heath diz, cheio de confiança.

Como não respondo nada, ele olha para mim.

— Wisty, você quer conseguir salvar mais crianças ou não?

Mordo o lábio e faço que sim com a cabeça. “É a única coisa que importa.”

— Vocês não podem.... — o homem sussurra, batendo os dentes de frio.

— O que você disse? — Heath se inclina para escutá-lo. Eu olho para outra direção, só quero que isso acabe logo.

— Vocês não podem... usar... magia... — o sequestrador diz.

Heath dá de ombros e, com uma virada de pulso, a cabeça do homem fica totalmente coberta de gelo, os olhos abertos e congelados como se estivessem nos julgando.

— É, ouvi dizer... — Heath resmunga.

Capítulo 40

Whit

Sasha morreu mesmo.

Mas ainda não caiu a ficha. Mesmo depois de ficar horas remexendo a terra dura para cavar a cova dele. Mesmo depois de eu ter visto a terra cobrir seu rosto aos poucos, enquanto Janine falava sobre a sua vida, e ouvir Ross chorar até perder a voz, ainda não consigo processar a morte dele.

Ele tinha a minha idade. Ele era meu amigo.

E está morto.

Ficamos sentados perto da pequena montanha de terra fresca e a neve encharca as nossas roupas.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto baixinho, meu coração se partindo, desesperançoso. — Deveríamos ir para casa.

— Não. — Ross enxuga os olhos e coloca a mochila nas costas. — Não podemos desistir. Temos que continuar. É o que Sasha faria e não vou decepcionar meu amigo.

Então, com um amigo morto e nossas esperanças despedaçadas, continuamos andando por horas em meio ao granizo e à neve. Ninguém fala nada, e o silêncio da floresta é fúnebre e sereno ao mesmo tempo.

Quando as primeiras estrelas aparecem no céu do crepúsculo, minhas pernas mal conseguem me carregar. Começo a procurar um lugar para montar acampamento, agradecido pelo fim desse dia terrível.

Janine para com uma expressão estranha no rosto.

— Vocês estão ouvindo? — ela pergunta.

— Parece uma risada — Ross comenta.

Inclino a cabeça para o lado, tento escutar com atenção. O que ouço me faz tremer. “Não pode ser.” Olho para os meus companheiros de viagem.

— Parece... um monte de crianças.

Saímos correndo por entre as árvores em direção ao barulho de crianças brincando, e a esperança começa a voltar aos pouquinhos para o meu coração.

Mas quando olhamos por sobre o morro, para o vale lá embaixo, minha animação murcha.

“É pior do que eu tinha imaginado.”

— O que eles estão *fazendo* com aquele menino? — Ross fica de queixo caído.

Faço que não com a cabeça, não consigo desgrudar os olhos. A cena lá embaixo é grotesca. Um menino está chicoteando as próprias pernas sem parar com uma vara cheia de espinhos, que deixam listras vermelhas por onde passam. As coxas dele são uma mistura de sangue e vergões.

E o pior da história é que há uma multidão de crianças, de todas as idades, apreciando o espetáculo. Elas estão torcendo para o menino continuar. Cada chicotada provoca uma salva de palmas.

O campo é pequeno, mas há centenas de crianças andando por ali, à espera de ordens. Quando o espetáculo de tortura chega ao fim, um dos sentinelas corpulentos toca um sino de deixar qualquer um surdo.

As crianças começam a trotar na mesma hora, como se estivessem apostando corrida, mas não há marcação nenhuma nem linha de chegada. Elas apenas percorrem um círculo no campo, sem parar, usando os joelhos ossudos com uma concentração obstinada.

Elas pulam sobre as crianças estiradas no chão — as que não estão mais se mexendo —, e às vezes até pisam nelas.

Enquanto correm, dá para ver que a maioria das outras crianças não está num estado muito melhor que o do moleque torturado. Elas são magras, usam roupas finas e rasgadas, têm bochechas afundadas e seus olhos estão fundos de tanta exaustão. Algumas não têm todos os dedos das mãos, outras, os dedos dos pés. Vejo uma menininha com um pano sujo amarrado ao redor do toco onde deveria estar a mão dela, e sinto a bile subir até a minha garganta.

— Pearl... — resmungo, saindo de trás do morro.

— Não — Janine diz baixinho, segurando o meu braço. — Eles vão nos ver! Não é ela, Whit. Não é a Pearl.

Ela tem razão. O cabelo da menina é mais claro e as pernas são mais compridas. Seu rosto é muito velho para ser o de Pearl Marie Neederman.

Mas *poderia* ser. Esses monstros podem ter feito a mesma coisa com Pearl. Torturar. Mutilar. *Se está aqui...* quem sabe o que foram capazes de fazer com ela.

— Temos que invadir esse campo — digo, me segurando para a voz não tremer.

— Agora? — Os olhos de Ross estão arregalados como pires. Eu sei que ele está pensando em como Sasha morreu, mas o cara é corajoso e concorda com a cabeça.

Janine, por outro lado, não concorda nem um pouco.

— Não. Vamos dar uma olhada amanhã — ela diz. — Está escurecendo.

— Seria tão fácil libertar todo mundo dali agora mesmo! — insisto. — Não há cerca e eles só têm alguns guardas...

— Não sabemos o que eles têm. *Alguma coisa* está fazendo essas crianças agirem dessa maneira. *Alguma coisa* fez aquele menino... — Ela faz que não com a cabeça. — Amanhã — ela diz

com firmeza. — Não vamos chegar lá à noite sem saber no que estamos nos metendo. É suicídio.

Capítulo 41

Whit

Cerro os dentes enquanto montamos acampamento sobre a plataforma de pedra. Lobos uivam a distância e o vento assobia por entre as pedras. Estou tentando não bater os dentes de frio e nem rangê-los de tanta raiva e frustração.

Amanhã. Eu me ajeito na minha cama grosseira, suspirando, e prometo mais uma vez: *se Pearl estiver naquela casa dos horrores, amanhã vamos tirá-la de lá.*

— Você está tremendo — Janine diz, pousando a mão sobre a minha bochecha.

Seguro os dedos macios e gentis dela junto ao meu rosto.

— Minhas roupas ainda estão molhadas — explico, sem mencionar os pensamentos que estão realmente me congelando até os ossos. — Seria loucura eu esperar que fosse ficar mais quente a essas alturas.

Janine faz que não com a cabeça.

— Mas não é loucura, não. — Vejo que ela vem em minha direção carregando o saco de dormir embolado no braço. — Eu estava aqui pensando que Ross e Feffer tiveram uma ótima ideia. — Ela aponta para o nosso amigo, que está dormindo abraçado à cachorrinha. — Dividindo o calor do corpo — Janine diz, e seu sorriso é a primeira coisa que me esquenta de verdade desde que começamos a escalar essa Montanha.

— Assim é melhor — digo, quando ela se enrosca ao meu lado. Sinto seu perfume, na verdade um cheiro doce de pinho e de terra, e a noite fica um pouco menos escura. Ficamos deitados por um bom tempo, ouvindo o barulho dos morcegos e das folhas ao vento.

— Não era só por causa do calor — Janine finalmente diz, e sua voz fica abafada pelo meu peito. — Eu só... eu não queria ficar sozinha esta noite, sabe? Vejo o rosto dele cada vez que fecho os olhos.

— Eu sei. Eu também. — *O rosto de todos eles. E principalmente os olhos deles.* Vejo os olhos de Sasha quando a vida abandonou seu corpo, os olhos de Wisty se enchendo de lágrimas quando dei as costas para ela, e os olhos mortos da menininha sem mão.

— Como é que vamos conseguir dormir de novo? — Janine pergunta, sem esperanças. — Como é que vamos conseguir superar isso?

A luz da lua se reflete nos olhos dela, fazendo seu olhar reluzir de tanta vida. De repente, não consigo me controlar — não estou mais pensando em tristeza, nem em tragédia, nem no frio. Estou pensando no calor no ponto onde nossas pernas se tocam. Estou pensando na silhueta do corpo dela sob o cobertor e em como sua pele deve ser macia...

Estou pensando numa noite passada sob as estrelas com uma menina que me deixa louco. *Janine.*

— Talvez precisemos nos lembrar das pessoas que ainda temos na vida — sussurro e ouço o desejo na minha voz. — Talvez precisemos agir como se cada dia fosse o último, e seguir em frente.

Janine levanta o queixo para olhar para mim.

— Então, o que você faria se tivéssemos apenas este momento?

Eu a beijo com força e ela retribui meu beijo, me puxando mais para perto. Apesar de o mundo estar se desintegrando ao nosso redor, esta noite Janine e eu nos sentimos mais vivos do que nunca, e nos abraçamos com força até a última estrela desaparecer do céu.

Capítulo 42

Wisty

Depois de acabarmos com as vans dos sequestradores, Heath traz à tona um assunto que eu estava evitando considerar.

— Isso me faz pensar no que mais seríamos capazes de fazer juntos, não é mesmo? — ele diz com um sorriso cheio de segundas intenções.

Alguma coisa acontece comigo quando vejo aquele sorriso, e fica impossível *não* beijá-lo. Saboreio o gosto doce de seus lábios, e enrosco meus braços ao redor de seu pescoço, respirando sua presença.

— Rã-rã. — Ouço uma vozinha bem perto de nós.

Uma dúzia de crianças ainda está junta perto da van abandonada, nos encarando enquanto nos beijamos ali, naquela confusão toda, em meio à fumaça.

Fico sem graça, dou uma tossida e me afasto de Heath.

— O que vocês estão fazendo na rua a essa hora? — dou uma bronca, mas elas ainda estão olhando de queixo caído para mim, chocadas demais para conseguirem se mexer.

O grupo é uma mistura de crianças pequenas e outras maiores, algumas molambentas, outras bem-vestidas, algumas loiras, outras morenas. Quem quer que seja que está sequestrando essa garotada deve estar focado em quantidade. *Mas para quê?*

— Seus pais não falaram que os monstros saem às ruas depois do toque de recolher? — pergunto, pegando mais leve. Mesmo assim, ninguém responde nada.

A não ser que... “Nossa, eles estão com medo de *mim*”, percebo, chocada. “*Eu sou* o monstro que vem para a rua quando escurece”, graças à retórica antimagia do Bloom. E agora eles nos viram provocando um incêndio com os fios de eletricidade, explodindo um carro e congelando um cara, o que não é um cartão de visitas muito legal. Suspiro.

— Todo mundo circulando! — Bato palmas, o que parece tirar algumas crianças desse transe e elas saem correndo em todas as direções. — Voltem para casa, para as suas mães, e digam a elas que vocês viram a bruxa do fogo e seus feitiços terríveis!

“Talvez eles contem para elas que salvamos suas vidas também.”

— Muito obrigada, Dona Bruxa do Fogo — diz uma menininha vestida com um suéter cor-de-rosa. Ela chuta o cara congelado ao passar por ele. — Ele ficou melhor assim.

Ela lembra Pearl Neederman com seus olhos sábios e maduros.

— Oi, qual é o seu nome? — pergunto.

— Bettina Alexandra Gannon. — Ela se inclina para frente como se estivesse contando um segredo. — Minha mãe disse que é melhor dizer o nome completo se quiser que as pessoas se lembrem de você. Vocês não vão esquecer, né?

Ponho a mão sobre o coração e olho para ela solenemente.

— Eu não vou esquecer.

Eu vou me lembrar para sempre dessas crianças e do que tivemos que fazer para salvá-las. Talvez tenhamos feito algo de bom esta noite. E talvez possamos repetir isso.

Depois que a última criança foi correndo para casa, olho para Heath e sorrio.

— Muito obrigada por ter me tirado de casa. Mesmo tendo que invadir meu apartamento.

Ele sorri também, mas um sorriso diferente. Ele fica me olhando por debaixo daqueles cílios compridos, com aquele olhar intenso

que me pegou de jeito na festa. Ele dá alguns passos lentos sobre os paralelepípedos da rua em minha direção, e seu olhar firme e sugestivo faz com que aquela distância se transforme em quilômetros e quilômetros.

— E falando em casa... — Heath leva minha mão enfaixada aos lábios, beijando os nós dos meus dedos com todo o carinho, um por um, e fico sem ar. — Posso mostrar a minha para você? Tudo bem?

Sinto o calor subir pelo meu pescoço quando faço que sim com a cabeça. Não paro de falar um minuto enquanto andamos. Acho que não estou conseguindo esconder meu nervosismo.

— Então — Heath diz ao chegarmos às escadas da varanda do prédio dele. — Eu ainda assusto a Senhorita Wisty Allgood?

— Hoje eu já aponte um caco de vidro para o seu pescoço, lembra? — digo com um sorrisinho, e Heath gargalha. Fico com a postura mais ereta, olhando nos olhos dele. — Você nunca me assustou — respondo.

Heath se aproxima.

— Bem que eu queria poder dizer a mesma coisa... — ele sussurra.

Então ele junta seus lábios aos meus, primeiro bem de leve, depois com toda a força. Enquanto Heath vai andando para trás lentamente, em direção aos degraus, vou seguindo o beijo dele, deixando que ele me leve escada acima.

Mais um passo. E outro.

Uma febre se alastra pelo meu corpo, pelas minhas pernas e pelo meu peito, até o meu pescoço...

“Ah, não!”, sinto meu cabelo pegar fogo. “Por favor, agora não.”

Tento me soltar de Heath, com medo de queimá-lo, mas ele segura meu corpo com ainda mais força, sua pegada é firme e seus lábios são insistentes.

O fogo se alastra pela minha pele e qualquer hesitação que senti simplesmente some. A chama amarela e pálida fica cada vez mais alta e mais quente, e ruge entre nós.

E eu nem me importo. Não há dor. Só prazer.

Isso é tudo o que já quis na vida.

Capítulo 43

Wisty

O ar vibra com nosso calor, que é branco de tão quente — eu nunca tinha visto algo assim. É como se meu próprio sangue estivesse fervendo. A sensação se espalha pelo meu corpo como se tivessem jogado um fósforo aceso em gasolina, subindo em segundos dos meus dedos dos pés até o meu cérebro febril.

Paramos um pouco para recuperar o fôlego, e nossos olhos se encontram mais uma vez. Tudo acontece em apenas um segundo, mas é como se o tempo tivesse parado. Os olhos dele me envolvem com devoção total.

“Ninguém nunca olhou para mim desse jeito.”

E tem um algo a mais no olhar de Heath também: poder.

O poder do amor e do desejo e do calor, que controlam meu corpo, meu cérebro e minha magia. Um poder alimentado por cada toque. Um poder que está ali entre cada beijo enlouquecido, crepitando e chiando nas chamas.

Tudo é tão intenso entre nós, como se cada pensamento, cada emoção fosse compartilhada e traduzida num fogo físico, real, que queima à nossa volta.

E está ficando mais quente. E mais quente. E mais...

De repente ouço um “vush” quando o telhado da varanda onde estamos pega fogo de vez.

Heath nem percebe. Ele ainda está me puxando para a entrada do prédio.

Mas, de repente, não sei se é isso mesmo que quero. De repente, mal consigo ver alguma coisa através da fumaça, não consigo nem

respirar entre um beijo e outro. O fogo está se alastrando, o calor me sufoca e...

Nunca senti minha magia ficar tão fora de controle.

— Espere um pouco! — Dou um passo para trás, me soltando do abraço dele.

— O que foi? — Heath pergunta, sem fôlego.

Nada. Faço que não com a cabeça. *Tudo.* Meu cabelo ainda está soltando faíscas, deixando meu desejo na cara, e não consigo explicar por que não quero entrar por aquela porta.

Eu não sei se estou pronta.

O calor aumenta um pouco mais antes do meu fogo começar a se apagar. Mas a varanda do prédio ainda está pegando fogo. “O que foi que eu fiz?”

Heath tenta pegar a minha mão.

— Tudo bem, Wisty.

Há preocupação na voz dele, mas seu toque ainda está quente demais e tiro a mão sem querer. Mas ao fazer isso, meu coração se parte em dois.

— Eu não posso... — sussurro, e antes que ele pronuncie outra palavra, me viro e, ouvindo o barulho das sirenes a caminho, saio correndo.

Lágrimas descem pelas minhas bochechas enquanto corro. “Não é para ser assim.” Até esse momento, eu tinha orgulho da força da minha magia. Mas agora, ao sair correndo de um prédio em chamas porque tenho medo do poder que um beijo poderia ter, me sinto humilhada.

E com raiva.

Tremendo, ilumino o beco com alguns raios e um monte de janelas se estilhaçam enquanto soluço de tanta frustração.

Lanço bolas de fogo em latas de lixo e elas entram em erupção como fogueiras ardentes.

Com um grito, chuto uma delas e o fogo se alastra por todo canto ao entrar em contato com o ar. O prédio ao lado fica coberto de chamas e parece me seguir pelo quarteirão.

Sei que tem gente assistindo a tudo, vejo as caras feias e os olhos cheios de medo me vigiando através das rachaduras nas portas e por trás das cortinas.

O fogo se reflete nas janelas espelhadas nos dois lados da rua. Parece que está ficando cada vez maior, parece que está me cercando. Meu cabelo ainda está soltando faíscas e a trilha de fumaça me segue até o final da rua.

“Não é à toa que estão com medo de mim.”

Capítulo 44

Whit

— Mas você me prometeu, Whit! — Célia geme, enlouquecida. — Você *me prometeu* que não viria para a Montanha.

— Na verdade, prometi que não iria atrás do Rei — digo, mas me sinto culpado. — E não vim.

O olhar desanimado dela faz eu me sentir pior ainda. Acho que Célia nunca tinha ficado brava *de verdade* comigo — até agora.

— Me desculpe, Cé. Eu não tive escolha. Você não sabe como a situação está ruim lá na Cidade. Alguém precisava negociar...

— Mas estou falando para você, Whit, o Rei da Montanha não negocia nada com ninguém!

Dessa vez Célia não é uma cabeça flutuando no céu. Nem uma voz distante. Nem mesmo uma Meia-Luz tremulando na Terra das Sombras, capaz de sentir emoções, mas não de receber um abraço.

Dessa vez, ela está andando de um lado para o outro no terreno pedregoso da Montanha, bem em frente ao nosso acampamento, igualzinha à Célia que estava na escola no dia em que sua avó morreu, os olhos vermelhos de tanto chorar. Lágrimas escorrem por sua pele, que nem está brilhando. Dessa vez, ela não está perfeita: o rosto dela está vermelho e Célia está com raiva.

E parece tão, tão *real*.

— Isso aqui é um sonho? — penso em voz alta.

Continuo tentando esticar a mão para ver se os braços dela são sólidos, e se consigo tocar em seu cabelo grosso e cacheado. Mas a floresta é estranha. Acho que ela está em frente a uma árvore, mas quando estendo a mão, ela já mudou de lugar.

— Você está escutando o que estou dizendo? — ela exige saber, virando-se para mim. Até a agitação dela parece tão... humana de novo.

— Você está viva? — pergunto sem pensar.

A pergunta deixa Célia mais irritada ainda.

— Não, amor. Estou morta e enterrada. — Célia olha com a expressão dura para mim. — Lembra?

— Lembro — digo sem saber ao certo, mas é tão difícil negar o que vejo na minha frente agora.

Célia faz que não com a cabeça.

— Você está confundindo as coisas. Eu vim para avisar você, mas é tarde demais. Você nem consegue me ver; não de verdade.

A acusação me dói no coração.

— Consigo ver você, sim! — protesto. — Você está mais linda do que nunca.

Célia faz que não com a cabeça e cada passo que dou à frente, em direção a ela, parece fazer eu voltar para trás de novo, para o outro lado da rocha.

— Volte para Wisty *agora*, Whit! — ela ordena. — Ela precisa de você.

Fico nervoso só de ouvir o nome da minha irmã. Espero que Byron esteja de olho nela.

— Vou voltar para a Cidade logo, logo. Só preciso salvar Pearl primeiro.

— Pearl já está perdida! — Célia insiste. — Eles todos estão perdidos. O Rei da Montanha leva todas as crianças.

— As crianças? Mas podemos resgatá-las! Eu vi o campo e...

— Não, ele *leva* mesmo as crianças! — ela repete com um brilho selvagem nos olhos. — Ele as *purifica*. As crianças não estão mais

lá. Elas sofreram lavagem cerebral.

Faço que não com a cabeça, triste, pensando que talvez ela esteja falando do rio que os mortos atravessam para o Além.

— Sinto muito, Cé, mas não estou entendendo.

— Escute aqui! — ela berra, cheia de raiva. — Eu tentei avisar você antes. Tentei avisá-lo porque amo você! — Ela começa a chorar e seus ombros tremem.

— Você sabe que também sempre vou amar você, né, Célia? — digo a ela. Mas ela soluça ainda mais, enterrando o rosto entre as mãos. — Está tudo bem. Não chore. Olhe para mim. Por favor.

Mas quando ela levanta a cabeça para olhar para mim de novo, não vejo nada. O rosto dela está *vazio*.

Estremeço e acordo de repente. Estou no mesmo lugar, na floresta, no meu saco de dormir, e sentindo mais frio do que nunca.

Janine está andando ali por perto, onde Célia estava antes, e fico aliviado ao ver que o rosto dela está onde deveria estar, com todas as sardas e os olhos verdes cheios de lágrimas.

“O que aconteceu?”

— Você estava falando enquanto dormia. — Ela faz que não com a cabeça. — Falando da Célia.

“Ah, não!”

— Espere um pouco — digo, e me sento e pego a mão dela. — Janine, não foi...

— Mesmo agora, mesmo depois de tudo, você não consegue esquecer a Célia — ela diz, tirando a mão dela da minha e marchando em direção às árvores.

Estou tentando me desenrolar dos cobertores quando ouço Janine gritar.

Capítulo 45

Whit

Janine vem correndo para a clareira, tropeçando em mim enquanto olha para trás, por cima do ombro.

— O que aconteceu? — pergunto, alarmado, tentando enxergar alguma ameaça. — Você está bem?

— É Margô! — Janine responde com a voz fininha, choramingando, os olhos arregalados.

“Margô?”, fico pensando e procurando um machucado na cabeça dela ou algum sinal de que Janine esteja ferida. “Isso não faz sentindo algum.”

Feffer começa a latir e Ross pisca várias vezes antes de finalmente abrir os olhos em sua cama na pedra.

— Quem é Margô?

— A menina mais irada da Resistência! — a garota responde e sai de trás dos pinheiros.

Ela se parece *mesmo* com a melhor amiga de Wisty, usa calças camufladas roxas e tudo mais. Mas não há nem sinal de cinzas no cabelo louro dela e seus olhos brilham de tanta vida. O que explica o choque no rosto de Janine: Margô foi assassinada pelo O Único.

“Ela está morta há mais de um ano.”

— Oi, gente — diz Margô, andando, falando e *respirando*.

Fico de boca aberta. *Eu assisti à execução dela. Eu vi essa menina virar fumaça.*

Não vi? O Único matou uma menina naquele dia, uma menina que estava usando os tênis de Margô, num estilo meio punk e

cobertos de estrelinhas. Uma menina cujo rosto ninguém viu, porque estava escondido pelo capuz. Mas *tinha* que ser ela. Não é?

— Oi, Margô — respondo meio ressabiado, sem saber por onde começar. “Onde você esteve esse tempo todo? Como você nos encontrou nessa Montanha? Como é morrer?” — E... aí?

— Achamos que seria legal reunir a turma toda de novo. — Ela inclina a cabeça para o lado.

“Nós?”

Sasha vem andando em meio às árvores, em nossa direção.

— Aaahhh! — Ross consegue dar um gritinho fino antes de cair desmaiado no chão.

Também não estou me sentindo muito bem. Enterramos Sasha ontem, passamos horas cavando o chão congelado para fazer uma cova para ele, e agora o cara está aqui, falando conosco.

Feffer solta um ganido bem agudo e nervoso.

O sangue não está mais na bandana que Sasha usa amarrada na cabeça e não há nem sinal do buraco que a flecha abriu em seu peito.

— Oi, cachorrinha. — Ele estende a mão, mas Feffer se esquiva do toque dele com o rabinho entre as pernas.

— O que você acha de encontrarmos uns moleques da Montanha para matarmos? — Margô sugere. Ela pega uma pedra pesada com a ponta afiada e a joga para cima algumas vezes.

Janine olha para mim, alarmada. É a voz de Margô, mas, “irada” ou não, ela era fraquinha demais para erguer uma pedra pesada como aquela e *jamaís* teria ficado animada com a possibilidade de matar alguém.

Começo a me afastar e sinto braços se enrolando ao redor da minha cintura.

Eu me viro, e é igualzinho ao que vi no sonho.

Célia está aqui, nesta floresta, ela não é mais uma cabeça flutuando no céu.

— Fiquei com saudade de você, Whit — Célia diz.

Mas não exatamente como no sonho porque, dessa vez, as bochechas dela estão cor-de-rosa por causa do frio e consigo sentir os braços dela sólidos ao redor de mim.

Reais.

Fico tonto por um momento e sinto as lágrimas se congelando em meu rosto.

— Whit! — Janine me chama num tom mais cheio de medo do que de mágoa.

Quando olho em direção à voz dela, vejo o rosto sorridente de Margô se transformar enquanto milhares de vermes minúsculos saem de seus olhos.

“Morta e enterrada.”

Pulo para trás de tanto nojo, mas Célia me abraça com força, abre aquela boca linda, que eu conhecia tão bem, e uma nuvem de insetos pretos começa a verter de seus lábios.

“Abelhas.”

Dou golpes no ar, tentando me esquivar delas como já me esquivei de outros Demônios, mas há milhares de abelhas ao meu redor. Caio no chão, protejo minha cabeça das ferroadas enquanto meus ouvidos latejam com aquele zumbido furioso.

Feffer está latindo freneticamente, Janine está berrando e eu estou me sufocando com aquelas abelhas zunindo, como se fossem dedos invisíveis apertando a minha garganta.

— Basta! — alerta uma voz forte de mulher.

O ar fica limpo, o zumbido chega ao fim e eu abro os olhos aos poucos, ainda em posição fetal, tentando adivinhar quem seria a nossa salvadora. À luz brilhante da manhã, ela se confunde com a

Montanha. Ela usa uma capa de penas brancas salpicadas de marrom e algumas penas também no cabelo loiro platinado. Seus olhos penetrantes encaram com nojo as figuras ao meu redor.

Mas... elas também já não são mais as mesmas. Sasha e Margô foram substituídos por dois caras enormes, de barba e dreadlocks nos cabelos. No lugar de Célia, um homem gigante com um olho de vidro encara a mulher de um jeito que deixaria qualquer um nervoso.

Isso tudo parece ser resultado de um tipo de magia que eu nunca tinha visto antes.

— Fomos enviados aqui para matá-los — o gigante diz sem muita cerimônia. — Pelo Rei.

— Pode deixar que *eu responderei* ao Rei — a mulher diz. — E quanto a Whit Allgood... — Ela se vira para mim. — Ouvi dizer que você tem o poder da cura. Pode provar?

Capítulo 46

Whit

Estamos viajando a cavalo por horas, subindo a Montanha em meio ao ar congelante. Pelo jeito esse Reino foi construído nas nuvens.

— Nossa missão era matá-los, Izbella — o homem com olho de vidro diz à mulher das penas. Ainda tenho a impressão de que ele é gigantesco e perigoso enquanto observa a tudo do alto de seu cavalo de guerra, que também tem cara de poucos amigos.

— Eu disse que tomaria conta disso, Larsht — a mulher diz de maneira direta.

Larsht faz cara feia, mas não fala mais nada.

Seguimos por uma estradinha estreita e perigosa que ladeia o cume da montanha e pende para o abismo. Ao virarmos a esquina ao longo do penhasco, o grande Reino da Montanha surge como que do nada, e suas terras se espalham pelo vale abaixo.

As construções são baixas e robustas, aninhadas como dentes na neve dos morros, e lagos enormes nas montanhas são tão planos e tranquilos quanto o céu sem nuvens. Alguma coisa se mexe dentro de mim — algo como poesia — e Janine parece senti-la também.

— É de tirar o fôlego! — Ela fica boquiaberta e protege os olhos do sol.

— Não é mesmo? — pergunta Izbella, ordenando seu cavalo à frente.

Acima dos portões do Reino, tremula uma bandeira com um leopardo branco e lá dentro a paisagem não corresponde a nada do que eu esperava. Não há construções gigantes e nem sinais de um

comércio agitado. Mas as estruturas robustas de pedra e madeira são bem sofisticadas, e até o caminho de pedras, que nos trouxe até aqui, é substituído por ruas pavimentadas e planas.

— Muito mais limpa que a sua Cidade, não é? — Larsht diz à medida que nos aproximamos do castelo modesto que surge à nossa frente. — Aqui não tem ratos, nem doenças, nem sujeira. O povo daqui é purificado pelo próprio Rei.

— É um modo de vida superior — Izbella concorda.

Fico estudando essa mulher estranha e tão cheia de contradições. Não sei o que pensar dela. Ela me trouxe aqui para salvar alguém, mas não está preocupada com as crianças torturadas. Está na cara que ela tem uma certa autoridade nesse Reino, mas desafia seu Rei para salvar pessoas que desdenha.

— Se vocês já têm tudo isso, então por que *nos* querem? — pergunto.

Izbella se mexe em sua sela, desconfortável.

— Você tem que perguntar isso ao Rei. — Ela estala a língua e seu cavalo branco galopa à nossa frente pela rua.

Larsht se inclina em nossa direção.

— Porque não se pode confiar em idiotas como vocês. — Ele dá uma risada, nos ameaçando com os olhos e seu bafo azedo. — Vocês nunca conseguiram tomar conta de si mesmos. Não sabem que crianças e jovens têm que trabalhar, e não governar?

Sinto a respiração trêmula ao passarmos sob a última fileira de bandeiras antes de chegarmos ao castelo, e as imagens de leopardos brancos tremulam violentamente na ventania lá em cima.

“Vamos ver do que você é capaz, Whit Allgood.”

Capítulo 47

Whit

A partir do momento em que estou do lado de dentro das muralhas do castelo, uma coisa já fica clara: *tem algo muito errado aqui*.

O aposento é mal iluminado, muito gelado e fede à morte.

Os guardas permanecem a postos, nos segurando à porta até recebermos um sinal para entrar, então não dá para saber muito bem o que está rolando.

As janelas são escuras e apesar de haver uma lareira, não existe carvão o suficiente no mundo para esquentar esse lugar. Silhuetas sombrias andam pela sala usando máscaras, parecem estar fazendo algum ritual macabro.

Estico o pescoço para ver o que está acontecendo e, de repente, entendo por que estou aqui.

Um menino está deitado sobre uma mesa ao fundo da sala. Ele não veste nada da cintura para cima. Pelo seu rosto, não deve ter mais que 13 ou 14 anos. Os ossos estão saltados em seu corpo frágil, e suas pernas tortas e subdesenvolvidas fazem com que ele pareça menor e mais novo. Ele se contorce de dor.

Percebo, com desânimo, que as silhuetas encapuzadas seguram foices acima do corpo dele. As lâminas compridas e encurvadas são horrendas, feitas para trabalho sujo, e então me lembro das crianças mutiladas.

As mãos cobertas com luvas estão abaixando as lâminas. “Ai, meu Deus. Ai, meu Deus!”

— Não! — berro, e avanço até a mesa.

Antes que as mãos gigantes de Larsht me puxem para trás com tudo, vejo o meu erro: as foices não estão ali para cortar membros, mas gelo. Blocos enormes de gelo estão empilhados sobre uma bancada e os dedos enluvados seguem raspando tiras congeladas e colocando-as sobre o menino. Até a mesa é feita de gelo.

Não estou entendendo nada. Será que eles não percebem? Isso só está piorando a situação.

O menino tosse forte, um ronco se espalha por seu peito e ele treme enquanto o gelo se transforma em água gelada sobre seu corpo, derretendo ao tocar sua pele febril.

Eles usam máscaras para evitar que a infecção se alastre. É tão virulenta que quase sinto seu cheiro.

— Vocês não vão curá-lo assim — digo aos caras do gelo. — Ele precisa da febre para ajudá-lo a sarar. Ele precisa do calor para queimar a doença de dentro para fora.

— Ele quer sujar meu menino com fogo! — Larsht diz, me jogando contra a parede.

— Posso vê-lo mais de perto? — peço. — Talvez eu consiga ajudar.

— Não queremos o seu veneno!

Outros soldados engrossam o coro de ameaças:

— Purifiquem o forasteiro!

Duas sentinelas saem das sombras com punhais e machados em punho, me empurrando para a frente, e me sinto como um animal encurralado contra a parede. Meus nervos estão à flor da pele.

Esse negócio pode ficar bem feio, e depois daquele episódio bizarro com nossos amigos mortos, vai saber o que esses magos da Montanha são capazes de fazer. Fico esperto para tentar perceber movimentos bruscos, de olho nas mãos que podem tentar pegar o machado...

— Deixe que ele entre aqui — Izbella diz numa voz baixa e controlada. Parece que ela se materializou do nada. Enquanto os soldados abrem caminho para ela, a capa de penas de Izbella faz barulho e ela me mostra aonde devo ir. Janine e Ross ficam para trás.

— Você consegue curá-lo? — pergunta uma mulher que só pode ser a mãe do menino, pois segura as minhas mãos com toda a força. O rosto dela também está mascarado, mas o desespero em seus olhos faz eu me lembrar de Mama May Neederman.

“Será que consigo curá-lo?”

— Eu... — Fico pensando em Sasha, e em como não consegui salvar meu amigo, como a magia não vinha. Mas estou forte de novo. Acho que consigo... já fiz isso antes. — ... Acho que sim. — Faço que sim com a cabeça, olhando nos olhos brilhantes da mãe do menino.

— Não toque nele! — Larsht vem abrindo caminho às cotoveladas até a sala de novo. — O Rei disse que o gelo iria curá-lo, que o frio iria purificá-lo! — o homem grisalho e teimoso faz questão de protestar.

— E você acha que os pulmões dele *melhoraram*? — sua mulher grita. — Eu sinto nosso menino indo embora, Larsht. — Ela toca o braço dele, implorando. — Você não consegue ver a vida abandonando o corpo dele?

Larsht empurra a mão da esposa.

— Só uma pessoa vai morrer aqui hoje — ele responde de maneira ríspida. — E essa pessoa é Whitford Allgood.

Fico fulo da vida com a ameaça de morte, mas nesse momento há um menino sofrendo e não importa de que lado ele está.

— Se afaste! — dessa vez, a voz de Izbella é cortante e firme. — Nos deixe! — a mulher emplumada dá seu comando a Larsht.

Ele lança um olhar furioso para ela, mas parece perder um pouco da vontade de brigar ao ver seu filho tremendo e respirando com dificuldade sobre a mesa.

— Se você quer que seu filho sobreviva, deixe esse menino fazer o que ele tem que fazer.

Capítulo 48

Whit

As palavras de Izbella fazem o poder acordar dentro de mim. De alguma maneira, agora eu sei: eu tinha que estar aqui, nesse momento, nessa Montanha maldita. Meu destino era estar aqui para salvar esse menino.

Ao comando de Izbella, os guardas se retiram da sala claustrofóbica e os caras de capas escuras saem do caminho e desaparecem em meio às sombras.

Eu me aproximo da mesa, onde a luz tênue de uma única lâmpada faz o gelo brilhar. O bloco brilha com uma luz fria, como se estivesse aceso lá dentro, mas a luz da vida do menino está quase chegando ao fim.

— Qual é o nome dele? — pergunto em voz baixa.

— Njar — Larsht responde, e sua voz sempre tão áspera finalmente se torna mais gentil. — O nome dele é Njar.

Fico olhando fixamente para o menino aleijado, que está definhando à minha frente.

— Njar — repito, e a sílaba tem um gosto estranho na minha língua.

“Mãos que curam”, mentalizo enquanto coloco as palmas sobre o peito dele. “Não me abandonem agora.”

Alguns soldados tentam voltar para a mesa, resmungando e reclamando, mas Izbella segura todo mundo lá atrás, para eu poder me concentrar.

Sinto o pulso bater sob os meus dedos, tão fraco e rápido quanto o de um passarinho, mas que ainda está ali. Esse cara está lutando

para viver.

“Como Wisty durante a Peste do Sangue, quando ela quase foi embora...”

— Sua hora ainda não chegou, Njar... — sussurro de leve, como fiz com a minha irmã naquele dia.

A pele dele está molhada de suor e gelada até os ossos, mas à medida que a M começa a sair das pontas dos meus dedos, uma onda de calor deixa marcas vermelhas em seu peito. Sei que meu remédio está funcionando.

Fecho os olhos, ainda mantendo as mãos sobre o peito dele, e me concentro em captar meu poder dentro de mim e transferir essa força para ele. Consigo sentir meu poder percorrendo suas veias e indo em direção aos pulmões, como um soro de cura fazendo o seu trabalho.

Procuro a escuridão e a morte, e arranco a dor de lá também. Meu poder consome tudo.

— Volte para nós, Njar — sussurro, sentindo minhas mãos se levantarem enquanto o corpo dele esquenta e se fortifica. — Volte para todas essas pessoas que amam você.

Estremeço ao sentir a febre deixando o corpo dele, partindo em retirada furtiva como uma cobra.

Quando abro os olhos, Njar está flutuando acima da mesa, à altura dos meus ombros. Ele começa a tremer das canelas até o pescoço e, à medida que esse movimento se alastra, ele se... *transforma*.

Seus músculos começam a ficar mais cheios. Sua respiração fica mais estável. A cor invade suas bochechas.

E tem mais uma coisa. Parece que uma luz começa a emanar dos poros dele, fazendo com que a sala inteira brilhe com essa energia de cura.

Eu finalmente solto a respiração. Ele está a salvo.

Os membros da família piscam ao ver o menino suspenso no ar e, ao retirarem suas máscaras cirúrgicas, vejo que lágrimas correm livremente por seus rostos.

Alguns dos parentes de Njar deixam suas capas sobre o bloco de gelo. Pego o menino pelos ombros com cuidado e o levo devagar de volta à mesa.

Njar abre os olhos e sorri como se tivesse acabado de acordar de um sonho bom.

— Você voltou — a mãe dele diz, chorando.

Njar olha para ela, e seus olhos lúcidos brilham.

— Voltei para as pessoas que amo — ele diz com gratidão, e se vira para mim. — Como você disse.

A cor está voltando ao seu rosto e ele já perdeu o cheiro de morte, como se tivesse tirado um roupão antigo. Todo mundo abraça Njar — seus parentes e até Larsht.

— Você salvou meu sobrinho e o neto do Rei! — a mulher emplumada anuncia. — Você nos livrou dessa doença terrível e escorraçou a morte deste Reino. Estamos em grande dívida com você.

Não tenho nem tempo de saborear essa vitória, pois as portas enormes de madeira se abrem com tudo e soldados invadem a sala.

Capítulo 49

Wisty

— Ei! — chamo da calçada.

Heath sorri ao abrir a porta da frente.

— Oi! — ele grita para mim lá de cima. — Eu até ia convidar você para ficar na varanda, mas... — ele olha ao redor, para as pilhas de cinzas e madeira queimada onde um dia ficava a varanda, e caímos na risada.

— Acho que ficamos de cabeça meio quente, né? — pergunto, ficando vermelha de vergonha, e Heath concorda com a cabeça.

— Eu só queria dizer... — falamos de repente, ao mesmo tempo, no mesmo tom baixo e meio sem graça. É claro que isso provoca outro acesso de riso. Mas tudo bem dar risada. Rir é bom.

É melhor que chorar, por exemplo. Ou fugir.

Heath se move em minha direção.

— Depois de você.

Sinto uma coceirinha na garganta.

— Só vim aqui para dizer que sinto muito por ter fugido naquela noite.

Ele começa a fazer um gesto tipo “deixe para lá”, mas esse negócio está enroscado na minha cabeça desde aquela noite e preciso colocar para fora.

— Desde que O Único, bom, foi destruído — começo, não mencionando o fato de Whit e eu termos *matado o cara* —, não tive que usar meus poderes como usava na época da Nova Ordem. Estou percebendo que é meio *assustador* não conseguir mais

entender meus próprios poderes, e nem do que eu sou capaz. E você — engulo em seco —, você está fazendo eu usar essa magia de uma maneira que eu nem imaginava.

Heath faz uma cara de quem quer entender, mas eu ainda não acabei. Minha garganta está seca.

— O Único fez isso comigo também, sabe? — Engulo em seco de novo. — Não que eu esteja comparando o cara com você, não é nada disso...

O rosto de Heath fica nebuloso.

— Eu *já* trataria você da maneira como ele a tratou, Wisty! — ele diz com decisão na voz, desce o degrau e se aproxima de mim.

— Eu sei, eu sei... — Ele vem até mim e deixa que eu afunde o rosto no peito dele.

— A verdade é que, Wisty — o cabelo preto dele cai para frente —, você também faz com que eu use a minha magia de maneiras que eu nem conhecia. Desde que juntamos nossos poderes... você ainda sente aquela conexão mesmo quando não estamos juntos? Como se pudesse sentir...

“Um fantasma dos poderes do outro. O sussurro de um pensamento. Uma emoção. Uma onda.”

Faço que sim com a cabeça.

— O tempo todo.

— Então, é culpa minha forçar a barra. É que eu comecei a querer sentir aquilo o tempo todo. Eu tenho *desejo* disso. Como desejo você.

O olhar dele é fulminante, mais intenso do que nunca, e me lembro de todos aqueles momentos de tontura depois que saio de perto dele. “É, acho que sinto desejo por ele, também.”

— Mas posso ir mais devagar — ele completa. — Podemos deixar as coisas esfriarem um pouco.

— Não temos que esfriar — respondo rapidinho.

Heath abre aquele sorriso cheio de segundas intenções.

— Quer dizer, ainda temos tanto trabalho a fazer na Cidade. Por que não continuamos explorando nossa magia das maneiras que já fizemos, e tentamos deixar tudo mais sob controle? Tipo...

— Ainda tem muita criança para salvar, né? — Heath sugere.

— E várias maneiras de usar essa visão maluca de túnel para conseguir mais informações.

— E outras maneiras de não deixar o fogo da nossa luta se apagar. — Heath ergue uma sobrancelha e faz cara de safado. Sorrio, fazendo que não com a cabeça ao olhar de novo para a varanda queimada.

— Com certeza.

A rede de bruxos estava certa. A Cidade está entrando pelo cano rápido demais e eu *não consigo* controlar isso sozinha. E também ainda não estou pronta para ir correndo atrás do meu irmão.

“A Cidade precisa de uma bruxa e de um bruxo”, eles dizem, e é verdade. Por isso é que estamos aqui. Penso de novo no reflexo no vidro enquanto nossos poderes se juntavam — a menina com o cabelo ruivo despenteado; o menino de preto.

Uma bruxa. Um bruxo.

Não estou tentando substituir Whit para sempre, mas ele não está aqui no momento. Ele foi embora.

Então, por enquanto, vai ter que ser assim mesmo. E sinto que estamos no caminho certo.

Heath levanta o meu queixo e o céu fica refletido naqueles olhos azuis tão grandes e verdadeiros. Quando nos beijamos dessa vez, é como um “beijo-nuvem”: macio, leve, como um sonho, uma promessa do que ainda está por vir.

Capítulo 50

Whit

Parece uma batida policial.

Homens armados invadem a sala onde curei o menino. Todo mundo começa a gritar, e o terror e o caos parecem apagar tudo de bom que aconteceu.

No entanto, no momento em que o velho entra na sala, o silêncio toma conta de tudo e a temperatura cai mais uns vinte graus.

— Comemorando? — ele ronrona como um gato e inspeciona cada canto da sala.

Esse cara não usa coroa e está enrolado em peles ásperas e sujas de animais, mas assim que abre a boca, sei que é o famoso Rei Mago. O Homem da Montanha. O Leopardo da Neve.

Esse, sem dúvida alguma, é o cara que não negocia e com quem eu tenho que argumentar.

A fúria do Rei é palpável, quase emana dele como um zumbido e suga todo o ar da sala. Cada alma presente volta para seu canto invisível.

Protejo a mãe e a tia de Njar, mas pelo jeito Larsht precisa de mais proteção que qualquer um. Ele está tremendo dos pés à cabeça.

— Por que o menino Allgood está aqui? — O Rei aponta com o queixo em minha direção.

Quase não ouço minha própria voz ao tentar vencer o terror, mas tenho que fazer o que vim aqui para fazer. Dou um passo à frente.

— Eu... eu estou aqui para negociar — falo de uma vez.

Mas o Rei Mago nem olha para mim e anda lentamente em direção a Larsht.

— POR QUE O MENINO ALLGOOD ESTÁ AQUI?! — o Rei repete bem alto e bem na cara de Larsht. Estremeço. — Você sempre foi um menino de cabeça fraca, Larsht — diz o Rei. — Achei que arrancar o seu olho esquerdo poderia ajudá-lo a ver *direito* o jeito de fazer as coisas, mas agora sei que fui generoso demais com você.

— Por favor... — Larsht choraminga como uma criança, e se acovarda perante o velho. — Pai...

Por mais que eu não seja fã de Larsht, quase dói testemunhar essa cena.

Izbella, que até agora estava assistindo de perto a cada movimento do Rei Mago com a atenção de um falcão, finalmente fica de pé.

— Ele veio aqui para curar Njar, meu Rei.

“Por que ela não tem medo dele?”

O Rei olha para Izbella com nojo, e lança seus olhos estranhos e sem cor para mim pela primeira vez.

— E você o curou, foi? — ele pergunta quase em tom de brincadeira. Um frio cortante passa por mim, como se eu tivesse engolido um cubo de gelo de repente, e então, vai embora.

O Rei olha para Njar.

— As pernas dele ainda parecem bem tortas daqui.

— Meu avô! — Njar protesta, já sem esperanças. — *Por favor.*

— A infecção desapareceu — a mulher emplumada diz bem rápido, dando um passo à frente. — Whit Allgood salvou a vida de seu neto.

Mas o Rei já está estreitando os olhos leitosos e lançando um olhar maldoso direto para o neto, então Njar começa a ter uma

convulsão, e sua cabeça vira de um lado para o outro.

— Não! — grito, mas a magia poderosa do Rei me segura no lugar para assistir a algo que não posso acreditar que esteja vendo.

A magia dele está começando a *matar* o menino que acabei de salvar. “Esse homem é capaz de assassinar a própria família só para provar algo.”

A mãe de Njar soluça e empurra Larsht, mas o rosto dele é a imagem da derrota e, desta vez, ele não sai do lado do Rei, nem mesmo por seu filho.

Então, o Rei pisca, o sorriso mais pálido do mundo passa por seus lábios e o corpo de Njar cai, imóvel, depois que a convulsão passa. A respiração dele está difícil de novo, mas o menino ainda está vivo.

— *Eu* sou um mago. — O Rei Mago se aproxima de mim e vejo seu rosto de perto. A pele dele é como couro antigo e, sua barba, de um amarelo sujo. — *Você* é um inseto, uma barata que precisa ser esmagada! — A animação em seus olhos sem cor é assustadora. — E mesmo assim você ousa praticar magia nesse vilarejo, *na minha casa*?

A voz dele invade a sala como um trovão, e o calor de seu bafo azedo me atinge com tudo no rosto.

— Você pode saber curar, moleque, mas é melhor se lembrar de que *eu* sou o rei da destruição.

Estou tremendo e não me atrevo a abrir a boca.

— Agora, me diga — ele me pede num tom amigável e bem falso. — O que você quer negociar?

— Queremos recuperar o acordo da água — respondo, enfim. — E pedimos a libertação imediata das crianças sequestradas da Cidade, ou a pena é a guerra.

— Sim, é sim — o Rei diz, ameaçador. — Sempre é. Agora, o que é que *eu* quero? — O Rei passa uma unha comprida e grossa bem

devagar pelo meu rosto, da testa ao queixo. Tento não me encolher.
— Bom, para começar, quero você morto — ele diz, assim, na lata.
— Você e a sua irmã. Já tenho você... então, me diga, moleque, cadê a bruxinha?

“O Rei Mago não negocia”, Célia tinha insistido. Ela sabia de tudo, o tempo todo. Por que eu não quis escutar?

“Não vai ser assim. Pelo menos não com Wisty.”

— Cadê. A. Sua. Irmã? — ele repete numa voz baixa e ameaçadora.

Olho bem nos olhos nojentos desse velho doente, e cerro os dentes.

— Acabamos de receber a informação de que o menino veio para a Montanha com sua namoradinha — Larsht interrompe. — Ele vai entregar a menina de fogo para nós.

“Wisty”, penso, desesperado. E então: “Heath”.

— Maravilha — o Rei diz. Quando ele olha para mim de novo, sua expressão é pura maldade. — Coloquem esses vermes na Masmorra com os leopardos, então. Meus gatinhos não comem há dois dias e eles merecem um agrado para o café da manhã.

Capítulo 51

Whit

Quando eles me jogam para dentro da Masmorra, meu corpo inteiro fica paralisado de medo. Eu me grudo à porta de ferro e meus olhos saltam diante da cena.

O Rei Mago não estava blefando: *nossa cela fica mesmo na toca dos leopardos.*

Os felinos enormes estão tomando um banho de língua, bem relaxados, e piscam uns para os outros morrendo de sono. Consigo ver parte das presas saindo de suas bocas gigantes, e as caudas balançando para lá e para cá. Eles podem atacar a qualquer momento.

— Eles não são lindos?

É a voz de Janine. Eu nem tinha percebido que ela estava ali também, com Ross, sentada de pernas cruzadas no chão. Por um segundo, fico muito feliz ao ver os dois, mas então a realidade toma conta de mim com tudo.

“Eles não deveriam estar nessa câmara mortal.”

Janine puxa a minha perna e me sento ao lado dela.

— Não se preocupe: tem um vidro entre nós e eles.

“Mas não por muito tempo”, penso, já tonto de terror ao me lembrar das últimas palavras do Rei: “um agrado para o café da manhã”.

Uma abertura na porta faz um clique e se abre, e um par de olhos examina a sala.

Pulo para ficar de pé e vou direto para a abertura. “Conheço aqueles olhos.”

— Pearl? — pergunto, e as íris dos olhos dela pulam dentro da abertura de metal.

Aqueles são os olhos de Pearl Neederman, sim. Cinzas e muito mais velhos que ela.

— Pearl! — grito.

— Cale a boca, Bruxo — ela diz, estreitando os olhos. As crianças parecem mais vividas, mais duras. *Frias*. Mas não eram assim antes. — Não falo com Fracassados.

— Você... você não me reconhece?

— É claro que reconheço você — ela diz, cuspidando. Fico aliviado, mas apenas por um momento. — Você é o cara que brinca com magia na Cidade da Escória.

— Sou eu, Pearl Marie. É o Whit.

“Nós tínhamos uma conexão por causa da minha magia. Senti a sua dor quando você foi sequestrada. Por favor, se lembre de mim.”

— Meu nome é Rata. Porque um rato sempre pode ser mais limpo — ela diz isso como se tivesse dito a mesma coisa centenas de vezes. Meu mundo começa a desmoronar.

Seus dedos hábeis tocam os parafusos e as polias.

— Pearl — digo com uma pitada de esperança —, você sabe abrir a porta?

Ela faz cara feia como se eu fosse a pessoa mais imbecil que já conheceu — uma expressão bem familiar da Pearl de antes, fico mais animado.

— É claro que sei abrir a porta! — Ela revira os olhos. — Como eu sou a corredora mais rápida do acampamento inteiro, pego os coelhos para os gatinhos.

— Pearl, se você puder abrir a porta ou nos dar as chaves — digo com todo o cuidado —, podemos tirar você daqui.

— Meu nome é Rata — ela diz com firmeza. — E por que eu iria querer sair daqui? — Seu lábio inferior começa a tremer. — Você não vai me levar embora, vai?

— Pode parar, Whit, é inútil... Ela passou por uma lavagem cerebral... — Ross suspira.

“O Rei sequestra as crianças”, Célia tinha dito quando estava tentando me explicar a situação. “Ele as deixa purificadas.”

— Não. — Faço que não com a cabeça, sem acreditar naquilo. — Não, Pearl! Você, não.

Talvez ela esteja só fingindo. Talvez alguém esteja escutando...

Ela enfia a mão pela abertura da porta para colocar a bandeja com comida e vejo as marcas das queimaduras. Pego o pulso dela e o puxo para dentro.

Quase engasgo ao ver a pele queimada e cheia de bolhas em sua palma da mão tão pequenina.

— Pearl! — grito, horrorizado. — Ah, não! O que fizeram com você?

Ela está tremendo da cabeça aos pés.

— Por favor, me solte... — ela sussurra numa voz cheia de dor. Toda aquela valentia desaparece. Ela torna a ser uma criancinha de novo, mas uma criancinha que foi torturada. — Bruxo, por favor, me solte.

— Whit, ela está assustada. Solte a menina! — Janine grita.

Eu solto a mão queimada de Pearl e ela a puxa com tudo pela abertura na porta.

— Mas as queimaduras... — tento argumentar.

— Você não vê que ela odeia que toquem nela? — Janine pergunta, brava.

Meu coração afunda ao pensar na tortura que ela deve ter sofrido.

A fresta está se abrindo de novo e, dessa vez, um arco de atirar flechas se instala ali, apontado para nós.

— Opa! O que você está fazendo? — grito, e me afasto da porta. A ponta da flecha me segue pela Masmorra.

— Tire a roupa! — ela berra em sua vozinha de sargento, apontando a flecha para a minha cabeça.

— O quê?

— Os gatinhos precisam sentir o seu cheiro — ela diz, como se fizesse o maior sentido do mundo. — Para o café da manhã, quando abirmos a porta de vidro.

— Por que você está fazendo isso? — Ross pergunta e sua voz treme enquanto, relutantemente, ficamos só de roupa de baixo, meia e camiseta.

Pearl/Rata balança a cabeça, e sua franja escura cai sobre os olhos.

— Eu não fiz nada, vocês é que estão fazendo isso contra si mesmos. O Rei gosta de vencedores, e vocês perderam. — Ela inclina a cabeça para o lado. — E aí, como é ser um Fracassado, Bruxo?

Capítulo 52

Wisty

Estou feliz. Não, *mais* do que feliz. Estou numa nuvem de felicidade romântica.

Heath e eu passamos cada segundo dessa semana juntos, unindo nossos poderes e salvando mais crianças, e... bom, pois é, nos beijando a cada minutinho de folga. E conversando. E nos beijando. E rindo. E nos beijando.

Parece que está dando tudo certo, finalmente...

“Mas tudo está caindo aos pedaços!”

Juro por tudo quanto é mais sagrado: se você alguma vez tiver uma bolha no pé e precisar de alguém para estourá-la, Byron Swain chegará aonde você estiver em tempo recorde, eu garanto. Ele está apertando com tudo a campainha do prédio do Heath faz um tempão, então desço para ver o que ele quer falar comigo. E é isso:

— Está tudo caindo aos pedaços!

— Tá, eu admito, bem que o prédio está precisando de uma demão de tinta — respondo, esticando minha cabeça para fora da porta para dar uma olhada no que sobrou da varanda esturricada do Heath. — E eu achando que você estivesse sendo melodramático.

— Tenho que mostrar uma coisa para você, Wisty. Você tem que vir comigo! — Byron pede. — É do outro lado do centro...

— Byron, já discutimos isso... — Suspiro da porta da frente, cruzando os braços. Desde aquela noite em que ele ficou espionando Heath e eu, não dá para confiar muito nele.

— Isso aqui é propriedade privada. — Heath sai de trás de mim e coloca seu braço protetor ao redor da minha cintura. — Ela não quer

falar com você — ele completa.

Byron faz cara feia para Heath, mas pelo menos não está mais fingindo dar soquinhos no ar, mostrando que quer partir para briga. Ele se mexe desconfortavelmente.

— Por favor, Wisty! — ele implora. — Não é.... — ele baixa o tom de voz. — Não tem nada a ver com nós dois. É muito mais importante. É informação confidencial e estou tentando descobrir isso há semanas. — Os olhos dele brilham de contentamento consigo mesmo. — É algo grande.

— Então, o que é? — pergunto, já duvidando.

— Você tem que vir ver. Eu levo você lá agora — Byron diz. — Acho que o Demônio pode vir também — ele completa a contragosto.

Ao final das contas, o tal do “outro lado do centro” fica na parte mais a oeste da Cidade. Depois de seguir as passadas rápidas de Byron Swain por duas horas, e de aguentar os olhares maldosos vindos de quase toda esquina da Cidade, já estou perdendo a paciência.

— Byron, onde estamos indo? — pergunto, de mau humor. — Estamos quase chegando ao deserto...

— Exatamente — Byron diz sem diminuir o ritmo. O calor parece nos atingir de repente e, então, chegamos lá: à fronteira com o Deserto que não tem nome, onde se diz que o Povo Lagarto vive debaixo da areia e, segundo a lenda, onde nenhum habitante da Cidade jamais botou os pés.

Mas bem nos limites da Cidade, em vez da imensidão que geralmente se estende à nossa frente, vemos prédios. Fileiras de estruturas brutas e ainda por terminar, empilhadas quase que uma sobre as outras. Uma cerca alta e com jeito de poucos amigos rodeia as construções, com arame farpado espetado para todo canto.

Uma lembrança me vem à mente — me lembro das ordens, da humilhação e da morte —, e percebo que esse lugar é igualzinho aos quartéis da Nova Ordem. Sinto meu estômago dar um nó.

— O que é isso? — pergunto baixinho.

— Já sabíamos que Bloom estava planejando ir à guerra — Heath diz, sem muita emoção. — Então, ele resolveu construir um lugar para treinar o exército.

Mas Byron faz que não com a cabeça.

— Isso aqui não é para treinar um exército — ele insiste. Byron segura a cerca e observa a construção.

— Bom, então para que é, Swain? — Heath pergunta, irritado com a moleza de Byron para contar tudo.

E então Byron olha para mim, sua expressão é de preocupação.

— É um gueto — ele diz. — Bloom quer transferir todos os bruxos para cá quando a Cidade confiscar suas casas. E quem sabe o que pode vir depois? Câmaras de gás?

“Nossos direitos vão desaparecer. Nosso povo será perseguido. Vamos voltar para o estado de polícia.”

Byron faz que não com a cabeça.

— Eu sinto muito, Wisty.

Fico tonta e por um segundo parece que o chão está vindo se encontrar comigo. Eu me apoio na cerca.

Então, uma onda de dor me atinge e vejo uma luz que me cega, branca e brilhante. Não sei como, mas estou voando de ré pelo ar e sinto meu corpo vibrar como um sino. Caio com tudo na areia a uns quinze metros e quase vomito quando a força do impacto me atinge e me deixa sem ar.

“Bom, sempre tem um jeito de as coisas piorarem.”

Capítulo 53

Wisty

— Mas o que foi aquilo? — resmungo, ainda grogue. — Uma estrela explodiu na minha cara?

— Um choque de alta voltagem, eu acho — Heath responde e se inclina sobre mim, preocupado. — Graças a Deus que você está viva, Wisty!

— Mas Byron não levou choque! — penso em voz alta.

— Deve haver algum tipo de barreira contra bruxos. — Byron dá um passo para trás fazendo cara feia e com as mãos na cintura, enquanto examina a cerca. — Algum tipo de tecnologia nova para incapacitar, para controlar...

“Uma prisão.”

— Precisamos nos mobilizar — Byron diz, animado. — Temos que nos infiltrar no Conselho, reunir o povo e organizar uma petição...

— Temos que trazer Whit de volta! — berro, me sentando de repente. Minha cabeça está girando.

— Como assim? — Heath pergunta, assustado.

Eu me esforço para levantar depois daquele choque gigantesco, e Heath me ajuda. E, quando finalmente consigo, já estou me sentindo melhor. E determinada.

— Ele precisa estar aqui. Isso é importante demais. Não consigo fazer isso sozinha e preciso...

— Whit *deixou* você para trás, lembra? — Heath me interrompe. — E você tem a mim.

— E sou tão grata — respondo, e dou um beijinho nele. — Mas...

“Ele não entende que isso é comigo e Whit. Eu amo Heath, mas *preciso* do meu irmão.”

— Mesmo assim, preciso trazer Whit de volta — termino a frase.
— Se Bloom está planejando uma guerra, Whit pode ficar preso no fogo cruzado. Eu vou subir a Montanha.

— Não! — Heath grita de repente. Os olhos dele lampejam de pânico. — Wisty, você não pode!

Byron e eu olhamos para ele, surpresos.

— *Como é que é?* — pergunto. Se ainda não ficou claro, não gosto muito que me digam o que posso ou não fazer. Mesmo quando vem de pessoas que eu amo.

— Você não entende. — Heath fica andando de um lado para o outro, passando os dedos com força pelo cabelo. — O Rei Mago não quer só atacar a Cidade. — Ele para à minha frente. — Ele quer o seu poder, Wisty. E se ele não puder controlar o seu poder, ele vai matar você.

— Mas Whit...

— Você ouviu o que eu disse? — Ele aperta meus ombros com um pouco de força demais. — Seu irmão já deve estar morto! Eles queriam Whit morto antes mesmo de ele começar essa missão imbecil!

“Whit... morto?” É como se Heath tivesse me dado um soco no estômago.

“E... como Heath sabia que eles queriam Whit morto?”

— Do que você está falando? — Quase cuspo nele.

Ele não responde e uma mistura de raiva e desespero começa a me dominar. Nem me dou conta de que estou chacoalhando o menino.

— Heath, me conte tudo o que você sabe!

— Eu cresci na Montanha — ele diz em voz baixa, e suas bochechas ficam vermelhas de vergonha.

Meu queixo cai. *A Montanha*. Bem lá onde temos certeza de que as crianças sequestradas estão presas. Bem no lugar a respeito do qual ninguém sabe nada. Bem no Reino que está prestes a nos invadir.

— Você *o quê?* — Exijo saber.

— Eu sabia! — Byron grita, vitorioso. — Eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa. Eu sabia que ele era um traidor...

— Byron! — Perco a paciência. Ele dá de ombros e se cala. — Só porque Heath é da Montanha, isso não quer dizer que ele seja um traidor... — penso em voz alta, falando tanto comigo mesma quanto com Byron. — Certo? — Olhamos para Heath, querendo saber.

— É claro que não sou. Eu queria deixar aquele lugar. Odiava tudo e todos de lá. — Sua cara está ficando cada vez mais séria. — Eu queria começar de novo. Não sou traidor coisa nenhuma, Wisty.

— Mas então como você sabe que o Rei da Montanha queria Whit morto antes mesmo de ele sair daqui para ir para lá?

— Porque sei como o Povo da Montanha pensa. Eles se acham superiores. Eles matam qualquer um que pode ser uma ameaça à sua superioridade. *E isso inclui você!* — Ele segura meus braços. — Não vá, Wisty.

Eu me solto dele e tropeço para trás na areia.

— E por que você não me disse isso antes de eu deixar meu irmão ir para lá?

— Eu tinha que manter você a salvo aqui — Heath diz rapidamente, vindo em minha direção. Byron entra no caminho dele. — Eu não podia deixar Whit colocar isso a perder...

— Tenho que ir. Preciso encontrar um portal para chegar à Montanha.

— Todos os portais estão fechados — Byron diz, só para me ajudar, né? — Eu vi nos jornais.

— Então, pelo jeito tenho que começar a correr! — Sei que consigo fazer isso, mesmo sozinha.

— Wisty, espere! — Heath pede. Ele dá um encontrão em Byron e se aproxima de mim.

— Eu já esperei demais — digo, e começo a correr para longe dele. — Graças a você.

— Conheço um caminho melhor para chegar à Montanha! — Heath grita, desesperado.

Paro abruptamente.

— Qual?

— Comigo. *Através de mim*. — Ele me encara. Seus olhos estão me comandando. — Pegue a minha mão, Wisty.

Capítulo 54

Whit

“Vamos todos morrer.” Só penso nisso, sem parar. “Vamos todos morrer. E vai ser doloroso. Violento. Daqui a pouquinho.”

— Temos que sair daqui! — Ross berra. Ele está grudado à parede da Masmorra, eu fico andando de um lado para outro nesse espaço pequeno, e Janine está sentada em silêncio no canto, com os joelhos junto ao peito.

“Temos que sair daqui.” Ah, se fosse fácil assim! Passamos a noite inteira tentando abrir a porta de ferro com magia, mexendo na fechadura e, finalmente, à força. Ela nem se mexeu.

No entanto, o vidro do outro lado da sala se mexeu.

Ao amanhecer, a parede de vidro que nos separa do grupo de leopardos da neve, poderosos e famintos, começou a se levantar. É erguida mais ou menos um dedo a cada quinze minutos, e nosso pânico aumenta ainda mais.

— Temos que fazer essa coisa parar! — Ross berra, desesperado, quando o vidro se mexe de novo.

“Três dedos.”

Os felinos andam para lá e para cá em frente ao vidro, seus olhos de predadores ficam nos encarando, famintos.

— Se tenho que morrer, prefiro ir assim — Janine diz. — Melhor do que ser morta por um covarde com uma arma. Pelo menos é uma morte nobre. — Sua voz sai forte, convicta, mas ela treme dos pés à cabeça.

— *Nobre?* — O medo de Ross está se transformando em desespero. — Eles vão acabar conosco, arrancar membro por

membro. Não tem dignidade nenhuma nisso. — Ele começa a respirar mais rápido.

Janine não responde, vejo o terror em seu rosto.

“Espero que me matem primeiro”, penso, desolado, vendo os músculos definidos dos bichanos sob o pelo cheio de pintas. É um pensamento covarde, mas não sei se vou aguentar ver Janine morrer primeiro... ver o que eles vão fazer com ela.

A porta se ergue mais um dedo.

“Já?” Os leopardos começam a enfiar as patas gigantes pela abertura. Cerro os dentes enquanto ando de lá para cá, de cá para lá, cada vez mais rápido.

“Pense! Eu preciso pensar em alguma coisa!”

Eu poderia tentar congelar os leopardos, mas quando o feitiço passasse, ainda estaríamos presos aqui.

Eu poderia me transformar numa barata e passar por uma rachadura na parede, ou me morfar naquele urso enorme de novo e liderar o ataque. Mas sem ter para onde correr, o que vai ser dos meus amigos?

“Pense!” Os minutos passam voando e os pensamentos andam por minha cabeça num círculo inútil.

“E fica por isso mesmo.”

— Vá para trás! — grito para Janine, me afastando rapidamente do vidro.

Ficamos grudados à parede mais distante do vidro, ao lado de Ross, esperando o primeiro leopardo se apertar para passar para o nosso lado e fazer picadinho de nós.

Mas os leopardos não conseguem passar. Ainda não. Eles abaixam as orelhas, chamam e mostram aqueles dentes horrorosos, ansiosos para nos pegar. Agora não falta muito. Um dedo a mais, dois talvez...

Abraço meus amigos, contando os segundos na minha cabeça enquanto encaro os animais famintos. Seus olhos dourados me encaram de volta, e as pupilas riscadas estão focadas em mim.

“Então, é isso o que acontece... quando olhamos a morte nos olhos.”

— Não quero morrer! — Ross diz histérico, repetidas vezes.

E Janine, que eu nunca achei que fosse religiosa, começa a rezar.

De repente, ouvimos um “clique” e quase morremos do coração.

Capítulo 55

Whit

A fechadura! A porta de ferro está se abrindo.

Njar está à entrada de nossa cela, se apoiando numa bengala, e, por um momento, só consigo encarar o menino, não dá para acreditar na coragem dele.

— Você salvou a minha vida. — O menino aleijado faz questão de me lembrar. E é tudo o que ele tem tempo para dizer antes de sairmos correndo. Assim que passamos pela porta, ouvimos um miado de arrepiar quando os leopardos dão o bote.

Mais um pouquinho, mais um segundo, e teríamos nos transformado em banquete felino.

Levanto Janine no ar, quase delirando de tanta gratidão, quando a porta se fecha com tudo atrás de nós e Ross nos abraça.

— Obrigado — digo meio sem ar, e abraço Njar também. Ele sorri, mas posso ver em seus olhos cheios de medo o tamanho do risco que está correndo.

— Há mais uma coisa que precisamos que você faça — Izbella diz, saindo das sombras. Ela faz um movimento com seus dedos cobertos com luvas e seus olhos me encaram com força.

Concordo com a cabeça, esperando por seu pedido. Izbella faz sinal para que a sigamos, e Njar dá um tchauzinho, ficando para trás para vigiar.

— Você ama a sua irmã, não é, Whit Allgood?

— Mais do que tudo — respondo sem hesitar.

— Bom, eu amo o meu filho. — As penas de Izbella fazem barulho enquanto ela anda pelas catacumbas escuras, à nossa frente. — Infelizmente, parece que eles se amam.

“Heath é filho dela”, me dou conta, chocado.

— Temos um interesse em comum. Se ambos sobreviverem, têm que ficar separados.

“Proteger a minha irmã de um cara que eu já odeio?” Concordo com a cabeça, cerrando os dentes. “O prazer é todo meu.”

— Então, vá! O mais rápido que conseguir — Izbella diz ao nos aproximarmos de uma saída escondida. — Fiquem na estrada do leste. Os leopardos já conhecem o seu cheiro e, quando forem soltos, vocês não vão ter muito tempo. E levem isso aqui. — Ela joga algumas peles de bicho para nós. — Não vai ser o suficiente, mas pelo menos vão ajudar.

— Obrigado. — Aperto a mão dela enquanto caminhamos em direção à luz, tão brilhante que cega, em nossa rota de fuga. — Obrigado pela sua bondade.

— Lembrem: não se afastem da estrada do leste! — a mulher emplumada avisa.

Capítulo 56

Whit

As pedras cedem sob nossos pés enquanto descemos desengonçados uma rampa bem inclinada, correndo no máximo de velocidade que nossos corpos aguentam. Minhas pernas latejam e meus joelhos estão quase desistindo; não corro rápido o bastante.

E com as peles que Izbella nos deu para nos aquecermos, estamos perdendo mais calor corporal a cada passo. É bem arriscado ficar exposto a esse frio e não vai demorar muito para a hipotermia baixar com tudo. Isso sem falar nos soldados e leopardos da neve vindo atrás de nós...

Mas a real é que... eu *preciso* parar.

Ross bate com tudo em minhas costas enquanto tento pegar um pouco de tração no chão de pedregulhos para parar.

— O que você está *fazendo*? — ele pergunta, sem ar.

Coloco a cabeça entre os joelhos e penso na melhor maneira de dizer isso aos meus amigos, que já passaram por tanta coisa por minha causa.

— Eu vou voltar — digo, olhando nos olhos dele.

— Como assim? Você não pode... — Ross faz cara feia, confuso.

— Izbella disse para ficarmos na estrada do leste.

Mas Janine já me conhece bem demais.

— Ele vai voltar para o acampamento — ela explica para Ross. Ela fica olhando para mim por um tempo, seus olhos verdes mirando os meus sem desviar, e acho que vejo o indício de um sorriso. — Whit ainda quer salvar aquelas crianças.

Mas tem mais uma coisa também: Larsht disse que Wisty estava a caminho da Montanha. Se for verdade, tenho que avisar a minha irmã. Não importa o que acontecer comigo.

— Gente, não teremos a menor chance se voltarmos para a floresta! — Ross tenta me convencer e lança um olhar preocupado para trás. — Vocês *sabem* que eles já devem estar na nossa cola!

Faço que sim com a cabeça.

— Provavelmente. É uma chance bem remota e um risco enorme, e não quero que vocês encarem esse perrengue dessa vez.

— Whit... — Ross diz, com preocupação nos olhos.

Faço que não com a cabeça.

— Estou falando sério. Vocês dois já fizeram mais pela Resistência, pela Cidade e por mim do que eu jamais poderia pedir. Eu sei que é loucura — digo, soprando os meus dedos —, e não posso garantir que vou conseguir voltar... mas preciso tentar.

— Me desculpe — Ross diz. Os olhos dele estão rasos de lágrimas. — Eu quero ir, mas é que eu... eu não consigo.

— Não precisa se desculpar. — Ponho a mão sobre o ombro dele e dou um apertão. — Você é um amigo de verdade, Ross. Mas agora, vá. Fuja. *Sobreviva*.

Ross faz que sim com a cabeça e começa a correr, mas então percebe que Janine não está com ele.

— Você também? — ele pergunta, com tristeza.

Ela dá de ombros.

— Acho que, no final das contas, sou tão louca quanto ele.

Janine dá a ele seu melhor sorriso de menina-poderosa-porém-boazinha, e também o abraça.

— Tomem cuidado. — Ross nos aconselha e então vai embora, olhando por cima do ombro com um último olhar de arrependimento.

— Temos que ir logo — Janine diz. Seus lábios estão azuis, e sei que não temos mais do que uma ou duas horas antes de ficarmos presos aqui. Vamos para o meio da floresta, por uma trilha sombreada por pinheiros, e então saímos correndo por entre árvores e pedras pela neve, a uma velocidade que nem sabíamos que éramos capazes de atingir.

Mas o acampamento não está em lugar nenhum, não o vemos.

— Estamos correndo em círculos — Janine diz ao passarmos por uma pedra familiar.

— O acampamento ficava num vale. Talvez precisemos ir para um lugar mais baixo.

Começamos a descer uma encosta bem íngreme, em direção ao coração da Montanha. Quando chegamos lá embaixo, vemos que não passa de um vale em forma de tigela, sem acampamento e sem outra possibilidade a não ser voltar lá para cima de novo.

Cerro os dentes. “Você tinha que tentar dar uma de herói, né, Whit? Você não aprende.”

— Já perdemos tempo demais — Janine diz, batendo os dentes. Agora os lábios dela estão azul-escuros, e ela já está meio grogue. Eu a abraço, esfregando seus ombros sob as peles, tentando ativar sua circulação.

— Ainda podemos voltar — digo, desesperado. — Ainda podemos descer a estrada...

Mas, no alto da encosta, já os vejo.

Os leopardos da neve vêm caminhando sobre as pedras e, atrás deles, os soldados vêm descendo a trilha estreita a cavalo, com arcos a postos.

Estamos encurralados.

Capítulo 57

Wisty

— Então me leve para a queridinha da sua Montanha, Heath! — provoco. Por mais que não queira ficar perto dele nesse momento, sei que ele tem razão: a magia é o único atalho para a Montanha. Estreito os olhos. — Agora!

Heath faz que sim com a cabeça e ergue as palmas das mãos.

“Vamos resolver essa bagaça.”

Alinho meus dedos aos dele e imediatamente sinto a corrente elétrica entre nós. Mas não olho em seus olhos. Uma coisa é o nosso poder e outra muito diferente é o *nós dois*, e é difícil manter as duas coisas separadas quando é tudo tão intenso toda vez que nos tocamos.

A energia se acumula, mas dessa vez não tenho que me controlar — *estamos ficando cada vez mais fortes*.

Não sei o que esperava, mas fico surpresa ao ver um túnel se formando na cerca, girando e cheio de neblina. Damos uma olhada lá dentro e vejo o meu irmão. Ele está correndo, o medo está estampado em seus olhos.

“Ele está correndo de quê?”

Dou um passo à frente, mas ele está tão distante e irreal quanto antes; não consigo chegar até ele.

Solto as mãos.

— Você disse que nos levaria para lá! — acuso Heath enquanto o túnel evapora. — Nós nem nos mexemos. De que me serve ver o que já aconteceu?

— Olhe, é a primeira vez que faço isso também, Faísca — Heath diz. — Você quer tentar de novo ou prefere ir andando?

— Não me chame disso — digo, irritada. Mas ele tem razão. Chacoalho os ombros e respiro fundo. Mais uma vez, coloco as minhas mãos sobre as dele.

— Pense em árvores. Pense na neve e no frio — Heath sussurra. — Pense na flor que criei para você.

O calor começa a se acumular entre nós.

“Pense em Whit”, digo para mim mesma, fechando os olhos.

Faíscas estouram entre os nossos dedos.

“Precisamos chegar até a Montanha. Precisamos. Chegar lá.”

De repente, sinto uma onda de poder tão forte que meu corpo começa a convulsionar por causa da pressão. Meus olhos se abrem de supetão, minha visão está borrada.

Acho que estamos girando. Ou será que tudo ao nosso redor está rodando? Meu cabelo bate com tudo em meu rosto e me seguro nos braços de Heath, com medo de sair voando.

As ruas se empenam como tábuas e se transformam. É quase como passar por um portal, mas em vez de sentir minhas células se dissolvendo e, então, se unindo de novo, o mundo inteiro parece estar se rearranjando ao nosso redor. Quando tudo fica calmo de novo, já estamos em outro lugar.

Um lugar com árvores sombrias, neve bem branca e ar gelado.

— Nós conseguimos! — digo, sem ar. Olho para as pedras aos meus pés, ainda luto contra a tontura e o enjoo.

— Eu não falei para você? — Heath pergunta, e a voz dele tem um quê de preocupação. — Ah, não... — ele diz em voz baixa.

Olho para cima. O vento chicoteia meu rosto com tanta força que minha visão fica ainda mais borrada e me leva o ar dos pulmões.

Heath está olhando para uma encosta da Montanha, meus olhos seguem os dele.

Estamos olhando para a cena preocupante que vimos no túnel.

Whit e Janine estão a uns cem metros à nossa direita, correndo para cima e se distanciando de nós no vale. Eles estão usando umas peles de animal e está na cara que estão fraquinhos; Whit está quase arrastando Janine, e ela segue em frente aos trancos e barrancos. Mas ainda não consigo ver quem está seguindo os dois.

— Ei! — berro, tentando dar uma força para o meu irmão. — Estou aqui!

Ele para de repente e vira a cabeça para olhar para mim, com um ponto de interrogação na cara.

— Wisty? — Ele aperta os olhos, franzindo a testa.

Um sorriso de alívio começa a se espalhar pelo rosto dele e, então, vejo: tem um gatão gigante empoleirado numa pedra acima dele, preparado para dar o bote.

“Não vou conseguir chegar lá a tempo, de jeito nenhum.”

— Whit! — berro e aponto, desesperada. Mas ele não vê a ameaça nem entende o que está acontecendo. — *Whit, cuidado!*

Capítulo 58

Whit

Estamos correndo para salvar nossas vidas, mas de repente minha visão me traz uma série de imagens que não fazem sentido algum:

Wisty em algum lugar aqui na Montanha.

Janine aparecendo do nada à minha frente e me empurrando para o lado.

O *leopardo* caindo do céu.

E então o sangue.

Tudo entra em foco novamente com o sangue. E também com os gritos de *Janine*.

As patas do leopardo da neve estão envolvendo o corpo dela e suas presas estão enfiadas na lateral de seu corpo. O leopardo a sacode violentamente para lá e para cá, sangue jorra de seu pescoço e encharca a neve.

“Ele está matando *Janine*.”

Agora estou de pé e pulo no animal. Mas com *Janine* desacordada em sua boca, ele se vira e salta para uma árvore.

“Quando ele levar *Janine* lá para cima, não haverá mais esperança.”

Com uma velocidade sobrenatural e o instinto de sobrevivência tomando conta de mim, pulo com tudo na traseira do leopardo antes que ele comece a escalar a árvore. Ele *mia* em protesto e acaba soltando *Janine*. Nesse breve milissegundo de oportunidade, empurro a criatura para longe dela e *Janine* cai no chão como se não tivesse um só osso no corpo.

Não sei onde ela está machucada nem se está consciente. Nem sei se ela ainda está viva. Não poder cuidar dela, pelo menos ainda, está me matando.

Os outros leopardos estão armando o bote por perto e o que atacou Janine está se aproximando de novo.

Estou entre o predador e a presa. Fico ao lado de Janine, desafiando o felino, e ele abaixa as orelhas, bufa pelas narinas e rosna.

Ele pula, mas estou pronto.

Damos um encontrão no ar e rolamos pelo chão. Luto com a criatura, que se contorce, e tento arrancar seus olhos e puxar seu rabo, e não sei como consigo colocar os braços ao redor do pescoço dele. O leopardo me dá uma patada forte, mas meus braços ficam bem presos numa chave de pescoço e não demora muito tempo para eu acabar com ele.

Respiro com dificuldade e os outros leopardos também vêm para cima de mim. Com uma chance tão mínima de sobrevivência, alguma coisa simplesmente toma conta de mim e eu... *surto*.

Eu me esqueço do frio, do cansaço e de que não sou imortal, e parto para cima deles com tudo o que tenho. Eu nem morfo. Ataco os felinos com as próprias mãos e mais nada, luto pela minha vida e pela de Janine, bato e soco aqueles leopardos com um abandono furioso.

Não demora muito para meus braços ficarem rasgados de arranhões profundos, mas é incrível como encontro uma força que nem sabia que tinha e sei que consigo lutar de igual para igual com esses bichos. Arremesso um leopardo contra as pedras e jogo outro de cima do precipício. Fico enjoado ao fazer isso, mas não tenho outra escolha.

Quando o último leopardo rosna e sai de fininho, caio de joelhos ao lado de Janine. Vejo seus músculos arrancados, suas feridas

abertas, não pode ser verdade. Fico paralisado sem conseguir sentir nada, meu cérebro fica nebuloso.

“Os soldados estão vindo”, sinto como se o negócio não fosse comigo e flechas começam a se enterrar nas árvores ao nosso redor fazendo um “tum!”. Tenho certeza de que alguém também está gritando, mas o barulho sem cor na minha mente é tão ensurdecedor que nem consigo registrar alguma outra coisa.

“Nada mais importa sem ela.”

Engulo em seco e me aproximo dela. Toco o corpo quebrado de Janine com as mãos trêmulas, tento sentir sua pulsação, mas chego tarde demais.

“Ela não está respirando.”

LIVRO TRÊS

**A TERCEIRA
VERDADE:**

**SAIBA DISCERNIR A
LUZ DA ESCURIDÃO**

Capítulo 59

Wisty

“É uma zona de guerra.”

Gigantes galopam em nossa direção, montados em cavalos enormes. Flechas passam zunindo perto dos meus ouvidos. Também ouço lobos uivando em algum lugar.

E meu irmão está aqui, no meio de tudo isso, ajoelhado ao lado de Janine.

Olho ao meu redor. É o caos total, e esses caras estão quase em cima de nós. O chão treme sob os meus pés e pedrinhas começam a rolar lá de cima dos paredões enquanto os soldados vêm com tudo pela trilha. Estamos cercados, não há uma rota de fuga.

Vejo os rostos deles, as bocas contorcidas de raiva enquanto gritam por nosso sangue. Suas armas com as pontas afiadas estão apontadas para nós.

Whit está de costas para eles. Ele está totalmente concentrado, tentando curar Janine depois do show de horror com os leopardos. As mãos dele estão sobre os ombros dela, cobertos de sangue. Lágrimas correm por seu rosto, nunca vi meu irmão com uma expressão tão determinada na vida.

E fico grata por isso — não aguento nem pensar em perder Janine.

Mas Whit está tão vulnerável, tão exposto, que entro em pânico. Não consegui passar pela encosta de pedras rápido o bastante e pensei que fosse assistir ao meu irmão sendo devorado por aqueles monstros. E agora ele está em perigo de novo...

Dessa vez tenho que defender o meu irmão.

Esse sentimento forte de proteção faz a minha M ferver. Com um grito de raiva, aponto meus braços em direção aos soldados que estão vindo com tudo, e lanço faíscas aos cascos dos cavalos e mando raios para as mãos que seguram as armas. Alguns machados caem, fazendo barulho nas pedras, e alguns cavalos empinam, assustados.

Depois mais soldados aparecem, muitos mais.

Os pontinhos pretos continuam passando lá embaixo no vale. Consigo me proteger e sair correndo antes que eles cheguem até mim, mas alguns caras estão atirando flechas e se aproximando cada vez mais de Whit. Eles são muitos, não consigo atacar um por um.

Preciso de algo mais poderoso.

— Me dê a mão! — Heath berra, como se tivesse escutado meus pensamentos.

Faço cara feia. Será que posso confiar nele? Aqui, em sua terra natal?

— Wisty, *agora!*

Concordo com a cabeça e agarro os dedos dele com toda a minha força. É a única saída.

Nós nos viramos para encarar o ataque e o poder explode de nós com uma força impressionante. Flechas de fogo cortam a floresta como estrelas cadentes. Os arbustos começam a soltar fumaça e pegam fogo, e logo as árvores à nossa frente estão em chamas, criando uma barreira aterrorizante para nossos inimigos.

Eu me dou conta de que esse poder — *nosso* poder — é mais forte que tudo. Ele me controla e é uma força gigantesca a se admirar. Esse poder destrói uma floresta secular em minutos. E esmaga uma fileira inteira de homens quando uma árvore cai com um “crac” ensurdecador. Come plantas, animais, ar e só cospe cinzas de volta. Não há maneira de enfraquecê-lo nem de domá-lo enquanto ele segue incendiando em seu caminho de destruição.

Mas não quero domar esse poder. Meu irmão está em perigo mortal, Janine provavelmente está morta e minha fúria não tem limites. Cansei de hesitar e de negociar.

“Quero fazer todo mundo pagar.”

Capítulo 60

Whit

Wisty colocou fogo no mundo inteiro, mas não estou nem aí.

Meus olhos lacrimejam por causa da fumaça e tusso sem parar. O calor é tão intenso que parece que estou assando de dentro para fora.

No entanto, Janine fica cada vez mais fria.

Os lábios dela estão azuis e suas mãos, geladas. A vida está abandonando seu corpo.

— Vamos, Janine — digo por entre os dentes cerrados. — Vamos, vamos.

Consigo curar as pessoas, mas ainda não venci a morte. Meu poder pode falhar e vivo me esquecendo disso. Nesse momento, ele não está funcionando e Janine não acorda.

Como aconteceu com Sasha.

— Não! — o grito me atravessa com esse pensamento. Não posso passar por isso de novo. Não com ela.

Homens gritam ao meu redor, correndo para salvar suas vidas. Ainda estamos ao alcance de alguns arqueiros e, por um momento, *quero* que as flechas me atinjam. Quero sentir a dor para me aninhar ao lado de Janine e dormir com ela para sempre, para não ter que lidar com essa perda. Dói tanto que quero arrancar o meu próprio coração.

Porque não sei como consertar isso.

É Janine que sempre pensa com lucidez. O que ela faria? Ela sempre tinha as respostas, mas agora não posso perguntar nada a

ela.

“Estanque o sangue”, quase consigo ouvir Janine dizer.
“Mantenha-a aquecida, faça com que ela recupere a consciência e tente segurar o sangramento.”

Rasgo minha veste áspera e a pressiono contra uma ferida, mas ela está sangrando em várias partes do corpo e os cortes são fundos demais. Preciso dar pontos neles ou cauterizar as feridas — coisas sobre as quais já li, mas que não tenho a menor noção de como fazê-las. Para um curandeiro, sou totalmente inútil em relação a essas habilidades básicas. E também não tenho um kit de primeiros socorros.

Só tenho a minha magia.

E ela está falhando. De novo.

“Não.” Mordo a língua com força para segurar um soluço. As chamadas aumentam ao nosso redor. Sinto o calor se impondo, cada vez mais perigoso, mas não posso deixar Janine ali. Ainda não.

Não precisa ser como o que aconteceu com Sasha. Curei Wisty de algo pior. E Njar, que parecia tão perdido quando o vi pela primeira vez. Ele voltou, não foi?

“Ele voltou por causa do amor”, eu me lembro.

Amo Janine *de verdade*. Essa agonia que está me matando faz eu perceber isso. Eu a amo tanto que não consigo nem imaginar sair dessa Montanha sem ela.

Beijo a bochecha dela, sinto o gosto de seu sangue e penso na primeira vez que senti os sinais daquele amor. Apesar de não conseguir admitir naquela época, tudo começou com o primeiro poema. Recitei a poesia só para ela e seu sorriso me fez corar de vergonha.

Antigamente, os poemas se transformavam em feitiços para mim, antes de eu conseguir conjurar a minha magia sozinho. Eles tinham tanto poder...

Coloco Janine no meu colo mais uma vez.

“Você é capaz, sim, de controlar isso. Você pode acabar com isso”, digo para mim mesmo. “Você nasceu para isso.”

— Julguei que a alegria e a saúde pudessem ficar comigo / Mas tudo se foi, e a dor vem pedir abrigo... — fico surpreso por ainda me lembrar desse poema, depois de tanto tempo.

O poema vai se transformando em feitiço à medida que recito as palavras. Fico pensando nos olhos inteligentes de Janine, em sua risada perspicaz. Minhas mãos pairam sobre seu pescoço dilacerado e suas costelas expostas.

O ar ao nosso redor se move com a força da minha magia, e o calor do fogo criado por minha irmã parece dar mais força a ela. Cerro os punhos ao lado da cabeça de Janine, faço de tudo para que meu poder venha, e tremo com esse esforço incrível.

No começo, mal vejo o que está acontecendo, mas é verdade. Está dando certo. As feridas estão se fechando. Perante os meus olhos, as fibras dos músculos se entrelaçam novamente, as células se regeneram, a pele cobre os ossos.

“Ela está melhorando.”

Puxo o corpo dela para perto de mim e a embalo como um bebê. “Por favor, por favor.”

Os olhos de Janine se abrem aos poucos. Respiro fundo, com tanto medo de ter esperança em vão, com tanto medo de ter só imaginado tudo isso.

E então sinto a mão dela se mexer. Os dedos dela, ainda fracos, apertam os meus, e fico maluco. Antes que ela consiga falar, já estou rindo e chorando e beijando o rosto dela — as pálpebras e as bochechas e os dentes e o cabelo dela.

Não paro até ela começar a tossir, e então a ajudo a se sentar, ainda a segurando enquanto ela cospe sangue.

Começo a chorar e não estou nem aí.

— Pensei que tivesse perdido você — digo, ainda meio atrapalhado. — Pensei que você tivesse... — as palavras ainda soam terríveis. — Morrido.

— Acho que estava morta mesmo, por um minuto... — Janine sussurra. — E vi Célia. Ela me disse para voltar para cá. Ela me disse que eu jamais encontraria uma pessoa melhor que Whit Allgood. Ela... — Os olhos dela se enchem de lágrimas de gratidão. — Ela me disse para amar você com todo o coração. E amo mesmo.

Abraço Janine.

— Eu também amo você, Janine — falo com um nó na garganta. — Amo tanto.

— Agora estou entendendo tudo, Whit — ela diz. — É a *nossa* vez de ficarmos juntos.

Capítulo 61

Wisty

O cheiro da floresta em chamas é intoxicante. Nosso incêndio continua, uma parede cor de laranja se espalha de árvore em árvore e, a cada segundo que queima, me sinto mais forte.

Os cavalos saem correndo primeiro. Com os olhos arregalados, eles jogam os cavaleiros para fora das selas e fogem.

Ouçõ gritos e avisos num idioma que soa rude e gutural, enquanto o povo da Montanha perambula através da fumaça. As flechas continuam vindo por um bom tempo, mas, até que enfim, os arqueiros mais corajosos sucumbem ao terror.

Todo mundo some, a não ser uma mulher estranha vestida de branco e que anda bem no meio das chamas.

— Não se aproxime! — grito.

Ergo o punho para mandar um relâmpago, mas Heath segura o meu braço, quebrando a nossa conexão de repente. Tem alguma coisa errada aqui: Heath, um bruxo poderoso, terrível e implacável até segundos atrás, parece encolher enquanto essa figura delicada desliza pela neve em nossa direção, se aproximando cada vez mais.

“Quem é essa mulher misteriosa?”

De perto, ela é alta e elegante, tem uma pele impecável, branca como leite, e um olhar severo. Olho para Heath, sem saber o que fazer. Fico esperta, pronta para atacar, mas não vou mexer um dedo até ele se mover.

Ela me estuda com seus olhos brilhantes.

— Ah, então essa confusão toda é por *sua* causa.

Não me sinto nada confortável com ela me olhando daquele jeito, mas Heath está ainda mais sem graça. E culpado. E quase, quase... *a fim de se desculpar?*

— Mãe, esta é Wisty— ele resmunga.

Olho para ele, chocada. Essa é a *mãe* dele?

— E quem poderia se esquecer de Wisty Allgood, a menina volátil e de cabeça quente que está destruindo o mundo? — ela pergunta.

— Como é que é? — fico fula da vida. Essas não são exatamente as boas-vindas que eu esperava ao conhecer a mãe do meu namorado.

A mãe de Heath aponta para as árvores empretecidas.

— Você vem para o nosso lar e queima a nossa floresta?

— Nós fomos atacados! — protesto, e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas.

— Então, me diga: você queimaria o seu povo também?

— Chega, mãe! — Heath avisa.

— Eu não ensinei nada para você? — Ela perde a paciência com ele. — Uma bruxa e um bruxo nunca podem ficar juntos.

— Essa regra é sua. Uma regra antiga, de uma época diferente.

— E eu vivo de acordo com as minhas próprias regras — digo, desafiadora, e seguro a mão dele de novo. Não sei ao certo o que sinto por Heath nesse momento, mas sei que não gostei nada de ouvir que *não posso* namorá-lo.

A mulher de branco aperta os lábios.

— A magia é doce, não é? — ela pergunta, e sua voz fica mais leve e nostálgica. — Ela entra no seu sangue. Ela faz seu coração disparar com seu poder. — Ela faz que sim com a cabeça, como alguém que já passou por isso. — E então nos leva à loucura.

— Eu sei o que estou fazendo — Heath responde objetivamente.
— Consigo controlar tudo.

— Seu pai também achava que conseguia controlar tudo.

Heath cerra os dentes.

— Eu não sou o meu pai.

— O poder deformou a mente dele — ela continua. — Ele queria mais e mais. Ele precisava de outra bruxa cuja magia ele poderia controlar e explorar. Agora sei por que ele era obcecado com essa.

Ela me mede da cabeça aos pés, e faz cara feia.

— Ele sempre gostou de vermelho. Eu esperava mais de você, filho.

— Do que você está falando? — eu a interrompo. — Eu nem conheço o pai dele.

Ela arregala os olhos para Heath.

— Você não contou para ela?

Quando ele não responde, a mulher me olha com pena.

— Contou o que para mim? — pergunto a Heath, cada vez mais nervosa.

Ele faz cara feia para a mãe, e não me olha nos olhos.

— Contou o quê? — quase grito. — Heath, *quem era o seu pai?*

Capítulo 62

Wisty

— O Único — Heath responde baixinho, e sinto um arrepio como se milhões de aranhas estivessem andando sobre mim.

Nem sei se ouvi direito o que ele disse, porque de repente sinto como se a minha cabeça estivesse presa num torno. Os pinheiros estão vindo para cima de mim, o chão parece se erguer.

— Me desculpe. *O quê?* — pergunto, me equilibrando no tronco de uma árvore. Pelo jeito é a única coisa que meu cérebro consegue produzir nesse momento: O-QUÊ-O-QUÊ-O-QUÊ-O-QUÊ-O-QUÊ preenchendo meu crânio e empurrando minhas orelhas para os lados.

— Meu pai era O Único Que É O Único — Heath repete. Pelo menos dessa vez ele tem a decência de me olhar nos olhos enquanto me apunhala pelas costas.

Pode ser que eu vomite. Sem parar.

— Acho que ela não está aceitando a notícia muito bem... — A mãe dele observa. — Talvez você deva se sentar, menina.

— Cale a boca, mãe! — Heath explode com ela, e a mulher permanece em silêncio enquanto a voz dele ecoa pela floresta ainda esfumaçada, assustando os passarinhos.

Ele dá um passo à frente, tenta pegar meu braço. Seu tom fica mais leve e ele diz:

— Wisty, me escute...

— Não! — Balanço a cabeça furiosamente, e me afasto dele. Não sei o que fazer. Não sei se saio correndo ou faço chover fogo. Nesse momento, a simples ideia de Heath encostando em mim é

insuportável. — Não se aproxime de mim! — aviso Heath, estreitando os olhos e mexendo meus dedos como quem faz uma ameaça.

— Tá bom! — Ele ergue as mãos como quem se rende, as palmas para cima. — Eu sei que é difícil enxergar isso agora, Wisty, mas essa... essa informação... pouco importa.

Fico de queixo caído, e começo a formar melhor meus pensamentos de novo.

— Mas *é claro* que importa! — respondo.

O Único foi a criatura mais malvada a andar sobre a Terra. Pensei que tivesse destruído tudo o que ele representava, mas por ironia do destino Heath é sangue do sangue dele. Como isso pode não importar quando meu mundo inteiro acabou de virar de cabeça para baixo?

— Olhe, isso não muda nada. Ainda sou eu. Tudo o que tivemos foi real.

Fico olhando para ele — para o cabelo preto e grosso, os ombros largos, os lábios que ainda quero beijar. Ainda é o Heath. Mas mesmo que eu não veja, ele é o filho do Único. Deixei que ele se aproximasse. Deixei que ele me beijasse. *Pedi* para ele me beijar.

Faço que não com a cabeça, tento tirar isso da minha mente.

— Jamais poderia amar alguém que vem de algo tão... tão malvado.

— Mas eu sei que você me amou — ele insiste. — Eu sei que você sentiu o que eu senti...

— Foi tudo uma mentira! — berro. — Porque você mentiu para mim o tempo todo! Como é que você não me conta uma coisa dessas? COMO?

— Eu queria contar para você, Wisty! Quase contei tantas vezes. Mas eu sabia que você ia me odiar por isso e também sabia que esse momento ia chegar. Eu sabia que você ia me odiar por algo

que não fiz. — Ele faz uma cara triste e, então, fica de joelhos e pega a minha mão, implorando: — Por favor, não me odeie. Por favor.

— Não! — rosno, empurrando a mão dele. — Não se aproxime de mim.

Em meio às árvores enfumaçadas, Whit vem andando em nossa direção com Janine nos braços.

Olho para ele e estou acabada. A palavra “humilhação” está escrita na minha testa. Ele é a última pessoa que eu queria que me visse assim, mas também é a única pessoa que pode me entender. Espero ele se aproximar.

— O que está rolando? — Whit pergunta, estreitando os olhos com seu jeito protetor ao ver meu estado.

— Estou bem. — Eu me afasto do menino que achava que amava, tentando segurar as lágrimas. — Vamos.

— Você está mais segura aqui, Wisty. — Heath insiste e me estende a mão quando passo por ele. — Eu posso proteger você.

— Não encoste em mim! — grito para ele, tirando meus dedos de seu alcance.

— Izbella — Whit começa a falar. “Mas como é que ele a conhece?”

— Vá! — ela pede. — O velho Leopardo da Neve está afiando as garras e logo, logo sangue fluirá na sua Cidade, em vez de água.

E então a mulher de branco pousa a mão sobre o ombro já caído de Heath, e os dois desaparecem no ar.

Capítulo 63

Whit

O barulho dos nossos pés amassando a neve é o único som que ouço por horas, enquanto Wisty e eu carregamos Janine numa maca feita de pele de animal.

Essa viagem já acabou conosco e as minhas emoções estão à flor da pele, uma mistura de derrota e alívio. Não consigo nem imaginar o que minha irmã está sentindo.

Será que ela está magoada? De coração partido?

Quero perguntar para ela. Escutá-la com atenção e dizer que vai ficar tudo bem. Quero ficar bravo se ela precisar que eu fique. E quero abraçá-la com força.

É o que eu faria normalmente, sem hesitar. O que sempre fiz.

Mas o rosto dela é uma máscara de pedra. Aquele clima estranho que sobrou da nossa última briga ainda está por aqui, então, não dizemos nada. Ouço apenas meus pés quebrando os galhos pelo caminho.

“Vai ficar tudo bem”, continuo pensando ao passarmos pelas placas de aviso que tínhamos visto enquanto subíamos a Montanha. Estamos a caminho de casa e Janine vai se recuperar.

Mas e quanto à Wisty e eu? Será que vai ficar tudo bem entre nós um dia?

O silêncio pesa sobre mim cada vez mais e o dia se arrasta. A maca vai ficando mais pesada, a Montanha, mais íngreme e o ar, mais gelado contra a minha pele exposta.

Finalmente, quando estamos quase lá embaixo e conseguimos ver a silhueta dos prédios da Cidade no horizonte, paramos para

segurar a maca direito e não consigo mais me segurar.

— Wisty.

— Não precisa dizer nada, Whit.

Seu rosto, muito comportado até agora, se amarrota e, antes que eu diga alguma coisa, as palavras vêm todas de uma vez, acompanhadas de lágrimas.

— Eu não deveria nunca ter confiado em Heath e não deveria ter deixado você subir essa Montanha horrível sem mim e se alguma coisa tivesse acontecido com você eu provavelmente me jogaria num precipício. — Ela me dá um empurrão, brava. — Então, não precisa dizer nada, tá? Eu sei que pisei na bola e que você estava certo sobre tudo e eu estava errada! — O lábio dela treme, e ela me olha cheia de angústia. — Tá?!

Pisco para ela por um instante, e depois dou um abraço bem apertado na minha irmã. Como deveria ter feito desde o começo.

— Não — digo quando sinto que podemos nos soltar. — Não é assim também. Eu estava errado. Eu nunca deveria ter deixado você para trás, e deu tudo errado. Se você não tivesse aparecido para me salvar... — Olho para o rosto de Janine, que ainda dorme, e tenho que segurar as lágrimas. — Nós dois estaríamos mortos.

— Mas tudo começou a dar errado para mim depois que você foi embora, também — Wisty admite. — Sem você para mandar em mim, eu basicamente comecei a quebrar janelas e incendiar coisas. — Ela sorri, sem graça.

Janine pisca para nós.

— Bom, a essa altura vocês já devem ter percebido que precisam mesmo um do outro — ela afirma com sabedoria.

Concordo com a cabeça.

— Pode deixar que lembro a Wisty disso na próxima vez em que ela decidir ser cabeça dura e irritante de tão independente.

Wisty vira os olhos.

— E vou lembrar o Whit quando ele achar que só existe uma maneira de fazer tudo: a dele.

Nós dois rimos e nos abraçamos de novo.

— Aquele lá é o... Byron? — Wisty pergunta, olhando por sobre meu ombro. Eu me viro e vejo que é ele mesmo: um comitê de boas-vindas de um homem só.

— Vim avisar vocês! — Byron berra enquanto vem aos trancos e barrancos pela trilha. Ele cai aos nossos pés, quase sem ar. Byron *não* é um atleta.

Depois de um acesso de tosse bem dramático, ele consegue nos dizer que o Conselho passou um tipo de decreto que estabelece que todos os praticantes de magia devem ser deportados.

“Mas isso não faz sentido!”

— Já?! — Wisty quase engasga. Ela olha para mim com cara de dó. — Bloom construiu um gueto. Foi por isso que fomos buscar você. Pensei que ainda tivéssemos tempo...

— Na verdade, aconteceu logo depois que você foi para a Montanha — Byron diz. — Eles cercaram todo mundo.

— Temos que contar para os nossos pais. — Minha cabeça está latejando de tanto susto e confusão.

Byron olha para mim como se eu fosse um idiota.

— Eles foram os primeiros a ser colocados no ônibus. Vocês não estão me escutando. Vocês têm que se esconder agora mesmo, antes que os Varredores fiquem sabendo que estão aqui.

Fico olhando para ele e a ficha de tudo o que ele disse está finalmente caindo: bruxos, perseguidos; nossos pais, capturados.

Olho para Wisty e ela está tão assustada quanto eu, mas determinada também. Concordo com a cabeça.

“Juntos. É assim que vamos trabalhar daqui para frente.”

Byron promete levar Janine em segurança ao esconderijo da Resistência, enquanto Wisty e eu vamos investigar a situação no gueto.

— Vamos lá, irmãozão. Eu conheço o caminho. — Wisty aperta a minha mão.

Vamos precisar um do outro mais do que nunca.

Capítulo 64

Whit

Sinto o cheiro do gueto antes de avistá-lo.

As pessoas se amontoam nas celas não terminadas, cozinhando ao sol escaldante, num lugar tão cheio que mal conseguem se mexer. Elas lembram as crianças no acampamento da Montanha: assustadas e vulneráveis. Como animais presos em jaulas.

Um pedaço de mim morre ao ver meus pais enfiados naquele lugar horrível, e vou correndo em direção a eles.

— Não toque aí! — minha mãe e Wisty gritam juntas, antes de eu me jogar contra a cerca.

Vou escorregando na areia até parar, com as mãos para cima.

— A cerca é eletrificada — minha irmã explica. — Ou algo do tipo.

Apesar de estarmos apenas na fronteira com o deserto, o sol é intenso e estou suando. Até a Sra. Highsmith parece meio murcha por causa do calor e os ombros do meu pai estão bem vermelhos.

— Eles deixam vocês ao sol o dia inteiro? — pergunto, fulo da vida.

Meu pai limpa a areia das pernas magrelas e dá de ombros.

— Podemos entrar nas barracas, mas não faz diferença. Elas vieram equipadas com claraboias! — Ele tenta sorrir, mas seus lábios estão rachados.

— Não acredito que eles nem terminaram de construir isso aqui — Wisty diz, olhando para as estruturas sem telhados. — Nunca pensei que fossem dar um jeito nisso tão rápido.

— Nós vimos nas notícias na TV — minha mãe conta. — Um decreto do Conselho, uma relocação obrigatória, mas não esperávamos que viessem naquela mesma noite.

Uma mulher mais velha, que eu não conheço, faz que sim com a cabeça cheia de cabelos brancos como a neve.

— A sirene tocou pouco antes do amanhecer. Eles confiscaram nossos bens e nos colocaram em vários ônibus, batendo nas nossas pernas com cassetetes.

— Os ônibus foram a pior parte — completa a Sra. Highsmith, que geralmente viaja por teletransporte. — Toda a agitação e o choro. Nunca vou conseguir tirar aquele cheiro de vômito das minhas roupas.

Minha mãe olha para o outro lado. Sei que ela jamais contaria esses detalhes para nós, pois não quer que saibamos o quanto eles sofreram.

Ao ver que ela ficou chateada, meu pai segura a sua mão.

— Disseram que era para a nossa própria proteção e que era apenas temporário... — Ele suspira. — Mas quando saímos do ônibus... não podíamos mais voltar.

Nós fomos eleitos para o Conselho. Nós juramos proteger a comunidade. *Mas não podemos proteger nem os nossos próprios pais.* Estou tremendo de raiva e desespero.

— Me desculpem ter falhado com vocês — falo, tentando esconder a angústia na voz. Mas não consigo e começo a chorar e balançar a cabeça.

— Não fale assim, filho. — Meu pai pede do outro lado da cerca. — Não diga uma coisa dessas. Não é culpa sua! Bloom fez isso e ele é o único responsável.

— O único? — a Sra. Highsmith entra na conversa. — Talvez. Mas há boatos... — Ela ergue as sobrancelhas sugestivamente.

— Como assim? — pergunto, e meus pais se entreolham.

— Do que vocês estão falando? — Wisty também quer saber.

— Bom, existe uma barreira ao redor desse lugar, não apenas a cerca — meu pai diz, apontando para a área. — E a nossa magia não funciona aqui.

Examino o gueto de novo, observando todos os corpos amontoados, todos eles bruxos. Aqui tem *muito* poder que não pode ser usado.

— Vocês acham que é porque eles fecharam os portais? — pergunto, chocado com o fato de que a teoria idiota de Byron possa realmente fazer sentido. Wisty dá uma risadinha.

Mas minha mãe faz que não com a cabeça.

— É mais do que isso. A rede de magos vem dizendo que Bloom não poderia ter feito isso sozinho, que deve ter alguém trabalhando com ele.

— Alguém poderoso! — a Sra. Highsmith completa, com os olhos brilhantes.

“Isso já foi longe demais.”

— Temos que ir até Bloom — digo, e Wisty concorda comigo.

— Vou esmagar aquele verme! — ela promete aos nossos pais.
— E vamos tirar vocês daí, custe o que custar.

Capítulo 65

Whit

Vamos correndo até o Conselho e abrimos as portas da sala com tudo.

— Solte todo mundo! — dou um rugido.

— Ora, mas se não são os Allgood! — a voz de Bloom ecoa ao nosso redor. — Estávamos mesmo falando de vocês, mas tenho que admitir que desistimos de esperá-los para as nossas reuniõezinhas.

Eu me sinto uma formiga ali no chão e olho para cima, para aquele homem ridículo, empoleirado numa cadeira tão alta que quase chega até o teto. Dessa vez não tenho tempo para sarcasmo, não quando a vida dos meus pais está em jogo.

— Solte os bruxos! — repito com uma voz ameaçadora.

— Garanto a você — Bloom responde no mesmo tom — que os praticantes de magia estão sob nossa custódia para a proteção deles mesmos.

— Proteção? — Dou uma risadinha.

Bloom faz que sim com a cabeça, ajustando a peruca antes de se inclinar para a frente.

— As relações entre os bruxos e os, hum, membros normais da nossa sociedade vêm se tornando um pouco, bom, tensas.

— É, e por sua causa! — Wisty grita. — Por causa da propaganda enganosa que você está espalhando! — Ela aponta o dedo para ele e, mesmo sem sair faísca alguma, Bloom se encolhe. Não me aguento e dou uma risadinha.

“Temos que apreciar as pequenas coisas da vida.”

— Olhe, acabamos de voltar da Montanha — digo, experimentando outra abordagem, já que Bloom estava tão animado para ir à guerra na última reunião. — Você tinha razão: o Rei Mago está se preparando para atacar. Você não acha que a Cidade tem que se unir em vez de segregar e aprisionar metade da comunidade?

Bloom e os outros homens trocam olhares cheios de significados.

— Sim, os bruxos serão parte integral do esforço de guerra — Bloom responde misteriosamente.

Wisty vira os olhos e eu suspiro. Está na cara que não vamos conseguir arrancar nada de Bloom. *E alguma vez conseguimos fazer isso?* Vamos ter que investigar mais a fundo para tentar revelar quem o está ajudando ou descobrir uma maneira de quebrar a barreira antimagia.

Enquanto saio andando firme até a porta, percebo pela primeira vez que a sala está muito diferente. Olho ao meu redor e vejo que apenas metade das cadeiras do Conselho está ocupada...

“E somente por adultos.”

— O que está acontecendo? — exijo saber. — Cadê os jovens?
— Sinto os pelos da minha nuca arrepiarem ao imaginar o que Bloom pode ter feito com eles. — Eles foram eleitos pelo povo! Você não pode simplesmente reformar o Conselho do jeito que quiser!

“E foi isso mesmo que ele fez quando nos expulsou dali.”

— Ah, mas este não é o Conselho — Bloom diz, calmo. — Esta é apenas uma parte menor do Conselho, que lida com operações específicas. Nós somos o Núcleo.

— E quais “operações específicas” são essas? — pergunto no mesmo tom.

— Descobrimos que os jovens não são adequados para discutir aspectos mais complicados do governo. É preciso ter maturidade

para lidar com certas situações.

— Tipo quando você caçou todos os bruxos da Cidade como cachorros e mandou todo mundo para a tortura? — Wisty o acusa.

— Há traidores entre nós e é preciso ter estômago forte — Bloom diz, e por um segundo acho que minha irmã está tentando fritar o cara. Não vou ter a força de vontade necessária para impedir que ela faça isso.

Para a sorte do General, a tela que desce desenrolando do teto nos chama a atenção.

— E já que estamos falando de traidores... — Bloom diz enquanto alguém liga o projetor. — O Conselho estava analisando um filme. — Ele olha para baixo e para nós dois com um sorriso preocupante, e apoia o queixo molenga sobre os dedos. — Vocês gostariam de assisti-lo?

Capítulo 66

Wisty

Vejo Heath na tela, e pelo jeito não deveria ficar surpresa.

Whit aperta meu ombro, solto a respiração lentamente.

“Eu estou bem. Estou bem.”

E então, começa.

A câmera segue o perfil de Heath enquanto ele anda pela Cidade à noite, e é quase como se eu estivesse andando junto com ele por aquelas ruazinhas sinuosas depois de uma festa. Meu coração bate mais forte. Mas ele não vem andando em minha direção, não dessa vez. Ele vai na direção de um homem gigante, vestido com uma capa escura, com um sorriso terrível. Eles trocam mensagens de mãos.

Vemos inúmeras cenas como essa. As mensagens, as capas, o beco. Heath.

Às vezes os homens são maiores ou mais cabeludos, mas começo a reconhecê-los.

Porque na próxima cena, vejo os mesmos brutamontes sequestrando crianças, jogando seus corpinhos dentro de caminhões e levando as coitadinhas para a Montanha.

“Estou bem, estou bem, estou bem”, mas parece que minha garganta está se fechando.

Naquela época, Heath era meu namorado.

Entre as tentativas para me conquistar, na pista de dança e aparecendo de surpresa na minha casa, ele estava perambulando nas ruas com planos sombrios.

Enquanto ele criava flores para mim e me roubava beijos carinhosos, também levava crianças para o Rei Mago.

E o tempo todo, enquanto eu me apaixonava por ele, *meu namorado era o filho d'O Único*.

Como é que não percebi nada disso?

Sinto os olhos de meu irmão sobre mim, estudando meu rosto com preocupação, e sei o que ele diria: que não vi nada porque não *queria* ver.

As luzes se acendem e Bloom olha para mim com uma animaçãozinha insuportável. Se ele acha que vou dar chique por causa disso aí, está muito enganado.

— Isso não é novidade. Já sabíamos que Heath era um traidor — digo friamente. Olho diretamente para cada representante do Núcleo. — Espero que vocês capturem esse criminoso e o coloquem atrás das grades, que é o lugar onde ele pertence.

— No entanto, esse traidor em particular ainda nos escapa — Bloom diz fazendo bico.

Tento não dar um sorrisinho. Sei que deveria odiar Heath agora, odiá-lo de verdade, mas parte de mim fica feliz ao saber que ele é inteligente demais para eles.

— Mas a triste verdade é que nossa amada Cidade está cheia de indivíduos maliciosos — Bloom continua em tom de ameaça. — Felizmente, alguns dos colaboradores desse homem se entregaram a nós! — ele revela com uma satisfação sombria.

A tela se acende de novo, fico prestando atenção. Estou com medo de assistir, mas preciso ver, preciso ver o quanto ele é mau.

“O que mais ele estava planejando? Com que outras pessoas terríveis Heath está trabalhando?”

O filme começa e vejo meu próprio rosto — minhas sardas, minhas feições, meus poros — naquela tela gigante.

É como um tapa na cara e quase caio no chão.

— Mas o que é isso? — exijo saber, doida da vida. — Eu não sou traidora!

— Não? — Bloom ergue uma sobrancelha e aponta para a tela com o queixo. — Veja só.

E eu vejo, e é tortura.

A tela mostra o cabo que cortei, a van que destruí.

Mostra o homem de joelhos implorando por sua vida.

Vejo as minhas mãos tocando aquelas coisas, ouço os meus lábios dizendo aquelas palavras. Meu cabelo ruivo, mais brilhante que uma chama.

Quase não me reconheço naquelas cenas, e sinto as lágrimas descerem pelas minhas bochechas.

É claro que o filme também mostra Whit. Há algumas imagens granuladas dele agachado num beco, e há uma sequência longa em que ele sai correndo pela trilha para a Montanha, com Mama May chorando atrás dele.

Mas a maior cena mostra Heath e eu estourando janelas, assustando crianças e queimando tudo à nossa volta.

Ao final, o filme mostra uma sequência em câmera lenta de nosso beijo apaixonado no meio do incêndio. Fico morrendo de calor e seguro na gola da minha blusa. Quero morrer enquanto a cena é projetada e parece não ter mais fim...

E então, a cena corta para um zoom e meus olhos enchem a tela.

Meus olhos... mas *não*.

Com o fogo refletido neles, eles ficam selvagens, vermelhos e famintos, consumidos pelo poder.

Quero me virar para o outro lado, mas não consigo.

Eu sou o terror.

Capítulo 67

Wisty

O projetor é desligado, mas ainda vejo as chamas, como se tivessem sido gravadas a fogo em meu cérebro.

— Por onde começo, Senhorita Allgood? — Bloom inclina a cabeça para o lado. — Uso ilegal de força mágica? Incêndio culposos? — Ele se inclina para a frente e o microfone berra. — *Assassinato?*

— Eu... eu... — resmungo, mas não consigo encontrar a minha voz e me encolho de vergonha.

Não olho para eles — *não vou* olhar para eles. Estudo os meus dedos doloridos, que estão machucados, as unhas roídas até o toco e, ao ver o sangue nos cantinhos, sinto um pânico cada vez maior.

“Como é que fui deixar as coisas saírem tanto do controle?”

— Conspiração, espionagem, sequestro? — Bloom lê sua listinha para Whit. — Ficamos profundamente desapontados ao ver que os praticantes de magia decidiram trair sua terra natal e colaborar com toda a maldade do Rei Mago.

— Que loucura! Eu fui lá para negociar com ele! — Whit protesta. — Para libertar as crianças, não sequestrá-las.

— E mesmo assim você voltou sem nenhuma de nossas crianças perdidas e com a notícia de que o ataque é iminente. Hummm... — Bloom franze a testa como se estivesse confuso de verdade. — O que o senhor acha dessa situação, Senhor Piper?

— Eu diria talvez que a missão do Senhor Allgood falhou de maneira espetacular — diz o cara de olhos caídos que estava aqui antes.

— Ou que ele tinha outros motivos para ir para lá? — sugere um cara bigodudo louco para falar.

— As crianças passaram por uma lavagem cerebral! — Whit tenta explicar, louco da vida. — Elas se recusaram a deixar o Rei da Montanha.

— Ah! — Bloom aperta os lábios como se estivesse levando aquela informação em conta. — Por favor, soltem um informe para a imprensa — ele diz ao escriba. — O Senhor Allgood deseja que os cidadãos saibam que as crianças desaparecidas, arrancadas dos braços de suas mães, na verdade *querem* ficar com aqueles selvagens.

— Chega! — tento acabar com essa palhaçada. Sinto uma faísca de raiva bem quente chegando. Preciso proteger meu irmão, que tem um coração tão bom, mas então vejo a imagem dos meus olhos vermelhos e deixo minhas mãos caírem ao lado do corpo.

“Aquela não sou eu, não sou eu, não sou eu.”

Bloom se inclina até o microfone novamente e sua respiração alta faz eco.

— Com base nas evidências que testemunhamos aqui hoje, acredito que tenha ficado claro para o Núcleo que — Bloom olha ao redor da sala em busca de confirmação, e os bocós fazem que sim com a cabeça, como ovelhinhas —, na verdade, é a comunidade traidora de bruxos da Cidade que está trabalhando para o Rei da Montanha.

É claro que ele tinha que enfiar os nossos pais nessa de algum jeito. “Era uma armadilha, desde o começo.”

Perco a paciência com essa declaração e o calor chega rápido até os meus dedos. Do canto de meu olho, vejo Whit estendendo a mão para mim.

Mas antes que nossas mãos se toquem, o tempo parece parar e o fogo me abandona.

— Prendam esses bruxos traidores! — Bloom grita, fazendo que não com a cabeça de descontentamento.

Capítulo 68

Whit

Cerro os punhos, furioso, e Wisty e eu lutamos para nos livrar dos guardas.

“Eles não podem fazer isso.” Mas conseguem. Está acontecendo *de verdade*.

Eu era o jogador mais forte da Cidade, fui invencível por anos e anos. Tenho um poder mágico que deveria facilitar qualquer tipo de fuga. Mas contra esses caras comuns que seguram meus braços atrás das costas com toda a força, fico quase paralisado.

“Como isso pode ser possível?”

E então... eu vejo.

Um homem vem andando em nossa direção. Não acredito, minha barriga se transforma em gelo. O cabelo quase branco de tão louro, os olhos cheios de segundas intenções, o andar empoadado parecido com o de uma cobra — é inconfundível.

“Não.”

Olho para Wisty, desesperado. “Será que estou ficando louco?” Mas a cor já abandonou o rosto dela; minha irmã está tão horrorizada quanto eu, e sei que ela está vendo exatamente o que eu estou vendo.

Um fantasma.

Como Célia, na floresta. E Margô e Sasha. Mas dessa vez não é um amigo. Não é alguém que eu quisesse, um dia, reencontrar nesse mundo.

É o *Pearce*!

Pearce, o braço direito d'O Único Que É O Único, oficial do alto escalão da antiga Nova Ordem. Pearce, um adolescente com altos poderes mágicos como nós — a não ser pelo fato de que ele curte torturar e assassinar pessoas.

— Estavam com saudade de mim? — ele pergunta.

— Nós... nós *matamos* você — sussurro.

Mas está na cara que não foi isso que aconteceu, né? Nós deixamos o cara jogado lá na floresta de ossos da Terra das Sombras, mas não fomos checar se ele estava morto mesmo — eu não tinha estômago para aquilo.

Pearce dá de ombros.

— A ideia de estar morto não me pareceu muito atraente. Gosto de ocupar meu dia e o General Bloom aqui me ajuda a me manter entretido.

Bloom, que finalmente desceu de seu banco nas alturas, coloca um braço ao redor do ombro de Pearce como sinal de solidariedade.

Meu queixo cai. Então foi assim que eles conseguiram pôr o plano em prática. Eu sabia que Bloom tinha contado com a ajuda de alguém da comunidade mágica. É por isso que a cerca ao redor do gueto é tão forte, e é por isso também que não conseguimos lutar contra esses guardas.

“É tudo obra do Pearce.”

— E você *nos* acusa de traidores? — berro, furioso, para Bloom.

— Essa *lesma* trabalhava lado a lado com O Único Que É O Único. E você acha que ele não é um traidor?

— Já perdoamos os antigos afiliados da Nova Ordem, como você deve se lembrar — Bloom diz.

“Uma decisão que nunca apoiei”, penso amargamente. Olho para a minha irmã, mas mordo a língua — ela já está se sentindo mal o suficiente por causa de Heath.

— Este oficial tem se provado um aliado leal nessa época de conflito em nossa Cidade. Ele tem sido inestimável ao assegurar a cooperação da comunidade mágica, neutralizando situações difíceis, como vocês podem ver.

Suspiro e Wisty vira os olhos. Político como sempre, Bloom segue com sua explicaçãozinha coberta de acúcar, mas o que ele fala não quer dizer nada para nós.

— Pearce, por favor, escolte os Allgood até as suas celas.

Tento me soltar de novo, concentrando cada grama de energia que tenho em dar o bote em Pearce e me livrar do guarda. Pearce quase me matou quando lutei com ele na Terra das Sombras, mas, ao final, consegui dar a volta por cima e acabar com ele.

No entanto, agora ele está mais forte e noto isso com terror. E em vez de se acumular, a minha magia está me abandonando. Não sei de onde ele tira esse poder, mas é debilitante.

“Isso aqui é bem pior do que imaginamos.”

Capítulo 69

Wisty

Observo Pearce com cuidado enquanto somos acorrentados e levados da sala.

Minha mente está a mil, e minha cabeça fica cada vez mais quente. Com a minha magia desarmada, a energia não tem para onde ir.

Sei que vamos conseguir sair dessa. Já ficamos presos antes e, apesar de estar passada com tantas coisas que estão dando muito errado, o que mais me preocupa é Pearce estar vivo. Já vi do que ele é capaz e tenho certeza de que ele é uma ameaça muito maior para a segurança da Cidade do que Bloom ou algum mago imbecil do gelo.

“O que será que ele está tramando?”

Ao ver que estou olhando para ele, Pearce se aproxima de mim. Fico tensa e o medo antigo volta. “Sou mais forte que isso.”

— Que filme ótimo aquele, não? — ele pergunta, todo animadinho. E então, diminuiu o volume e sussurra: — Minha parte favorita é a última cena.

Meu rosto começa a ficar vermelho de vergonha.

Ele está falando da parte em que Heath e eu estamos nos atracando na varanda. Pensar em Heath já dói, e, com certeza, ver nosso momento tão íntimo sendo visto por um grupo de velhos nojentos foi muito humilhante.

Sinto um gosto de bile ao me lembrar do dia em que Pearce *me atacou* e enfiou a língua na minha boca. Cerro os dentes de nojo, mas me recuso a dar a Pearce a satisfação de uma resposta.

— Jovens amantes se abraçando, com mãos e bocas tão famintas... — Pearce lambe os lábios de maneira sugestiva, e me arrepio de ânsia. — Um pouco de língua...

Então, perco a paciência, louca da vida de tanto ódio.

— Eu vou destruir você! — grito, rangendo os dentes enquanto tento partir para cima dele.

Ainda não consigo me mexer, no entanto, e Pearce só dá uma risadinha enquanto os guardas nos arrastam degraus abaixo, em direção à van da polícia, que está à nossa espera.

— Sempre adorei sua paixão, Wisty.

Lá fora, na Praça, cidadãos se juntam em grupos para assistir ao espetáculo.

— Não se preocupem! — tiro uma da cara dos curiosos, que parecem estar com medo e, ao mesmo tempo, morrendo de nojo de nós. — Ele está aqui para nos neutralizar...

Aperto os olhos ao ver as duas vans da polícia, tento dar um jeito de liberar a energia quente acumulada na minha cabeça. O bloqueio de Pearce é muito poderoso mesmo, e a pressão na minha cabeça está me matando. Mesmo assim, estou tentando ao máximo e sinto a minha magia enfraquecendo a barreira, mesmo que só por um momento.

—... para que alguma coisa, tipo *isso aqui*, não aconteça! — berro, lançando minha energia para frente com um empurrão final que acaba comigo. Não é muito, com certeza não tem a força daquele incêndio na floresta, mas é o suficiente.

As vans tombam de lado e vão arrastando a carenagem até o meio da Praça. Elas batem de ponta-cabeça com tudo numa fonte horrorosa, e suas janelas se espatifam. A multidão sai correndo aterrorizada, não resisto a abrir um sorrisinho.

“Tentem tirar meu poder de mim. Pago para ver!”

Infelizmente, mais duas vans aparecem quase que imediatamente após minha magia, e estou tão fraca do esforço ridículo que acabei de fazer que mal consigo ficar de pé enquanto nos empurram até elas.

— Por que você não nos usa como exemplo do que acontece com bruxos do mal? — Whit desafia o político gordinho, morrendo de raiva. — Por que você não acaba logo com isso e nos mata agora, Bloom?

— Whit! — Não sou ninguém para mandar os outros controlarem o temperamento, mas essa situação já está horrenda o bastante sem Bloom ameaçando nos matar.

— Você acha mesmo que só vão nos *neutralizar*? — Ele olha para mim e fico passada ao entender o que ele está tentando me dizer.

Sabemos o que Pearce faz e geralmente não acaba numa cela acolchoada. Já assisti a ele derretendo o rosto de crianças o suficiente para saber que “neutralizar” na verdade quer dizer “detonar.”

Não somos mais amados pelo povo, mas a nossa morte ainda pode provocar confusão e Bloom não quer isso. É quase certo que vão nos levar para uma sala escura e nos assassinar na surdina. Não vamos nem aparecer nas notícias. Nossos pais provavelmente nem vão saber que morremos.

Se ao menos ele fizesse isso em público, teríamos uma chance de escapar ou pelo menos de começar uma revolta.

— É, nos mate aqui na Praça, para que esses cidadãos honrados possam ver a justiça corrupta do seu Conselho! — alfineto.

— Isso não será necessário — Bloom responde num tom de tédio do topo da escadaria, enquanto os guardas nos jogam de qualquer jeito na parte de trás das vans. — Se matássemos todos os bruxos, quem teríamos para sacrificar na linha de frente na guerra?

Capítulo 70

Whit

— Tem alguma coisa para comer? — imploro à porta da nossa cela subterrânea, fria e úmida.

— Afaste-se das barras! — um guarda ordena. Ele bate nos meus dedos com um cassetete, e a dor é tão forte que vejo estrelas.

Ainda estou fraco por causa da viagem à Montanha, com feridas ainda não totalmente cicatrizadas pela magia, mas é o buraco em meu estômago que não me deixa dormir.

— E dá para ligar aquecedor, por favor? — Wisty berra para os guardas imbecis.

É, e também estou morrendo de frio. Estou com muito, muito frio.

— Por que você não esquentar a cela você mesma, bruxa? — vem a resposta, sempre espertinha.

Wisty continua caindo na brincadeira dos caras porque simplesmente não acredita que seu poder não esteja funcionando.

Ela faz cara feia, apertando as pontas dos dedos pela centésima vez desde que fomos jogados nessa prisão minúscula. E quando, pela centésima vez, nada acontece, ela sacode a mão e volta a andar sem parar, de lá para cá.

Posso *contar* para você o quanto nos arrependemos de ela ter gastado todo aquele poder nas vans da polícia?

— Qual é? Você ficou cuca fresca demais? — o segundo guarda faz uma piadinha e joga um copo de água gelada através das barras.

A água não deixa Wisty encharcada, mas molha o chão, onde vamos dormir. Isso faz nós dois termos um ataque de raiva, e os guardas quase mijam de tanta satisfação.

A festa aqui não para — atraímos profissionais da mais alta qualidade em nossas estadias na prisão.

— Isso aqui é bem familiar, né? — pergunto, tentando fazer Wisty conversar comigo. Ela está andando pela cela há horas, cada vez mais ansiosa.

— É claro que é familiar. Tudo que vai, volta, e todo governo é igual — ela responde num tom desanimado.

— Ah, Wisty, você não acredita nisso! — rio, porque pessimismo não tem nada a ver com a minha irmã, mas vejo na hora que não deveria ter feito isso.

— Ah, não? — ela diz, sem esperança.

— Olhe — falo, fazendo massagem nas costas dela. — Nós vamos sair dessa, tá?

Mas não é na prisão que ela está pensando sem parar.

— Você me *viu* naquele vídeo, Whit? Você viu os meus olhos?

Eu sabia que isso viria à tona. Faço que sim com a cabeça, tentando conter os ânimos.

— Vi.

O pânico toma conta da voz dela.

— E o que você viu?

Tenho que tomar cuidado com esse assunto. E evitar frases como “esferas vermelhas e brilhantes de desejo”.

— Vi alguém que sei que é uma boa pessoa e também uma bruxa brilhante ficar um pouco... empolgada demais — digo a verdade à minha irmã.

Wisty para de andar e enrosca os braços ao redor do corpo.

— Eu vi O Único no vídeo — ela diz, e de repente fico com mais frio ainda. — Ou uma amostra dele. Eu vi o desejo dele por poder. E vi que ia ficar cada vez mais forte. Que iria me dominar. E se tornar algo pelo qual valeria a pena viver.

— Então, não deixe! — grito, e ela desvia o olhar.

Essa deve ser a primeira vez que minha irmã me assusta — de verdade mesmo — na vida.

— Wisty. — Aperto os ombros dela e olho em seus olhos, para que ela veja como estou falando sério. — Não. Deixe — repito.

— Não é tão fácil assim — Wisty responde, e escorrega rente à parede até o chão de concreto da cela. — É o Heath. Você *não* tem *noção*, Whit. Quando juntamos nossos poderes, parte dessa mistura... toma conta do meu cérebro. Ficar com ele é diferente de qualquer coisa no mundo.

— Mas se a magia que você cria com ele é tóxica...

— Não sei como parar — Wisty diz, desesperada. — Mas o vídeo do Bloom... — Ela me olha nos olhos, sei que o está pensando.

Todas aquelas cenas horríveis estão gravadas na minha memória também. Meu estômago começa a embrulhar e faço que não com a cabeça, lentamente.

— Preciso parar — ela concorda.

— Dê um tempo para você. Lembra quando começamos a usar magia? Como era melhor que qualquer outra coisa e como nos sentíamos bem?

Wisty parece meio cética, mas faz que sim com a cabeça.

— Talvez você só precise começar de novo, para voltar para essa parte boa. Pode tentar amanhã.

Wisty chuta os cacos do copo e se deita no chão.

— Não, amanhã temos que sair dessa prisão — ela diz, bocejando. — E então temos que dar um jeito no Bloom, no Rei da

Montanha e, principalmente, no Pearce. Amanhã a agenda está cheia.

Enrolo minha jaqueta para servir de travesseiro e me deito ao lado dela no chão sujo.

— E encontrar comida — completo, meu estômago ronca. — Tá, então vamos trabalhar a nossa magia feliz e do bem depois de amanhã.

— Combinado.

Capítulo 71

Wisty

A pior noite de sono *da minha vida*.

Já estou adorando — só que não — o chão duro da nossa cela quando, ainda meio grogue, começo a ouvir o som oco de alguma coisa batendo em metal. Então, um puxão na corrente presa em meu pé me acorda com tudo e abro os olhos, irritada.

Olho ao redor para xingar quem é que seja que achou ótima a ideia de tornar a minha vida um pouco pior ao não me deixar dormir, mas não vejo nenhum guarda do lado de fora da nossa cela.

Não. Vejo outra pessoa. Alguém que eu não esperava mesmo.

Vejo Heath.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto um pouco alto demais, chocada, e Whit se mexe, mas não acorda.

Passo com cuidado por cima de meu irmão e encaro Heath do outro lado das barras. Ele parece tão acabado quanto eu, como se não dormisse há dias. *Que bom.*

— Ouvi dizer que você arrumou um cafofo novo bem chique e vim conferir — Heath responde, estudando a nossa cela. Quando não rio da piadinha idiota, ele passa a mão pelo cabelo, nervoso. — Eu só queria ver você. Eu *precisava* ver você.

Uma parte minúscula e patética do meu coração pula de alegria quando ele diz isso. Infelizmente, o restante me lembra de que eu deveria odiá-lo.

— Eu já falei para você... — sussurro, fria. — Não tenho vontade nenhuma de conversar com um descendente do mal.

Heath vira os olhos.

— Ah, Wisty! Você não pensa assim de verdade. Você acha que eu sou mau? Depois de tudo o que passamos juntos?

Fico meio sem graça. Ele deve ter visto que bambeio um pouco, porque me lança um daqueles olhares que, mesmo no escuro, é brilhante e intenso.

— Depois de toda aquela faísca? Das chamas? — ele ronrona em sua voz sexy, e coloca a mão sobre a minha.

— Não! — Puxo a minha mão de volta e cruzo os braços. — Você me traiu... — sibilo. — Vá embora, por favor.

— Você pelo menos me deixa explicar?

Resmungo, mas não posso negar que está me matando aos poucos não entender essa história direito. Eu mereço saber, certo?

Estou olhando para ele e argumentando quando Whit se senta. Ao ver Heath, ele se joga na porta. Nunca vi meu irmão bravo desse jeito.

— Fique longe da minha irmã! — ele berra, furioso. — Guardas!

— Shhh! — peço, tentando tapar a boca do Whit. — Só estamos conversando.

Whit franze a testa e fica magoado.

— E o que você disse ontem à noite?

Suspiro.

— Eu sei. É que só quero..... Me dá só um minuto, tá?

Whit faz que sim com a cabeça educadamente, e vai para o outro lado da cela, abrindo e fechando as mãos de tanta frustração.

— Ele é um *mentiroso*, Wisty — ele avisa por sobre o ombro. — Não esqueça isso.

Eu me viro de volta para Heath e estreito os olhos.

— Pode falar, mas fale rápido.

— Tá... — Heath responde. — Bom, a minha mãe é uma bruxa e acho que, anos atrás, ela e O Único tiveram tipo um lance como o que temos...

— Tínhamos — interrompo, e ele estremece, mas continua.

— Em resumo, ela não quis mais saber dele, por razões que não vou explicar agora, e ele ficou louco de verdade, e então se apaixonou pelo poder, conquistou a Cidade e... você sabe o resto.

“E como!”

— Certo. E onde você estava no meio de tudo isso? — pergunto.

— Minha mãe me deixou na Montanha com meu avô, mas o velho era tão terrível quanto meu pai. Controlador, maníaco. Minha mãe tentou me proteger dele, mas ainda tenho as cicatrizes.

“Não fique com dó dele, segure a onda”, penso, mas aproximo minha mão mais um centímetro da mão dele nas barras.

— A vida na Montanha estava me sufocando — ele continua. — Então, eu fugi para ir morar com meu pai. Achei que pudesse conquistar o amor dele, mas...

Ele tensiona a mandíbula e vejo que a rejeição, ainda tão recente, dói muito, e meu coração se quebra por causa do sofrimento dele. Quero dar um abraço nele e protegê-lo e... perdoá-lo.

— Quando ele morreu eu só queria a oportunidade de começar de novo, do zero — Heath continua. — Sabe?

— Já ouvi *isso* antes — Whit diz, com um baita mau humor.

Lanço um olhar para meu irmão, e ele ergue as mãos como quem diz “Não fiz nada”, e anda para o fundo da cela, de lá para cá, cheio de raiva.

— Mas por que você não me contou que o seu pai era O Único? — pergunto. — Fala sério, né? Será que não era um assunto importante o bastante?

Heath dá de ombros, desanimado.

— Porque eu não queria perder você. — Ele olha para mim, e seus olhos brilham. — Porque eu estava apaixonado por você.

Eu derreto um pouco ao ouvir aquelas palavras. Nunca dissemos isso um para o outro em voz alta, mas sei que sentíamos a mesma coisa. E a frase ecoa na minha mente: “Eu estava apaixonado por você”. Por que, *por que* eu só ouço isso no tempo passado?

— Estava — digo baixinho, mas, na minha cabeça, é uma pergunta.

— *Ainda estou* apaixonado por você, Wisty. Quer você goste ou não.

Ele coloca a mão por entre as barras e deixo que toque meu rosto. Apesar de não dever, levanto o braço e ponho a minha mão sobre a dele.

— Não *toque* nela! — meu irmão ruge a alguns passos de distância. — Mas você é folgado mesmo! — ele completa.

— Como o senhor mandar, Bruxo. — Heath me surpreende ao tirar a mão da minha com toda a gentileza, e também de dentro da cela. Um cavalheiro, como sempre.

Mordo o lábio, ansiosa. Será que consigo perdoá-lo? Não sei se estou pronta para deixar Heath voltar para o meu coração agora, mas talvez possamos começar do zero, tentar de novo... E então me lembro de algo que Heath ainda não me explicou.

— Só tenho mais uma pergunta — digo, e Heath olha para mim na expectativa. — Por que você estava trabalhando com o Rei da Montanha?

— O quê?

— Eu vi você no filme do Bloom. Por que você estava trabalhando para o seu avô se acha que ele é um maníaco?

Heath pisca e solta a respiração devagar.

— Eu... — Ele bate os dedos sobre as barras e fico olhando para ele, já sem paciência. — Não posso falar sobre isso agora. Mas prometo, se você confiar em mim, tudo vai fazer sentido muito em breve. Muito em breve.

— Confiar em você? — repito, e ele faz que sim com a cabeça. — Nós estamos indo à guerra! — digo cheia de raiva. — Bloom vai nos jogar no campo de batalha para sermos assassinados pelo exército do Rei Mago, e você está *trabalhando para ele*. Como posso confiar em você, se você ainda está mentindo para mim?

Heath suspira profundamente.

— Então, acho que isso aqui é uma despedida — ele diz, se afastando das barras.

Ele está falando sério? Fecho a cara para ele. Não acredito que quase perdoei esse cafajeste.

— Na próxima vez que nos encontrarmos, você vai mudar de ideia sobre mim, tenho certeza. Vou consertar tudo isso.

— Vejo você no campo de batalha — resmungo.

Capítulo 72

Whit

Um balde de água gelada me acerta com tudo na cara e acordo de repente, me afogando.

— Você vai se arrepender disso! — berro cheio de ódio, mas um chute na barriga de um coturno com biqueira de metal me dobra ao meio.

Dois guardas me pegam por debaixo do braço e me fazem ficar de pé. Enquanto começam a me arrastar para fora da cela, olho ao redor, mais chocada do que quando a água me atingiu, sem entender o que estou vendo. Aliás, o que *não* estou vendo.

Wisty desapareceu.

— O que vocês fizeram com ela? — grito, tentando me livrar deles.

Mas meu corpo está fraco de tanta pancadaria na Montanha, e minha magia está mais fraca. Os guardas ignoram meus protestos e me arrastam pelo corredor escuro da prisão. Minhas roupas pingam de tão encharcadas.

A van da prisão onde eles me jogam está cheia, e o ar fede a suor azedo e falta de banho.

E tem mais uma coisa. O espaço apertado, a fome, o calor... tudo começa a se misturar dentro de mim, e quando sai pelos meus poros, tem cheiro de medo — o meu e o de todo mundo.

Por favor, me permita repetir: minha irmã caçula *desapareceu*.

— Wisty? — grito, desesperado. — Você está aqui?

Nenhuma resposta. Meu coração murcha.

“Ela pode estar aguardando a execução. Ela pode estar sendo torturada.”

“Ela pode estar com Heath.”

A porta se fecha, assim como acabam minhas chances de encontrar Wisty.

— Não! — Me jogo para a frente, e a porta amassa meu nariz. Fico com os olhos cheios de lágrimas, uma dor intensa parece explodir por trás deles. Cambaleio para trás, e o espaço é tão mal iluminado e cheio de corpos que dou cotoveladas e piso no pé do pessoal sem querer.

— Cuidado! — alguém me avisa, me empurrando. Bato em outra pessoa e, nessa situação que já estava bem tensa, não demora muito para todo mundo começar a se empurrar e a gritar.

— Olhem o volume aí atrás! — o rosto ensebado de um guarda olha para nós através de uma janelinha coberta de tela.

Aperto nariz e sinto o sangue se acumular entre os meus dedos.

— Diga onde a minha irmã está! — exijo saber, tentando me aproximar mais um pouco da janelinha.

— Num lugar bem, bem escuro, sem ninguém para ajudá-la, onde ninguém pode salvá-la. — Dá para sentir o bafão de cachaça do cara. — Mas não se preocupe — ele diz com um sorriso. — Você vai ver sua irmãzinha na Terra das Sombras logo, logo.

Depois de falar isso, ele bate na lateral da van duas vezes e o carro dá uma arrancada.

Do que posso ver através da pequena abertura na janela, as ruas estão uma loucura. Um grupo de cidadãos agitados cerca a van. Podemos ouvir as pessoas pedindo ajuda e proteção, e quando o motorista responde apenas com uma buzina, as vozes ficam mais ameaçadoras.

A van começa a balançar e batemos com tudo nas laterais e uns nos outros. O motor toma impulso de novo, a van segue em frente e

tapo os ouvidos para tentar não escutar aquele barulho terrível, que talvez sejam ossos triturados sob as rodas. Os pneus cantam pela rua e vamos nos afastando da Cidade.

A van fica em silêncio absoluto, a não ser pelo barulho nojento de algumas pessoas que estão prestes a vomitar. Lembro a maneira como a Sra. Highsmith descreveu os ônibus que levaram meus pais para o gueto.

Observo as cabeças baixas e os ombros caídos enquanto a van chacoalha.

— Estou procurando a minha irmã, Wisty — digo à escuridão. — Levaram as famílias de vocês também? Será que estão nos levando para o acampamento para ficar com os outros bruxos?

Mas não é fácil distinguir as expressões com essa luz, e cada prisioneiro fica na sua.

— *Alguém* sabe o que está rolando? — imploro.

— Eu não sou bruxo. — Um carinha sentado com os joelhos dobrados junto ao queixo faz cara feia para mim. — Os magos levaram meu irmão caçula. Eu é que não vou deixar um Rei demoníaco tomar tudo o que tenho.

“Será que ele está falando do...”

— Para onde estamos indo? — quero saber mais.

A luz da janela ilumina o menino por um momento apenas. Seus dedos seguram com força um pedaço de madeira que parece um bastão, acho que é um rolo de abrir massa, e seus olhos quase saltam das órbitas.

— Para a Montanha — uma voz mais velha e áspera responde da escuridão. — Para a guerra. Para onde mais?

Um utensílio de cozinha tão simples é a única arma desse moleque.

Capítulo 73

Whit

A primeira coisa que noto quando a porta da van se abre é a ventania que vem descendo da Montanha. Esse vento traz à tona lembranças muito ruins. O guarda me joga para fora da van, acorrentado, e começo imediatamente a examinar a multidão, procurando um sinal do cabelo ruivo de Wisty.

Centenas de pessoas apavoradas estão espalhadas pelo campo enlameado que dá para a Montanha. Lá na frente, os bruxos estão acorrentados uns aos outros, com expressões estoicas no rosto. Atrás deles, os soldados voluntários da Sarjeta brincam com suas armas ridículas — canos e tijolos.

Ninguém está vestido para o frio que faz lá em cima. Ninguém está vestido para a batalha. Isso aqui já é um desastre total.

— Você viu Wisty Allgood? — cutuco os braços enquanto o guarda me empurra à frente, e pergunto em voz cada vez mais alta.
— Minha irmã, Wisty? A bruxa famosa?

As pessoas ou dão de ombros, ou fazem cara feia, ou continuam olhando para a frente com olhar de peixe morto. O silêncio delas não pode ser sinal de algo bom, e já penso no pior. “O que vocês estão escondendo? O que é tão terrível que não podem nem me contar?” Quero chacoalhar esse povo, gritar na cara deles, mas o guarda continua me empurrando para a frente.

Ele me acorrenta a uma das últimas fileiras de bruxos, com os “traidores”. Como todo mundo, não paro de lançar olhares nervosos para a Montanha.

“Cadê o cara que nos arrastou até aqui?”

Primeiro vejo os capangas de Bloom, com suas expressões azedas. Eles são os únicos armados de verdade. Ainda de terno, trazem armas recuperadas de um antigo arsenal, seguradas delicadamente com as duas mãos e a pelo menos um braço de distância de seus corpos. Cada vez que um deles se vira, a fileira de pessoas atrás se agacha de medo.

Lá está Bloom. Atrás do exército, com um bando de vagabundos que não está fazendo nada. Como ele é covarde! Dá para ver daqui o ninho de rato que é aquela peruca flutuando de lá para cá enquanto ele anda de um lado para o outro. Finalmente, nosso líder destemido encara seu exército molambento e limpa a garganta antes de falar a um microfone gigante.

— Meus bons cidadãos! O Rei da Montanha chega a cavalo hoje, mas não há razão para temer! Os praticantes de magia juram que seu poder sombrio pode ser usado para o bem.

O pessoal do fundão protesta com palavrões. Bloom levanta as mãos pedindo ordem, mas faz que sim com a cabeça ao mesmo tempo.

— Eu sei, eu sei. Mas eles dizem amar nossa adorada Cidade, então vamos ver se conseguem provar isso! Vamos deixar que fiquem na linha de combate e protejam nossos cidadãos honestos! E se algum traidor estiver ajudando esse bandido, que sofra nas mãos dele!

Será que eles vão mesmo nos sacrificar? *Essa* é a estratégia de guerra de Bloom?

Sinto o pânico se acumulando ao meu redor, no tilintar das correntes quando as pessoas trocam o peso de um pé para o outro, nervosas. Nos músculos que se contorcem nos rostos quase impassíveis. Sinto também nos meus ossos, mesmo antes de ouvir o barulho dos cascos dos cavalos.

Pânico. Estão chegando mais perto. E mais perto. E mais perto.

Cerro os punhos furiosamente e tento flexionar cada músculo acorrentado. Quero lutar, mas não na guerra contra o Rei Mago; quero lutar contra tudo o que está acontecendo *agora*. Quero começar uma rebelião aqui mesmo, dar o braço para os outros e sair correndo e estrangular Bloom com essas correntes até o nariz dele sangrar e suas bochechas ficarem azuis.

Mas olho ao redor e vejo que os outros bruxos-reféns de Bloom são professores, vendedores, artistas, médicos. Avós e irmãos caçulas. Vejo rostos paralisados de choque e olhos úmidos de tristeza. Eles estão se apoiando uns nos outros, tentando dar uma força um para o outro. É claro que alguns devem ter poder o suficiente para levitar um pouco ou ler a palma da mão de alguém, mas ninguém ali é um soldado. Não são *assassinos*.

E as correntes deles não se mexem.

Então, na fileira atrás de mim, um assobio doce chega invadindo todo esse terror, como braços me envolvendo. É tão puro, tão reconfortante, tão *familiar*. Eu me viro.

— *Pai?*

O assobio para e meu pai pisca para mim, com as pálpebras inchadas.

— Pai! Você está bem? — Antes que ele responda, vou até ele para lhe dar um abraço. As correntes me impedem de chegar perto dele, mas não faz mal. Se meu pai está aqui, vamos dar um jeito nisso juntos.

— Levaram Wisty — conto, quase sem ar. — Não sei quem foi, mas ela sumiu, e essas correntes não deixam eu usar os meus poderes e... — respiro fundo, tento me acalmar. Eu não deveria fazer meu pai se sentir pior ainda. Ele não está com uma aparência muito boa. — Como é bom ver você, Pai — digo assim mesmo. — Cadê a Mãe? — Olho ao redor. — Vocês ficaram separados?

— O seu rosto. — Meu pai me interrompe com uma voz triste e confusa. Eu tinha esquecido. Meu nariz deve estar um terror de

marcas roxas e sangue seco. Quando meu Pai estende a mão em minha direção, meio que cai para a direita e seguro o braço dele para ajudá-lo a se equilibrar. Noto que ele está bem pior que antes. A queimadura do sol se transformou em bolhas, e ele está bem mais velho. Tão magro e tão frágil. Ele não se barbeou e as pontinhas de barba agora são brancas.

— Pai, o que está acontecendo? Você está doente?

Ele sorri, abrindo as feridas nos lábios. Por um segundo, aquele sorriso, por mais chocante que seja, me deixa mais confiante. Então, ele olha para as nuvens que se movem pelo céu e diz, como se não fosse nada de mais:

— Dia bom para uma guerra, né?

“Tá. Agora já perdi a confiança de novo.”

Isso não é algo que meu pai diria. Pisco para ele e o olho mais de perto. Os olhos dele estão fora de foco e ele está com dificuldade para respirar. *Ele está delirando.*

— O que fizeram com você? — pergunto em voz baixa.

— Eles estão chegando?

Tonto de medo, eu me viro e vejo uma mancha de pontinhos pretos a distância, saindo da floresta e se espalhando como um enxame pelos poucos morros que nos separam.

O Rei Mago está quase aqui.

Capítulo 74

Wisty

— Me deixem sair daqui! — grito ao sentir o chão se mexer sob os meus pés.

Os brutamontes estão me arrancando — e a jaula na qual estive a manhã inteira — do caminhão. Respiro fundo e pisco à luz que aparece de repente.

O gigante exército da Montanha se espalha pelos morros cheios de neve até onde a vista alcança, e suas bandeiras brancas tremulam ao vento. Os leopardos andam de leve na linha de combate e, atrás deles, vêm a infantaria, a cavalaria e os arqueiros — milhares e milhares deles.

Resisto à tentação de vomitar ao ver a cena.

Minha jaula balança enquanto eles me carregam pelo campo entre os dois exércitos — se é que dá para chamá-los disso. Qualquer um pode ver que o “exército” de Bloom é uma piada cruel se comparado às massas que vamos ter que encarar.

Isso aqui não vai ser uma guerra. *Vai ser um massacre.*

Meu estômago dá um nó e minha garganta fica seca com a falta de esperança na situação em que estamos envolvidos. Mas o que parte definitivamente o meu coração em mil pedacinhos é o seguinte: bem no meio dos nossos inimigos, está *Heath* montado num cavalo.

Ele pisca para mim e eu faço cara feia. A última coisa que quero ver antes de morrer é a cara traidora de Heath, mas as flechas apontando para a minha cabeça nem me deixam olhar para o outro lado.

— Wisty! — a voz rouca de meu irmão se destaca e paro de prestar atenção em Heath. Apesar de não poder vê-lo, um certo alívio me invade. “Ele está vivo.”

— Whit! — grito de volta. — Cadê você? — Aperto as barras com força e tento me soltar das amarras.

— Com os bruxos. E com o Pai. Achamos que você tivesse... — ele não consegue completar a frase e tenta esconder a emoção. Mas, então, o ouço gritar com mais confiança. — Vou nos tirar dessa, Wisty, prometo!

A guerra ainda não começou, mas quando as pessoas ouvem meu nome, objetos começam a voar em direção à minha jaula — pedras e galhos e punhados de grama. O pior é que nem sei de qual lado da batalha eles estão vindo. Qual turma me odeia mais?

— Parem com isso! — Whit berra.

— Estou bem! Vai dar tudo certo! — tento acalmar meu irmão, mas meus olhos estão rasos de lágrimas.

Na jaula, estou com algemas nos pulsos, correntes nos pés e pontas de flecha a centímetros de meu corpo em todas as direções. E, ainda por cima, minha magia está bem mais ou menos. *Nada está bem.*

Uma lasca de madeira aterrissa dentro da minha jaula. Chuto o pauzinho com raiva, mas depois percebo o que é: é uma baqueta quebrada de bateria, igualzinha à que a minha mãe me deu quando descobri meus poderes. Um tipo de varinha mágica.

“Mãe?” Olho por entre as barras para os rostos horrorizados e desconsolados lá embaixo, e sei que ela está entre eles. Os cidadãos podem ter se virado contra mim, mas esse ainda é o meu povo. Os cansados e os quebrados. Os azarados e os explorados. Minha família.

“*Lidere*”, a voz da minha mãe ecoa na minha cabeça. Pode ser só minha imaginação, mas juro que a baqueta se *mexeu*.

Engulo em seco. Pearce não está por perto, pelo jeito, e apesar das amarras, ainda sinto um toque da minha própria magia em mim, forte, sob a superfície.

“Será... talvez... será...?”

Meus olhos examinam a lasca de madeira. Sinto outro poder se enroscando com força ao redor do meu, tentando acabar com ele, e as correntes penetram em minha pele. Cerro os dentes e me concentro com tanta força que parece que minha cabeça vai explodir e, de alguma maneira, a baqueta começa a levitar. Ela sai da minha jaula e vai cada vez mais para o alto, até eu ter certeza de que todo mundo consegue vê-la.

— Escutem aqui! — grito enquanto os homens passam à minha frente, inspecionando os batalhões. — Sei que parece que não há mais esperança para essa luta...

“Como se fosse o fim de tudo.”

Minha voz treme por um momento enquanto penso em Heath lutando para o outro lado. Olhos nervosos na multidão agora se lançam para mim em busca de esperança, e tento controlar a minha própria dor.

— Mas... pensem em tudo pelo que vocês já passaram! — tento lembrá-los. — Nas sanções da Nova Ordem! Nas bombas e nas prisões! No gueto!

A pontinha da baqueta começa a soltar fumaça enquanto minha magia consegue passar pela barreira invisível mais uma vez e uma chama tímida aparece. Aquele outro poder, tão estranho, agora aperta o lado de dentro da minha barriga, tentando extinguir aquela amostrinha de fogo. Estremeço de dor, mas, mesmo assim, minha chama brilha. E me dá força para continuar.

— Não é só a magia que torna vocês especiais! Vocês podem não ser soldados treinados, mas, se estão aqui neste momento, é porque são *sobreviventes*!

O povo da Cidade está em silêncio agora, concentrado na baqueta que paira sobre eles.

— Todos nós já acendemos uma vela por alguém que amamos — continuo, suando de tanto esforço. — Bom, acendi essa para vocês, meus caros cidadãos! Vamos sobreviver a isso aqui porque estamos lutando por nossos lares e nossas famílias! Vamos atacar os soldados da Montanha com tudo o que temos!

E com a luz dos olhos deles, vejo a esperança refletida — tudo parece possível. Mas é só por um segundo, pois o momento passa.

E não é só porque milhares de pessoas estão pedindo o nosso sangue.

É porque do outro lado do campo estreito — mesmo por trás das peles grossas de animais e dos capacetes —, podemos ver os rostos dos soldados da Montanha.

Posso ver os olhos cinzas como pedra de uma pequena figura me encarando friamente da escuridão. E apesar de aquele olhar me dizer que não sou nada e que o pequeno soldado, dono daqueles olhos, não hesitaria nem por um segundo em lançar aquele machado brilhante contra o meu pescoço, percebo que nunca posso lutar contra esses soldados nem pedir que meu povo faça isso.

Deixo a baqueta cair no chão com um “tum”.

Porque aqueles olhos pertencem à Pearl Marie Neederman.

O exército do Rei Mago é liderado pelas crianças sequestradas da Cidade.

Capítulo 75

Whit

— *Calma. Fique calmo.* — Fico repetindo para mim mesmo. Quando o cavalo preto do Rei Mago passa por mim e por meu pai, por Heath e Izbella, e para em frente à jaula de metal onde minha irmã está sendo oferecida como isca, o significado da palavra “calma” perde o sentido.

— Isso é para mim? — o Rei Mago pergunta, encarando Wisty.

Com uma pintura de guerra e o rosto listrado, a cabeça coroada por um círculo de dentes curvos e os ombros envolvidos por camadas de pele com pintinhas, o Rei mais parece um monstro que um homem. Cerro os punhos e tento respirar.

— A bruxa é sua se você der meia-volta agora em direção à Montanha — Bloom responde pelo megafone, lá de trás da multidão.

Meu coração pula no peito como um passarinho se debatendo contra uma janela.

— Não *toque* nela! — grito.

Os olhos pálidos e leitosos do Rei brilham, ameaçadores. Aquelas órbitas sem cor fazem milhares de homens tremerem, e poderiam fazer milhares morrerem também.

Eu deveria estar ali, protegendo minha irmã, mas engulo meu grito. Tento canalizar essa energia intensa em magia que poderia lutar e quebrar essas correntes, mas...

Nada. Estou *sem* poder.

— Meu Reino está ficando cheio demais de bruxas — o Rei responde. Olho de relance para Izbella, sua expressão não muda.

— E se simplesmente aceitássemos a sua rendição total?

— E por que nos renderíamos? — Bloom o desafia. Ele soa confiante demais, até mesmo na escala Bloom. — Para vivermos como escravos?

O Rei sorri e seus dentes podres tornam sua imagem ainda mais terrível.

— Porque se não se renderem, todos morrerão dentro da próxima hora, massacrados.

A agitação se espalha pela multidão. As pessoas ao meu redor se aproximam, se preparando para o ataque, e fico em frente ao meu pai, tentando protegê-lo.

Bloom é o único que parece não estar nem aí com a situação.

— Nós sabemos qual é o seu segredo — ele diz, se achando. — Fechamos todos os portais, e por isso a fonte de sua magia desapareceu. Você está se tornando cada vez mais fraco!

O Rei solta uma gargalhada de maníaco.

— É *isso* o que vocês acham? Que o meu poder vem de uma outra dimensão qualquer? Do céu? De buracos no chão? — Bloom olha ao redor, desconfortável. — Você, entre todas as pessoas, deveria saber, Senhor Bloom: o poder vem do povo.

O Rei Mago faz seu cavalo virar e trota de volta para o lado de lá do campo, em frente à nossa linha de batalha. Seus olhos examinam a multidão.

— Povo da Cidade, escute o que tenho a dizer. Vocês podem morrer hoje... ou podem se render e viver uma vida feliz num belo Reino, sob a batuta de um governante benevolente!

Não consigo mais ficar quieto. Lutar contra o exército de crianças do Rei Mago é uma ideia terrível, mas nos rendermos é pior ainda.

— Ele está mentindo! — grito para o exército da Cidade, apontando para o outro lado do campo. — Vejam as crianças, as

suas crianças! Ele transformou todas em assassinas. Em soldados e escravos!

— Escravidão não é sinônimo de miséria — diz um menino-soldado de uns 10 anos de idade, animado. — Todo mundo tem uma função.

— Cada par de mãos nos torna ainda mais fortes — completa uma menininha, erguendo uma clava de madeira.

— A Montanha é o lugar mais brilhante do mundo. — Jura a voz sincera de uma menina da primeira fileira, e meu coração dói quando vejo que é Pearl Neederman. Ela sempre adorou coisas brilhantes.

— Mas tem um submundo sombrio! — grito para ela. — As armaduras deles escondem feridas purulentas e queimaduras terríveis! O Rei é um Monstro!

— Não! — A voz de Bloom ecoa pelo megafone. Ele está cercado pelos membros do Núcleo, uma pequena massa de corpos abrindo caminho até as nossas fileiras. — O Rei Mago está dizendo a verdade!

Perco a fala. *O que Bloom está fazendo?*

Quando eles chegam à linha de frente, o Rei faz cara feia para o grupo lá do alto de seu cavalo preto e os membros do Conselho caem de joelhos aos seus pés.

— O Núcleo, agindo em nome dos melhores interesses de todos os cidadãos, decidiu aceitar esses termos generosos. Nós rendemos nossa Cidade à Montanha.

É a voz de Bloom, mas ao mesmo tempo não é. É... *humilde* demais. A condescendência sumiu, a arrogância também. Ele não está nem fazendo “rã-rã”.

“Isso não faz sentido algum.”

É surpreendente ver Bloom se curvar com respeito total. Ver o Rei Mago salivando com essa vitória rápida e fácil é de deixar qualquer

um maluco, mas fico fulo da vida ao ver Bloom fazer o impensável: ele oferece ao Rei *O Livro das Verdades*. Nosso livro sagrado. Nosso guia mais importante para o futuro.

“E o papel de Bloom é protegê-lo!”

Alguns dos soldados voluntários atrás de mim começam a gritar:

— Longa vida ao rei!

São os mesmos idiotas que estavam xingando Wisty e eu mais cedo.

— E o ódio que vocês tinham pela magia, hein? — Meu queixo cai. — E aquele lance dos magos serem demônios que roubam crianças?

Mas então os *bruxos* começam a se render. Meu estômago fica revirado ao ouvir a voz do meu próprio pai se destacando na multidão:

— Só o Rei Mago salva!

“Não. Não era para acontecer desse jeito. Entregar a batalha assim, de bandeja? Com magos acorrentados? Tínhamos que liderar nosso povo à liberdade!”

— O que está acontecendo? — Wisty grita enquanto fileiras de pessoas empurram a jaula dela para conseguirem chegar ao exército da Montanha.

— Não sei! — Enfio os pés na lama, mas as pessoas me empurram e sou arrastado junto com as minhas correntes. — O mundo inteiro ficou maluco!

Olho para os olhos mortos das crianças-soldado, depois olho ao meu redor e, finalmente, me dou conta do que está acontecendo. *O mundo não ficou maluco. O pessoal passou por uma lavagem cerebral.*

A pintura de guerra do Rei, a pele de leopardo, a coroa de dentes. É tudo só fachada. Para chamar a atenção.

Para os olhos dele. Para aqueles olhos assustadores.

É mais do que lavagem cerebral. Ele está *controlando* os pensamentos das pessoas.

— Não olhem para o Rei! — berro, mas ninguém me escuta. É tarde demais.

— Nós seremos purificados! — a multidão grita em uníssono enquanto o Rei Mago se vangloria.

Não. Não pode acontecer assim. *Não, não, não.*

E então lembro: minha irmã sabe como controlar mentes. Foi um dos motivos pelos quais ela venceu O Único.

— Ele invadiu a mente deles, Wisty! — grito. — Use o seu poder!

Capítulo 76

Wisty

— Você ficou *louco*? — grito para Whit.

Consegui invadir os pensamentos d'O Único, tipo, só umas *duas* vezes.

Eu nem sabia o que estava fazendo naquela época, acessando uma mente que *queria* se conectar com a minha. Agora estamos falando de milhares de pessoas sob o controle de um maníaco que nunca vi antes, e meu poder está fraco — para não falar outra coisa.

Corpos batem com tudo contra as barras de metal de minha jaula enquanto uma maré de pessoas segue em direção ao Rei. Estremeço.

— Lembra... a... vela... — meu irmão diz com muito esforço, antes de quase se afogar naquele mar de corpos.

Começo a passar mal. Gastei quase toda a M que tinha para acender aquela baqueta imbecil, e para quê? O Rei Mago está dominando a Cidade inteira. Ele está escravizando meus pais e esse estouro de boiada de zumbis vai acabar matando meu irmão.

“Como?” Nem nos meus sonhos mais malucos imaginei uma derrota tão patética. Tão inexplicável. Esperávamos uma morte nobre. Ou fogo e enxofre, ou um massacre sangrento, ou até algum tipo de show de horror de magia que só O Único — ou o pai dele — poderiam ter sonhado. Mas não isso.

Então, para que serviu aquele lance todo com a baqueta? Para não desistirmos, mesmo quando não houvesse mais esperança — *certo, Wisty?*

O que mais tenho a perder?

Da minha jaula, vejo que o cavalo preto está com as narinas dilatadas e batendo os cascos no chão enquanto a multidão se aproxima dele como um enxame. Mas, montado nele, seu cavaleiro sorri.

Estudo o Rei Mago com cuidado. As peles grossas de animais cobrem um corpo pequeno, dedos enrugados seguram as rédeas, um sorriso sinistro tiritando de ganância... Tento entendê-lo, para então me conectar a ele e canalizar meu medo e meu pânico numa bola bem quente de ódio.

Quando os olhos leitosos dele piscam para mim — agora! —, me jogo naquele vazio, encontrando pelo caminho as mensagens que ele está colocando na mente de todos os cidadãos sob seu feitiço: *Eu não sou nada. Eu não sou ninguém. Quero ser purificado.*

Tento me agarrar aos pensamentos, transformá-los em minha mente e então soltar todos eles. Mas são pensamentos demais. Estou tão sem prática e o poder continua tentando fugir do meu alcance.

— Muito bem, Wisteria! — o Rei Mago rosna de repente. — O contato visual é fundamental. Mas, infelizmente para você, tenho um pouco mais de prática nisso.

Os olhos pálidos e estranhos do Rei Mago parecem brilhar nas órbitas, quase flutuam naquele rosto pintado e extravagante. Mas ele tem razão: sei que ele tem um poder hipnótico e mesmo assim não consigo desviar meu olhar.

— *Eu avisei para você ficar longe do meu filho!* — Agora é a vez de Izbella. Ela está do outro lado do campo, mas ouço a sua voz. Na minha mente.

“Ela está ajudando o Rei Mago.”

Mas percebo isso um pouco tarde demais: já estou totalmente tomada pelo poder combinado dos dois.

— Eu não fiz nada! — protesto em voz alta. — Eu não queria ver Heath nunca mais!

— *Bom, parece que ele não consegue ficar longe de você...* — uma voz deformada sussurra enquanto os olhos brilham. — *E acho que é um risco grande demais.*

Um som terrível e agudo invade o ar com tudo, e minha cabeça quase explode de tanta dor. Tento levar as mãos aos ouvidos dentro dessa jaula estreita, mas o barulho na minha cabeça continua e me atormenta como uma agulha.

Bato a minha cabeça de lado, sem parar, tento acabar com o barulho. Meus ouvidos começam a sangrar porque ainda estou cercada de setas pontiagudas, mas só consigo pensar numa coisa: quero que esse barulho horrível acabe de uma vez por todas.

E então, paro de pensar completamente. Não consigo. Só grito. Um grito sem palavras, sem pensamentos. Cru.

— Pare com isso! — berra uma voz, e apesar de parecer estar a milhões de quilômetros de distância do grito na minha cabeça, eu a reconheço na hora. *É voz do Heath!*

— Mãe! Você disse que ela não se machucaria!

Mais gritos a distância e uma voz de mulher. Mas o único som que chega até mim, apesar da dor, é a voz dele. Do Heath.

— Mãe! Eu estou mandando! Se você a matar, vai me matar também!

E então... tudo para.

Ouço o barulho do metal no chão quando as correntes caem dos meus pulsos e as paredes da jaula se desmontam. É como uma represa estourando e minha magia volta a correr pelo meu corpo com força total. O cavalo preto dá um passo para trás quando meus dedos soltam faíscas e, por um momento, o Rei Mago e Izbella perdem a conexão.

Esfrego a carne viva em meus pulsos e olho para aquele palhaço de inverno e para a mulher emplumada e fria que quase me mataram.

“Vou acabar com os dois.”

— Wisty, não!

Olho ao redor e vejo Heath. *Eu sabia*. Estreito os olhos, pronta para dar um jeito nele também.

— Eles são fortes demais juntos — ele explica, segurando as minhas mãos. — Você nunca vai conseguir acabar com eles sozinha, Wisty, me deixe ajudar você... por favor!

Minha mente ainda está meio grogue enquanto me esforço para entender o que está rolando. Heath veio aqui lutar do lado do povo da Montanha...

“Então por que está me salvando?”

Confusa e em pânico, procuro meu irmão. Mas ele está perdido na multidão acorrentada — uma multidão que já está vindo para cima de nós, sob o comando do Rei.

— Você precisa de mim! — Heath insiste. — Juntos, somos a única alternativa que pode impedir os dois!

“Izbella falou que sou um risco”, penso. “Curti.”

Pego a mão de Heath.

Capítulo 77

Wisty

No momento em que as pontas dos nossos dedos se encontram, é eletricidade pura.

Esqueçam os portais — estamos puxando energia de tudo quanto é canto. Das pessoas. Do chão. Do ar ao nosso redor.

A energia se acumula e vai ficando cada vez mais quente, e então nosso poder sai explodindo de nós. Ouvimos um barulhão quando o nosso poder bate nas vibrações tóxicas que o Rei deve estar mandando, e o céu do meio-dia assume um branco tão brilhante que temos que proteger os olhos.

Os cavalos andam nervosos de um lado para o outro, os olhos arregalados de medo, e os leopardos ficam de pelo eriçado. Machados e espadas caem no chão.

O Rei está começando a perder controle!

Estou extraindo com toda a força os pensamentos escravizados dos soldados da Montanha, e tenho uma sensação muito estranha de visão dupla. Enquanto vejo uma criança virar os olhos, meu olho “interno” vê os circuitos internos de seu cérebro, já cinza, acendendo e pegando fogo. E quando o menino abre os olhos de novo, eles parecem mais límpidos — *conscientes*.

O rosto do Rei Mago está tão contorcido de concentração que a sua pintura de guerra está começando a rachar e ele está ficando cada vez mais fraco.

E nós estamos ficando cada vez mais fortes. *O poder vem do povo.*

Meu coração pula, meu corpo treme e o calor gerado entre Heath e mim é pura lava líquida fluindo das minhas veias.

Estou tonta de tanto desejo.

Estou bêbada de tanta força.

Super-humana.

“Como é que pensei que conseguiria desistir disso?”

Nossa influência se espalha pelas fileiras, avançando como uma onda para os dois lados do campo. Quando as correntes dos bruxos se arrebatam e saem correndo de perto deles como cobras, aperto a mão de Heath.

“Estamos mesmo libertando todo mundo!”

Ao nosso redor, as pessoas se empurram, cambaleiam e cobrem a cabeça ainda numa confusão cega ao acordarem do transe, perdidas no meio do que deve parecer um verdadeiro campo de batalha.

Então ouvimos um barulho de algo arrebatando e o céu fica escuro, como se o mundo todo estivesse entrando em curto-circuito. Ouço vozes sussurrando ao meu redor. Dentro de mim. E dizendo, cada vez mais alto: “Mate o Rei”.

“Mas o que está acontecendo?”

O menino da fileira da frente me encara. Vejo aquele olhar de peixe morto ali de novo e então me dou conta: ele não está livre de verdade. Agora *nós* é que estamos controlando a mente dele.

Não — *Heath* está controlando a mente dele. Usando o *meu* poder.

“Mas eu só queria *libertar* todo mundo!”

— Não! — peço. — Assim não.

Mas Heath segura a minha mão com ainda mais força e o zumbido na minha cabeça fica cada vez mais alto com os

pensamentos assassinos de um exército inteiro que passou por lavagem cerebral.

Matem. Matem. Matem o Rei Mago.

Meu pescoço dói, meus dedos dos pés estão se entortando e as veias nos meus braços estão ficando saltadas enquanto luto para vencer a energia assassina de Heath.

“Mas ele está me dominando.”

O grito do Rei corta a cacofonia ao nosso redor. Os soldados de Heath arrancam o Rei do cavalo e quando a pele cai de seus ombros é que vejo como ele é magro e enrugado. E velho. Ele leva os braços ossudos à cabeça e sua barba comprida e amarelada se arrasta pelo chão.

O Rei está tendo uma convulsão enquanto nossos cidadãos obedientes batem nele sem dó.

Isso não é o que eu quero. *De jeito nenhum!* Sinto como se um trem desgovernado estivesse passando por mim, e metade dele já saiu dos trilhos. Se eu não der cabo disso agora, vamos todos pegar fogo.

— Eu já disse que *não!* — berro, finalmente voltando ao normal e arrancando meu braço da mão de Heath. Quando a conexão se quebra, há uma explosão de faíscas e, acredite se quiser, ela chamusca a minha mão.

Nem sei o que dizer. Faço cara feia para Heath, apertando os dedos para amortecer a dor, e ele também lança um olhar furioso para mim.

— Qual é o problema? Não consegue terminar o serviço? — O Rei Mago dá uma risadinha para Heath. — Por um momento, quase respeitei você, mas já deveria saber o que esperar. Você sempre foi uma decepção, uma criancinha nojenta, sensível e patética, choramingando para a mamãe e mijando na cama.

— Você me *torturava*! — Heath grita, e fico chocada ao ver os olhos dele se encherem de lágrimas. — Você fez eu dar meus amigos de comida para os leopardos!

— Mas vejo que não adiantou nada, não deixou você mais forte. Continua delicado e sensível como sempre.

O Rei ainda está ajoelhado na lama, mas pela expressão tensa de Heath, era como se ele estivesse acima de nós.

Heath aperta os lábios e faz que não com a cabeça.

— Wisty e eu nos amamos. Você sabe o que isso significa, vovô?

Mas será que eu *amo Heath*? Pensei que amasse, certa vez. E quis acreditar nisso de novo quando ele me libertou e me estendeu a mão. Mas agora a mesma mão está coberta de bolhas.

— Nosso amor significa que você não pode mais me atingir! — Heath diz ao Rei num tom de desafio. — Significa que sou mais forte do que você jamais será na vida. Significa que agora esse exército é meu. É a *minha Cidade*!

— Sua? — o Rei Mago repete e um cuspe voa para a sua barba. — Você não quer dizer *dela*? — Ele aponta o dedo ossudo para mim, e dá uma risadinha para Heath. — Você acha mesmo que tem algum tipo de poder? Até o idiota do seu pai viu como você era inútil. — Os olhos do velho brilham de contentamento. — Então, conte para mim: como você se sentiu? — ele provoca.

Minha conexão com Heath ainda deve estar forte, porque quando o Rei menciona O Único, sinto uma mágoa aparecendo do nada e ficando cada vez maior dentro de mim — um eco do que Heath está sentindo.

“O pai dele sempre o odiou. O Único não era capaz de amar ninguém.”

Aperto o braço de Heath para dar uma força para ele e sinto que ele está tremendo. Sua sanidade está tão esticada quanto um elástico, e sua raiva está prestes a estourar.

— Chega! — aviso.

Mas o Rei Mago não está a fim de deixar nada quieto.

— Como é ser um nada, tão triste e fraco que O Único Que É O Único resolveu escolher a bruxa da Cidade em vez de você, seu filho único?

Agora, já era! Heath dá um grito de raiva e sai correndo até o avô, usando as duas mãos para erguer a cabeça do velho, apertando suas têmporas e tremendo com toda a pressão que está aplicando sobre o crânio do Rei.

Já vi isso antes. E sei o que vem por aí. E fico horrorizada, por mais de uma razão.

Um grito escapa descontroladamente dos meus lábios quando começa: o rosto do Rei Mago está se desintegrando. O tecido está descolando dos ossos.

E então... o rosto dele derrete.

E cai da cabeça.

A pele enrugada com a pintura de guerra oleosa se transforma numa poça. Fico olhando para os olhos vazios e imóveis do Rei Mago. Para o músculo em carne viva, vermelho e cheio de filamentos sobre as bochechas. Para sua boca sem carne, congelada num “o” perfeitamente redondo — um grito final.

O Rei está morto.

Heath sacode as mãos para se livrar dos restos nojentos da cabeça de seu avô, e quando um dos leopardos vem se enroscar em seus dedos, ele *sorri*.

— É *você* mesmo...? — digo sem pensar, porque ainda não consigo formar pensamentos coerentes.

Heath olha para o felino selvagem e finalmente nota que, assim como as milhares de pessoas reunidas aqui, estou boquiaberta, em choque.

“Só conheço uma pessoa capaz de derreter o rosto dos outros.”

Heath dá de ombros com um olhar humilde para mim, por baixo daqueles cílios lindos, como um menininho levado que na verdade não está nada arrependido.

E então Heath, como eu o conhecia, começa a desaparecer.

Capítulo 78

Wisty

Tudo acontece em questão de segundos, mas parece uma eternidade.

O cabelo escuro e grosso de Heath dá lugar a um capacete branco de tão louro. Seus olhos, de um azul-turquesa hipnotizante, vão empalidecendo até se transformarem num olhar gelado e sem graça. E os lábios que eu adorava beijar se derretem para formar um biquinho nojento.

“Não, não, não e não!” Minha mente fica tomada pela desconfiança de Whit e os protestos de Byron, e todos os avisos que ignorei e odiei: “Heath é da Nova Ordem”, eles disseram. “Ele está tramando alguma coisa. Esse cara não é coisa boa. Por que você não nos escuta? Nos escute, Wisty, NOS ESCUTE!”

Eu não quis escutá-los. Eu me recusei a enxergar. Mas ao abrir os olhos agora, a verdade nua e crua está bem à minha frente.

Os últimos vestígios do menino que amei desapareceram, e só sobrou um agente duplo, um duas caras.

— *Pearce*. — O nome vem à minha boca com um gosto amargo.

— É, sou eu — responde o bandido de jaqueta de couro preta, que agora é grande demais para ele.

Heath disse que eu mudaria de ideia a respeito dele. *E como mudei, viu?*

Ao meu redor, dos dois lados do campo de batalha, milhares de pessoas com armas nas mãos esperam por um sinal para começarem a se matar. Mas não enxergo mais ninguém — meu mundo encolheu e se tornou uma bolha minúscula e surreal.

Estamos só eu e o menino no meio do campo. Tendo a pior conversa da minha vida.

— Parabéns. Você enganou todo mundo. — Faço que não com a cabeça, amarga. — E eu sou a maior idiota dessa história.

— Não fale assim. — A testa de Pearce fica enrugada de preocupação, e ele aperta os lábios. — Sinto muito por ter enganado você, minha faísca — ele diz, dando um passo em minha direção, de braços abertos.

Meu estômago queima e dá um nó.

— Nunca mais me chame assim! — falo com raiva e cambaleio para trás, para longe daquelas mãos assassinas.

— Levei bastante tempo para montar todas as peças do quebra-cabeça — Pearce continua. — Mas era a única maneira. *Tínhamos* que liderar, sabe? A profecia diz que uma bruxa e um bruxo...

— Nunca podem ficar juntos. — Termino a frase, me lembrando do alerta de Izbella na Montanha. Ela tinha razão sobre Heath. *Ela estava certa o tempo todo.*

— Isso é o que diz uma maldição idiota! — Pearce dá risada e os dentes dele são brancos demais, pontudos demais, cruéis demais. — Juntos, somos a força mais poderosa da Superfície! Quem é que pode lutar contra nós, agora?

Estreito os olhos. Não tem nada de “nós”, não. Não importa o número de vezes que juntamos nossos poderes.

— *Eu* vou lutar contra você, Pearce! — grito, e mando uma bola de fogo para a cabeça dele.

Capítulo 79

Wisty

Pearce se agacha e o cometa de fogo passa quase arrancando a orelha dele. Estou esquentando ainda mais e meu combustível é a fúria.

Agora que os bruxos estão livres das correntes, Whit vem correndo pelo campo e o restante deles tenta recuperar suas forças.

— Ele vai ter que lutar contra nós dois! — Whit grita.

Não posso deixar isso acontecer. Pearce quase matou Whit uma vez e não sou louca de deixar esse louco se aproximar da minha família de novo. Especialmente quando a culpa é minha.

As pernas de Whit congelam de repente, no meio da passada.

— O que você está *fazendo*? — ele berra. As veias dos braços dele lutam contra a minha magia e o rosto de Whit fica roxo de frustração. Eu o congelei. — Wisty, me solta! Juramos que enfrentaríamos tudo juntos!

Dou as costas para o meu irmão. Essa luta é *minha*, eu é que preciso dar um jeito nisso.

— Você não acha que está exagerando um pouco? — Pearce pergunta, mais pegajoso do que nunca.

Fico de queixo caído.

— Exagerando?

Giro o pulso rapidamente e mando mais uma explosão em direção a ele. A bola de fogo quase atinge seus pés, mas acaba deixando uma cratera enorme na lateral do morro. Pearce tropeça para trás, a lama engole os sapatos dele.

— Você sequestrou criancinhas! Você cometeu crimes tão terríveis com a N.O. que nem quero me lembrar! Você colocou meus pais num gueto e me prendeu numa cela! *Exagerando?* — repito e minha voz treme. — Não, eu acho que não!

Pearce sorri, lançando aquele olhar que Heath mandava só para mim — como se meu ódio deixasse o cara *excitado*.

Quero vomitar.

— Mas você não vê, Wisty? — Pearce diz. — Você não se importou com nada disso *por causa* da nossa conexão. Quando vi aquela baqueta acesa como uma vela, tive certeza.

— Certeza de quê? — pergunto.

— De que você me amava. De que você não conseguia resistir ao poder que é o nosso amor. E, sim, às vezes o amor tem um lado feio e perigoso. Mas mesmo assim ainda é *poder*. E ainda é *amor*.

“Então as correntes, as prisões, a guerra... Será que tudo isso foi um tipo de teste?”

— Você se lembra disso? — Uma flor cresce na palma da mão de Pearce.

É a aquela flor linda da Montanha que Heath me deu quando nos conhecemos, quando eu realmente pensei que o perigo era sexy. Pearce estende a flor para mim como uma oferta de paz.

Faço cara feia. As pétalas começam a soltar fumaça e o cabo se transforma em cinzas. Já estou farta com essa tal de paz.

Pearce faz um bico, fingindo estar ofendido, e um campo daquelas flores malditas brota ao meu redor. Elas se enroscam nas minhas canelas e vergões vermelhos bem feios começam a aparecer na minha pele por causa das pétalas tóxicas. E me picam mais que mil vespas.

Pego fogo para as flores se afastarem e acabo queimando metade da lateral do morro.

— Que romântico — digo, seca. — Quase tão romântico quanto o genocídio em massa que você tinha planejado para hoje.

Pearce resmunga, frustrado.

— Nós somos *melhores* do que todas elas juntas! Você não vê?
— Ele aponta para as pessoas no campo. — Elas não passam de vermes. Mas a nossa paixão, o nosso poder pode transformá-las num exército maior que qualquer um que nosso mundo já conheceu. Um ponto de partida para construirmos o nosso império.

Olho para os milhares de escravos com um leve sorriso no rosto, seus cérebros teleguiados.

Um Reino construído sobre o nada.

— Você disse que odiava O Único Que É O Único. — Faço que não com a cabeça, enojada. — Mas está falando igualzinho ao seu pai.

Ele é tão rápido que não vejo o golpe vindo. Não é letal, nem é magia — é pura crueldade. Um soco no meu rosto. Cambaleio para trás de tanta dor, assustada com sua selvageria.

Percebo que Pearce estava se segurando. Nosso poder pode ser igual — o meu pode ser até mais forte —, mas contra força física, sou inútil.

Mas não vou desistir. Não posso. Tenho que dar um basta nisso. Mesmo que isso acabe me matando.

Um relâmpago sai de minha mão como um chicote, abrindo uma rachadura no chão a centímetros de onde Pearce está de pé.

Um segundo depois, uma dor sobe pelo meu braço esquerdo quando Pearce quebra meu osso. A agonia é tão intensa que mordo a língua e sinto o gosto do meu sangue.

— Por que você está me obrigando a fazer isso? — ele pergunta, fazendo cara de dó.

“Como todas as outras vezes em que me machucou.”

— Porque você é um mentiroso! — berro, soltando faíscas.

Alguma coisa se parte dentro de mim e, de repente, estou me esforçando para respirar.

— Um assassino! — grito com dificuldade.

— Por que você não diz que vai ficar comigo? — Pearce pede.

Começo a tossir sangue.

— Porque. *Eu. Não. Te. Amo!*

Um ataque esmagador me faz cair de costas e ouço um “crac”, que me deixa ainda mais assustada. Pearce vem para cima de mim e prende meus pulsos no chão. Olho para ele, morrendo de tontura.

— Fiz tudo isso por *você!* — Pearce grita no meu rosto. — Por *nós*.

Ele pega o meu queixo e começa a sacudir minha cabeça com violência para me fazer olhar para ele. Os dedos dele estão apertando as minhas bochechas e já começo a sentir os hematomas se formando no meu rosto.

— Você não entende? — ele diz com gentileza na voz. — Você poderia ser a minha rainha.

Ele para de me apertar e passa a mão de leve no meu rosto. O carinho dele é o que me deixa mais assustada, de verdade. Fico arrepiada, só esperando para começar a derreter.

— Wisty! — ouço a voz do meu irmão cheia de dor e terror. Ele sabe que caminho isso está tomando tanto quanto eu. Fecho os olhos com força. Eu me recuso a ver o rosto satisfeito de Pearce no momento de minha morte — nunca vou dar essa satisfação a ele.

Mas meu rosto não está derretendo. Em vez disso, sinto os lábios viscosos dele contra os meus. Meus olhos se abrem de repente.

“Ele está me beijando? Agora?”

Cuspo de tanto nojo e acabo lançando uma série de bolas de fogo. Não sei se morfei e virei um dragão ou se já morri, mas,

naquele momento, fico tão doida de raiva que não faz a menor diferença.

— Eu *nunca* serei *nada* sua! — grito no rosto queimado de Pearce. — Não enquanto eu respirar.

— Seu desejo é uma ordem — Pearce diz, e bate a parte de trás da minha cabeça no chão.

Pouco antes de perder a consciência, juro que vejo um urso vindo em nossa direção.

E então, tudo fica escuro.

Capítulo 80

Wisty

A torcida da multidão vibra dolorida em minhas têmporas.

“Tenho que me levantar.”

Whit está lutando por mim. Meu poder ficou tão fraco depois de lutar com Pearce que não consegui mais prender meu irmão no lugar. A essas alturas, ele pode estar *morrendo* por mim. E, enquanto isso, estou aqui largada no chão, sentindo a umidade da terra — uma mistura de poças geladas e sangue — invadir minhas roupas.

Rolo para o lado e enfio os dedos na grama morta. Consigo ficar de joelhos. Parece que minha cabeça inteira está machucada e inchada, pesada demais sobre o meu pescoço. Tenho que achar um espacinho entre os soldados para ver o que está rolando no campo.

O mundo ao meu redor ficou maluco, e todos torcem e berram e dão aquela força para o seu bruxo favorito. É como se todo mundo tivesse virado um bando de bárbaros com sede de sangue.

Minha visão ainda está meio embaçada, mas dá para ver que Whit está em perigo. Ele está meio morfado — uma cabeça enorme e assustadora de urso-pardo, mas o restante do corpo humano, e o peito e os braços do meu irmão estão cheios de talhos sangrentos — alguns são assustadoramente profundos.

Ele está perdendo poder, por isso não conseguiu continuar morfando. *Eu tenho que ajudar meu irmão.*

Devo ter ficado desacordada por um bom tempo para as coisas terem chegado a esse ponto. E está prestes a piorar. Uma cobra gigante — ou seja, a forma verdadeira de Pearce — se arrasta no chão atrás de Whit, e dá o bote nele a torto e a direito.

Apesar do frio cruel dos ventos da Montanha, Whit está suando horrores ao tentar fugir dos botes venenosos da cobra. Dá para ver que ele está acabado quando cambaleia para a frente, e seus rugidos estão começando a soar mais como gemidos.

“Faz alguma coisa, Wisty!” Fico de pé, aninhando meu braço quebrado junto ao peito enquanto corro pelo campo, em direção ao meu irmão.

— Juntos! — eu o relembro da nossa promessa enquanto a cobra sibila e a cabeça horrorosa da serpente ataca para todos os lados em busca de sua presa. — Custe o que custar!

O rosto de Whit volta ao normal. Seus olhos mostram que ele está exausto, mas ao mesmo tempo brilham de amor e gratidão.

— Custe o que custar! — ele repete.

No segundo em que ele segura meu braço, sinto sua energia de cura passando por mim. Sinto minhas pernas mais firmes e fortes, e nosso poder começa a se acumular.

Então, de repente, o ar simplesmente desaparece dos meus pulmões e tenho a sensação de que as minhas costelas estão sendo amassadas. Meus órgãos mais parecem polpa de fruta. A cobra está enroscada ao meu redor e de Whit, e está espremendo cada gotinha das nossas vidas!

Mas Whit ainda está apertando a minha mão, e a magia dele começa a consertar meus ossos quebrados. Começo a tossir quando o ar volta com tudo para os meus pulmões, e uma onda repentina do nosso poder lança aquela lesma gigante para longe.

O rabo da cobra encolhe, seu corpo fica mais grosso e Pearce fica ali, olhando para nós dois.

— É a última chance, Wisty — ele diz. — Você ainda pode escolher ficar comigo.

Faço que não com a cabeça.

— Não tem mais chance nenhuma, não. Vamos acabar com isso agora mesmo.

— A escolha é sua.

Ouçõ um barulho de algo quebrando e grito quando ele destrói a rótula do meu joelho esquerdo. Estreito os olhos.

Chega de esperar. *Agora é guerra.*

Capítulo 81

Wisty

A multidão ao nosso redor está gritando e torcendo, berrando e batendo palmas. Parece um dos jogos de bobobol do Whit, mas o negócio aqui é muito mais sério. Muito. Mais.

— *Matem o demônio!*

— *Vingue o Rei! Os Allgood devem morrer!*

Ainda bem que consigo bloquear tudo isso enquanto nos concentramos em acabar com Pearce. Whit e eu seguimos Pearce pelo campo congelado, mandando cargas de voltagem cada vez mais altas em direção a ele e dando choques nele sem parar enquanto a multidão continua berrando.

Não tem nada de chamadas assustadoras nem de morfagens mais sofisticadas. Nossa magia é pura, unida e consistente, porque posso confiar nela e sei como controlá-la. Meu poder combinado com o do meu irmão é o oposto daquilo que sentia com Heath.

“Meu vício por aquela magia não passava de uma ilusão.”

O rosto de Pearce mostra, de repente, um ódio demoníaco, e não é por causa da dor, pelo menos eu acho que não. Na verdade, é como se ele estivesse ouvindo tudo o que eu estou pensando.

— A força da vida de um bruxo é a ilusão! — ele grita. — E o amor é uma ilusão também, Wisty. Não é?

— Não ligue para ele! — Whit me dá uma força. — Vamos nos concentrar.

Whit e eu estamos segurando a magia de Pearce com todas as nossas forças, mas o idiota ainda nem caiu no chão. Parte da minha

antiga magia ainda está com ele, apaixonada e imprevisível, e nos atinge com arranhões e cortes e golpes no ouvido.

Uma chuva repentina de cristais de gelo bem afiados nos deixa ensanguentados. Um deles quase arranca o meu olho.

— Que decepção! — Pearce comenta, amargurado. — Queria que tivesse arrancado o seu coração.

Ah, agora o negócio é pessoal! E por mais que eu odeie pensar nisso, sei que Pearce e eu estamos conectados. Toda vez que o ataco com uma carga de alta voltagem, sinto uma ponta de dor ecoando em meu coração e atravessando minhas veias. Não sei se ainda é um restinho da nossa magia juntos ou algo mais...

Amor?

Seja lá o que for, *machuca*.

— Wisty! — Whit diz, me amparando quando caio. — Tudo bem? — Meu irmão manda ondas de uma energia poderosa de cura através de mim e faço que sim com a cabeça, agradecida.

Mas o próximo relâmpago que lançamos bem para a coluna vertebral do Pearce faz minhas costas se contorcerem de agonia.

— Vamos continuar. Não podemos parar! — grito, morrendo de dor. — Ah!

— Você *sente* também, não é? — Pearce pergunta, sorrindo com a boca cheia de sangue.

— Não sinto nada — respondo bem seca, e mando outra chuva de relâmpagos com tudo para cima dele.

Essa onda de energia faz os músculos dele se transformarem em gelatina. A próxima faz seu corpo inteiro tremer até eu achar que ele vai começar a soltar faíscas.

— Hora de levar isso aqui a sério, Whit. — Ele sabe do que estou falando. Agora vamos concentrar toda a nossa energia no cérebro de Pearce.

A cabeça dele cai para trás.

Ele bate os dentes.

Ele abre os braços em protesto. E é nessa hora que começo a chorar.

Lançamos Pearce para o outro lado do campo e o atingimos com tanta força que as árvores ao redor dele pegam fogo.

A cada golpe, mais lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Finalmente fazemos com que ele fique de joelhos. Tem tanto poder fluindo por ele agora que a corrente elétrica está segurando o cara reto como uma tábua. Ele revira os olhos.

Só precisamos de mais um volt da nossa magia.

A multidão está indo à loucura, empunhando as armas e se aproximando cada vez mais de nós.

Olho para baixo e para o menino que um dia amei. “A cobra”, tento lembrar. “O assassino.” Ele ainda está vestido como Heath — a jaqueta preta de couro e as botas de motoqueiro — e todo coberto de lama e sangue.

Algo dentro de mim se espatifa. Não sei se consigo fazer isso. Mesmo enfraquecido desse jeito, Pearce parece ler a minha hesitação.

— Vá! — Ele está sufocando com as bolhas de espuma ao redor dos lábios.

Sei que ele tem razão. Se não acabar agora, não vai acabar nunca.

— Acabe logo com isso! — Pearce comanda, cerrando os dentes.

Ergo os braços acima da cabeça.

“Agora!”, digo em pensamento.

Mas quando estou prestes a apertar a mão de Whit, uma voz se destaca no campo:

— Basta!

Uma mulher vem galopando do meio do exército do Povo da Montanha num cavalo branco, e sua capa emplumada parece sussurrar ao vento.

É Izbella.

Capítulo 82

Whit

— Por favor! — Izbella grita ao descer do cavalo. — Poupem-no!

Olho de relance para minha irmã e, apesar de não soltar Pearce por completo, interrompemos a onda de energia antes que o cérebro dele exploda.

Isso demanda um esforço incrível.

Estou tremendo violentamente. Meus punhos estão cerrados, meu estômago dói do estresse de ter que segurar a magia, que se transformou numa massa de verdade lá dentro e que vai ficando cada vez maior e empurra as minhas entranhas.

— Me matem agora! — Pearce exige. — Não quero viver sem ela.

Isso quase me impressiona. E talvez até me deixe um pouco *emocionado*, só um pouquinho. Ele não está gemendo, nem chorando, nem implorando. É como se as últimas migalhas de energia que sobraram nele estivessem sendo canalizadas para fazer uma declaração para a minha irmã.

Sua última palavra no campo de batalha é “ela”.

Wisty estremece como se tivesse apanhado, e seus ombros caem para frente. Mesmo assim, ela ergue os braços ainda mais alto e seus olhos mostram determinação.

— *Não!* — Izbella grita. Ela se lança para frente, mostrando suas garras para nós, e instintivamente damos um passo para trás. Mas a onda é mais forte do que imaginávamos e manda a mulher voando uns seis metros para trás, direto para uma poça de lama gelada.

Os braços de Wisty estão cheios de vergões e um arranhão no meu rosto sangra, mas é impossível não se sentir culpado ao ver a

mulher chorando de joelhos, dobrando o corpo ao meio.

Minha garganta fica seca, sinto os olhos dos nossos próprios pais nos seguindo. *Como as coisas chegaram a esse ponto?*

— Como mãe, eu imploro a vocês! — ela chora. — Tenham piedade.

Piedade.

Cerro os dentes ao ouvir aquelas palavras, pensando em todas as pessoas que Pearce já matou e toda a falta de respeito ao próximo vinda dele. Mesmo assim, seguro meu poder com força.

— Não podemos trabalhar pela paz? — Izbella nos olha, desesperada.

— Mas que piada! — Wisty não aguenta. — Como pode haver paz quando existem homens como o seu filho no mundo? Homens como O Único? Como o Rei Mago?

— Sim. — Izbella estreita os olhos. — Os poderosos são dominados por uma loucura perigosa. Tenho certeza de que você, entre todas essas pessoas, concordaria comigo.

— Não sou assassina — Wisty responde, cuspiendo. Apesar de sua expressão demonstrar raiva, ouço mágoa na voz dela.

— Eu também não sou. O Rei está morto. Eu sou a Bruxa da Montanha e esse é meu povo. — Ela faz um gesto para a multidão às suas costas. — Desse dia em diante, as ameaças cessarão, a água fluirá e vamos nos retirar dessa guerra. Eu juro pela vida do meu filho.

— Mas e as vidas das outras crianças? Aquelas que ele ajudou a sequestrar?

Izbella fecha os olhos e suspira de leve, e as crianças-soldado abaixam suas armas, uma por uma. Elas piscam com uma cara de confusão enquanto são liberadas de seu controle. Quando Pearl olha para mim com compreensão, tristeza e vergonha no rosto, mal consigo me segurar.

— As crianças estão livres para ir para casa.

A não ser aquelas que não sobreviveram. A não ser aquelas que congelaram no acampamento ou que morreram sem piedade.

Piedade.

Mas essa é a diferença entre nós e Pearce, não é mesmo? Não temos estômago para assistir às pessoas morrendo.

— Isso não está certo — digo de repente, me virando para minha irmã. — Não podemos fazer isso.

Wisty morde o lábio inferior.

— Mas... ele tentou escravizar a Cidade inteira! E se ele voltar ainda mais poderoso e mais perigoso da próxima vez? — Os olhos dela estão cheios de lágrimas e ela olha para baixo, envergonhada. — Eu mesma caí nas mentiras dele uma vez...

Abro um sorriso triste para Wisty.

— Eu sei. Ele é maluco e malvado e totalmente psicopata. Mas... — Engulo em seco antes de deixar essas palavras estranhas saírem da minha boca — ... nunca pensei que diria isso um dia, Wisty, mas o jeito como ele olhou para você no campo de batalha... eu vi a sombra de outra coisa ali. Meio que a maneira como eu olhava para Célia. E o que sinto agora quando estou com Janine. E se, em algum lugar na mente mórbida de Pearce, ele fez tudo isso porque se importa com você... isso o torna humano. Não como O Único. E isso já é *alguma coisa*, certo?

— É... — Wisty respira fundo e faz que sim com a cabeça. — Acho que é alguma coisa.

Aperto a mão dela mais uma vez, e soltamos nossas mãos.

Capítulo 83

Whit

Pearce, que estava tendo uma convulsão no chão por causa do nosso poder há alguns minutos, parece não ter nem um osso no corpo ao cair, inconsciente. Deitado no chão daquele jeito, ele parece uma criança indefesa e isso me deixa confiante de que fizemos a coisa certa.

Uma hora atrás, milhares de soldados estavam se preparando para um banho de sangue. Agora, dois exércitos ficam observando enquanto uma mãe pega no colo o corpo inerte de seu filho com uma ternura incrível, e então se esforça para se levantar com os braços e as pernas compridas do menino pendendo de seu corpo, e se encaminha lentamente para a Montanha.

Antes de chegar à entrada da floresta, Izbella se vira para nós.

— Lembrem-se, Allgood — ela avisa. — Não há nada mais perigoso que a magia combinada de uma bruxa e um bruxo. Tenham cuidado ao usá-la.

Enquanto ela desaparece com Pearce por entre as árvores e a neblina, me viro para minha irmã com os olhos brilhantes.

— Parece que você cumpriu sua promessa, Wisty. — Ela me olha com cara de dúvida e passo para ela a baqueta quebrada e cheia de cinzas. — Todos nós sobrevivemos.

Tenho certeza de que todo mundo está contente depois de tudo o que aconteceu. É uma confusão geral de lágrimas e abraços sentimentais e apertados. Alguns sobreviventes empolgados estão até beijando o que sobrou da grama marrom.

Mas sem a proteção do Rei ou da Rainha, os homens da Montanha olham para nós com um terror repentino e não perdem

tempo para cavalgar de volta montanha acima. Até Larsht sai galopando com uma bandeira branca de rendição em sua mão carnuda.

Fico olhando para aquela bandeira tremulando trilha acima e, de repente, ela pega fogo.

“Minha irmã está aprontando de novo.”

Larsht xinga e joga o tecido queimado no chão, mas, ao ver o fogo, o cavalo arreganha os dentes, dilata as narinas e empina. Larsht cai de lado e se segura à crina do cavalo enquanto o animal o arrasta pelo caminho. Quando finalmente retoma o controle, Larsht lança um olhar cheio de ressentimento para trás, com aquele olho de vidro tão intimidante.

Wisty cai numa gargalhada histérica.

— Vamos voltar a fazer o bem? — pergunto, erguendo uma sobrancelha no melhor estilo “bronca”.

Ela dá de ombros e vira os olhos.

— Uma bruxa precisa se divertir pelo menos *um pouco*, né?

EPÍLOGO

A RECOMPENSA DO DESTINO

Capítulo 84

Whit

Estou correndo pela Cidade, passando por becos e apertando o passo em cruzamentos, e meus pés vão batendo nos paralelepípedos.

Mas não é como das outras vezes que corri por essas ruas. Não estou sendo perseguido por soldados nem por lobos; não estou numa fuga frenética para escapar ou salvar a vida de alguém.

Não estou com medo.

— Vamos! — chamo Pearl Neederman, e diminuo um pouco o ritmo ao passar em frente à casa dela. — Vamos chegar atrasados!

— Fale por você, Bruxo! — Pearl tira uma da minha cara. Ela passa correndo por mim com seus tênis novos. — Quero ver me alcançar!

Faço que não com a cabeça e sorrio, feliz ao ver essa menininha sarcástica de volta ao normal.

— Vejo você na praça! — grito para ela.

As ruas também estão diferentes. Estamos consertando as casas e recolhendo o lixo. As pessoas estão aqui fora, levando seus cachorros para passear e ajudando os vizinhos. Sob as velhas bandeiras vermelhas e a poluição e as cinzas e o entulho, a Cidade é um lugar lindo.

Mas ainda temos mais uma coisa a resolver para deixar o passado para trás de verdade — uma etapa final dos negócios ainda em aberto.

— Cidadãos, é hora de decidir: o que devemos fazer com o Senhor Bloom?

Quando ouço o eco da voz de Janine ao virar uma esquina para chegar à praça central, uma onda de admiração me invade. Ela não sabe como a confiança dela é sexy e acho que a cicatriz meio torta que ficou no pescoço dela só a deixa ainda mais bonita.

A praça está lotada, como sempre, e tem mais gente chegando atrás de mim. As pessoas se sentam nos bancos ou nas varandas para assistir aos procedimentos e, quando não há mais espaço, ficam de pé. Todos querem participar da decisão.

E podem.

É por isso que estamos fazendo as reuniões do Conselho em praça pública, agora. Assim, embora os membros do Conselho fiquem sentados nos degraus de mármore para debater, todo mundo pode vir e cada cidadão possui sua própria cópia d'*O Livro das Verdades*.

Janine é a encarregada da reunião de hoje. Ela tem um talento natural para isso, mas outra pessoa vai tocar o barco amanhã, e vamos ter um Conselho totalmente novo no mês que vem.

Sem mais segredos. Sem mais mentiras. Poder para o povo.

Somente os jovens podem votar na reunião. Os adultos podem dar sua opinião, mas vamos falar sério: quando eles tentam liderar, seus egos gigantes e gordos sempre ficam no meio do caminho.

— Sou um oficial eleito! — Bloom arregala os olhos para a multidão à sua volta lá do centro da praça, onde está de pé, ao lado da fonte. A peruca dele está toda despenteada, e agora é a vez *dele* estar algemado. — Vocês sabem com quem estão lidando?

Caso encerrado.

— Infelizmente para o senhor, Senhor Bloom, sabemos exatamente com quem estamos lidando. — Janine encara Bloom com frieza lá do alto dos degraus. — Os cidadãos aqui reunidos consideram o senhor culpado por dar um golpe no Conselho, aprisionar pessoas inocentes e arrastar a Cidade para uma guerra que não tínhamos a menor chance de vencer.

— Mas eu só estava tentando fazer o que era melhor para os cidadãos! — Bloom protesta. — Eles me elegeram para liderar!

A multidão não gosta nada disso e começa a fechar o cerco.

— Você tentou nos levar à morte! — alguém grita.

— Você nos manipulou!

— Você agiu como um sociopata com sede de poder, e sua peruca ridícula não engana ninguém! — Wisty também entra na onda, e sorri para Bloom da lateral.

Ao ver minha irmã no meio desse grupo hostil, o rosto de Bloom fica branco.

— Por favor — ele diz todo atrapalhado, torcendo as mãos acorrentadas. — Por favor, não me matem.

— Não se preocupe, General. O senhor vai sobreviver — Janine anuncia, e a praça fica em silêncio. — Acredite se quiser, mas queremos que o senhor seja feliz.

— E sabemos como o senhor gosta de mandar nos outros — completa uma menininha do Conselho.

— Como o senhor é um líder por natureza — Janine continua —, achamos que seria adequado receber o seu próprio Conselho para liderá-lo como quiser.

Os macacos passam correndo pelas portas do antigo prédio do Capitólio. Eles pulam dos degraus de mármore gritando e partem a toda velocidade para cima de Bloom.

— Isso não tem graça! — Bloom grita quando os macacos pulam em cima dele, escalando suas pernas e se dependurando em seus braços. Enquanto ele faz uma dancinha para tentar se livrar dos bichos, a praça inteira cai na risada e o rosto de Bloom fica vermelho. — Isso aqui não tem graça nenhuma, eu já disse! Sou um general condecorado!

— Pois seus novos soldados aguardam todos os seus comandos — Janine concorda, tentando esconder um sorriso quando um

macaco arranca a peruca de Bloom. — E não se preocupe. Eles o acompanharão até a sua nova casa no deserto.

É a nossa deixa. Atravesso a multidão, e Wisty e eu ficamos de braços dados.

— Estou sendo *exilado*? — Bloom pergunta, cheio de raiva.

— Ah, mas já ouvi dizer que o deserto não é tão ruim assim — digo, apertando a mão da minha irmã. — E não se preocupe muito com o Povo Lagarto e com os escorpiões gigantes...

Wisty e eu unimos nossos poderes, e Bloom e seus macacos começam a girar cada vez mais rápido e viram um borrão de pelo e gritos, até serem sugados pelo turbilhão.

— Ei, isso não tem graça nenhuma mesmo...

A voz de Bloom ecoa até não sobrar mais nada no meio da praça, exceto um par de algemas enferrujadas.

Capítulo 85

Wisty

A comunidade inteira está aqui, reunida aos pés da Montanha, e uma coisa incrível está acontecendo: a água está fluindo de novo.

Enquanto assistíamos àquela linha azul e branca descer por entre as pedras, sei que não sou a única a segurar a respiração. Essa água é sinônimo de vida para tantas famílias, e quando finalmente chega à Cidade, na forma de uma cachoeira, todo mundo comemora.

Juro que é a coisa mais linda que já vi, e os desafios à nossa frente agora parecem um pouco mais transponíveis.

Sei que não faz muito tempo que estávamos comemorando na praça depois da queda d'O Único, e entendo que nem tudo é alegria dessa vez, que temos que reconstruir coisas como poços, portais... e confiança.

Mas ao ver as crianças brincando na água e as famílias enchendo jarras de água fresca da Montanha, é impossível não ficar até tonta de tanta gratidão: hoje é dia de celebrar aquilo que temos.

Então por que, à sombra da Montanha, resolvi ficar longe dos meus amigos e da minha família, e ainda tão magoada com o que está faltando?

Um certo sorriso safado; um certo olhar intenso; uma certa faísca que acendia meu ser por inteiro.

E agora é só um espaço vazio.

Ele está vivo, eu sei. Eu o sinto. A conexão se mantém entre nós como um membro fantasma, e me surpreende com um frio na barriga ou um formigamento nos dedos.

Mas a raiva é mais forte. Fico *furiosa* toda vez que penso na traição dele. O que eu mais queria era poder apagar as lembranças dele de uma vez.

No entanto, tenho a Montanha lá no alto como um lembrete permanente. Não resisto a percorrer a trilha íngreme com os olhos — até o cume branco, onde a neblina se acumula. Quase consigo sentir o frio lá de cima chegar até mim com seus dedos gelados e me abraço, tremendo.

Alguém coloca uma jaqueta de lã ao redor dos meus ombros.

— Parece que você está com frio — Byron diz, e arruma com todo o cuidado a gola ao redor do meu queixo. É claro. Só mesmo Byron Swain usaria um terno completo para ir a um piquenique no campo.

Pisco para ele, surpresa com aquele ato simples de bondade, apesar de saber que não deveria me surpreender. Eu já o tratei tão mal e aqui está ele, me emprestando seu casaco. Quem mais faria isso por mim? *Com certeza Heath não...*

— Obrigada — digo, e caio no choro.

— Opa, olhe aqui! Não precisa chorar. — Ele esfrega as minhas costas, meio sem jeito. — Se meu rosto ofende você tanto assim, fique à vontade para me transformar em roedor. Eu nem me importo mais, de verdade. Fico feliz de correr numa rodinha de hamster para você se animar um pouco.

Caio na risada e enxugo os olhos.

— Mesmo, Byron? Você faria isso por mim?

— Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, Wisty — Byron diz num tom solene demais.

— Qualquer coisa? — eu o desafio com um sorrisinho.

Ele sorri e pensa bem.

— Bom, acho que não derreteria o rosto do meu avô — ele responde, me provocando de leve. — Mas, vai saber! Não sou muito próximo do meu avô e se você me promettesse um beijo, talvez...

Faço que não com a cabeça, mas é impossível não sorrir. A mágoa ainda está muito recente, mas sei que vai ficar mais fácil com o tempo e esse coração imbecil vai parar de dar curto-circuito.

— Você é um grande amigo, Byron. Você sabia?

— Só amigo? — ele pergunta, erguendo as sobrancelhas e fazendo palhaçada.

— Você não desiste nunca, né?

— E como eu poderia? — Byron dá de ombros. — O que posso dizer? Você com certeza marca com a sua presença, Wisty Allgood.

Capítulo 86

Wisty

— Dona Bruxa do Fogo?

A menininha sorrindo para mim é uma das crianças que salvamos da van — Bettina Alexandra Gannon. Ela estava certa: não me esqueci dela.

— O que foi, baixinha?

— Bom... — Bettina enrosca o vestido cor-de-rosa nos dedos. — Já que você é a pessoa mais famosa que conheço, e que você me salvou e também salvou os meus amigos e o mundo todo, você pode fazer uma lembrancinha para mim? — ela diz tudo isso de uma vez só, empolgada e cada vez mais alto, até gritar.

Abro um sorriso.

— Claro. Acho que sim. Posso, sim.

— *Brigadabrigadabrigadabrigada!* — Bettina berra.

O negócio é que não sei o que dar para ela. O que uma bruxa famosa por seu poder do fogo pode dar para uma criança? Fósforos?

Escondo uma risadinha. *Tenho certeza de que os pais dela iriam adorar.*

— Bettina! — a mãe dela a chama, como se estivesse lendo a minha mente. — Hora de ir para casa; está escurecendo.

— Só um minuto, mãe! — Bettina olha para mim, na expectativa.

Noto que a mãe da menininha não é a única preocupada com a noitinha que chega. As famílias estão guardando a comida e tirando as crianças da água rapidamente. Bem que eu queria dar a

inocência de volta a elas. Queria que não sentissem medo. Mas apesar de a Cidade parecer segura novamente, nem sempre sabemos o que pode acontecer depois que escurece.

Sinto um puxão na perna da minha calça. Bettina ainda está olhando para mim e esperando sua lembrancinha.

Eu me agacho para olhar a menina nos olhos.

— Tá, de que tipo de coisa você gosta? —pergunto.

— Gosto de magia! — ela sorri. — E de dançar! E de coisas brilhantes!

“Alguma coisa brilhante. Hum.”

A primeira estrela da noite chama a minha atenção, ela brilha forte. E me faz lembrar do lustre de Pearl, e de como as cores reluziam no porão mal iluminado dos Neederman. Com vidro quebrado e o que outras pessoas tinham jogado no lixo, Pearl nos deu esperança.

“Todo mundo deveria ter uma luz como essa.”

— Pronta? — ergo uma sobrancelha para Bettina.

Ela faz que sim com a cabeça, ansiosa, e eu me concentro no céu, que escurece. Aquele zumbido de energia que conheço tão bem — o calor emocionante — começa a me deixar vermelha. Engulo em seco.

“Você consegue.”

A verdade é que tenho evitado esse sentimento desde a minha batalha com Pearce. Whit e eu usamos magia no julgamento de Bloom, mas não fogo. As lembranças de Heath ainda estão como ferida aberta, e só de pensar naquele calor foi tão negativo, tão destruidor, que não sabia se poderia encará-lo de novo.

Mas essa história é diferente — e não é poluída nem por mentiras nem por vingança.

Faz eu me sentir *bem*.

Não posso proteger essa Cidade contra tudo — agora sei disso —, mas tem algo que *posso* fazer. Criar um presente não só para Bettina, mas para todas as crianças da Cidade.

O poder se acumula lentamente, um fogo baixo e que vai esquentando aos poucos, que vem dos meus dedos dos pés e viaja pelas minhas veias. Respiro bem fundo, abrindo e fechando as mãos, para garantir que estou no controle.

Deixo que toda a minha esperança, todo o orgulho das coisas incríveis que conquistei, toda a minha alegria e todo o meu amor cresçam dentro de mim. Essa energia é tão poderosa que me faz tremer; é tão forte quanto tudo que tive com Heath.

É mais forte.

Quase não consigo me segurar, estalo os dedos e lanço uma bola de fogo enorme. Ela sai incendiando pelo céu e estaciona acima de nós, uma esfera maravilhosa de cor e luz, brilhando como um segundo sol para todas as crianças da Cidade.

É para todo mundo que precisa de um pouco de cor num dia cinzento, e para os perdidos na escuridão que precisam encontrar o caminho de casa. E é uma lembrança de que tudo vai dar certo — para nós todos.

Bettina bate palmas toda contente ao olhar para o céu, e vejo Pearl e os outros Neederman do outro lado do campo olhando para cima também. Lá estão a Sra. Highsmith e meus pais, alguns outros bruxos e um ex-membro do Conselho, todos com os olhos brilhantes. Mais e mais pessoas param para admirar o céu.

Foi preciso passar pelo trauma de uma guerra para fortalecer nossa comunidade de novo, para confiarmos uns nos outros, mas aqui estamos nós. Jovens e velhos, dos subúrbios ou da Sarjeta, todos os cidadãos sorrindo sob o mesmo céu, seus rostos iluminados pelo meu presente.

— Nada mal! — Whit se aproxima de mim com os braços cruzados sobre o peito.

Eu me viro para ele, fazendo cara feia.

— Nada mal?

— Tá, tá! — Whit abre um sorriso e coloca o braço ao redor do meu pescoço, me abraçando enquanto andamos pelo campo para encontrar a nossa família. — É perfeito.